LUCY MONTGOMERY

O Castelo Azul



AUTORA DA SÉRIE ANNE DE GREEN GABLES

Direitos autorais © 2020 Sheila B. Koerich

Edição e-book 2020
autor : Lucy Maud Montgomery
título : O Castelo Azul
copyright : Sheila B. Koerich
edição brasileira : Sheila Koerich - 2020
tradução : Sheila Bragagnolo Koerich
título original : The Blue Castle
Ano da Publicação Original : 1926
País da Publicação Original : Canadá

Todos os direitos reservados para a tradução em Português.

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é coincidência e não é intencional por parte do autor.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão expressa por escrito da editora.

O CASTELO AZUL

LUCY MAUD MONTGOMERY

1926

Traduzido por Sheila B Koerich

CAPÍTULO I

Se não tivesse chovido em uma certa manhã de maio, toda a vida de Valancy Stirling teria sido completamente diferente. Ela teria ido, com o resto de seu clã, ao piquenique de noivado da tia Wellington e o Dr. Trent teria ido a Montreal. Mas choveu e você vai ouvir o que aconteceu com ela por causa disso.

Valancy acordou cedo, na hora sem vida e sem esperança que antecedeu o amanhecer. Ela não tinha dormido muito bem. Não se dorme bem, às vezes, quando se tem vinte e nove anos no dia seguinte, e solteira, numa comunidade e conexão onde os solteiros são simplesmente aqueles que falharam em conseguir um homem.

Deerwood e os Stirlings há muito tempo haviam relegado Valancy à condição de velha donzela sem esperança. Mas a própria Valancy nunca havia renunciado a uma certa tristeza, vergonha, pouca esperança de que o romance viria a seu caminho - nunca, até esta manhã molhada e horrível, quando ela acordou para o fato de que ela tinha vinte e nove anos e não era procurada por nenhum homem.

Sim, ali estava o ferrão. Valancy não se importava tanto em ser uma solteirona. Afinal, ela pensou, sendo uma solteirona não poderia ser tão terrível quanto ser casada com um tio Wellington ou um tio Benjamin, ou mesmo um tio Herbert. O que a machucou foi que ela nunca teve a chance de ser nada além de uma solteirona. Nenhum homem jamais a desejara.

As lágrimas lhe vieram aos olhos enquanto ela estava deitada sozinha na escuridão cinzenta e fraca. Ela não se deixou chorar tanto quanto queria, por duas razões. Ela tinha medo que o choro pudesse trazer outro ataque daquela dor ao redor do coração. Ela tinha tido um ataque destes depois de ter entrado na cama - pior do que qualquer outro que ela ainda tivesse tido. E ela tinha medo que

sua mãe notasse seus olhos vermelhos no café da manhã e continuasse com perguntas minuciosas, persistentes, como mosquitos, sobre a causa disso.

"Suponha", pensou Valancy com um sorriso horripilante, "Eu respondi com a simples verdade, 'estou chorando porque não posso me casar'. Como a mãe ficaria horrorizada - embora ela se envergonhe todos os dias da vida de sua filha solteirona".

Mas é claro que as aparências devem ser mantidas. "Não é", Valancy pôde ouvir a voz firme e ditatorial de sua mãe, afirmando: "não é infantil pensar nos homens".

O pensamento da expressão de sua mãe fez Valancy rir - pois ela tinha um senso de humor que ninguém em seu clã suspeitava. Aliás, havia muitas coisas sobre Valancy que ninguém suspeitava. Mas o riso dela era muito superficial e, logo em seguida, ela estava ali, deitada, uma figura pequena e fútil, ouvindo a chuva cair do lado de fora e observando, com um desgosto doentio, a luz fria e impiedosa rastejando em seu quarto feio e sórdido.

Ela conhecia a feiura daquele quarto por coração - conhecia e odiava. O chão pintado de amarelo, com um tapete horroroso, "gasto" junto à cama, com um cão grotesco, sempre sorrindo para ela ao acordar; o papel vermelho escuro e desbotado; o teto descolorido por velhas fugas e cruzado por rachaduras; o lavatório estreito e apertado; o lambrequim de papel marrom com rosas roxas; o vidro velho malhado, com a rachadura por cima, apoiado na mesa de vestir inadequada; o frasco de purpurina antiga feito por sua mãe em sua mítica lua-de-mel; a caixa coberta de conchas, com um canto rebentado, que a prima Stickles tinha feito em sua igualmente mítica adolescência; a almofada de alfinetes com metade de sua franja de contas desaparecida; a cadeira dura e amarela; o velho lema desbotado, "Desapareceu, mas não esquecido", trabalhado em fios coloridos sobre o velho rosto sombrio da bisavó Stirling; as velhas fotografias de parentes antigos há muito banidos dos quartos abaixo. Havia apenas duas fotos que não eram de parentes. Uma, de um antigo cachorro sentado na

porta em um dia chuvoso. Essa foto sempre deixava Valancy infeliz. Aquele cachorrinho desesperado se agachou na soleira da porta, na chuva de condução! Por que alguém não abriu a porta e o deixou entrar? O outro quadro era uma gravura desbotada, com o desenho da Rainha Louise descendo uma escada, que a tia Wellington havia lhe dado prodigiosamente no seu décimo aniversário. Durante dezenove anos ela olhou para ela e a odiou, linda, presunçosa, auto satisfeita, a Rainha Louise. Mas ela nunca ousou destruí-la ou removê-la. A mãe e prima Stickles teriam ficado horrorizadas, ou, como Valancy irreverentemente expressou em seus pensamentos, teria tido um ataque.

Todos os quartos da casa eram feios, é claro. Mas as aparências lá embaixo se mantinham um pouco melhores. Não havia dinheiro para os cômodos que ninguém nunca viu. Valancy às vezes sentia que ela mesma poderia ter feito algo pelo seu quarto, mesmo sem dinheiro, se lhe fosse permitido. Mas sua mãe negava cada sugestão tímida e Valancy não persistia. Valancy nunca persistiu. Ela tinha medo. Sua mãe não conseguia resistir. A Sra. Stirling amuaria durante dias se ofendida, com o ar de uma duquesa insultada.

A única coisa que Valancy gostava em seu quarto era de que ela podia ficar sozinha lá à noite para chorar se quisesse.

Mas, afinal, o que importava se um quarto, que você usava para nada além de dormir e se vestir, fosse feio? Valancy nunca foi autorizada a ficar sozinha em seu quarto para qualquer outro propósito. As pessoas que queriam ficar sozinhas, assim acreditavam a Sra. Frederick Stirling e a prima Stickles, só podiam querer ficar sozinhas com algum propósito sinistro. Mas o quarto dela no Castelo Azul era tudo o que um quarto deveria ser.

Valancy, tão acobardada, subjugada e desdenhada na vida real, estava acostumada a se deixar ir esplendidamente em seus devaneios. Ninguém no clã Stirling, ou em suas ramificações, suspeitava disso, muito menos sua mãe e sua prima Stickles. Elas nunca souberam que Valancy tinha duas casas - a caixa de tijolos

vermelha feia de uma casa, na Elm Street, e o Castelo Azul, na Espanha. Valancy tinha vivido espiritualmente no Castelo Azul desde que se lembrava. Ela tinha sido uma criança muito pequena quando se viu possuída por ele. Sempre, quando fechava os olhos, podia vê-lo claramente, com suas torres e estandartes na altura da montanha revestida de pinho, envolta em seu encanto tênue e azul, contra o céu do pôr do sol de uma terra justa e desconhecida. Tudo de maravilhoso e belo estava naquele castelo. Joias que as rainhas poderiam ter usado; vestes de luar e fogo; sofás de rosas e ouro; longos lances de passos rasos de mármore, com grandes urnas brancas, e com donzelas esbeltas e nebulosas subindo e descendo; quadras, em mármore, onde caíam fontes cintilantes e rouxinóis cantavam entre as murtas; salões de espelhos que refletiam apenas cavaleiros bonitos e mulheres encantadoras - a mais bela de todas, por cujo olhar morreram homens. Tudo o que a sustentava durante o tédio de seus dias era a esperança de ir a uma onda de sonhos à noite. A maioria dos Stirlings, se não todos, teriam morrido de horror se tivessem conhecido metade das coisas que Valancy fez em seu Castelo Azul.

Por uma coisa, ela tinha muitos namorados dentro dela. Oh, apenas um de cada vez. Um que a cortejava com todo o ardor romântico da época do cavalheirismo e a conquistava após longa devoção e muitos atos de astúcia, e se casou com ela com pompa e circunstância na grande capela do Castelo Azul.

Aos doze anos, este amante era um rapaz bonito com cachos dourados e olhos azuis celestiais. Aos quinze, ele era alto e escuro e pálido, mas ainda assim necessariamente bonito. Aos vinte anos, ele era ascético, sonhador, espiritual. Aos vinte e cinco anos, ele tinha uma mandíbula limpa, levemente soturna, e um rosto forte e robusto, ao invés de bonito. Valancy nunca envelheceu mais de vinte e cinco anos em seu Castelo Azul, mas recentemente - muito recentemente - seu herói tinha tido cabelos avermelhados e castanhos, um sorriso retorcido e um passado misterioso.

Eu não digo que Valancy deliberadamente assassinou esses amantes enquanto ela os superou. Um simplesmente se desvaneceu quando outro veio. As coisas são muito convenientes a esse respeito nos Castelos Azuis.

Mas, nesta manhã de seu dia do destino, Valancy não conseguiu encontrar a chave de seu Castelo Azul. A realidade a pressionou muito mal, ladrando para ela como um cachorrinho louco. Ela tinha vinte e nove anos, solitária, indesejável, mal afamada - a única garota solteira de um belo clã, sem passado e sem futuro. Até onde ela conseguia olhar para trás, a vida era seca e incolor, sem um único ponto carmesim ou roxo em qualquer lugar. Até onde ela podia olhar para frente, parecia certo que era a mesma coisa até que ela não passava de uma folha solitária, um pouco murcha, agarrada a um ramo de inverno. O momento em que uma mulher percebe que não tem nada para viver - nem amor, nem dever, nem propósito, nem esperança - guarda para ela a amargura da morte.

"E eu só tenho que continuar vivendo porque não posso parar. Talvez eu tenha que viver oitenta anos", pensou Valancy, em uma espécie de pânico. "Somos todos de uma vida horrivelmente longa. Me enoja pensar nisso".

Ela estava feliz por estar chovendo - ou melhor, ela estava horrivelmente satisfeita por estar chovendo. Não haveria piquenique naquele dia. Este piquenique anual, no qual tia e tio Wellington - um sempre pensou neles naquela sucessão - celebrava inevitavelmente seu noivado em um piquenique trinta anos antes, tinha sido, de anos tardios, um verdadeiro pesadelo para Valancy. Por coincidência, era o mesmo dia do seu aniversário e, depois de ter passado dos vinte e cinco anos, ninguém a deixou esquecer.

Por mais que ela detestasse ir ao piquenique, nunca lhe teria ocorrido rebelar-se contra ele. Não parecia haver nada de revolucionário em sua natureza. E ela sabia exatamente o que cada um lhe diria no piquenique. O tio Wellington, de quem ela não gostava e desprezava, embora ele tivesse cumprido a mais alta aspiração Stirling, "casar com dinheiro", dizia-lhe num sussurro de

porco: "Ainda não pensando em casar, minha querida...", e depois saía para o grito de riso com que invariavelmente concluía seus comentários monótonos. A tia Wellington, de quem Valancy se admirava, falava-lhe do novo vestido de chifon de Olive e da última carta dedicada de Cecil. Valancy teria que parecer tão satisfeita e interessada como se o vestido e a carta tivessem sido dela ou a tia Wellington ficaria ofendida. E Valancy havia decidido há muito tempo que preferia ofender a Deus do que a tia Wellington, porque Deus poderia perdoá-la, mas a tia Wellington nunca o faria.

Tia Alberta, enormemente gorda, com o hábito de sempre se referir ao marido como "ele", como se ele fosse a única criatura masculina no mundo, que nunca poderia esquecer que ela tinha sido uma grande beleza em sua juventude, iria condizer com Valancy em sua pele amarelada...

"Eu não sei por que todas as garotas de hoje estão tão queimadas de sol. Quando eu era uma garota minha pele era rosas e creme. Eu era considerada a garota mais bonita do Canadá, minha querida".

Talvez o tio Herbert não dissesse nada - ou talvez comentasse jocosamente: "Como você está engordando, Doss!" E então todos ririam sobre a ideia excessivamente humorística da pobre e magricela pequena Doss ficar gorda.

Bonito e solene tio James, a quem Valancy não gostava, mas respeitava porque ele tinha fama de ser muito inteligente e, portanto, era o oráculo do clã - não sendo os cérebros muito abundantes na conexão Stirling - provavelmente comentaria com o sarcasmo de coruja que lhe ganhou a reputação: "Suponho que você esteja ocupada com seu peito de esperança hoje em dia?"

E o tio Benjamin perguntaria a alguns de seus abomináveis enigmas, entre risos sibilantes, e lhes responderia ele mesmo.

"Qual é a diferença entre o Doss e um rato? O rato quer prejudicar o queijo e o Doss quer encantar o que ele é".

Valancy já o ouvira perguntar essa adivinha cinquenta vezes e toda vez que ela queria jogar algo nele. Mas ela nunca o fez. Em primeiro lugar, os Stirlings simplesmente não atiravam coisas; em segundo lugar, o tio Benjamin era um viúvo rico e sem filhos e Valancy tinha sido educada no medo e na admoestação do seu dinheiro. Se ela o ofendesse, ele a tiraria de sua vontade - supondo que ela estivesse nela. Valancy não queria ser excluída do testamento do tio Benjamin. Ela tinha sido pobre a vida toda e conhecia a amargura desagradável disso. Então ela suportou os enigmas dele e até sorria para ele.

A tia Isabel, completamente desagradável como um vento leste, a criticava de alguma forma - a coragem não podia prever como, pois a tia Isabel nunca repetia uma crítica - ela encontrava algo novo com o qual te golpear todas as vezes. A tia Isabel se orgulhava de dizer o que pensava, mas não gostava muito quando outras pessoas diziam o que pensavam para ela. Valancy nunca disse o que ela pensava.

A prima Georgiana - com o nome de sua tataravó, que recebeu o nome de George IV - contaria dolorosamente os nomes de todos os parentes e amigos que morreram desde o último piquenique e se perguntava "qual de nós será o primeiro a ir a seguir".

Opressivamente competente, a tia Mildred falaria interminavelmente de seu marido e seus odiosos prodígios de bebês a Valancy, porque Valancy seria a única que ela poderia encontrar para suportar isso. Pela mesma razão, a prima Gladys - realmente a prima Gladys em primeiro lugar, uma vez removida, de acordo com a forma estrita com que os Stirlings tabulavam a relação - uma senhora alta e magra que admitia ter uma disposição sensível, descreveria minuciosamente as torturas de sua neurite. E Olive, a menina prodígio de todo o clã Stirling, que tinha tudo o que Valancy não tinha - dever, popularidade, amor - mostraria sua beleza e presumiria sobre sua fama e ostentaria sua insígnia diamantífera de amor nos olhos deslumbrados e invejosos de Valancy.

Não haveria nada de tudo isso hoje. E não haveria embalagem de colheres de chá. A embalagem sempre foi deixada para Valancy e sua prima Stickles. E uma vez, há seis anos, uma colher de chá prateada do conjunto de casamento da tia Wellington havia sido perdida. Valancy nunca ouviu a última colher de chá de prata. Seu fantasma apareceu em todas as festas familiares posteriores.

Oh, sim, Valancy sabia exatamente como seria o piquenique e ela abençoou a chuva que a salvara dele. Não haveria piquenique este ano. Se a tia Wellington não pudesse comemorar no próprio dia sagrado, ela não teria nenhuma comemoração. Graças a todos os deuses que existiam por isso.

Já que não haveria piquenique, Valancy decidiu que, se a chuva se prolongasse pela tarde, ela iria até a biblioteca e pegaria outro dos livros de John Foster. Valancy nunca foi autorizada a ler romances, mas os livros de John Foster não eram romances. Eram "livros da natureza" - assim o bibliotecário disse à Sra. Frederick Stirling - "tudo sobre a floresta, os pássaros, insetos e coisas assim". Então Valancy foi autorizada a lê-los - sob protesto, pois era muito evidente que ela gostava muito deles. Era permitido, até mesmo louvável, ler para melhorar sua mente e sua religião, mas um livro que era prazeroso era perigoso. Valancy não sabia se sua mente estava sendo melhorada ou não; mas ela sentiu vagamente que se tivesse encontrado os livros de John Foster anos atrás a vida poderia ter sido uma coisa diferente para ela. Parecia que ela tinha vislumbres de um mundo no qual poderia ter entrado um dia, embora a porta estivesse para sempre vedada a ela agora. Foi apenas no último ano que os livros de John Foster estiveram na biblioteca de Deerwood, embora o bibliotecário tenha dito a Valancy que ele tinha sido um escritor conhecido por vários anos.

"Onde ele mora?" Valancy tinha perguntado.

"Ninguém sabe. De seus livros ele deve ser um canadense, mas não se pode ter mais informações. Seus editores não dirão uma palavra. Muito provavelmente John Foster é um pseudônimo. Seus livros são tão populares que não podemos mantê-los, embora eu

realmente não consiga ver o que as pessoas encontram neles para se deliciar".

"Eu acho que eles são maravilhosos", disse Valancy, timidamente.

"Oh... bem..." Srta. Clarkson sorriu de forma paternalista que relegou as opiniões de Valancy ao limbo: "Eu não posso dizer que me importo muito com os insetos. Mas certamente Foster parece saber tudo o que há para saber sobre eles".

Valancy também não sabia se se importava muito com os insetos. Não foi o desconcertante conhecimento de John Foster sobre criaturas selvagens e vida de insetos que a encantou. Ela dificilmente poderia dizer o que era... alguma sedução tentadora de um mistério nunca revelado... alguma dica de um grande segredo apenas um pouco mais adiante... algum eco tênue e elusivo de coisas adoráveis e esquecidas... a magia de John Foster era indefinível.

Sim, ela receberia um novo livro de Foster. Fazia um mês que ela não tinha 'Colheita de Cardo', então certamente a mãe não poderia objetar. Valancy já o tinha lido quatro vezes - ela sabia de cor passagens inteiras.

E - ela quase pensou que iria ver o Dr. Trent sobre aquela dor estranha ao redor do coração. Tinha vindo com bastante frequência ultimamente, e as palpitações estavam se tornando irritantes, para não falar de um momento de vertigem oculta e de uma estranha falta de ar. Mas será que ela poderia ir até ele sem contar a ninguém? Era um pensamento muito ousado. Nenhum dos Stirlings consultou um médico sem ter um conselho de família e obter a aprovação do tio James. Depois foram ao Dr. Ambrose Marsh de Port Lawrence, que havia se casado com a prima Adelaide Stirling.

Mas Valancy não gostou do Dr. Ambrose Marsh. E, além disso, ela não conseguia chegar a Port Lawrence, a quinze milhas de distância, sem ser levada para lá. Ela não queria que ninguém

soubesse do seu coração. Haveria tanto alvoroço e cada membro da família desceria para conversar, aconselhá-la, adverti-la e contar-lhe histórias horríveis de tias-avós e primos quarenta vezes afastados que haviam sido "assim mesmo e caíram mortos sem um momento de aviso, minha querida".

A tia Isabel lembraria que sempre disse que Doss parecia uma garota que teria problemas de coração - "tão beliscado e sempre no auge"; e o tio Wellington tomaria isso como um insulto pessoal, quando "nenhum Stirling jamais teve doença cardíaca antes"; e Georgiana pressagiaria em voz alta que "pobre, querida e pequena Doss não estará muito tempo neste mundo, receio"; e a prima Gladys diria: "Por quê? Meu coração tem sido assim há anos!", num tom que implicava que ninguém mais tinha nada a ver com ter um coração; e Olive... viva ficaria apenas linda e superior e nojentamente saudável, como se dissesse: "Por que todo esse alvoroço por causa de um supérfluo desbotado como Doss quando você me tem? "

Valancy sentiu que não podia contar a ninguém a menos que fosse preciso. Ela sentiu que não havia nada de muito errado com seu coração e que não havia necessidade de todo o vaso que se seguiria se ela o mencionasse. Ela simplesmente escorregaria calmamente e veria o Dr. Trent naquele mesmo dia. Quanto à conta dele, ela tinha os duzentos dólares que seu pai havia colocado no banco para ela no dia em que ela nascesse, mas ela secretamente tiraria o suficiente para pagar ao Dr. Trent. Ela nunca teve permissão para usar nem mesmo os juros disso.

O Dr. Trent era um sujeito velho, franco, distraído, mas era uma autoridade reconhecida em doenças cardíacas, mesmo que ele fosse apenas um clínico geral em Deerwood fora do mundo. O Dr. Trent tinha mais de setenta anos e havia rumores de que ele pretendia se aposentar logo. Nenhum dos Stirling tinha ido até ele desde que ele tinha dito à prima Gladys, dez anos antes, que sua neurite era toda imaginária e que ela gostava dela. Não se podia ser condescendente com um médico que insultava seu parente - sem

mencionar que ele era presbiteriano quando todos os Stirlings foram para a igreja anglicana. Mas Valancy, entre o diabo da deslealdade ao clã e o profundo mar de confusão e barulho e conselhos, pensou que iria arriscar com o diabo.

CAPÍTULO II

Quando a prima Stickles bateu à sua porta, Valancy soube que era sete e meia e ela precisava se levantar. Desde que ela se lembrou, a prima Stickles tinha batido à sua porta às sete. A prima Stickles e a Sra. Frederick Stirling estavam acordadas desde as sete, mas Valancy pôde ficar deitada meia hora a mais por causa de uma tradição familiar. Valancy se levantou, embora odiasse levantar mais esta manhã do que nunca. O que havia para se levantar? Outro dia monótono como todos os dias que o precederam, cheio de pequenas tarefas sem sentido, sem alegria e sem importância, que não beneficiava ninguém. Mas se ela não se levantasse de uma vez, não estaria pronta para o café da manhã, às oito horas. Tempos difíceis e rápidos para as refeições eram a regra na casa da Sra. Stirling. Café da manhã às oito, almoço à uma, jantar às seis. Nenhuma desculpa para se atrasar era tolerada. Então Valancy se levantou, tremendo.

O quarto estava amargamente frio com o arrepio cru e penetrante de uma manhã molhada de maio. A casa ficaria fria o dia todo. Era uma das regras da Sra. Frederick que não eram necessários fogos depois do dia 24 de maio. As refeições eram cozidas no pequeno forno no alpendre dos fundos. E embora o mês de maio pudesse estar gelado e o mês de outubro esfriado, nenhuma fogueira foi acesa até o dia vinte e um de outubro pelo calendário. No dia 21 de outubro, a Sra. Frederick começou a cozinhar na cozinha e à noite acendeu uma fogueira no fogão da sala de estar. Foi sussurrado na conexão que o falecido Frederick Stirling tinha pegado o frio que resultou em sua morte durante o primeiro ano de vida de Valancy porque a Sra. Frederick não teria um incêndio no dia 20 de outubro. Ela o acendeu no dia seguinte, mas foi um dia tarde demais para Frederick Stirling.

Valancy decolou e pendurou no armário sua vestimenta de algodão bruto, cru, com pescoço alto e mangas compridas e

apertadas. Vestiu roupas de baixo de natureza semelhante, um vestido marrom, meias grossas e pretas e botas de salto de borracha. Nos últimos anos ela havia caído no hábito de pentear o cabelo com a sombra da janela de vidro. As linhas em seu rosto não se mostravam tão claramente. Mas esta manhã ela sacudiu a sombra até o topo e se olhou no espelho leproso com uma determinação apaixonada de se ver como o mundo a via.

O resultado foi bastante horrível. Até mesmo uma beleza teria encontrado aquela luz lateral áspera e não amolecida tentando. Valancy viu cabelos negros lisos, curtos e finos, sempre sem brilho, apesar de ter dado cem pinceladas, nem mais nem menos, a cada noite de sua vida e esfregou fielmente o Vigor Capilar nas raízes, mais sem brilho do que nunca em sua aspereza matinal. Sobrancelhas finas, retas e pretas; um nariz que ela sempre sentira era muito pequeno até mesmo para o seu rosto pequeno, tricolor e branco; uma boca pequena e pálida que sempre caía um pouco sobre pequenos dentes brancos pontiagudos; uma figura fina e lisa de peito, bastante abaixo da altura média. Ela tinha de alguma forma escapado dos ossos altos das bochechas da família, e seus olhos castanhos escuros, muito macios e sombrios para serem pretos, tinham uma inclinação quase oriental. Além dos olhos, ela não era nem bonita nem feia - apenas de aparência insignificante, ela concluiu amargamente. Como as linhas ao redor dos olhos e da boca dela eram claras naquela luz impiedosa! E nunca o rosto estreito e branco dela parecia tão estreito e tão branco.

Ela fez o cabelo em um pompom. Os pompons já haviam saído de moda há muito tempo, mas já tinham entrado quando Valancy colocou o cabelo para cima e a tia Wellington decidiu que ela deveria usar sempre o cabelo assim.

"É a única maneira que te transforma em você. Seu rosto é tão pequeno que você deve acrescentar altura a ele por um efeito de pompom", disse Tia Wellington, que sempre enunciou lugares comuns como se estivesse proferindo verdades profundas e importantes.

Valancy tinha a vontade de fazer o cabelo puxado para baixo na testa, com baforadas acima das orelhas, igual a Olive. Mas o ditado da tia Wellington teve tal efeito sobre ela que ela nunca mais ousou mudar seu estilo de pentear. Mas então, havia tantas coisas que Valancy nunca se atreveu a fazer.

Toda a sua vida teve medo de algo, ela pensou amargamente. Desde a madrugada da lembrança, quando tinha tanto medo do grande urso negro que vivia, a prima Stickles lhe disse, no armário embaixo da escada.

"E eu sempre serei... eu sei disso... eu não posso evitar. Eu não sei como seria não ter medo de algo".

Medo dos ataques amuados de sua mãe - medo de ofender o tio Benjamin - medo de se tornar um alvo do desprezo da tia Wellington - medo dos comentários mordazes da tia Isabel - medo da desaprovação do tio James - medo de ofender as opiniões e preconceitos de todo o clã - medo de não manter as aparências - medo de dizer o que ela realmente pensava de qualquer coisa - medo da pobreza em sua velhice. Medo... medo... medo... medo... ela nunca poderia fugir disso. Ela a amarrou e a envolveu como uma teia de aranha de aço. Somente em seu Castelo Azul poderia encontrar uma libertação temporária. E esta manhã, Valancy não podia acreditar que tinha um Castelo Azul. Ela nunca mais seria capaz de encontrá-lo novamente. Vinte e nove, solteira, indesejada - o que tinha a ver com o Castelo Azul? Ela tiraria tais tolices infantis de sua vida para sempre e enfrentaria a realidade sem vacilar.

Ela se virou de seu espelho antipático e olhou para fora. A fealdade da vista sempre a golpeava como um sopro; a cerca esfarrapada, a velha loja de vagões no lote seguinte, engessada com anúncios grosseiros e violentamente coloridos; a estação de trem mais além, com os horríveis abandonados que sempre estavam pendurados em volta dela, mesmo nesta madrugada. Na chuva torrencial, tudo parecia pior que o normal, especialmente a propaganda bestial: "Mantenha a tez da menina da escola". Valancy tinha mantido a tez de colegial. Esse era apenas o problema. Não

havia um brilho de beleza em nenhum lugar - "exatamente como a minha vida", pensou Valancy com tristeza. Sua breve amargura havia passado. Ela aceitou os fatos com tanta resignação quanto sempre os tinha aceitado. Ela era uma das pessoas por quem a vida sempre passava. Não havia nada que alterasse esse fato.

Nesse estado de espírito Valancy desceu para o café da manhã.

CAPÍTULO III

O café da manhã foi sempre o mesmo. Mingau de aveia, que Valancy detestava, torradas e chá, e uma colher de chá cheia de marmelada. A Sra. Frederick achava duas colheres de chá extravagantes - mas isso não importava para Valancy, que também odiava marmelada. A pequena sala de jantar fria e sombria era mais fria e sombria do que de costume; a chuva corria para fora da janela; partia, em quadros atrozes e dourados, mais largos do que os quadros, brilhando para baixo das paredes. E ainda assim a prima Stickles desejou a Valancy muitos e felizes retornos em seu dia!

"Sente-se direito, Doss", era tudo o que sua mãe dizia.

Valancy sentou-se reta. Ela conversou com sua mãe e sua prima Stickles sobre as coisas de que elas sempre falavam. Ela nunca se perguntou o que aconteceria se tentasse falar de outra coisa. Ela sabia. Portanto, nunca o fez.

A Sra. Frederick ficou ofendida com a Providência por mandar um dia chuvoso quando queria ir a um piquenique, então ela tomou seu café da manhã num silêncio amuado pelo qual Valancy ficou bastante grata. Mas Christine Stickles chorou sem parar, como sempre, reclamando de tudo - o tempo, o vazamento na despensa, o preço da farinha de aveia e da manteiga - e sentiu imediatamente que ela tinha amanteigado demais sua torrada - a epidemia de papeira em Deerwood.

"Doss com certeza vai pegá-los", ela disse.

"Doss não deve ir onde ela provavelmente vai pegar papeira", disse a Sra. Frederick em breve.

Valancy nunca tinha tido papeira - ou tosse convulsa - ou varicela - ou sarampo - ou qualquer coisa que ela deveria ter tido -

nada além de resfriados horríveis todo inverno. Os resfriados de inverno de Doss eram uma espécie de tradição na família. Nada, ao que parecia, poderia impedi-la de pegá-los. A Sra. Frederick e a prima Stickles fizeram o seu melhor. Num inverno elas mantiveram Valancy alojada de novembro a maio, na sala de estar quente. Ela não tinha permissão nem para ir à igreja. E Valancy ficou resfriada após o frio e acabou com bronquite em junho.

"Nenhuma da minha família era assim", disse a Sra. Frederick, implicando que deve ser uma tendência Stirling.

"Os Stirling raramente constipam", disse a prima Stickles, ressentida. Ela tinha sido uma Stirling.

"Eu acho", disse a Sra. Frederick, "que se uma pessoa se decidir a não ter resfriados, ela não terá resfriados".

Então esse era o problema. Foi tudo culpa do próprio Valancy.

Mas nessa manhã em particular a insuportável reclamação de Valancy foi que ela foi chamada de Doss. Ela tinha suportado por vinte e nove anos, e desta vez ela sentiu que não poderia mais suportar isso. O nome completo dela era Valancy Jane. Valancy Jane era bastante terrível, mas ela gostava de Valancy, com sua estranha influência externa. Era sempre uma maravilha para Valancy que os Stirlings tivessem permitido que ela fosse assim batizada. Ela havia sido informada que seu avô materno, o velho Amos Wansbarra, havia escolhido o nome para ela. O pai dela tinha se apegado à Jane como forma de civilizá-la, e toda a ligação saiu da dificuldade ao apelidá-la de Doss. Ela nunca recebeu Valancy de ninguém além de pessoas de fora.

"Mãe", ela disse timidamente, "você se importaria de me chamar de Valancy depois disso? Doss parece tão... tão... eu não gosto disso".

A Sra. Frederick olhou para a filha com espanto. Ela usava óculos com lentes extremamente fortes que davam aos seus olhos

uma aparência peculiarmente desagradável.

"Qual é o problema com Doss?"

"Parece-me tão infantil", vacilou Valancy.

"Oh!". A Sra. Frederick tinha sido uma Wansbarra e o sorriso de Wansbarra não era uma vantagem. "Estou vendo. Bem, então deve servir para você. Você é infantil o suficiente em toda consciência, minha querida criança".

"Eu tenho vinte e nove anos", disse a querida criança desesperadamente.

"Se eu fosse você, querida, eu não o proclamaria de casa em casa", disse a Sra. Frederick. "Vinte e nove! Eu estava casada há nove anos quando eu tinha vinte e nove anos".

"Eu era casada aos dezessete anos", disse orgulhosamente a prima Stickles.

Valancy olhou para elas furtivamente. A Sra. Frederick, exceto por aqueles óculos horríveis e o nariz gancho que a fazia parecer mais um papagaio do que o próprio papagaio poderia parecer, não era mal olhada. Aos vinte anos ela poderia ter sido bem bonita. Mas prima Stickles! E ainda assim Christine Stickles já havia sido desejável aos olhos de algum homem. Valancy sentiu que a prima Stickles, com seu rosto largo, achatado e enrugado, uma verruga na ponta do nariz, pelos cerdosos no queixo, pescoço amarelo enrugado, olhos pálidos e salientes, e boca fina e enrugada, ainda tinha essa vantagem sobre ela - este é o direito de olhar para baixo. E mesmo assim a prima Stickles era necessária para a Sra. Frederick. Valancy se perguntava, lamentavelmente, como seria ser desejada por alguém que precisava de uma pessoa. Ninguém no mundo inteiro precisava dela, ou perderia algo da vida se ela desistisse de repente. Ela foi uma decepção para sua mãe. Ninguém a amava.

"Eu não tenho nem mesmo um dom para a amizade", uma vez ela admitiu a si mesma com pena.

"Doss, você não comeu sua côdea", disse a Sra. Frederick repreensivelmente.

Choveu toda a manhã sem parar. Valancy cortou uma colcha. Valancy odiava colchas de retalhos. E não havia necessidade disso. A casa estava cheia de colchas. Havia três arcas grandes, cheias de colchas, no sótão. A Sra. Frederick tinha começado a guardar colchas quando Valancy tinha dezessete anos e continuou a guardá-las, embora não parecesse provável que Valancy alguma vez precisasse delas. Mas Valancy deve estar trabalhando e os materiais de trabalho extravagantes eram muito caros. A ociosidade era um pecado capital na casa Stirling. Quando Valancy era uma criança, ela foi obrigada a escrever todas as noites, em um pequeno caderno preto, odiado, todos os minutos que ela tinha passado ociosa naquele dia. Aos domingos, sua mãe a fazia juntar e rezar por eles.

Nesta manhã particular deste dia do destino, Valancy passou apenas dez minutos ociosa. Pelo menos a Sra. Frederick e a prima Stickles teriam chamado isso de ociosidade. Ela foi ao seu quarto para conseguir um dedal melhor e abriu o livro 'Colheita de Cardo' ao acaso.

"A floresta é tão humana", escreveu John Foster, *"que para conhecê-la é preciso viver com ela. Um ocasional navegante através deles, seguindo os caminhos bem percorridos, jamais nos admitirá em sua intimidade. Se quisermos ser amigos, devemos procurá-los e vencê-los com visitas frequentes e reverentes a toda hora; pela manhã, ao meio-dia e à noite; e em todas as estações, na primavera, no verão, no outono, no inverno. Caso contrário, nunca poderemos conhecê-la de verdade e qualquer pretensão que façamos ao contrário jamais lhes será imposta. Ela tem sua própria maneira efetiva de manter os estranhos à distância e fechar o coração aos meros espectadores casuais. Não adianta procurar o bosque por qualquer motivo, a não ser pelo puro amor a ele; ele nos*

descobrirá de uma vez e nos esconderá todos os seus doces segredos do velho mundo. Mas se ele souber que viemos até ele porque o amamos, será muito gentil conosco e nos dará tais tesouros de beleza e deleite que não são comprados ou vendidos em nenhum mercado. Pois os bosques, quando eles dão, não dão nada, sem dar nada, e não retêm nada dos seus verdadeiros adoradores. Devemos ir a eles com amor, humildade, paciência, vigília, e aprenderemos que beleza pungente espreita nos lugares selvagens e nos intervalos silenciosos, deitados sob a luz das estrelas e do pôr do sol, que cadências de música inusitada são cravadas em galhos de pinheiros envelhecidos ou tortos em tiras de abeto, que delicados sabores exalam de musgos e samambaias em cantos ensolarados ou em riachos úmidos, que sonhos e mitos e lendas de uma época mais antiga os assombram. Então o coração imortal da floresta baterá contra o nosso e sua vida sutil nos roubará as veias e nos tornará seus para sempre, para que não importa para onde vamos ou o quanto vagueemos, ainda seremos atraídos de volta à floresta para encontrar nosso parentesco mais duradouro".

"Doss", chamou sua mãe do salão abaixo, "o que você está fazendo sozinho naquela sala?"

Valancy deixou cair o livro como um carvão quente e fugiu lá embaixo para seus remendos; mas ela sentiu a estranha euforia de espírito que sempre vinha momentaneamente para ela quando mergulhava em um dos livros de John Foster. Valancy não sabia muito sobre bosques - exceto os bosques assombrados de carvalhos e pinheiros ao redor de seu Castelo Azul. Mas sempre ansiava secretamente por eles e um livro de Foster sobre bosques era a próxima melhor coisa para os próprios bosques.

Ao meio-dia parou de chover, mas o sol não saiu antes das três. Então Valancy timidamente disse que achava que iria para a cidade.

"Para que você quer ir para a cidade?" exigiu a mãe dela.

"Eu quero pegar um livro na biblioteca".

"Você conseguiu um livro da biblioteca na semana passada".

"Não, já passaram quatro semanas".

"Quatro semanas. Bobagem!"

"Realmente foi, mãe."

"Você está enganada. Não pode ter sido mais do que duas semanas. Eu não gosto de contradição. E não vejo por que você quer um livro, de qualquer forma. Você perde muito tempo lendo".

"De que valor é o meu tempo?" perguntou Valancy amargamente.

"Doss! Não fale nesse tom para mim".

"Precisamos de um chá", disse a prima Stickles. "Ela pode ir buscar isso se quiser dar uma volta... embora este tempo úmido seja ruim para resfriados".

Elas discutiram o assunto por mais dez minutos e, finalmente, a Sra. Frederick concordou, com bastante ressentimento, que Valancy poderia ir.

CAPÍTULO IV

"Tem suas botas de borrachas vestidas?" gritou a prima Stickles, quando Valancy deixou a casa.

Christine Stickles nunca havia esquecido de fazer essa pergunta quando Valancy saía em um dia úmido.

"Sim".

"Você tem seu saiote de flanela vestido?" perguntou a Sra. Frederick.

"Não."

"Doss, eu realmente não te entendo. Você quer pegar sua morte de constipação de novo?" A voz dela implicava que Valancy já tinha morrido de um resfriado várias vezes. "Vá lá em cima neste minuto e ponha-o!"

"Mãe, eu não preciso de uma anágua de flanela. O meu vestido já está quente o suficiente".

"Doss, lembre-se que você teve bronquite há dois anos. Vai e faz o que te mandam!"

Valancy foi, embora ninguém nunca saiba o quão perto ela chegou de correr pela rua antes. Ela odiava aquela anágua cinza de flanela mais do que qualquer outra peça de roupa que ela possuísse. Olive nunca teve que usar saiotes de flanela. Olive usava seda desbotada, relvado e flanelas com laçadas. Mas o pai de Olive tinha "dinheiro" e Olive nunca teve bronquite. Então, lá estava você.

"Você tem certeza que não deixou o sabonete na água?" exigiu a Sra. Frederick. Mas Valancy tinha ido embora. Ela virou na esquina e olhou para trás, para a rua feia, primitiva e respeitável onde

morava. A casa Stirling era a mais feia dali - mais como uma caixa de tijolos vermelha do que qualquer outra coisa. Demasiado alta para sua largura, e feita ainda mais alta por uma cúpula de vidro bulboso no topo. Sobre ela estava a paz desolada e estéril de uma casa velha, cuja vida é vivida.

Havia uma casa muito bonita, com caixilhos de chumbo e tijolos dublados, logo ao virar da esquina - uma casa nova, uma daquelas casas que você ama assim que as vê. Clayton Markley a construiu para sua noiva. Ele casaria com Jennie Lloyd em junho. A casinha, dizia-se, foi mobiliada do sótão à adega, em total prontidão para sua esposa.

"Eu não invejo Jennie com um homem", pensou Valancy sinceramente - Clayton Markley não era um de seus muitos ideais - "mas eu invejo a casa. É uma casa tão bonita e jovem. Oh, se eu pudesse ter uma casa própria - sempre tão pobre, tão lata - mas a minha própria! Mas então", ela acrescentou amargamente, "não adianta fazer um uivo para a lua quando você não consegue nem uma vela de sebo".

Na terra dos sonhos, nada faria Valancy a não ser um castelo de safira pálida. Na vida real ela teria ficado plenamente satisfeita com uma casinha dela mesma. Ela invejava Jennie Lloyd mais ferozmente do que nunca agora. Jennie não era muito mais bonita, e não muito mais jovem. No entanto, ela deveria ter esta casa encantadora. E as mais bonitas xícaras de chá Wedgwood - Valancy as tinha visto; uma lareira aberta, e linho com monograma; toalhas de mesa com bainhas, e armários chineses. Por que tudo veio para algumas garotas e nada para outras? Não era justo.

Valancy estava mais uma vez com rebeldia enquanto caminhava, uma figura de pelúcia, com uma capa de chuva e chapéu de três anos, salpicada ocasionalmente pela lama de um automóvel que passava, com seus gritos insultuosos. Os automóveis ainda eram uma novidade em Deerwood, embora fossem comuns em Port Lawrence, e a maioria dos residentes de verão em Muskoka os tinha. Em Deerwood apenas alguns dos mais espertos os tinham;

pois até mesmo Deerwood estava dividido em conjuntos. Havia o conjunto inteligente - o conjunto intelectual - o conjunto da velha família - do qual os Stirlings eram membros - o conjunto comum, e alguns párias. Nenhum dos Stirling tinha ainda condescendido com um automóvel, embora Olive estivesse provocando seu pai para ter um. Valancy nunca havia estado em um automóvel. Mas ela não se apegou depois disso. Na verdade, ela tinha muito medo de carros, especialmente à noite. Eles pareciam ser muito parecidos com grandes bestas ronronando que poderiam virar e esmagar você - ou dar um terrível salto selvagem em algum lugar. Nas trilhas íngremes da montanha ao redor de seu Castelo Azul, apenas os corcéis poderiam andar com orgulho; na vida real, Valancy teria ficado bastante contente em dirigir uma charrete atrás de um bom cavalo. Ela só conseguiu um passeio de charrete quando algum tio ou primo se lembrou de atirar "uma chance", como um osso para um cachorro.

CAPÍTULO V

É claro que ela deve comprar o chá na mercearia do tio Benjamin. Comprá-lo em qualquer outro lugar era impensável. Mas Valancy detestava ir à loja do tio Benjamin no seu vigésimo nono aniversário. Não havia esperança de que ele não se lembrasse disso.

"Por que", exigiu o tio Benjamin, de forma lúgubre, enquanto ele amarrava o chá dela, "as moças são como más gramáticas?

Valancy, com a vontade do tio Benjamin no fundo da sua mente, disse mansamente: "Eu não sei. Por quê?"

"Porque", riu o tio Benjamin, "eles não podem declinar o matrimônio".

Os dois escriturários, Joe Hammond e Claude Bertram, também riram, e Valancy não gostou deles mais do que nunca. No primeiro dia, Claude Bertram a viu na loja, ela o ouviu sussurrar para Joe: "Quem é essa?". E Joe tinha dito: "Valancy Stirling, uma das solteironas de Deerwood". "Curável ou incurável?" Claude tinha perguntado com um risinho, evidentemente achando a pergunta muito inteligente. Valancy voltou a ser esperto com o ferrão daquela velha lembrança.

"Vinte e nove", dizia o tio Benjamin. "Querida Doss, você está perigosamente perto da segunda esquina e ainda nem pensa em se casar. Vinte e nove. Parece impossível".

Então o tio Benjamin disse uma coisa original. O tio Benjamin disse: "Como o tempo voa!"

"Acho que rasteja", disse Valancy apaixonadamente. A paixão era tão estranha à concepção que o tio Benjamin tinha do Valancy que ele não sabia o que fazer com ela. Para encobrir sua confusão,

ele pediu outro enigma enquanto amarrava os feijões dela - a prima Stickles havia se lembrado no último momento que elas precisavam de feijões. Os feijões eram baratos e cheios.

"Que duas idades são propícias a serem ilusórias", perguntou o tio Benjamin; e, não esperando que Valancy "desistisse", acrescentou ele, "Mir-age e marri-age".

"M-i-r-a-g-e é pronunciado mirazh", disse Valancy em breve, pegando seu chá e seu feijão. Por enquanto ela não se importou se o tio Benjamin a cortou ou não de sua vontade. Ela saiu da loja enquanto o tio Benjamin olhava atrás dela com a boca aberta. Então ele balançou a cabeça.

"Pobre Doss está levando isso a sério", disse ele.

Valancy se arrependeu quando chegou na próxima travessia. Por que ela tinha perdido a paciência daquela maneira? O tio Benjamin ficaria irritado e provavelmente diria à sua mãe que ela tinha sido impertinente, e a mãe lhe daria um sermão por uma semana.

"Eu segurei minha língua por vinte anos", pensou Valancy. "Por que eu não poderia tê-la segurado mais uma vez?"

Sim, eram apenas vinte, refletiu Valancy, desde que ela tinha sido enganada pela primeira vez com sua condição de apaixonada. Ela se lembrou perfeitamente do momento amargo. Ela tinha apenas nove anos de idade e estava sozinha no pátio da escola enquanto as outras meninas de sua classe jogavam um jogo no qual você deve ser escolhida por um menino como parceira antes de poder jogar. Ninguém havia escolhido Valancy - pequena, pálida, de cabelos pretos, com o seu avental de manga comprida e olhos esquisitos e inclinados.

"Oh," disse uma garotinha bonita para ela, "Sinto muito por você. Você não tem um namorado".

Valancy tinha dito desafiadoramente, como ela continuou dizendo por vinte anos: "Eu não quero um namorado". Mas esta tarde Valancy parou de dizer isso de uma vez por todas.

"Vou ser honesta comigo mesma de qualquer maneira", ela pensou selvagemente. "Os enigmas do tio Benjamin me machucam porque são verdadeiros. Eu quero mesmo ser casada. Eu quero uma casa só minha... Eu quero um marido só meu... Eu quero bebês doces e gordinhos só meus..." Valancy parou repentinamente horrorizada com a sua própria imprudência. Ela tinha certeza que o Rev. Dr. Stalling, que passou por ela neste momento, leu seus pensamentos e os desaprovou completamente. Valancy tinha medo do Dr. Stalling - tinha medo dele desde o domingo, vinte e três anos antes, quando ele tinha vindo pela primeira vez a St. Albans. Tinha chegado tarde demais para a Escola Dominical naquele dia e ela tinha entrado na igreja timidamente e sentado no banco deles. Ninguém mais estava na igreja - ninguém mais, exceto o novo reitor, Dr. Stalling. O Dr. Stalling levantou-se em frente à porta do coro, acenou para ela, e disse severamente: "Garotinho, venha aqui em cima".

Valancy tinha olhado ao redor dela. Não havia nenhum garotinho - não havia ninguém em toda a enorme igreja, a não ser ela mesma. Este estranho homem de óculos azuis não podia se referir a ela. Ela não era um garoto.

"Menino", repetiu o Dr. Stalling, mais severamente ainda, sacudindo seu dedo indicador ferozmente para ela, "venha aqui em cima imediatamente!"

Valancy levantou-se como se estivesse hipnotizada e caminhou até o corredor. Ela estava apavorada demais para fazer qualquer outra coisa. Que coisa horrível ia acontecer com ela? O que tinha acontecido com ela? Será que ela tinha se transformado em um menino? Ela parou na frente do Dr. Stalling. O Dr. Stalling sacudiu seu dedo indicador - um dedo indicador tão longo e delicado - para ela e disse:

"Rapazinho, tira o chapéu."

Valancy tirou o chapéu dela. Ela tinha um rabinho esquelético pendurado nas costas, mas o Dr. Stalling era míope e não o percebeu.

"Garotinho, volte para o seu lugar e sempre tire o chapéu na igreja". Lembre-se!"

Valancy voltou ao seu assento carregando o chapéu como um autômato. Logo a mãe dela entrou.

"Doss", disse a Sra. Stirling, "o que você quer dizer com tirar o chapéu? Coloque-o imediatamente!"

Valancy o pôs instantaneamente. Ela estava fria de medo para que o Dr. Stalling não a chamasse imediatamente de novo à frente. Ela teria que ir, é claro - nunca lhe ocorreu que alguém pudesse desobedecer ao reitor - e a igreja estava cheia de gente agora. Oh, o que ela faria se aquele dedo indicador horrível e apunhalador fosse sacudido para ela novamente antes de todas aquelas pessoas? Valancy sentou-se durante todo o culto numa agonia de pavor e ficou doente por uma semana depois. Ninguém sabia por que... A Sra. Frederick se lamentou novamente de sua delicada filha.

O Dr. Stalling descobriu o seu erro e riu sobre ele para Valancy - que não riu. Ela nunca superou o seu pavor do Dr. Stalling. E agora para ser pega por ele na esquina da rua, pensando tais coisas!

Valancy pegou seu livro de John Foster - Mágico das Asas. "Seu último... tudo sobre pássaros", disse Miss Clarkson. Ela quase tinha decidido que iria para casa, ao invés de ir ver o Dr. Trent. Sua coragem havia falhado com ela. Ela tinha medo de ofender o tio James - medo de irritar sua mãe - medo de encarar o velho e áspero Dr. Trent, que provavelmente lhe diria, como ele havia dito à prima Gladys, que o problema dela era inteiramente imaginário e que ela só o tinha porque gostava de tê-lo. Não, ela não iria; ela pegaria um

frasco de comprimidos de em vez disso. As pílulas roxas de Redfern eram o remédio padrão do clã Stirling. Eles não tinham curado a prima Geraldine, quando cinco médicos a abandonaram? Valancy sempre se sentiu muito cético em relação às virtudes dos comprimidos púrpura; mas poderia haver algo neles; e era mais fácil tomá-los do que enfrentar o Dr. Trent sozinho. Ela olhava para as revistas na sala de leitura por alguns minutos e depois ia para casa.

Valancy tentava ler uma história, mas isso a deixava furiosa. Em cada página havia uma foto da heroína rodeada de homens adoradores. E aqui estava ela, Valancy Stirling, que não conseguia arranjar um namorado solitário! Valancy fechou a revista; ela abriu a Magia das Asas. Os olhos dela caíram sobre o parágrafo que mudou sua vida.

"O medo é o pecado original", escreveu John Foster*. "Quase todo o mal do mundo tem sua origem no fato de que alguém tem medo de alguma coisa. É uma serpente fria e viscosa que se enrola sobre você. É horrível viver com medo; e é de todas as coisas degradante".*

Valancy fechou a Magia das Asas e se levantou. Ela iria ver o Dr. Trent.

CAPÍTULO VI

A provação não foi tão terrível, afinal de contas. O Dr. Trent era tão rouco e abrupto como de costume, mas ele não lhe disse que sua doença era imaginária. Depois de ter ouvido os sintomas dela, feito algumas perguntas e feito um exame rápido, ele sentou-se por um momento olhando para ela com bastante atenção. Valancy pensou que ele parecia estar arrependido de ter lhe recebido em seu consultório. Ela respirou por um momento. O problema era sério? Oh, não podia ser, certamente - não a tinha incomodado muito - só que ultimamente tinha ficado um pouco pior.

O Dr. Trent abriu a boca - mas antes que ele pudesse falar, o telefone tocou forte. Ele pegou o receptor. Valancy, vendo-o, viu seu rosto mudar de repente enquanto ele ouvia, "'Sim, sim, sim"- um breve intervalo - "Meu Deus!"

Dr. Trent largou o receptor, saiu da sala e subiu sem sequer dar uma olhada em Valancy. Ela o ouviu correndo loucamente por cima, ladrando para alguém - presumivelmente sua governanta. Então ele desceu com um saco na mão, arrancou seu chapéu e casaco da prateleira, abriu a porta da rua e correu em direção à estação.

Valancy sentou-se sozinha no pequeno escritório, sentindo-se mais absolutamente tola do que jamais havia sentido antes em sua vida. Tola... e humilhada. Então isso era tudo o que tinha vindo de sua heroica determinação de estar à altura de John Foster e colocar o medo de lado. Ela não só era um fracasso como parente e inexistente como querida ou amiga, mas ela nem mesmo era importante como paciente. O Dr. Trent havia esquecido sua própria presença em sua excitação por qualquer mensagem que tivesse passado pelo telefone. Ela não tinha ganho nada ao ignorar o tio James e voar em face da tradição familiar.

Por um momento ela estava com medo de chorar. Foi tudo tão ridículo. Então ela ouviu a governanta do Dr. Trent descendo as escadas. Valancy levantou-se e foi para a porta do consultório.

"O médico esqueceu de mim", disse ela com um sorriso retorcido.

"Bem, que pena", disse a Sra. Patterson simpaticamente. "Mas não foi nada bom, pobre homem. Foi um telegrama que eles telefonaram do Porto. Seu filho foi terrivelmente ferido em um acidente automobilístico em Montreal. O médico teve apenas dez minutos para pegar o trem. Eu não sei o que ele fará se algo acontecer com Ned. Você vai ter que retornar outro dia, Srta. Stirling. Espero que não seja nada sério".

"Oh, não, nada sério", concordou Valancy. Ela se sentiu um pouco menos humilhada. Não era de se admirar que o pobre Dr. Trent a tivesse esquecido em tal momento. Mesmo assim, ela se sentiu muito abatida e desanimada enquanto descia a rua.

Valancy foi para casa pelo atalho de Lover's Lane. Ela não passava muitas vezes pela Lover's Lane, mas estava chegando perto da hora do jantar e nunca seria tarde. A Lover's Lane ferida no fundo da vila, sob grandes olmos e maples, e merecia seu nome. Era difícil ir até lá em qualquer momento e não encontrar um casal de namorados - ou jovens garotas aos pares, com os braços entrelaçados, conversando seriamente sobre seus segredos. Valancy não sabia o que a fazia sentir-se mais autoconsciente e desconfortável.

Esta noite ela encontrou os dois. Ela conheceu Connie Hale e Kate Bayley, em novos vestidos rosas com flores presas em seus cabelos brilhantes. Valancy nunca tinha tido um vestido rosa ou usado flores em seu cabelo. Então ela passou por um jovem casal que não conhecia, descuidando-se de tudo, menos de si mesma. O braço do jovem estava ao redor da cintura da garota sem vergonha. Valancy nunca tinha andado com o braço de um homem sobre ela. Ela sentiu que deveria ficar chocada - eles poderiam deixar esse

tipo de coisa para o crepúsculo de exibição, pelo menos - mas ela não ficou chocada. Em outro momento de desespero e honestidade, ela se deu conta de que estava apenas com inveja. Quando passou por eles, sentiu que eles estavam rindo dela - tendo pena dela - "É aquela solteirona, Valancy Stirling. Eles dizem que ela nunca teve um namorado em toda a sua vida" - Valancy correu bastante para sair da Lover's Lane. Ela nunca se sentiu tão incolor, magra e insignificante.

No mesmo lugar onde Lover's Lane desmascarou na rua, um carro velho estava estacionado. Valancy conhecia bem aquele carro - pelo menos por som - e todos em Deerwood o conheciam. Isso foi antes da frase "lata Lizzie" ter entrado em circulação - em Deerwood, pelo menos; mas se fosse conhecido, esse carro era o mais estanho de Lizzies - embora não fosse um Ford, mas um velho Slosson cinza. Nada mais maltratado e desonroso poderia ser imaginado.

Era o carro de Barney Snaith e o próprio Barney estava apenas se mexendo por baixo dele, de macacão rebocado com lama. Valancy deu a ele um olhar rápido e furtivo enquanto passava apressada. Esta foi apenas a segunda vez que ela viu o famoso Barney Snaith, embora ela já tivesse ouvido o suficiente sobre ele em Muskoka. A primeira vez havia sido há quase um ano, na estrada de Muskoka. Ele também estava rastejando para fora de debaixo do carro, e ele havia dado a ela um sorriso alegre enquanto ela passava - um sorriso pequeno e caprichoso que lhe dava o ar de um gnomo divertido. Ele não parecia mau - ela não acreditava que ele fosse mau, apesar das histórias selvagens que estavam sempre sendo contados sobre ele. Claro que ele foi rasgando aquele terrível e velho Grey Slosson através de Deerwood a horas em que todas as pessoas decentes estavam na cama - muitas vezes com o velho "Roaring Abel", que tornou a noite horrível com seus uivos - "ambos mortos de bêbados, minha querida". E todos sabiam que ele era um fugitivo, um funcionário de banco faltoso e um assassino escondido, um infiel e um filho ilegítimo do velho "Roaring Abel" e o neto ilegítimo do "Roaring Abel", um falsificador e algumas outras coisas

horríveis. Mas Valancy ainda não acreditava que ele fosse mau. Ninguém com um sorriso como esse poderia ser ruim, não importava o que ele tivesse feito.

Foi naquela noite que o Príncipe do Castelo Azul mudou de um ser de mandíbula e cabelo com uma pitada de cinza prematuro para um indivíduo com cabelo comprido, castanho-escuro, vermelho, olhos castanho-escuros, e orelhas que se colaram o suficiente para lhe dar um olhar de alerta, mas não o suficiente para ser chamado de orelhas de abano. Mas ele ainda reteve alguma coisa um pouco amarga na mandíbula.

Barney Snaith parecia ainda mais desonesto do que o normal agora mesmo. Era muito evidente que ele não fazia a barba há dias, e suas mãos e braços, nus até os ombros, estavam negros de gordura. Mas ele estava assobiando alegremente para si mesmo e parecia tão feliz que Valancy o invejava. Ela invejava sua leveza de coração, sua irresponsabilidade e sua misteriosa cabana em uma ilha no Lago Mistawis, até mesmo sua rabugenta e velha Grey Slosson. Nem ele nem seu carro tinham que ser respeitáveis e estar à altura das tradições. Quando ele passou por ela alguns minutos depois, com a cabeça descoberta, inclinado para trás em sua Lizzie, seu cabelo comprido soprando ao vento, um velho cachimbo preto de aparência vil na boca, ela o invejou novamente. Os homens tinham o melhor de tudo, sem dúvida. Esse bandido era feliz, o que quer que ele fosse ou não fosse. Ela, Valancy Stirling, respeitável, bem-comportada até o último grau, era infeliz e sempre foi infeliz.

Valancy chegou mesmo a tempo do jantar. O sol havia turvado, e uma chuva estava caindo novamente. A prima Stickles tinha a neuralgia. Valancy tinha que fazer o cerco da família e não havia tempo para o livro Magia das Asas.

"O alvorecer não pode esperar até amanhã?" ela suplicou.

"Amanhã vai trazer seus próprios deveres", disse a Sra. Frederick inexoravelmente.

Valancy maldisse toda a noite e ouvia a Sra. Frederick e a prima Stickles falando a eterna fofoca do clã, enquanto tricotavam meias pretas intermináveis. Discutiram o casamento da prima Lilian, que se aproximava em todos os seus suportes. No geral, elas aprovaram. A prima Lilian de segundo grau estava indo bem.

"Embora ela não tenha se apressado", disse a prima Stickles. "Ela deve ter vinte e cinco anos".

"Não houve - felizmente - muitas solteironas em nossa conexão", disse a Sra. Frederick amargamente.

Valancy vacilou. Ela tinha enfiado a agulha de cerzir em seu dedo.

O terceiro primo Aaron Gray tinha sido arranhado por um gato e tinha sangue no dedo. "Os gatos são os animais mais perigosos", disse a Sra. Frederick. "Eu nunca teria um gato sobre a casa".

Ela olhou significativamente para Valancy através de seus óculos terríveis. Uma vez, há cinco anos, Valancy havia perguntado se ela poderia ter um gato. Ela nunca mais se referiu a ele desde então, mas a Sra. Frederick ainda suspeitava que ela abrigasse o desejo ilegal em seu coração.

Uma vez Valancy espirrou. Agora, no código Stirling, era uma forma muito ruim de espirrar em público.

"Você sempre pode reprimir um espirro pressionando seu dedo no lábio superior" disse a Sra. Frederick repreendendo.

Passado às nove horas e assim, como diria o Sr. Pepys, para a cama. Mas as costas nevrálgicas da prima Stickles devem ser esfregadas com o Liniment de Redfern. Valancy fez isso. Valancy sempre teve que fazer isso. Ela odiava o cheiro desse remédio. Os dedos dela cheiravam a coisas horríveis depois que ela entrou na cama, apesar de toda a esfregadela que ela lhes deu.

O dia do destino de Valancy tinha chegado e ido embora. Ela o terminou como tinha começado, em lágrimas.

CAPÍTULO VII

Havia um roseiral no pequeno gramado Stirling, crescendo ao lado do portão. Chamava-se " roseiral da Doss". A prima Georgiana a tinha dado a Valancy há cinco anos e Valancy a tinha plantado alegremente. Ela adorava rosas. Mas - claro - o roseiral nunca floresceu. Essa foi a sorte dela. Valancy fez tudo o que podia e seguiu o conselho de todos no clã, mas mesmo assim o roseiral não floresceria. Ela latejava e crescia suavemente, com grandes ramos de folhas intactas de ferrugem ou aranha; mas nem mesmo um botão tinha aparecido nela. Valancy, olhando para ela dois dias depois de seu aniversário, ficou cheia de um ódio repentino e avassalador. A coisa não floresceria: muito bem, então, ela a cortaria. Marchou até a sala de ferramentas do celeiro para a faca de jardim e foi para o roseiral ferozmente. Alguns minutos depois, horrorizada, a Sra. Frederick saiu para a varanda e viu sua filha cortando loucamente entre os ramos da roseira. Metade deles já estavam espalhados na caminhada. O mato parecia tristemente desmontado.

"Doss, que diabos você está fazendo? Você ficou louca?"

"Não", disse Valancy. Ela queria dizer desafiadoramente, mas o hábito era muito forte para ela. Ela disse isso depreciativamente. "Eu... eu só me decidi a cortar este arbusto. Não é bom. Nunca florescerá... nunca florescerá".

"Isso não é motivo para destruí-lo", disse a Sra. Frederick com firmeza. "Era um arbusto lindo e bastante ornamental. Você fez dele uma coisa muito triste".

"As rosas devem florescer", disse Valancy um pouco obstinadamente.

"Não discuta comigo, Doss. Limpe essa bagunça e deixe o mato em paz. Eu não sei o que Georgiana vai dizer quando ela ver como você a cortou em pedaços. Realmente, eu estou surpresa com você. E fazer isso sem me consultar!"

"O mato é meu", murmurou Valancy.

"O que é isso? O que você disse, Doss?"

"Eu só disse que o mato é meu", repetiu Valancy humildemente.

A Sra. Frederick virou-se sem uma palavra e marchou de volta para a casa. A travessura foi feita agora. Valancy sabia que ela havia ofendido profundamente sua mãe e não seria falada ou notada de maneira alguma por dois ou três dias. A prima Stickles cuidaria da criação de Valancy, mas a Sra. Frederick preservaria o silêncio pedregoso da majestade ultrajada.

Valancy suspirou e guardou sua faca de jardim, pendurando-a precisamente em seu prego preciso na oficina de ferramentas. Ela limpou os vários galhos e varreu as folhas. Seus lábios tremeram enquanto olhava para o arbusto de palha. Tinha uma estranha semelhança com sua doadora, a pequena prima Georgiana, sacudida e magricela.

"Eu certamente fiz disso uma coisa horrível", pensou Valancy.

Mas ela não se arrependeu - apenas lamentou ter ofendido sua mãe. As coisas seriam tão desconfortáveis até que fosse perdoada. A Sra. Frederick era uma daquelas mulheres que pode fazer sentir sua raiva por toda a casa. Paredes e portas não são proteção contra isso.

"É melhor você ir para o centro da cidade e mandar a correspondência", disse a prima Stickles, quando Valancy entrou. "Eu não posso ir... eu me sinto toda arrepiada e com alergia desta primavera. Eu quero que você pare na farmácia e compre uma garrafa de Redfern's Blood Bitters. Não há nada melhor para

reconstruir um corpo. O primo James diz que os Purple Pills são os melhores, mas eu sei que são melhores. Meu pobre e querido marido tomou os Redfern's Bitters até o dia em que morreu. Não deixe que eles te cobrem mais que noventa centavos. Eu sou conhecida por isso no Porto. E o que você tem dito à sua pobre mãe? Você já parou pra pensar, Doss, que você só tem uma mãe?"

"Uma é suficiente para mim", pensou Valancy sem beleza, enquanto ela subia a cidade.

Ela comprou a garrafa para a prima Stickles e depois foi até os correios e pediu a Entrega Geral. Sua mãe não tinha uma caixa. Receberam muito pouca correspondência para se preocupar com ela. Valancy não esperava nenhuma correspondência, exceto o Christian Times, que era o único papel que elas recebiam. Elas quase nunca recebiam cartas. Mas Valancy gostava muito de ficar no escritório e ver o Sr. Carewe, o barbudo cinzento, o velho funcionário do Santa Clausy, distribuindo cartas para as pessoas sortudas que as recebiam. Ele fazia isso com um ar tão desprendido, impessoal, semelhante ao de Jove, como se não importasse minimamente para ele que alegrias supernas ou horrores despedaçados pudessem estar naquelas cartas para as pessoas a quem elas eram dirigidas. As cartas tinham um fascínio por Valancy, talvez porque ela tão raramente recebesse alguma. Em seu Castelo Azul, epístolas emocionantes, amarradas com seda e seladas com carmesim, eram sempre trazidas até ela por páginas em figurinhas de ouro e azul, mas na vida real suas únicas cartas eram ocasionalmente notas perfunctórias de parentes ou uma circular publicitária.

Consequentemente, ela ficou imensamente surpreendida quando o Sr. Carewe, parecendo ainda mais jovem do que de costume, lhe entregou uma carta. Sim, ela foi dirigida a ela claramente, em uma mão negra e feroz: " Srta. Valancy Stirling, Elm Street, Deerwood" - e o carimbo do correio era Montreal. Valancy pegou-a com um pouco de agilidade. Montreal! Deve ser do doutor Trent. Afinal, ele havia se lembrado dela.

Valancy conheceu o tio Benjamin entrando quando ela estava saindo e ficou feliz por a carta estar segura em sua bolsa.

"O que", disse o tio Benjamin, "é a diferença entre um burro e um carimbo postal?

"Eu não sei. O quê?", respondeu Valancy com toda a propriedade.

"Um você lambe com um pau e o outro com um lambedor. Ha, ha!"

O tio Benjamin passou, tremendamente satisfeito consigo mesmo.

A prima Stickles atacou o Times quando Valancy chegou em casa, mas não lhe ocorreu perguntar se havia alguma carta. A Sra. Frederick teria perguntado, mas os lábios da Sra. Frederick, no momento, estavam selados. Valancy ficou feliz com isso. Se a mãe dela tivesse perguntado se havia alguma carta, Valancy teria que admitir que havia. Então ela teria que deixar sua mãe e sua prima Stickles lerem a carta e tudo seria descoberto.

Seu coração agiu estranhamente no caminho para cima, e ela sentou-se junto à janela por alguns minutos antes de abrir sua carta. Ela se sentiu muito culpada e enganosa. Nunca antes havia mantido uma carta em segredo de sua mãe. Todas as cartas que ela havia escrito ou recebido haviam sido lidas pela Sra. Frederick. Isso nunca tinha importado. Valancy nunca tinha tido nada a esconder. Mas isso importava. Ela não podia ter ninguém que visse esta carta. Mas seus dedos tremiam com a consciência da maldade e da conduta infiel ao abri-la - tremia um pouco, talvez também, com apreensão. Sentiu que não havia nada seriamente errado com seu coração, mas - nunca se soube.

A carta do Dr. Trent era como ele mesmo - bruta, abrupta, concisa, não desperdiçando palavras. O Dr. Trent nunca batia sobre o mato. "Querida Srta. Sterling" - e depois uma página de escrita

preta, positiva. Valancy parecia lê-la de relance; ela a deixou cair no colo, no seu rosto de fantasma-branco.

Dr. Trent disse a ela que ela tinha uma forma muito perigosa e fatal de doença cardíaca - angina pectoris - evidentemente complicada com um aneurisma - o que quer que isso fosse - e nos últimos estágios. Ele disse que, sem querer minimizar as coisas, nada poderia ser feito por ela. Se ela se cuidasse muito bem, poderia viver um ano - mas também poderia morrer a qualquer momento - o Dr. Trent nunca se incomodou com eufemismos. Ela deve ter cuidado para evitar toda excitação e todo esforço muscular severo. Deve comer e beber moderadamente, nunca deve correr, deve subir as escadas e subir o morro com muito cuidado. Qualquer sacudida ou choque súbito pode ser fatal. Ela deve tomar a receita que ele lhe deu e carregá-la sempre junto consigo, tomando uma dose sempre que os seus ataques se manifestarem.

Valancy sentou-se por um longo tempo junto à janela dela. Lá fora estava um mundo afogado na luz de uma tarde de primavera - um céu estranhamente azul, ventos perfumados e livres, lindas, suaves e azuis névoas no final de cada rua. Na estação ferroviária, um grupo de moças esperava por um trem; ela ouviu o riso alegre delas enquanto conversavam e brincavam. O trem rugiu para dentro e para fora novamente. Mas nenhuma dessas coisas tinha qualquer realidade. Nada tinha realidade, exceto o fato de que ela tinha apenas mais um ano de vida.

Quando ficou cansada de sentar na janela, deitou-se em sua cama, olhando para o teto rachado e descolorido. O curioso entorpecimento que se seguiu a um golpe espantoso a possuía. Ela não sentiu nada a não ser uma surpresa sem limites e incredulidade - a convicção de que o Dr. Trent conhecia seus negócios e que ela, Valancy Stirling, que nunca havia vivido, estava prestes a morrer.

Quando o gongo tocou para o jantar, Valancy levantou-se e desceu mecanicamente, pela força do hábito. Ela se perguntava se tinha ficado sozinha por tanto tempo. Mas é claro que sua mãe não lhe dava nenhuma atenção agora mesmo. Valancy estava

agradecida por isso. Ela achava que a discussão sobre o roseiral tinha sido realmente, como a própria Sra. Frederick poderia ter dito, Providencial. Ela não podia comer nada, mas tanto a Sra. Frederick quanto a prima Stickles achavam que isso era porque ela estava merecidamente infeliz pela atitude de sua mãe, e sua falta de apetite não era comentada. Valancy se obrigou a engolir uma xícara de chá e depois se sentou e viu os outros comerem, com uma estranha sensação de que já haviam passado anos desde que havia se sentado com elas na mesa de jantar. Ela se viu sorrindo interiormente para pensar na comoção que poderia causar se escolhesse. Deixe-a apenas dizer-lhes o que estava na carta do Dr. Trent e haveria tanto alvoroço como se - Valancy pensava amargamente - elas realmente se preocupavam com ela.

"A governanta do Dr. Trent recebeu notícias dele hoje", disse a prima Stickles, tão de repente que Valancy pulou de surpresa. Havia alguma coisa nas ondas do pensamento? "Sra. Judd estava conversando com a parte alta da cidade. Eles acham que seu filho vai se recuperar, mas o Dr. Trent escreveu que se houvesse melhoras, o levaria para o exterior assim que pudesse viajar e não estaria de volta aqui por pelo menos um ano".

"Isso não vai importar muito para nós", disse a Sra. Frederick majestosamente. "Ele não é nosso médico". Eu não" - aqui que ela olhou ou pareceu olhar acusadoramente através de Valancy - "o teria para medicar um gato doente".

"Posso ir lá para cima e me deitar?" disse Valancy. "Eu... eu tenho uma dor de cabeça".

"O que te deu dor de cabeça?" perguntou a prima Stickles, já que a Sra. Frederick não o faria. A pergunta tem que ser feita. Valancy não poderia ter dores de cabeça sem interferência.

"Você não tem o hábito de ter dores de cabeça. Espero que você não esteja pegando papeira. Aqui, experimente uma colher cheia de vinagre".

"De jeito nenhum!" disse Valancy rudemente, levantando-se da mesa. Ela não se importava mais se fosse rude. Ela teve que ser tão educada a vida toda.

Se tivesse sido possível que a prima Stickles ficasse pálida, ela teria ficado. Como não era possível, ela ficou mais gritante.

"Você tem certeza que não está febril, Doss? Parece que sim. Você vai direto para a cama", disse a prima Stickles, completamente alarmada, "e eu vou subir e esfregar sua testa e a parte de trás do seu pescoço com o Liniment de Redfern".

Valancy tinha chegado à porta, mas ela se virou. "Eu não vou ser esfregada com o Liniment de Redfern", disse ela.

A prima Stickles olhou fixamente e ofegou. "O que... o que você quer dizer?"

"Eu disse que não seria esfregada com o Liniment do Redfern", repetiu Valancy. "Coisa horrível e pegajosa! E tem o cheiro mais vil de qualquer linimento que eu já vi. Não é bom. Eu quero ser deixado sozinha, só isso".

Valancy saiu, deixando a prima Stickles horrorizada.

"Ela está com febre - ela deve estar com febre", ejaculou a prima Stickles.

A Sra. Frederick continuou comendo seu jantar. Não importava se Valancy estava ou não febril. Valancy tinha sido culpada de impertinência para com ela.

CAPÍTULO VIII

Valancy não dormiu naquela noite. Ficou acordada durante as longas horas de escuridão, pensando. Ela fez uma descoberta que a surpreendeu: que tinha tido medo de quase tudo na vida, não tinha medo da morte. Não lhe pareceu de maneira alguma terrível. E agora ela não precisava ter medo de mais nada. Por que havia tido medo das coisas? Por causa da vida. Medo do tio Benjamin por causa da ameaça da pobreza na velhice. Mas agora ela nunca seria velha - negligenciada - tolerada. Medo de ser uma solteirona a vida toda. Mas agora não seria uma solteirona por muito tempo. Medo de ofender sua mãe e seu clã porque tinha que viver com e entre eles e não poderia viver pacificamente se não cedesse a eles. Mas agora ela não viveria. Valancy sentiu uma liberdade curiosa.

Mas ainda tinha um medo horrível de uma coisa - o alvoroço que toda a confusão deles faria quando ela lhes contasse. Valancy estremeceu só de pensar nisso. Não conseguia suportar isso. Oh, ela sabia tão bem como seria. Primeiro haveria indignação - sim, indignação por parte do tio James porque ela tinha ido a um médico - qualquer médico - sem consultá-lo. Indignação por parte de sua mãe por ser tão manhosa e enganosa... "para sua própria mãe, Doss". Indignação por parte de todo o clã, porque ela não tinha ido ao Dr. Marsh.

Então viria a indignação. Ela seria levada ao Dr. Marsh, e quando o Dr. Marsh confirmasse o diagnóstico do Dr. Trent, ela seria levada a especialistas em Toronto e Montreal. O tio Benjamin pagava a conta com um esplêndido gesto de munificência para assim assistir a viúva e a órfã, e falava para sempre depois dos honorários chocantes que os especialistas cobravam por parecerem sábios e dizerem que não podiam fazer nada. E quando os especialistas não poderiam fazer nada, seu tio James insistiria para que ela tomasse Purple Pills - "Eu sabia que eles fariam uma cura quando todos os médicos tivessem desistido" - e sua mãe insistiria

em Redfern's Blood Bitters, e sua prima Stickles insistiria em esfregá-la no coração todas as noites com o Liniment de Redfern, com o argumento de que poderia fazer o bem e não poderia fazer mal; e todos os outros teriam alguma droga de estimação para ela tomar. O Dr. Stalling viria até ela e diria solenemente: "Você está muito doente. Você está preparada para o que pode estar diante de você?" - quase como se ele fosse sacudir seu dedo indicador para ela, o indicador que não tinha ficado mais curto ou menos nodoso com a idade. E ela seria vigiada e checada como um bebê e nunca a deixariam fazer nada ou ir a lugar algum sozinha. Talvez ela nem sequer fosse autorizada a dormir sozinha, para não morrer enquanto dormia. A prima Stickles ou sua mãe insistiriam em dividir seu quarto e sua cama. Sim, sem dúvida elas insistiriam.

Foi este último pensamento que realmente se decidiu. Ela não podia aguentar isso e não queria. Como o relógio no corredor abaixo atingiu doze, Valancy de repente e definitivamente decidiu que ela não contaria a ninguém. Ela sempre foi avisada, desde que se lembrava, que deveria esconder seus sentimentos. "Não é bom uma senhora ter sentimentos", a prima Stickles já lhe havia dito uma vez, desaprovando. Bem, ela os escondia como uma vingança.

Mas embora não tivesse medo da morte, ela não era indiferente a ela. Descobriu que se ressentia; não era justo que tivesse que morrer quando nunca tinha vivido. Rebelião flamejou em sua alma enquanto as horas escuras passavam - não porque ela não tinha futuro, mas porque ela não tinha passado.

"Sou pobre - sou feia - sou um fracasso - e estou perto da morte", pensou. Ela podia ver seu próprio anúncio de obituário no Deerwood Weekly Times, copiado para o Port Lawrence Journal. "Uma profunda tristeza foi lançada sobre Deerwood, etc., etc." - "deixa um grande círculo de amigos para lamentar, etc., etc., etc." - tudo mentiras. Pessimismo, sem dúvida! Ninguém sentiria falta dela. A morte dela não importaria uma palhinha para ninguém. Nem mesmo sua mãe a amava - a mãe que estava tão decepcionada que ela não era um menino - ou pelo menos, uma menina bonita.

Valancy reviu toda sua vida entre a meia-noite e a madrugada da primavera. Era uma existência muito seca, mas aqui e ali, um incidente se desenrolou com um significado fora de qualquer proporção à sua real importância. Esses incidentes eram todos desagradáveis de uma forma ou de outra. Nada realmente agradável tinha acontecido com Valancy.

"Eu nunca tive uma hora totalmente feliz em minha vida - nenhuma", pensou ela. "Eu tenho sido apenas uma incolor não-entidade. Lembro-me de ler em algum lugar uma vez que há uma hora em que uma mulher poderia ser feliz a vida inteira se ela não conseguisse encontrá-la. Eu nunca encontrei a minha hora - nunca, nunca. E eu nunca vou encontrar agora. Se eu pudesse ter tido essa hora, eu estaria disposta a morrer".

Aqueles incidentes significantes continuaram a se enrolar em sua mente como fantasmas não-proibidos, sem nenhuma sequência de tempo ou lugar. Por exemplo, aquela vez em que, aos dezesseis anos, ela tinha azulado demais uma banheira cheia de roupas. E a época em que, aos oito anos, ela tinha "roubado" um doce de framboesa da despensa da tia Wellington. Valancy nunca deixou de ouvir sobre o último desses dois delitos. Em quase todas as reuniões de clã, eles foram atacados por ela como piadas. O tio Benjamin quase nunca deixou de contar o incidente da geleia de framboesa - ele foi quem a pegou, o rosto dela todo manchado e estriado.

"Eu realmente fiz tão poucas coisas ruins que eles têm que continuar a falar das mesmas coisas", pensou Valancy. "Ora, eu nunca tive sequer uma briga com ninguém. Eu não tenho um inimigo. Que coisa sem graça eu devo ser para não ter nem mesmo um inimigo".

Houve aquele incidente da pilha de pó na escola quando ela tinha sete anos. Valancy sempre o lembrava quando o Dr. Stalling se referia ao texto: "Àquele que tem será dado, e daquele que não tem será tirado até o que tem". Outras pessoas podem confundir esse texto, mas ele nunca confundiu Valancy. Toda a relação entre

ela e Olive, datada do dia da pilha de pó, foi um comentário sobre ele.

Ela estava indo para a escola há um ano, mas Olive, que era um ano mais nova, tinha acabado de começar e tinha sobre ela todo o glamour de "uma nova garota" e uma garota extremamente bonita. Foi no recesso e todas as garotas, grandes e pequenas, estavam na estrada em frente à escola fazendo pilhas de pó. O objetivo de cada menina era ter a maior pilha de pó. Valancy era boa em fazer pilhas de pó - havia uma arte nelas - e ela tinha esperanças secretas de liderar. Mas Olive, trabalhando sozinha, foi subitamente descoberta a ter uma pilha de pó maior do que qualquer outra pessoa. Valancy não sentiu ciúmes. O seu monte de pó era bem grande o suficiente para agradá-la. Então uma das garotas mais velhas teve uma inspiração.

"Vamos colocar todo o nosso pó na pilha de Olive e fazer uma tremenda", exclamou ela.

Um frenesi parecia agarrar as garotas. Elas caíram sobre a pilha de pó com baldes e pás e em poucos segundos a pilha de Olive era uma verdadeira pirâmide. Em vão Valancy, com os braços esguios e esticados, tentou proteger os dela. Ela foi implacavelmente varrida para o lado, o seu monte de pó foi recolhido e derramado sobre o de Olive. Valancy se afastou resolutamente e começou a construir outro espigão de pó. Mais uma vez uma garota maior derramou sobre ela. Valancy ficou diante dela, corada, indignada, com os braços estendidos.

"Não aceite", ela suplicou. "Por favor, não a leve".

"Mas por quê?" exigiu a garota mais velha. "Por que você não vai ajudar a construir pilhas maiores?"

"Eu quero minha própria pilha de pó", disse Valancy com piedade.

O pedido dela foi desatendido. Enquanto ela discutia com uma garota, a outra desfez o seu espigão de pó. Valancy virou costas, seu coração inchado, seus olhos cheios de lágrimas.

"Ciúmes... você está com ciúmes!" disseram as garotas zombando.

"Você foi muito egoísta", disse a mãe dela friamente, quando Valancy lhe contou sobre isso à noite. Essa foi a primeira e última vez que Valancy levou algum de seus problemas para sua mãe.

Valancy não era ciumenta nem egoísta. Era só que ela queria um monte de pó próprio - pequeno ou grande não importava. Uma equipe de cavalos desceu a rua - a pilha de pó da vida estava espalhada pela estrada - o sino tocava - as garotas tropeçaram na escola e haviam esquecido todo o caso antes de chegarem aos seus assentos. Valancy nunca esqueceu. Até hoje ela se ressentiu com isso em sua alma secreta. Mas não era um símbolo de sua vida?

"Eu nunca fui capaz de ter o meu próprio monte de pó", pensou Valancy.

A enorme lua vermelha que ela tinha visto nascer bem no final da rua, numa noite de outono de seu sexto ano. Ela tinha se sentido doente e fria com o horror dessa imagem. Tão perto dela. Tão grande. Ela tinha corrido tremendo para sua mãe e sua mãe tinha rido dela. Ela tinha ido para a cama e escondido o rosto debaixo da roupa, aterrorizada, para não olhar para a janela e ver aquela lua horrível brilhando para ela através dela.

O menino que tentou beijá-la em uma festa quando ela tinha quinze anos. Ela não o tinha deixado - ela o tinha evadido e fugido. Ele era o único garoto que já havia tentado beijá-la. Agora, quatorze anos depois, Valancy se viu desejando que ela o tivesse deixado.

O tempo que ela tinha sido feita para pedir desculpas a Olive por algo que ela não tinha feito. Olive tinha dito que Valancy a tinha

empurrado para a lama e estragado seus novos sapatos de propósito. Valancy sabia que ela não o tinha feito. Tinha sido um acidente - e até mesmo isso não foi culpa dela - mas ninguém acreditaria. Ela tinha que pedir desculpas - e beijar Olive para "fazer as pazes". A injustiça disso ardeu em sua alma esta noite.

Naquele verão, quando Olive tinha o chapéu mais bonito, aparado com rede amarela cremosa, com uma coroa de rosas vermelhas e pequenos laços de fita sob o queixo. Valancy queria um chapéu assim mais do que nunca. Ela suplicou por um e tinha sido riscada em todo o verão, ela tinha que usar um marinheiro marrom horrível com elástico que cortava atrás das orelhas. Nenhuma das garotas andava com ela, porque ela era tão mal humorada - ninguém além de Olive. As pessoas tinham achado Olive tão doce e altruísta.

"Eu era um excelente papel de alumínio para ela", pensou Valancy. "Mesmo assim ela sabia disso".

Valancy tinha tentado ganhar um prêmio por frequentar a Escola Dominical uma vez. Mas Olive o ganhou. Havia tantos domingos que Valancy tinha que ficar em casa porque tinha resfriados.

A noite que passou em Port Lawrence com a tia Isabel quando ela tinha dez anos. Byron Stirling estava lá; de Montreal, doze anos de idade, convencido, inteligente. Nas orações familiares, pela manhã, Byron tinha atravessado e dado ao braço fino de Valancy uma pitada tão selvagem que ela gritou de dor. Após as orações, ela foi convocada para a barra de julgamento da tia Isabel. Mas quando ela disse que Byron a tinha beliscado o menino negou. Ele disse que ela gritou porque o gatinho a arranhou. Ele disse que ela tinha colocado o gatinho em sua cadeira e estava brincando com ele quando ela deveria estar ouvindo a oração do tio David. Acreditava-se nele. No clã Stirling os meninos sempre foram acreditados antes das meninas. Valancy foi mandada para casa em desgraça por causa de seu mau comportamento excessivo durante as orações familiares e ela não foi convidada novamente para a casa da tia Isabel por muitas luas.

Na época em que a prima Betty Stirling iria se casar, de alguma forma Valancy soube que Betty ia pedir para ela ser uma de suas damas de honra. Valancy ficou secretamente feliz. Seria uma coisa encantadora ser uma dama de honra. E é claro que ela teria que ter um vestido novo para isso - um vestido bem novo - um vestido rosa. Betty queria que suas damas de honra se vestissem de rosa.

Mas Betty nunca lhe havia pedido, afinal de contas. Valancy não podia adivinhar o porquê, mas muito tempo depois de suas lágrimas secretas de desapontamento terem sido secas Olive contou a ela. Betty, após muita consulta e reflexão, havia decidido que Valancy era muito insignificante - ela "estragaria o efeito". Isso foi há nove anos. Mas hoje à noite, Valancy recuperou o fôlego com a velha dor e a picada.

Em seu décimo primeiro ano, quando sua mãe a havia maltratado para confessar algo que ela nunca havia feito, Valancy havia negado por muito tempo, mas eventualmente por paz, ela havia cedido e se declarado culpada. A Sra. Frederick estava sempre fazendo as pessoas mentirem, empurrando-as para situações em que elas tinham que mentir. Então sua mãe tinha feito ela se ajoelhar no chão da sala, entre ela e a prima Stickles, e dizer: "Ó Deus, por favor, me perdoe por não falar a verdade". Valancy tinha dito, mas ao levantar-se de joelhos murmurou: "Mas, ó Deus, você sabe que eu falei a verdade". Valancy não tinha ouvido falar de Galileu, mas o destino dela era semelhante ao dele. Ela foi punida tão severamente como se ela não tivesse confessado e rezado.

No inverno, ela foi para a escola de dança. O tio James havia decretado que ela deveria ir e havia pago pelas aulas. Como ela estava ansiosa por isso! E como tinha odiado isso! Nunca tinha tido um parceiro voluntário. A professora sempre tinha que dizer a algum garoto para dançar com ela, e geralmente ele estava amuado com isso. Mas Valancy era uma boa dançarina, tão leve nos pés como um cardo. Olive, a quem nunca faltaram parceiros ansiosos, era pesada.

O caso dos botões, quando ela tinha dez anos. Todas as garotas da escola tinham lindos botões. Olive tinha um cordão muito longo, com muitos botões bonitos. Valancy tinha um. A maioria dos botões nele era muito comum, mas ela tinha seis belezas que tinham saído do vestido de noiva da avó Stirling - botões de ouro e vidro, muito mais bonitos do que qualquer Olive tinha. A sua posse conferia uma certa distinção a Valancy. Ela sabia que toda garotinha da escola a invejava pela posse exclusiva daqueles lindos botões. Quando Olive os viu no cordão, ela os olhou de perto, mas não disse nada, então. No dia seguinte, a tia Wellington tinha vindo à Elm Street e disse à Sra. Frederick que achava que Olive deveria ter alguns daqueles botões - a avó Stirling era tão mãe de Wellington quanto a de Frederick. A Sra. Frederick tinha concordado amigavelmente. Ela não podia se dar ao luxo de cair com a tia Wellington. Além disso, o assunto não tinha importância alguma. A tia Wellington carregou quatro dos botões, deixando generosamente dois para Valancy. Valancy havia arrancado estes de seu cordão e os jogou no chão - ela ainda não havia aprendido que não era nada feminino ter sentimentos - e havia sido mandada para a cama sem jantar.

A noite da festa de Margaret Blunt. Ela tinha feito um esforço tão patético para ser bonita naquela noite. Rob Walker deveria estar lá; e duas noites antes, na varanda iluminada pela lua do chalé do tio Herbert no Mistawis, Rob parecia realmente atraído por ela. Na festa da Margaret, Rob não a convidou para dançar - nem sequer a notou. Ela era uma flor de parede, como sempre. Isso, é claro, foi há anos. As pessoas em Deerwood já haviam desistido há muito tempo de convidar Valancy para dançar. Mas para Valancy sua humilhação e desapontamento foram marcantes. O rosto dela queimava na escuridão enquanto se lembrava, sentada ali, com os seus cabelos lamentavelmente frisados, e as bochechas que havia beliscado durante uma hora antes, num esforço para deixá-los vermelhos. Tudo o que saiu disso foi uma história selvagem de que Valancy Stirling foi assaltada na festa de Margaret Blunt. Naqueles dias em Deerwood isso foi o suficiente para arruinar seu personagem para sempre. Não estragou a de Valancy, nem mesmo a danificou. As

pessoas sabiam que ela não poderia ser rápida se ela tentasse. Elas só riam dela.

"Eu não tive nada além de uma existência de segunda mão", decidiu Valancy. "Todas as grandes emoções da vida passaram por mim. Eu nunca sequer tive uma tristeza. E será que eu já amei alguém de verdade? Será que eu amo mesmo a mãe? Não, eu não amo. Essa é a verdade, seja ela vergonhosa ou não. Eu não a amo... Eu nunca a amei. O que é pior, eu nem gosto dela. Então eu não sei nada sobre nenhum tipo de amor. Minha vida tem sido vazia... vazia. Nada é pior do que o vazio. Nada!" Valancy ejaculou o último "nada" em voz alta, apaixonadamente. Então ela gemeu e parou de pensar em qualquer coisa por um tempo. Um dos seus ataques de dor tinha vindo.

Quando algo havia acontecido com Valancy - talvez o ponto culminante do processo que vinha ocorrendo em sua mente desde que ela havia lido a carta do Dr. Trent. Eram três horas da manhã - a hora mais sábia e amaldiçoada do relógio. Mas às vezes ela nos liberta.

"Eu tenho tentado agradar as outras pessoas a minha vida toda e falhei", disse ela. "Depois disso, eu vou agradar a mim mesma. Eu nunca mais vou fingir nada. Eu respirei uma atmosfera de mentiras e fingimentos e evasões por toda a minha vida. Que luxo será dizer a verdade! Posso não poder fazer muito o que quero, mas não farei outra coisa que não queira. A mãe pode amuar por semanas... Não vou me preocupar com isso. O desespero é um homem livre... o medo é um escravo".

Valancy se levantou e se vestiu, com um aprofundamento dessa curiosa sensação de liberdade. Quando ela terminou de pentear, abriu a janela e jogou o pote de purpurina no lote ao lado.

"Estou farta do cheiro de coisas mortas", disse Valancy.

CAPÍTULO IX

O casamento de prata do tio Herbert e da tia Alberta foi delicadamente referido entre os Stirlings durante as semanas seguintes como "a primeira vez que notamos que a pobre Valancy foi... um pouco... você entendeu?"

Não por palavras nenhum dos Stirlings teria dito no início que Valancy tinha enlouquecido suavemente ou mesmo que sua mente estava levemente perturbada. O tio Benjamin foi considerado como tendo ido longe demais quando gritou, "Ela está maluca... Eu te digo, ela está maluca", e só foi desculpada por causa do ultraje da conduta de Valancy no mencionado jantar de casamento.

Mas a Sra. Frederick e a prima Stickles haviam notado algumas coisas que as deixaram desconfortáveis antes do jantar. Tinha começado com o roseiral, é claro; e Valancy nunca mais estava realmente "muito certa da cabeça". Ela não parecia se preocupar nem um pouco com o fato de que sua mãe não estava falando com ela. Nunca se supõe que ela tenha notado isso de todo. Ela havia se recusado terminantemente a tomar os comprimidos Purple Pills ou Redfern's Bitters. Ela havia anunciado friamente que não pretendia mais responder ao nome de "Doss". Ela havia dito à prima Stickles que desejava desistir de usar aquele broche com o cabelo da prima Artemas Stickles. Ela havia mudado sua cama no quarto para o canto oposto. Tinha lido Magia das Asas na tarde de domingo. Quando a prima Stickles a repreendeu, Valancy disse indiferentemente: "Oh, eu esqueci que era domingo" - e continuou a ler.

A prima Stickles tinha visto uma coisa terrível - ela tinha pegado Valancy deslizando pelo corrimão. A prima Stickles não disse isso à Sra. Frederick - a pobre Amélia já estava preocupada o suficiente. Mas foi o anúncio de Valancy no sábado à noite de que ela não iria

mais à igreja anglicana que quebrou o silêncio pedregoso da Sra. Frederick.

"Não ir mais à igreja! Doss, você absolutamente tirou licença..."

"Oh, eu vou à igreja", disse Valancy amargamente. "Estou indo para a igreja presbiteriana. Mas para a igreja anglicana eu não irei".

Isto foi ainda pior. A Sra. Frederick recorreu às lágrimas, tendo encontrado que a majestade indignada havia deixado de ser efetiva.

"O que você tem contra a igreja anglicana?" ela soluçou.

"Nada, só que você sempre me fez ir lá. Se você me fizesse ir à igreja presbiteriana eu quereria ir à anglicana".

"Isso é uma coisa legal de se dizer para sua mãe? Oh, como é verdade que é mais afiado que um dente de serpente ter um filho ingrato".

"Isso é uma coisa legal de se dizer à sua filha?" disse Valancy não arrependido.

Então o comportamento de Valancy no casamento de prata não foi bem a surpresa para a Sra. Frederick e Christine Stickles como foi para os demais. Elas duvidavam da sabedoria de levá-la, mas concluíram que "haveria conversa" se elas não o fizessem. Talvez ela se comportasse bem, e até agora nenhuma forasteira suspeitava que houvesse algo de estranho nela. Por uma especial misericórdia da Providência, havia chovido torrentes no domingo de manhã, por isso Valancy não havia cumprido sua horrível ameaça de ir à igreja presbiteriana.

Valancy não teria se importado minimamente se eles a tivessem deixado em casa. Estas celebrações familiares foram todas desesperadamente monótonas. Mas os Stirlings sempre celebravam tudo. Era um costume há muito estabelecido. Até a Sra. Frederick fazia um jantar no aniversário de casamento e a prima Stickles tinha

amigos para jantar no seu aniversário. Valancy odiava esses divertimentos porque eles tinham que beliscar, guardar e lutar por semanas depois para pagar por eles. Mas ela queria ir ao casamento de prata. Feriria os sentimentos do tio Herbert se ela ficasse longe, e ela gostava muito do tio Herbert. Além disso, ela queria olhar para todos os seus parentes de seu novo ângulo. Seria um excelente lugar para tornar pública sua declaração de independência, se a ocasião lhe fosse oferecida.

"Vista seu vestido de seda marrom", disse a Sra. Stirling.

Como se houvesse mais alguma coisa para vestir! Valancy tinha apenas um vestido festivo - aquele vestido de seda marrom-rosca que a tia Isabel lhe havia dado. A tia Isabel tinha decretado que Valancy nunca deveria usar cores. Cores não ficavam bem nela. Quando ela era jovem, eles a deixaram usar branco, mas que havia sido tacitamente abandonado por alguns anos. Valancy vestiu a seda marrom. Tinha um colarinho alto e mangas compridas. Ela nunca tinha tido um vestido com pescoço baixo e mangas de cotovelo, apesar de terem sido usadas, mesmo em Deerwood, por mais de um ano. Mas ela não fez o pompom no cabelo. Ela deu um nó no pescoço e puxou-o para fora sobre as orelhas. Achou que se lhe caiu muito bem - só que o nozinho era tão absurdamente pequeno. A Sra. Frederick ressentiu-se com o cabelo, mas decidiu que era mais sensato não dizer nada na véspera da festa. Era tão importante que Valancy deveria ser mantida de bom humor, se possível, até o fim. A Sra. Frederick não refletiu que esta era a primeira vez em sua vida que achava necessário considerar os humores de Valancy. Mas então Valancy nunca havia sido " esquisita " antes.

A caminho do tio Herbert, a Sra. Frederick e a prima Stickles andando na frente, Valancy trotando mansamente por trás delas. Roaring Abel passou por elas. Bêbados como sempre, mas apenas bêbados o suficiente para ser excessivamente educado. Ele levantou seu velho chapéu com o ar de um monarca saudando seus súditos e os varreu para um grande arco, a Sra. Frederick e a prima

Stickles não ousaram ignorá-lo. Ele era a única pessoa em Deerwood que podia fazer biscates de carpinteiro e reparos quando precisavam ser feitos, para não ofendê-lo. Mas eles respondiam apenas com o mais duro, o mais leve dos arcos. Roaring Abel deve ser mantido em seu lugar.

Valancy, atrás delas, fez uma coisa que elas felizmente foram poupadas de ver. Ela sorriu alegremente e acenou com a mão para Roaring Abel. Por que não? Ela sempre gostou do velho pecador. Ele era um reprovador tão alegre, pitoresco, sem vergonha e se destacava contra a respeitabilidade draconiana de Deerwood e seus costumes como uma bandeira vermelha flamejante de revolta e protesto. Há apenas algumas noites, Abel havia passado por Deerwood na casa da mãe, gritando juramentos no alto de sua voz retumbante, que podia ser ouvida por quilômetros, e chicoteando seu cavalo em um galope furioso enquanto ele rasgava ao longo da Rua Elm, propriamente dita.

"Gritando e blasfemando como um demônio", estremeceu a prima Stickles na mesa de café da manhã.

"Não consigo entender porque o julgamento do Senhor não caiu sobre aquele homem por muito tempo", disse a Sra. Frederick petulosamente, como se ela achasse que a Providência era muito dilatória e deveria ter um lembrete gentil.

"Ele será pego morto alguma manhã - ele cairá debaixo dos cascos do cavalo e será pisoteado até a morte", disse a prima Stickles tranquilamente.

Valancy não tinha dito nada, é claro; mas ela se perguntou se a farra periódica de Roaring Abel não seria seu protesto fútil contra a pobreza, a bebedeira e a monotonia de sua existência. Ela foi para a farra dos sonhos em seu Castelo Azul. Roaring Abel, não tendo imaginação, não poderia fazer isso. As suas fugas da realidade tinham que ser concretas. Então ela acenou para ele dessa vez com um sentimento repentino, e Roaring Abel, não muito bêbado para se espantar, quase caiu de seu assento em seu espanto.

Nessa altura já tinham chegado à Avenida Maple e à casa do tio Herbert, uma estrutura grande e pretensiosa salpicada de janelas sem sentido e pórticos excrescentes. Uma casa que sempre pareceu um homem estúpido, próspero, auto satisfeito, com verrugas no rosto.

"Uma casa assim", disse Valancy solenemente, "é uma blasfêmia".

A Sra. Frederick foi abalada em sua alma. O que Valancy tinha dito? Foi profano? Ou apenas bizarro? A Sra. Frederick tirou seu chapéu no quarto de hóspedes da tia Alberta com as mãos trêmulas. Ela fez mais uma tentativa fraca de evitar o desastre. Ela segurou Valancy no pouso enquanto a prima Stickles descia as escadas.

"Você não vai tentar lembrar que você é uma senhora?" ela suplicou.

"Oh, se houvesse apenas alguma esperança de poder esquecer!" disse Valancy cansadamente.

A Sra. Frederick sentiu que não tinha merecido isso de Providência.

CAPÍTULO X

"Abençoa este alimento ao nosso uso e consagra nossas vidas ao Teu serviço", disse o tio Herbert vivamente.

A tia Wellington franziu as sobrancelhas. Ela sempre considerou as graças de Herbert inteiramente curtas demais. Uma graça, para ser uma graça aos olhos da tia Wellington, tinha que ter pelo menos três minutos de duração e ser pronunciada num tom inato, entre um gemido e um cântico. Como protesto, ela manteve a cabeça inclinada um tempo perceptível depois de todo o resto dos convidados sentarem-se. Quando ela se permitiu sentar, encontrou Valancy olhando para ela. Depois disso, a tia Wellington se preveniu de que ela sabia desde aquele momento que havia algo errado com Valancy. Naqueles olhos estranhos e inclinados dela - "nós sempre deveríamos saber que ela não estava inteiramente certa com olhos assim" - havia um brilho estranho de zombaria e diversão - como se Valancy estivesse rindo dela. Tal coisa era impensável, é claro. A tia Wellington deixou imediatamente de pensar nisso.

Valancy estava se divertindo. Ela nunca havia se divertido em uma "reunião de família" antes. Em funções sociais, como em jogos infantis, ela só tinha "preenchido". Seu clã sempre a havia considerado muito monótona. Ela não tinha truques de salão. E tinha o hábito de se refugiar do tédio das festas familiares em seu Castelo Azul, o que resultava em uma ausência de espírito que aumentava sua reputação de monotonia e vacuidade.

"Ela não tem nenhuma presença social", a tia Wellington havia decretado de uma vez por todas. Ninguém sonhava que Valancy era burra na presença deles apenas porque ela tinha medo deles. Agora ela não tinha mais medo deles. As grilhetas haviam sido tiradas da alma dela. Ela estava bem preparada para falar, se a ocasião lhe fosse oferecida. Enquanto isso, estava se dando tanta liberdade de pensamento como nunca ousara tomar antes. Se deixou levar por

uma exultação interior e selvagem, enquanto o tio Herbert trinchava o peru. O tio Herbert deu a Valancy um segundo olhar naquele dia. Sendo um homem, ele não sabia o que ela tinha feito com o cabelo dela, mas ele pensou surpreendentemente que Doss não era uma garota tão mal parecida, afinal; e ele colocou um pedaço extra de carne branca no prato dela.

"Que erva é mais prejudicial para a beleza de uma jovem?", propôs o tio Benjamin para iniciar a conversa - "soltando um pouco as coisas", como ele teria dito.

Valancy, cujo dever era dizer: "O quê?" não o disse. Ninguém mais o disse, então o tio Benjamin, após uma pausa expectante, teve que responder, "Tomilho", e sentiu que seu enigma havia caído por terra. Ele olhou ressentido para Valancy, que nunca havia falhado com ele antes, mas Valancy parecia nem estar ciente dele. Ela olhava em volta da mesa, examinando incessantemente cada um nessa assembleia deprimente de pessoas sensatas e observando seus pequenos esguichos com um sorriso desprendido e divertido.

Eram estas as pessoas que ela sempre tinha tido em reverência e medo. Ela parecia vê-las com novos olhos.

Tia Mildred, grande, capaz, paternalista e volúvel, que se achava a mulher mais inteligente do clã. E ela sempre poderia lhe dizer a melhor maneira de fazer tudo, desde cozinhar cogumelos até pegar uma cobra? Que chata ela era! Que toupeiras feias que ela tinha no rosto!

A prima Gladys, que estava sempre elogiando seu filho, que tinha morrido jovem, e sempre brigando com o filho vivo. Ela tinha neurite - ou o que ela chamava de neurite. Ela saltava de uma parte do corpo para outra. Era uma coisa conveniente. Se alguém queria que ela fosse a algum lugar que ela não quisesse ir, ela tinha neurite nas pernas. E sempre que fosse necessário algum esforço mental, ela poderia ter neurite na cabeça. Você não pode pensar com neurite na sua cabeça, minha querida.

"Que velha charlatanice você é!" pensou Valancy impiedosamente.

Tia Isabel. Valancy contou os queixos dela. A tia Isabel era a crítica do clã. Ela sempre foi de esmagar as pessoas. Mais membros do clã do que Valancy tinham medo dela. Ela tinha, era concedida, uma língua que mordia.

"Eu me pergunto o que aconteceria com seu rosto se você alguma vez sorrisse", especulava Valancy, sem corar.

A prima Sarah Taylor, em segundo grau, com seus olhos grandes, pálidos e sem expressão, que se notava pela variedade de suas receitas de picles e por nada mais. Com tanto medo de dizer algo indiscreto que ela nunca disse nada que valesse a pena ouvir. Tão próprio que corou ao ver a foto publicitária de um espartilho.

A pequena prima Georgiana. Não é uma almazinha tão ruim assim. Mas monótona... muito. Sempre parecendo como se tivesse acabado de ser engomada. Sempre com medo de se deixar ir. A única coisa que ela realmente gostou foi de um funeral. Sabia onde estava com um cadáver. Nada mais poderia acontecer com ele. Mas enquanto havia vida, havia medo.

Tio James. Bonito, negro, com sua boca sarcástica, tipo armadilha e queimaduras laterais cinza-ferro, cujo divertimento favorito era escrever cartas polêmicas para o Christian Times, atacando o Modernismo. Valancy sempre se perguntava se ele parecia tão solene quando dormia quanto quando estava acordado. Não é de se admirar que sua esposa tivesse morrido jovem. Valancy se lembrava dela. Uma coisa bonita, sensível. Tio James havia negado a ela tudo o que ela queria e tomou dela tudo o que ela não queria. Ele a tinha matado... legalmente. Ela tinha sido sufocada e morta de fome.

Tio Benjamin, sibilante, bocado de bocado. Com grandes bolsas sob os olhos que não tinham nada em reverência.

Tio Wellington. Rosto comprido e pálido, cabelos finos e amarelo-pálidos... "um dos belos Stirlings"... corpo fino e inclinado, testa abominavelmente alta com rugas tão feias, e "olhos tão inteligentes quanto os de um peixe", pensou Valancy. "Parece um desenho animado de si mesmo".

Tia Wellington. Chamada Maria, mas chamada pelo nome do marido para distingui-la da tia-avó Maria. Uma dama maciça, digna e permanente. Esplendidamente arranjada, cabelos grisalhos de ferro. Rico, vestido com contas na moda. Tinha suas toupeiras removidas por eletrólise - o que a tia Mildred pensava ser uma perversa evasão aos propósitos de Deus.

Tio Herbert, com seus cabelos grisalhos e espetados. A tia Alberta, que torcia a boca de forma tão desagradável e tinha uma grande reputação de altruísmo porque estava sempre desistindo de muitas coisas que ela não queria. Valancy as deixava escapar facilmente em seu julgamento porque gostava delas, mesmo que estivessem na frase expressiva de Milton, "estupidamente boas". Mas ela se perguntava por que razão a tia Alberta havia achado melhor amarrar uma fita de veludo preto em cada um de seus braços gordinhos acima do cotovelo.

Então ela olhou para a Olive do outro lado da mesa. Olive, que tinha sido segurada por ela como um modelo de beleza, comportamento e sucesso, desde que ela se lembrasse. "Por que você não consegue ter a postura da Olive, Doss? Por que você não consegue se segurar corretamente como Olive, Doss? Por que você não consegue falar bonito como Olive, Doss? Por que você não consegue fazer um esforço, Doss?"

Os olhos de duende de Valancy perderam o brilho zombeteiro e se tornaram pensativos e tristes. Você não podia ignorar ou desdenhar Olive. Era bem impossível negar que ela era bonita e eficaz e às vezes era um pouco inteligente. Sua boca podia ser um pouco pesada - ela podia mostrar seus dentes finos, brancos e regulares quando sorria. Mas quando tudo foi dito e feito, Olive

justificou o resumo do tio Benjamin - "uma garota deslumbrante". Sim, Valancy concordou em seu coração, Olive era deslumbrante.

Cabelos ricos, dourados e marrons, elaborados; olhos azuis grandes e brilhantes e grossas pestanas de seda; rosto de rosa e pescoço nu de neve, subindo acima de seu vestido; grandes bolhas de pérola em suas orelhas; a chama de diamante branco-azul em seu longo e liso dedo de cera com sua unha rosada e pontiaguda. Braços de mármore, brilhando através de chiffon verde e renda de sombra. Valancy agradeceu de repente que seus próprios braços escanzelados foram decentemente embrulhados em seda marrom. Então ela retomou o seu apuramento dos encantos de Olive.

Alta. Confidente. Tudo o que Valancy não era. Covinhas, também, nas bochechas e no queixo. "Uma mulher com covinhas sempre consegue o seu próprio caminho", pensou Valancy, num espasmo recorrente de amargura ao destino que lhe havia negado até mesmo uma covinha.

Olive era apenas um ano mais nova que Valancy, embora um estranho pensasse que havia pelo menos dez anos entre elas. Mas ninguém jamais temeu a sua virtude. Olive tinha sido cercada por uma multidão de namorados ansiosos desde sua adolescência, assim como seu espelho estava sempre cercado por uma franja de cartas, fotografias, programas e convites. Aos dezoito anos, quando se formou no Havergal College, Olive havia sido noiva de Will Desmond, um jovem advogado. Will Desmond havia morrido e Olive havia chorado por ele adequadamente por dois anos. Aos vinte e três anos, teve um caso agitado com Donald Jackson. Mas tia e tio Wellington desaprovaram isso e, no final, Olive rompeu o namoro. Ninguém no clã Stirling - não importa o que os forasteiros possam dizer - deu a entender que ela o fez porque o próprio Donald estava se acalmando. Por mais que isso fosse, a terceira aventura de Olive teve a aprovação de todos. Cecil Price era inteligente e bonito e "um dos Port Lawrence Prices". Olive estava comprometida com ele há três anos. Ele tinha acabado de se formar em engenharia civil e eles iriam se casar assim que ele conseguisse um contrato. O peito de

esperança de Olive estava cheio de coisas requintadas e Olive já havia confiado a Valancy qual seria o seu vestido de noiva. Seda de marfim drapeada com rendas, trem branco de cetim, véu de relíquia de família de Bruxelas. Valancy sabia também - embora Olive não lhe tivesse dito - que as damas de honra foram selecionadas e que ela não estava entre elas.

Valancy sempre foi, de certa forma, a confidente de Olive - talvez porque ela fosse a única moça na conexão que não podia aborrecer Olive com confidências de retorno. Olive sempre contava a Valancy todos os detalhes de seus casos amorosos, desde os dias em que os meninos na escola costumavam "persegui-la" com cartas de amor. Valancy não conseguia se confortar pensando nesses assuntos como um mito. Olive realmente os tinha. Muitos homens haviam enlouquecido por causa dela, além dos três afortunados.

"Eu não sei o que os pobres idiotas veem em mim, que os leva a fazer de si mesmos tão duplos idiotas", Olive costumava dizer. Valancy teria gostado de dizer: "Eu também não", mas tanto a verdade quanto a diplomacia a contiveram. Ela sabia, perfeitamente bem. Olive Stirling era uma das garotas sobre quem os homens enlouquecem tão indubitavelmente quanto ela, Valancy, era uma das garotas para quem nenhum homem jamais olhou duas vezes.

"E ainda", pensou Valancy, resumindo-a com uma nova e impiedosa conclusão, "ela é como uma manhã sem orvalho. Falta algo".

CAPÍTULO XI

Enquanto isso, o jantar em seus estágios iniciais estava arrastando sua lenta duração ao longo da forma Stirling. A sala estava fria, apesar do calendário, e a tia Alberta tinha os registros de gás acendidos. Todos no clã a invejavam, exceto Valancy. Gloriosas fogueiras abertas se acendiam em todos os quartos de seu Castelo Azul quando as noites de outono eram frescas, mas ela teria congelado até a morte nele antes de cometer o sacrilégio de um registro de gás. O tio Herbert fez sua piada perene quando ajudou a tia Wellington a comer a carne fria - "Mary, você quer um cordeirinho?". A tia Mildred contou a mesma velha história de uma vez encontrar um anel perdido na colheita de um peru. O tio Benjamin contou seu conto favorito de como ele já perseguiu e puniu um homem agora famoso por roubar maçãs. A prima Jane do segundo grau descreveu todos os seus sofrimentos com um dente ulcerante. A tia Wellington admirava o padrão das colheres de chá de prata da tia Alberta e lamentava o fato de que um de seus próprios jogos havia sido perdido.

"Estragou o conjunto". Eu nunca consegui igualá-lo. E foi meu presente de casamento da querida tia Matilda".

A tia Isabel achava que as estações estavam mudando e não podia imaginar o que tinha sido das nossas boas e antiquadas nascentes. A prima Georgiana, como sempre, discutiu o último funeral e se perguntou, audivelmente, "qual de nós será o próximo a falecer". A prima Georgiana nunca poderia dizer nada tão contundente como "morrer". Valancy pensou que poderia dizer a ela, mas não disse. A prima Gladys, como sempre, teve um desgosto. Seus sobrinhos visitantes tinham arrancado todos os gomos de sua casa - as plantas e cortado sua ninhada de galinhas chiques - "espremeu algumas delas até a morte, minha querida".

"Meninos serão meninos", lembrou o tio Herbert tolerantemente.

"Mas eles não precisam ser animais rudimentares e desmedidos", retorquiu a prima Gladys, olhando em volta da mesa para apreciar sua sagacidade. Todos sorriram, exceto Valancy. A prima Gladys lembrou-se disso. Alguns minutos depois, quando Ellen Hamilton estava sendo discutida, a prima Gladys falou dela como "uma daquelas garotas tímidas e simples que não conseguem arranjar maridos", e olhou de relance para Valancy.

O tio James achou que a conversa estava caindo para um plano bastante baixo de fofoca pessoal. Ele tentou elevá-la iniciando uma discussão abstrata sobre "a maior felicidade". A todos foi pedido que declarassem sua ideia de "a maior felicidade".

A tia Mildred pensava que a maior felicidade - para uma mulher - era ser "uma esposa e mãe amorosa e amada". A tia Wellington pensou que seria viajar para a Europa. Olive pensou que seria ser uma grande cantora como Tetrazzini. A prima Gladys comentou lamentando que sua maior felicidade seria ser livre - absolutamente livre - de neurite. A maior felicidade da prima Georgiana seria "ter seu querido e falecido irmão Richard de volta". A tia Alberta comentou vagamente que a maior felicidade estaria na "poesia da vida" e apressadamente deu algumas orientações à sua empregada para evitar que alguém lhe perguntasse o que ela queria dizer. A Sra. Frederick disse que a maior felicidade era passar sua vida em serviço amoroso aos outros, e a prima Stickles e a tia Isabel concordaram com ela - a tia Isabel com um ar ressentido, como se ela pensasse que a Sra. Frederick tinha tirado o vento de suas velas dizendo isso primeiro. "Somos todos muito propensos", continuou Dona Frederick, determinada a não perder uma oportunidade tão boa, "a viver no egoísmo, na mundanização e no pecado". As outras mulheres se sentiram todas repreendidas por seus baixos ideais, e o tio James tinha a convicção de que a conversa havia sido elevada com uma vingança.

"A maior felicidade", disse Valancy repentina e distintamente, "é espirrar quando se quer".

Todos ficaram olhando fixamente. Ninguém sentiu que era seguro dizer nada. Valancy estava tentando ser engraçado? Foi incrível. A Sra. Frederick, que estava respirando mais facilmente desde que o jantar tinha progredido até agora sem nenhum surto por parte de Valancy começou a tremer de novo. Mas ela considerou que era a parte da prudência não dizer nada. O tio Benjamin não foi tão prudente. Ele correu precipitadamente para onde a Sra. Frederick temia pisar.

"Doss", ele riu, "qual é a diferença entre uma jovem e uma solteirona?".

"Uma é feliz e descuidada e a outra é alegre e sem cabelo", disse Valancy. "Você já perguntou esse enigma pelo menos cinquenta vezes na minha lembrança, tio Ben. Por que você não caça novos enigmas se for preciso? É um erro tão fatal tentar ser engraçado se você não tiver sucesso".

O tio Benjamin olhou tolamente. Nunca em sua vida, Benjamin Stirling, de Stirling e Frost, tinha sido tratado dessa forma. Nem por Valancy, nem por outras pessoas! Ele olhou fraco ao redor da mesa para ver o que os outros pensavam sobre isso. Todo mundo estava com um ar bastante vazio. A pobre Sra. Frederick tinha fechado os olhos. E seus lábios se moviam tremendo - como se ela estivesse orando. Talvez ela estivesse. A situação era tão inédita que ninguém sabia como encontrá-la. Valancy continuou comendo calmamente sua salada como se nada fora do normal tivesse acontecido.

A tia Alberta, para salvar seu jantar, mergulhou num relato de como um cachorro a havia mordido recentemente. O tio James, para apoiá-la, perguntou onde o cachorro a havia mordido.

"Um pouco abaixo da igreja católica", disse a tia Alberta.

Naquele momento Valancy riu. Ninguém mais riu. Do que havia para rir?

"Isso é uma parte vital?" perguntou Valancy.

"O que você quer dizer?" disse desconcertada tia Alberta, e a Sra. Frederick quase foi levada a acreditar que tinha servido a Deus todos os seus anos em vão.

A tia Isabel concluiu que cabia a ela reprimir Valancy.

"Doss, você é horrivelmente magra", disse ela. "Você está em ossos. Você já tentou engordar um pouco?"

"Não." Valancy não estava pedindo 25 centavos ou dando. "Mas posso te dizer onde você vai encontrar um salão de beleza em Port Lawrence onde eles podem reduzir o número de seus queixos".

"Val-an-cy!" O protesto foi tirado da Sra. Frederick. Ela queria dizer que seu tom era majestoso, como sempre, mas soava mais como um lamento implorante. E ela não disse "Doss".

"Ela está febril", disse a prima Stickles ao tio Benjamin em um sussurro agonizante. "Nós pensamos que ela parecia febril por vários dias".

"Ela ficou febril, na minha opinião", rosnou o tio Benjamin. "Se não, ela deveria ser espancada. Sim, espancada".

"Você não pode espancá-la". A prima Stickles estava muito agitada. "Ela tem vinte e nove anos de idade".

"Então há essa vantagem, pelo menos, em ter vinte e nove anos", disse Valancy, cujas orelhas tinham pegado isso de lado.

"Doss", disse o tio Benjamin, "quando eu morrer você pode dizer o que quiser. Enquanto eu estiver vivo, exijo ser tratado com respeito".

"Oh, mas você sabe que estamos todos mortos", disse Valancy, "todo o clã Stirling. Alguns de nós estão enterrados e alguns não estão... ainda. Essa é a única diferença".

"Doss", disse o tio Benjamin, achando que poderia acobardar o Valancy, "você se lembra da vez que roubou a geleia de framboesa?"

Valancy deu descarga em escarlate - com risos reprimidos, não vergonha. Ela tinha certeza que o tio Benjamin arrastaria aquela geleia de alguma forma.

"Claro que sim", disse ela. "Foi uma boa geleia. Eu sempre tive pena de não ter tido tempo de comer mais antes de me encontrarem. Oh, olha o perfil da tia Isabel na parede. Você já viu alguma coisa tão engraçada?"

Todos olharam, inclusive a própria tia Isabel que, é claro, destruiu tudo. Mas o tio Herbert disse gentilmente: "Eu... eu não comeria mais se fosse você, Doss. Não é que eu guardo rancor, mas você não acha que seria melhor para você? Seu... seu estômago parece um pouco fora de ordem".

"Não se preocupe com meu estômago, velha querida", disse Valancy. "Está tudo bem. Eu vou continuar comendo. É tão raro eu ter a chance de uma refeição satisfatória".

Foi a primeira vez que alguém foi chamado de " velha querida" em Deerwood. Os Stirlings pensavam que Valancy tinha inventado a frase e tinham medo dela a partir daquele momento. Havia algo de tão assustador em tal expressão. Mas na opinião da pobre Sra. Frederick a referência a uma refeição satisfatória era a pior coisa que Valancy tinha dito até então. Valancy sempre havia sido uma decepção para ela. Agora ela era uma desgraça. Ela pensou que teria que se levantar e se afastar da mesa. No entanto ela não ousou deixar Valancy lá.

A empregada da tia Alberta entrou para retirar os pratos de salada e trazer a sobremesa. Foi uma diversão bem-vinda. Todos se alegraram com a determinação de ignorar Valancy e falar como se ela não estivesse lá. O tio Wellington mencionou o Barney Snaith. Eventualmente alguém mencionou Barney Snaith em cada função

Stirling, Valancy refletiu. O que quer que ele fosse, ele era um indivíduo que não podia ser ignorado. Ela se resignou a ouvir. Havia um fascínio sutil no assunto para ela, embora ela ainda não tivesse encarado esse fato. Ela podia sentir seus pulsos batendo na ponta de seus dedos.

Claro que eles abusavam dele. Ninguém nunca teve uma boa palavra a dizer sobre Barney Snaith. Todos os velhos e selvagens contos foram investigados - as lendas do falsificador. O tio Wellington ficou muito indignado com o fato de que tal criatura deveria ser permitida a existir no bairro de Deerwood. Ele não sabia no que a polícia de Port Lawrence estava pensando. Todo mundo seria assassinado em suas camas alguma noite. Era uma pena que lhe fosse permitido estar à solta, depois de tudo o que tinha feito.

"O que ele fez?" perguntou Valancy de repente.

O tio Wellington olhou para ela, esquecendo que ela deveria ser ignorada.

"Feito! Pronto! Ele fez tudo".

"O que ele fez?" repetiu Valancy inexoravelmente. "O que você sabe que ele fez? Você está sempre atropelando ele. E o que já foi provado contra ele?"

"Eu não discuto com mulheres", disse o tio Wellington. "E eu não preciso de provas. Quando um homem se esconde em uma ilha em Muskoka, ano após ano, e ninguém pode descobrir de onde ele veio ou como ele vive, ou o que ele faz lá, isso é prova suficiente. Encontre um mistério e você encontra um crime".

"A própria ideia de um homem chamado Snaith!" disse a prima Sarah, em segundo grau. "Ora, o próprio nome é suficiente para condená-lo!"

"Eu não gostaria de conhecê-lo numa pista escura", tremeu a prima Georgiana.

"O que você acha que ele faria com você?" perguntou Valancy.

"Assassinar-me", disse solenemente a prima Georgiana.

"Só por diversão?" sugeriu Valancy.

"Exatamente", disse a prima Georgiana de forma insuspeita. "Quando há tanta fumaça deve haver algum fogo. Tive medo de que ele fosse um criminoso quando chegou aqui primeiro. Eu senti que ele tinha algo a esconder. Não me engano com frequência em minhas intuições".

"Criminoso! Oh claro que ele é um criminoso", disse o tio Wellington. "Ninguém duvida disso" - olhando para o Valancy. "Ora, dizem que ele cumpriu um mandato na penitenciária por desvio de fundos. Eu não duvido disso. E dizem que ele está com aquela quadrilha que está perpetrando todos aqueles assaltos a bancos por todo o país".

"Quem disse?" perguntou Valancy.

O tio Wellington deu um nó na testa. O que tinha acontecido com essa garota confusa, afinal? Ele ignorou a pergunta.

"Ele tem o mesmo ar de um pássaro da cadeia", estalou o tio Benjamin. "Eu notei isso na primeira vez que o vi".

"'Um sujeito marcado pela mão da natureza. Citado e suspirado para fazer um ato de vergonha", decretou Tio James. Ele parecia enormemente satisfeito por finalmente ter conseguido trabalhar aquela citação. Ele tinha esperado a vida toda pela oportunidade.

"Uma de suas sobrancelhas é um arco e a outra é um triângulo", disse Valancy. "É por isso que você o acha tão vilão?"

O tio James levantou as sobrancelhas. Geralmente quando o tio James levantou as sobrancelhas, o mundo chegou ao fim. Desta vez ele continuou a funcionar.

"Como você conhece tão bem as sobrancelhas dele, Doss?" perguntou Olive, de forma maliciosa. Tal comentário teria coberto Valancy de confusão há duas semanas, e Olive sabia disso.

"Sim, como?" exigiu a tia Wellington.

"Eu o vi duas vezes e olhei para ele de perto", disse Valancy de forma composta. "Achei o rosto dele o mais interessante que já vi."

"Não há dúvida de que há algo de suspeito na vida passada da criatura", disse Olive, que começou a pensar que estava decididamente fora da conversa, que havia se centrado tão surpreendentemente em torno de Valancy. "Mas ele dificilmente pode ser culpado de tudo de que é acusado".

Valancy se sentiu incomodada com Olive. Por que ela deveria falar, mesmo nesta defesa qualificada de Barney Snaith? O que ela tinha a ver com ele? O que tinha Valancy a ver com isso? Mas Valancy não se fez essa pergunta.

"Dizem que ele mantém dezenas de gatos naquela barraca de volta ao Mistawis", disse a prima Sarah Taylor, em segundo grau, para não parecer totalmente ignorante sobre ele.

Os gatos. Soava muito sedutor para Valancy, no plural. Ela imaginou uma ilha em Muskoka assombrada por gatos vagabundos.

"Só isso mostra que há algo de errado com ele", decretou a tia Isabel.

"Pessoas que não gostam de gatos", disse Valancy, atacando sua sobremesa com um gosto, "parecem pensar sempre que há alguma virtude peculiar em não gostar deles".

"O homem não tem um amigo, a não ser o tio Wellington Roaring Abel", disse o tio Wellington. "E se Roaring Abel tivesse se afastado dele, como todos os outros, teria sido melhor - para alguns membros de sua família".

A conclusão um pouco lamechas do tio Wellington foi devido a um olhar conjugal da tia Wellington lembrando-o do que ele quase tinha esquecido - que havia garotas na mesa.

"Se você quer dizer", disse Valancy apaixonadamente, "que Barney Snaith é o pai do filho de Cecilia Gay, ele não é. É uma mentira perversa".

Apesar de sua indignação, Valancy se divertiu muito com a expressão dos rostos ao redor daquela mesa festiva. Ela não via nada parecido há 17 anos atrás, quando durante a festa do dedal da prima Gladys, eles descobriram que Valancy tinha pego piolhos na escola.

A pobre Sra. Frederick estava quase em estado de colapso. Ela tinha acreditado - ou fingido acreditar - que Valancy ainda supunha que os bebês nasciam nas hortas de repolhos.

"Silêncio!" implorou a prima Stickles.

"Eu não quero calar", disse Valancy perversamente. "Eu me calei toda a minha vida. Eu grito se eu quiser. Não me faça querer. E pare de dizer besteiras sobre Barney Snaith".

Valancy não entendeu exatamente a sua própria indignação. O que os crimes e delitos imputados a Barney Snaith lhe importavam? E por que, de todos eles, parecia mais intolerável que ele tivesse sido o falso amante da pobre e miserável Cecilia Gay? Pois pareceu-lhe intolerável. Ela não se importava quando o chamavam de ladrão, falsificador e pássaro da cadeia; mas não suportava pensar que ele tivesse amado e arruinado Cecilia Gay. Ela se lembrava do rosto dele nas duas ocasiões de seus encontros fortuitos - seu sorriso retorcido, enigmático e envolvente, seu brilho, seus lábios finos, sensíveis, quase ascéticos, seu ar geral de franco ousadia. Um homem com tal sorriso e lábios pode ter assassinado ou roubado, mas não pode ter traído. De repente odiou a todos que o disseram ou acreditaram nele.

"Quando eu era uma menina, eu nunca pensei ou falei sobre tais assuntos, Doss", disse a tia Wellington, esmagadoramente.

"Mas eu não sou uma garota jovem", retorquiu Valancy, sem triturar. "Você não está sempre esfregando isso em mim? E vocês são todos mal-intencionados, fofoqueiros sem sentido. Você não pode deixar a pobre Cissy Gay sozinha? Ela está morrendo. O que quer que ela tenha feito, Deus ou o Diabo já a puniu o suficiente por isso. Você não precisa tomar uma mão também. Quanto a Barney Snaith, o único crime do qual ele foi culpado é viver para si mesmo e cuidar de seus próprios negócios. Ele pode, ao que parece, se dar bem sem você. O que é um pecado imperdoável, é claro, em sua pequena cabeça". Valancy cunhou essa palavra conclusiva de repente e sentiu que era uma inspiração. Isso era exatamente o que eles eram e nenhum deles estava apto a consertar outro.

"Valancy, seu pobre pai se entregaria em seu túmulo se pudesse ouvi-la", disse a Sra. Frederick.

"Eu ouso dizer que ele gostaria disso, para variar", disse Valancy descaradamente.

"Doss", disse o tio James pesadamente, "os Dez Mandamentos ainda estão bastante atualizados - especialmente o quinto. Você já esqueceu isso?"

"Não", disse Valancy, "mas eu pensei que você tinha... especialmente o nono. Você já pensou, tio James, o quão monótona seria a vida sem os Dez Mandamentos? Só quando as coisas são proibidas é que elas se tornam fascinantes".

Mas a sua excitação tinha sido demais para ela. Ela sabia, por certos avisos inconfundíveis, que um de seus ataques de dor estava chegando. Ela não poderia tê-los ali. Ela se levantou de sua cadeira.

"Vou para casa agora. Eu só vim para o jantar. Estava muito bom, tia Alberta, embora sua salada não seja salgada o suficiente e uma pitada de pimenta a melhorasse".

Nenhum dos convidados do casamento de prata podia pensar em nada para dizer até que o portão do gramado se agarrou atrás de Valancy no crepúsculo. Então...

"Ela está febril... Eu disse logo que estava febril", gemeu a prima Stickles.

O tio Benjamin esfregou sua mão esquerda rechonchuda ferozmente com sua direita rechonchuda.

"Ela está maluca... Eu te digo que ela está maluca", ele bufou com raiva. "Isso é tudo que há sobre isso".

"Oh, Benjamin", disse a prima Georgiana calmamente, "não a condene muito precipitadamente. Devemos lembrar o que o querido velho Shakespeare diz - que a caridade não faz mal".

"Caridade!", praguejou o tio Benjamin. "Nunca na minha vida ouvi uma jovem mulher falar tanto como ela. Falar sobre coisas que ela deveria ter vergonha de pensar, muito menos mencionar. Blasfemando! Insultando-nos!

"Você acha que a papeira poderia prejudicar uma pessoa dessa maneira?", lamentou a prima Stickles.

"Eu abri um guarda-chuva em casa ontem", farejou a prima Georgiana. "Eu sabia que era um infortúnio".

"Você já tentou descobrir se ela tem febre?", perguntou a prima Mildred.

"Ela não deixou Amélia colocar o termômetro debaixo da língua", queixou-se a prima Stickles.

A Sra. Frederick estava abertamente em lágrimas. Todas as suas defesas estavam em baixo.

"Devo lhes dizer", ela chorou, "que Valancy tem agido de forma muito estranha há mais de duas semanas. Ela não tem sido como

ela mesma... A Christine poderia lhe dizer. Eu esperei contra a esperança de que fosse apenas uma das constipações dela. Mas é... deve ser algo pior".

"Isto está trazendo a minha neurite de novo", disse a prima Gladys, colocando a mão na cabeça dela.

"Não chore, Amélia", disse Herbert gentilmente, puxando nervosamente o seu cabelo grisalho espetado. Ele odiava "brigas de família". Muito irrefletido de Doss para começar uma discussão no seu casamento de prata. Quem poderia ter suposto o que ela mantinha dentro dela? "Você vai ter que levá-la a um médico. Isto pode ser apenas uma... mais... uma tempestade de ideias. Existem coisas como 'chuvas de ideias' hoje em dia, não existem?"

"Eu sugeri consultar um médico para ela ontem", gemeu a Sra. Frederick. "E ela disse que não iria a um médico... não iria. Oh, certamente eu já tive problemas suficientes!"

"E ela não vai tomar o Redfern's Bitters", disse a prima Stickles.

"Ou qualquer coisa", disse a Sra. Frederick. "E ela está determinada a ir à igreja presbiteriana", disse a prima Stickles - reprimindo, no entanto, para seu crédito, seja dito, a história do corrimão.

"Isso prova que ela está maluca", rosnou o tio Benjamin. "Eu notei algo estranho nela no minuto em que ela chegou hoje. Eu notei antes de hoje". (Tio Benjamin estava pensando em "m-i-r-a-z-h") "Tudo o que ela disse hoje mostrou uma mente desequilibrada". Essa pergunta: "Era uma parte vital? Havia algum sentido nessa observação? Nenhum sentido! Nunca houve nada parecido com isso nos Stirlings. Deve ser dos Wansbarras".

A pobre Sra. Frederick estava muito esmagada para ficar indignada. "Nunca ouvi falar de nada assim nas Wansbarras", ela soluçou,

"Seu pai era estranho o suficiente", disse o tio Benjamin.

"Pobre papai", admitiu a Sra. Frederick em lágrimas, "mas sua mente nunca foi afetada".

"Ele falou toda a sua vida exatamente como Valancy falou hoje", retorquiu o tio Benjamin. "E ele acreditava que era seu próprio tataravô, nascido de novo. Eu já o ouvi dizer isso. Não me diga que um homem que acreditava em uma coisa como essa alguma vez esteve em seus sentidos certos. Venha, venha, Amélia, pare de farejar. Claro que Doss fez uma péssima exposição de si mesma hoje, mas ela não é responsável. As solteironas estão aptas a voar em uma tangente como essa. Se ela tivesse sido casada quando deveria ter sido, não teria ficado assim".

"Ninguém queria se casar com ela", disse a Sra. Frederick, que sentiu que, de alguma forma, o tio Benjamin estava culpando ela.

"Bem, felizmente não há ninguém de fora aqui", disse o tio Benjamin. "Nós podemos mantê-la na família ainda. Eu a levarei para ver o Dr. Marsh amanhã. Eu sei como lidar com gente de cabeça estragada. Não vai ser melhor, James?"

"Devemos ter conselho médico com certeza", concordou o tio James.

"Bem, isso está resolvido. Enquanto isso, Amélia, aja como se nada tivesse acontecido e fique de olho nela. Não a deixe ficar sozinha. Acima de tudo, não deixe-a dormir sozinha".

Lances de olhares renovados da Sra. Frederick.

"Eu não posso evitar. Anteontem à noite eu sugeri que ela dormisse com Christine. Ela se recusou... e trancou sua porta. Oh, você não sabe como ela mudou. Ela não vai trabalhar. Pelo menos, ela não vai costurar. Ela faz o trabalho doméstico de sempre, é claro. Mas ela não varreu a sala ontem de manhã, embora nós sempre a varramos às quintas-feiras. Ela disse que esperaria até

que estivesse sujo. 'Você preferiria varrer um quarto sujo a um limpo?' eu perguntei a ela. Ela disse: 'É claro. Eu veria algo para o meu trabalho, então'. Pense nisso".

O tio Benjamin pensou nisso.

"O frasco de purpurina" - a prima Stickles o pronunciou como soletrado - "desapareceu do quarto dela. Eu encontrei as peças no próximo lote. Ela não vai nos contar o que aconteceu com ele".

"Eu nunca deveria ter sonhado com a Doss", disse o tio Herbert. "Ela sempre pareceu uma garota tão quieta e sensata. Um pouco retrógrada, mas sensata".

"A única coisa que você pode ter certeza neste mundo é a mesa de multiplicação", disse tio James, sentindo-se mais esperto do que nunca.

"Bem, vamos nos animar", sugeriu o tio Benjamin. "Por que as coristas são como as boas criadoras de gado?"

"Por quê?" perguntou a prima Stickles, já que tinha que ser perguntado e Valancy não estava lá para perguntar.

"Gosta de exibir bezerros", riscou o tio Benjamin.

A prima Stickles achou o tio Benjamin um pouco indelicado. Antes de Olive, também. Mas então, ele era um homem.

Tio Herbert pensava que as coisas estavam um pouco monótonas agora que Doss tinha ido embora.

CAPÍTULO XII

Valancy se apressou para casa durante o crepúsculo azul fraco - apressando demais, talvez. O ataque que ela teve quando felizmente alcançou o abrigo de seu próprio quarto foi o pior até agora. Foi realmente muito ruim. Ela poderia morrer em um desses períodos. Seria horrível morrer com tanta dor. Talvez isso fosse a morte. Valancy sentia-se lamentavelmente só. Quando ela podia pensar em tudo, ela se perguntava como seria ter alguém com ela que pudesse simpatizar - alguém que realmente se importasse - só para segurar a mão dela com força, se não fosse mais nada - alguém só para dizer: "Sim, eu sei. É horrível - seja corajosa - você logo estará melhor;" não uma pessoa apenas agitada e alarmada. Não a mãe dela ou a prima Stickles. Por que o pensamento de Barney Snaith veio à mente dela? Por que ela de repente sentiu, em meio a essa horrível solidão de dor, que ele seria simpático - desculpando-se por qualquer um que estivesse sofrendo? Por que ele parecia para ela como um velho e conhecido amigo? Será porque ela o tinha defendido... enfrentando a sua família por ele?

Ela estava tão mal a princípio que não conseguia sequer tomar uma dose da receita do Dr. Trent. Mas eventualmente ela conseguiu, e logo depois veio o alívio. A dor a deixou e ela se deitou na cama, gasta, exausta, em uma transpiração fria. Oh, isso tinha sido horrível! Ela não podia suportar muitos mais ataques como aquele. Não se importava de morrer se a morte pudesse ser instantânea e indolor. Mas ser magoada assim em morrer!

De repente, ela se viu rindo. Aquele jantar tinha sido divertido. E tudo tinha sido tão simples. Ela tinha apenas dito as coisas que sempre havia pensado. Seus rostos! Tio Benjamin... pobre, aturdido tio Benjamin! Valancy tinha certeza de que ele faria um novo testamento naquela mesma noite. Olive ficaria com a parte de Valancy no seu estoque de gordura. Olive sempre tinha conseguido a parte do Valancy em tudo. Lembre-se do monte de pó.

Rir do seu clã, como ela sempre quis rir, era toda a satisfação que ela podia tirar da vida agora. Mas ela achava que era lamentável que assim fosse. Será que ela não teria um pouco de pena de si mesma, quando ninguém mais tinha?

Valancy se levantou e foi até a janela. O vento úmido e lindo soprando sobre bosques de árvores selvagens de folhas jovens tocou seu rosto com a carícia de uma sábia, terna e velha amiga. Os lombardos no gramado da Sra. Tredgold, à esquerda - Valancy podia apenas vê-los entre o estábulo e a velha oficina - estavam em silhueta púrpura escura contra um céu claro e havia uma estrela branca de leite, pulsante sobre um deles, como uma pérola viva em um lago verde-prateado. Muito além da estação estavam os bosques sombrios e púrpura ao redor do Lago Mistawis. Uma névoa branca e filmada pairava sobre eles e logo acima estava uma tênue e jovem lua crescente. Valancy olhou para ela sobre seu fino ombro esquerdo.

"Quem me dera", disse ela caprichosamente, "que eu pudesse ter um pequeno monte de pó antes de morrer".

CAPÍTULO XIII

O tio Benjamin descobriu que tinha contado erroneamente com sua anfitriã quando prometeu levar Valancy a um médico. Valancy não quis ir. Valancy riu na cara dele.

"Por que diabos eu deveria ir ao Dr. Marsh? Não há nada na minha mente. Embora todos vocês pensem que eu enlouqueci de repente. Bem, eu não enlouqueci. Simplesmente fiquei cansado de viver para agradar as outras pessoas e decidi agradar a mim mesma. Isso vai te dar algo para falar além de eu roubar a geleia de framboesa. Então é isso".

"Doss", disse o tio Benjamin, solene e desamparado, "você não é mais... como você mesmo".

"Quem eu sou, então?" perguntou Valancy.

O tio Benjamin estava bem posado.

"Seu avô Wansbarra", ele respondeu desesperadamente.

"Obrigado." Valancy parecia satisfeita. "Isso é um verdadeiro elogio. Eu me lembro do vovô Wansbarra. Ele era um dos poucos seres humanos que eu conheci, quase o único. Agora, não adianta repreender, implorar ou comandar, tio Benjamin - ou trocar olhares angustiados com a mãe e a prima Stickles. Eu não vou a nenhum médico. E se você trouxer algum médico aqui, eu não vou vê-lo. Então o que você vai fazer sobre isso"?

O que de fato! Não era aparentemente - ou mesmo possível - ajudar Valancy a visitar os médicos pela força física. E de nenhuma outra forma isso poderia ser feito, aparentemente. As lágrimas de sua mãe e as súplicas implorantes não valeram nada.

"Não se preocupe, mãe", disse Valancy, com leveza, mas com muito respeito. "Não é provável que eu faça algo muito terrível. Mas eu quero me divertir um pouco".

"Diversão!" A Sra. Frederick proferiu a palavra como se Valancy tivesse dito que ia ter um pouco de tuberculose.

Olive, enviada por sua mãe para ver se ela tinha alguma influência sobre Valancy, saiu com as bochechas coradas e os olhos furiosos. Ela disse a sua mãe que nada poderia ser feito com Valancy. Depois que ela, Olive, falou com Valancy como uma irmã, terna e sabiamente, tudo o que Valancy disse, estreitando seus olhos engraçados a meros deslizes, foi: "Eu não mostro minhas gengivas quando eu rio".

"Mais como se ela estivesse falando sozinha do que comigo. Na verdade, mãe, todo o tempo que eu falava, ela me dava a impressão de não ouvir de verdade. E isso não era tudo. Quando finalmente decidi que o que eu estava dizendo não tinha influência sobre ela, implorei-lhe, quando Cecil veio na próxima semana, para não dizer nada de estranho diante dele, pelo menos. Mãe, o que você acha que ela disse"?

"Tenho certeza que não consigo imaginar", gemeu a tia Wellington, preparada para tudo.

"Ela disse: 'Eu prefiro chocar o Cecil. A boca dele é vermelha demais para um homem'. Mãe, eu nunca mais poderei perdoar a Valancy".

"A mente dela está afetada, Olive", disse a tia Wellington solenemente. "Você não deve segurar a responsabilidade dela pelo que diz".

Quando a tia Wellington disse à Sra. Frederick o que Valancy tinha dito a Olive, a Sra. Frederick queria que Valancy se desculpasse.

"Você me fez pedir desculpas a Olive quinze anos atrás por algo que eu não fiz", disse Valancy. "Esse velho pedido de desculpas servirá por enquanto".

Outro solene conclave familiar foi realizado. Estavam todos lá, exceto a prima Gladys, que sofria tais torturas de neurite na cabeça "desde que o pobre Doss ficou esquisita", que ela não podia assumir nenhuma responsabilidade. Eles decidiram - isto é, aceitaram um fato que lhes foi empurrado na cara - que o mais sábio era deixar Valancy sozinha por um tempo - "dar-lhe a confiança" como o tio Benjamin expressou - "ficar de olho nela, mas não deixá-la praticamente sozinha". O termo "espera vigilante" não havia sido inventado na época, mas essa era praticamente a política que os parentes distraídos de Valancy decidiram seguir.

"Devemos ser guiados pelos desenvolvimentos", disse o tio Benjamin. "É" - solenemente - mais fácil mexer os ovos que os descascar. É claro - se ela se tornar violenta..."

O tio James consultou o Dr. Ambrose Marsh. O Dr. Ambrose Marsh aprovou a decisão deles. Ele apontou para irritar o tio James - que gostaria de prender a Valancy em algum lugar, fora de controle - que o Valancy ainda não tinha feito ou dito nada que pudesse ser construído como prova de loucura - e sem prova você não pode prender pessoas nesta idade degenerada. Nada que o tio James havia relatado parecia muito alarmante para o Dr. Marsh, que levantou a mão para esconder um sorriso várias vezes. Mas então ele mesmo não era um Stirling. E ele sabia muito pouco sobre a garota Valancy. O tio James perseguiu e voltou para Deerwood, pensando que Ambrose Marsh não era muito médico, afinal, e que Adelaide Stirling poderia ter feito melhor por si mesma.

CAPÍTULO XIV

A vida não pode parar porque a tragédia entra nela. As refeições devem ser preparadas através da morte de um filho e os alpendres devem ser reparados, mesmo que sua única filha esteja enlouquecendo. A Sra. Frederick, à sua maneira sistemática, há muito tempo havia marcado a segunda semana de junho para a reparação do alpendre da frente, cujo teto estava flácido perigosamente. Roaring Abel já havia sido contratado para fazê-lo muitas luas antes e ele apareceu prontamente na manhã do primeiro dia da segunda semana, e iniciou o trabalho. É claro que ele estava bêbado. Roaring Abel nunca estava nada além de bêbado. Mas ele estava apenas na primeira etapa, o que o fez falar e ser genial. O cheiro de uísque em seu hálito quase deixou a Sra. Frederick e a prima Stickles loucas no jantar. Até Valancy, com toda a sua emancipação, não gostou. Mas ela gostava de Abel e gostava da conversa vívida e eloquente dele, e depois de lavar os pratos do jantar ela saiu, sentou-se nos degraus e conversou com ele.

A Sra. Frederick e a prima Stickles acharam um procedimento terrível, mas o que eles poderiam fazer? Valancy só sorriu zombando para elas quando a chamaram, e não obedeceu. Foi tão fácil desafiar outras vezes depois que você começou. O primeiro passo foi o único que realmente contava. Ambos tinham medo de dizer mais alguma coisa a ela para que ela não fizesse uma cena antes de Roaring Abel, que a espalhou por todo o país com seus próprios comentários e exageros característicos. Estava frio demais, apesar do sol de junho, para a Sra. Frederick sentar-se na janela do refeitório e ouvir o que era dito. Ela teve que fechar a janela e Valancy e Roaring Abel tiveram sua conversa com eles mesmos. Mas se a Sra. Frederick soubesse qual seria o resultado dessa conversa, ela a teria impedido, se o alpendre nunca tivesse sido consertado.

Valancy sentou-se nos degraus, desafiando a brisa fria de junho que fez com que a tia Isabel evitasse que as estações estivessem mudando. Ela não se importava se ela se constipava ou não. Era delicioso sentar-se ali naquele mundo frio, bonito e perfumado e sentir-se livre. Ela encheu seus pulmões com o vento limpo e adorável e estendeu seus braços para ele e deixou-o rasgar seus cabelos enquanto ouvia Abel, que lhe contava seus problemas entre intervalos de martelar alegremente a tempo de suas canções escocesas. Valancy gostava de ouvi-lo. Cada golpe do seu martelo se tornou fiel à nota.

O velho Abel, apesar de seus setenta anos, era bonito ainda, de maneira imponente e patriarcal. Sua tremenda barba, caindo sobre sua camisa de flanela azul, ainda era um vermelho flamejante e intocável, embora seu choque de cabelo fosse branco como a neve, e seus olhos eram um azul ardente e jovem. Suas enormes sobrancelhas brancas-avermelhadas eram mais como bigodes do que sobrancelhas. Talvez por isso ele sempre manteve seu lábio superior escrupulosamente raspado. Suas bochechas eram vermelhas e seu nariz deveria ter sido, mas não era. Era um nariz fino, de pé, aquilino, como o mais nobre romano de todos eles poderia ter se alegrado. Abel tinha dois metros e meio nas meias, de ombros largos, com o corpo magro. Em sua juventude ele havia sido um amante famoso, achando todas as mulheres encantadoras demais para se amarrar a uma. Seus anos tinham sido um panorama selvagem e colorido de loucuras e aventuras, fortunas e infortúnios. Tinha quarenta e cinco anos antes de se casar - um belo deslize de uma garota que suas idas e vindas mataram em poucos anos. Abel estava piedosamente bêbado no seu funeral e insistiu em repetir o quinquagésimo quinto capítulo de Isaías - Abel conhecia de coração a maior parte da Bíblia e todos os Salmos - enquanto o ministro, de quem não gostava, orava ou tentava orar. Depois disso, sua casa era dirigida por um primo velho e desarrumado, que cozinhava suas refeições e mantinha as coisas funcionando de acordo com a moda. Neste ambiente pouco promissor, a pequena Cecilia Gay havia crescido.

Valancy tinha conhecido "Cissy Gay" bastante bem na democracia da escola pública, apesar de Cissy ser três anos mais nova do que ela. Depois que deixaram a escola, seus caminhos divergiram e ela não tinha visto nada dela. A velha Abel Gay era uma presbiteriana. Ou seja, ele conseguiu que um pregador presbiteriano se casasse com ele, batizasse seu filho e enterrasse sua esposa; e ele sabia mais sobre a teologia presbiteriana do que a maioria dos ministros, o que fez dele um terror para eles em discussões. Mas Abel nunca foi à igreja. Todo ministro presbiteriano que esteve em Deerwood tinha tentado sua mão - presa - na reforma de Roaring Abel. Mas ele não tinha sido importunado ultimamente. O reverendo Bently esteve em Deerwood por oito anos, mas ele não procurou Roaring Abel desde os primeiros três meses de seu pastorado. Ele havia chamado Roaring Abel então e o encontrou na fase teológica da embriaguez - que sempre seguiu o patético, e precedeu o ruidoso, blasfemo. O eloquentemente orador, no qual ele se deu conta temporária e intensamente como um pecador nas mãos de um Deus irado, era o último. Abel nunca foi além disso. Em geral, adormeceu de joelhos e despertou sóbrio, mas nunca havia estado "morto de embriaguez" em sua vida. Ele disse ao Sr. Bently que ele era um presbiteriano sadio e seguro de sua eleição. Ele não tinha pecados - que ele sabia - de que se arrependesse.

"Você nunca fez nada na sua vida de que se arrependesse?" perguntou o Sr. Bently.

Abel arranhou sua cabeça branca e fingiu refletir.

"Bem, sim", ele disse finalmente. "Havia algumas mulheres que eu poderia ter beijado e não beijei. Sempre me arrependi por isso".

O Sr. Bently saiu e foi para casa.

Abel tinha visto que Cissy tinha sido batizada apropriadamente... ele mesmo estava bêbado ao mesmo tempo. Ele a fez ir à igreja e à Escola Dominical regularmente. O pessoal da igreja a levou e ela era, por sua vez, membro da Banda Missionária, da Girls' Guild e da

Young Women's Missionary Society. Ela era uma obreira fiel, discreta e sincera. Todos gostavam da Cissy Gay e sentiam pena dela. Ela era tão modesta, sensível e bonita naquela delicada e esquiva forma de beleza que se desvanece tão rapidamente se a vida não for mantida nela pelo amor e ternura. Mas então o gosto e a piedade não impediram que ela se desfizesse em pedaços como gatos famintos, quando a catástrofe chegou. Quatro anos antes, Cissy Gay tinha ido trabalhar para um hotel em Muskoka como garçonete de verão. E quando ela voltou no outono, ela era uma criatura mudada. Ela se escondeu e não foi a lugar nenhum. A razão logo vazou e o escândalo se espalhou. Naquele inverno nasceu o bebê da Cissy. Ninguém nunca soube quem era o pai. Cecilia manteve seus pobres lábios pálidos bem fechados em seu triste segredo. Ninguém ousou fazer perguntas ao Roaring Abel sobre isso. Rumores e suposições colocaram a culpa na porta de Barney Snaith porque uma investigação diligente entre as outras empregadas do hotel revelou o fato de que nunca ninguém lá tinha visto Cissy Gay "com um companheiro.

O bebê tinha vivido por um ano. Depois de sua morte, Cissy desapareceu. Dois anos atrás o Dr. Marsh tinha dado a ela apenas seis meses de vida - seus pulmões estavam irremediavelmente doentes. Mas ela ainda estava viva. Ninguém foi vê-la. As mulheres não iam à casa de Abel. Sr. Bently tinha ido uma vez, quando sabia que Abel estava fora, mas a horrível criatura velha que estava esfregando o chão da cozinha lhe disse que Cissy não veria ninguém. O velho primo tinha morrido e Roaring Abel tinha tido duas ou três desonestas donas de casa - a única que podia prevalecer para ir a uma casa onde uma garota morria pela doença. Mas a última tinha partido e Roaring Abel não tinha agora ninguém para olhar pela Cissy e "fazer" por ele. Este era o fardo de sua conversa com Valancy e ele condenou os "hipócritas" de Deerwood e suas comunidades vizinhas com alguns juramentos ricos e carnudos que chegaram aos ouvidos da prima Stickles quando ela passou pelo corredor e quase acabou com a pobre senhora. Valancy estava ouvindo isso?

Valancy mal percebeu a profanidade. Sua atenção estava focada no pensamento horrível da pobre, infeliz, desgraçada pequena Cissy Gay, doente e indefesa naquela velha casa abandonada na estrada do Mistawis, sem uma alma para ajudá-la ou confortá-la. E isto em uma comunidade nominalmente cristã no ano de graça de dezenove anos e algumas estranhas!

"Você quer dizer que Cissy está sozinha lá agora, sem ninguém para fazer nada por ela - ninguém?"

"Oh, ela pode se mexer um pouco e dar uma mordida e cear quando ela quiser. Mas ela não pode trabalhar. É difícil para um homem trabalhar duro o dia todo e ir para casa à noite cansado e faminto e cozinhar suas próprias refeições. Às vezes eu sinto muito por ter expulsado a velha Rachel Edwards". Abel descreveu Rachel de forma pitoresca.

"Seu rosto parecia como se tivesse desgastado cem corpos. E ela esfregou. Por falar em temperamento! Temperamento não é nada para se lamentar. Ela era muito lenta para pegar minhocas, e suja. Eu não sou irracional - eu sei que um homem tem que comer sua bicada antes de morrer - mas ela ultrapassou o limite. O que você disse que eu vi aquela senhora fazer? Ela tinha feito um doce... tinha-o na mesa em frascos de vidro com a tampa aberta. O cachorro se levantou na mesa e enfiou a pata dele em um deles. O que ela fez? Ela brincou, pegou o rabo do cachorro e torceu! Depois enroscou a tampa e colocou-a na despensa. Eu abri a porta e disse a ela: "Vai embora!". A dama foi, e eu joguei os frascos do doce atrás dela, dois de cada vez. Pensei em morrer de rir para ver a velha Rachel correr - com os frascos de chovendo atrás dela. Ela disse em todo lugar que eu sou louco, então ninguém virá por amor ou dinheiro".

"Mas Cissy deve ter alguém para cuidar dela," insistiu Valancy, cuja mente estava centrada neste aspecto do caso. Ela não se importava se Roaring Abel tinha alguém para cozinhar para ele ou não. Mas seu coração estava torcido para Cecília Gay.

"Oh, ela se vira como pode. Barney Snaith sempre ajuda quando passa por lá e faz o que ela quer que seja feito. Traz-lhe laranjas, flores e coisas. Há um cristão perdido por aí. No entanto, aquela parte do povo de St. Andrew's não seria vista do mesmo lado da estrada que Barney. Seus cães irão para o céu antes que eles o façam. E o ministro deles - lambem como se o gato o tivesse lambido".

"Há muita gente boa, tanto em St. Andrew's quanto em St. George's, que seria gentil com Cissy se você se comportasse severamente", disse Valancy. "Eles estão com medo de se aproximar de sua casa".

"Por eu ser um cachorro velho e triste? Mas eu não mordo - nunca mordi ninguém na minha vida. Algumas palavras soltas espalhadas por aí não machucam ninguém. E eu não estou pedindo para as pessoas virem. Não quero elas bisbilhotando. O que eu quero é uma governanta. Se eu fizesse a barba todos os domingos e fosse à igreja, eu teria todas as governantas que eu gostaria. Eu seria respeitável então. Mas de que adianta ir à igreja quando está tudo resolvido pela predestinação? Diga-me isso, senhorita".

"Será?", disse Valancy.

"Sim. Não dá para ir à igreja, não é? Quem me dera poder. Eu não quero nem o céu nem o inferno para ficar firme. Quem me dera que um homem pudesse tê-los misturados em proporções iguais".

"Não é assim que é neste mundo?" disse Valancy pensativamente - mas como se o pensamento dela estivesse preocupado com algo mais que teologia.

"Não, não", disse Abel, dando um golpe tremendo em um prego teimoso. "Há muito inferno aqui... É por isso que eu fico bêbado tantas vezes. Isso me deixa livre por um tempo - livre de mim mesmo - sim, por Deus, livre da predestinação. Já tentou?"

"Não, eu tenho outra maneira de me libertar", disse Valancy sem querer. "Mas sobre a Cissy agora. Ela deve ter alguém para tomar conta dela..."

"Para que estás a falar da Cissy? Parece-me que você não se incomodou muito com ela até agora. Você nunca veio nem vê-la. E ela costumava gostar tanto de você".

"Eu deveria ter ido vê-la", disse Valancy. "Mas não importa. Você não conseguirá entender. A questão é... você deve ter uma governanta".

"Onde vou arranjar uma? Eu posso pagar um salário decente se eu conseguisse uma mulher decente. Você acha que eu gosto de bruxas velhas?"

"Eu vou gostar?" disse Valancy.

CAPÍTULO XV

"Vamos ficar calmos", disse o tio Benjamin. "Vamos nos acalmar perfeitamente".

"Calma!" A Sra. Frederick torceu as mãos. "Como posso estar calma, como alguém pode estar calmo sob uma vergonha como esta?"

"Por que no mundo você a deixou ir?" perguntou o tio James.

"Deixei-a ir? Como eu poderia impedi-la, James? Ela fez as malas e partiu com Roaring Abel quando ele foi para casa depois do jantar, enquanto Christine e eu estávamos fora na cozinha. Então a própria Doss desceu com sua pequena mala, vestida com seu terno de sarja verde. Eu senti uma premonição terrível. Não sei dizer como foi, mas parecia saber que Doss ia fazer algo terrível".

"É uma pena que você não poderia ter tido sua premonição um pouco mais cedo", disse o tio Benjamin.

"Eu disse, 'Doss, onde você está indo?" e ela disse, 'Eu vou procurar meu Castelo Azul'".

"Você não acha que isso convenceria Marsh de que a mente dela está afetada?" introjetou o tio James.

"E eu disse: 'Valancy, o que você quer dizer?' E ela disse: 'Eu vou ficar na casa de Abel e trabalhar como enfermeira para Cissy'. Ele vai me pagar trinta dólares por mês'. Eu me pergunto se eu não caí morta no local".

"Você não deveria tê-la deixado sair de casa", disse o tio James. "Você deveria ter trancado a porta... qualquer coisa..."

"Ela estava entre mim e a porta da frente. E você não pode perceber como ela estava determinada. Ela era como uma pedra. Isso é a coisa mais estranha de tudo nela. Ela costumava ser tão boa e obediente, e agora ela não é nem para segurar nem para amarrar. Mas eu disse tudo o que pude pensar para trazê-la à razão. Perguntei-lhe se ela não tinha nenhuma consideração pela sua reputação. Eu disse-lhe solenemente, 'Doss, quando a reputação de uma mulher é uma vez sorridente, nada pode torná-la impecável novamente. Seu personagem desaparecerá para sempre se você for a casa de Roaring Abel para cuidar de uma garota má como Cecilia Gay'. E ela disse, 'Eu não acredito que Cissy seja uma garota má, mas eu não me importo se ela for'. Essas foram suas próprias palavras, 'Eu não me importo se ela for'".

"Ela perdeu todo o senso de decência", explodiu o tio Benjamin.

"'Cissy Gay está morrendo', disse ela, 'e é uma vergonha e desgraça que ela esteja morrendo em uma comunidade cristã sem ninguém para fazer nada por ela. O que quer que ela tenha sido ou feito, ela é um ser humano'".

"Bem, você sabe, quando se trata disso, eu acho que Doss tem razão", disse o tio James com o ar de um fazendo uma esplêndida concessão.

"Perguntei a Doss se ela não tinha consideração pelas aparências. Ela disse: 'Eu tenho mantido as aparências por toda a minha vida. Agora eu estou indo para a realidade. As aparências podem ser enforcadas!'"

"Uma coisa ultrajante!" disse o tio Benjamin violentamente. "Uma coisa ultrajante!"

O que aliviou os sentimentos dele, mas não ajudou mais ninguém.

A Sra. Frederick chorou. A prima Stickles tomou o refrão entre seus gemidos de desespero.

"Eu disse a ela - nós duas lhe dissemos - que Roaring Abel certamente tinha matado sua esposa em uma de suas fúrias bêbadas e que também a mataria. Ela riu e disse: 'Eu não tenho medo de Roaring Abel. Ele não vai me matar, e ele é velho demais para eu ter medo de seus galanteios'. O que ela quis dizer com isso? O que são galanteios?"

A Sra. Frederick viu que ela deve parar de chorar se quiser recuperar o controle da conversa.

"Eu disse a ela, 'Valancy, se você não tem respeito por sua própria reputação e pela posição de sua família, não tem nenhum pelos meus sentimentos? Ela disse: 'Nenhum'. Assim sem mais nem menos, 'Nenhum!'"

"Pessoas loucas nunca têm qualquer consideração pelos sentimentos das outras pessoas", disse o tio Benjamin. "Esse é um dos sintomas".

"Eu irrompi em lágrimas então, e ela disse: 'Venha agora, mãe, seja uma boa pessoa. Eu vou fazer um ato de caridade cristã, e quanto aos danos que isso vai causar à minha reputação, porque, você sabe que eu não tenho nenhuma chance matrimonial de qualquer maneira, então o que isso importa?' E com isso ela se virou e saiu".

"As últimas palavras que eu lhe disse", comentou a prima Stickles pateticamente, "foram: 'Quem vai esfregar minhas costas nas noites agora?' E ela disse - ela disse - mas não, eu não posso repetir".

"Bobagem", disse o tio Benjamin. "Fora com isso. Não é hora de ser reticente".

"Ela disse" - a voz da prima Stickles era pouco mais que um sussurro - "ela disse - 'Oh, droga!'"

"E pensar que vivi para ouvir minha filha praguejar!" soluçou a Sra. Frederick,

"Foi apenas um praguejo de irritação", falhou a prima Stickles, desejosa de suavizar as coisas, agora que o pior já tinha acontecido. Mas ela nunca havia contado sobre o corrimão.

"Será apenas um passo a partir daí para os verdadeiros xingamentos", disse o tio James com firmeza.

"O pior disto" - a Sra. Frederick caçou uma mancha seca em seu lenço - é que todos saberão agora que ela está louca. Não podemos mais manter isso em segredo. Oh, eu não posso suportar isso".

"Você deveria ter sido mais rigorosa com ela quando ela era jovem", disse o tio Benjamin.

"Eu não vejo como eu poderia ter sido", disse a Sra. Frederick... "na verdade, fui o suficiente."

"A pior característica do caso é que o canalha do Snaith está sempre rondando a casa do Roaring Abel", disse o tio James. "Eu ficarei grato se nada pior vier desta aberração louca. Cissy Gay não pode viver muito mais".

"E ela nem sequer levou seu saiote de flanela!" lamentou a prima Stickles.

"Vou ver Ambrose Marsh novamente sobre isso", disse o tio Benjamin, que significava Valancy, não o saiote de flanela.

"Vou ver o advogado Ferguson", disse o tio James.

"Enquanto isso", acrescentou o tio Benjamin, "vamos ficar calmos".

CAPÍTULO XVI

Valancy tinha caminhado até a casa de Abel na estrada do Mistawis sob um céu de roxo e âmbar, com uma excitação e expectativa estranha em seu coração. Lá atrás dela, sua mãe e sua prima Stickles estavam chorando - sobre si mesmas, não sobre ela. Mas aqui o vento estava no rosto dela, suave, úmido, fresco, soprando pelas estradas gramíneas. Oh, ela adorava o vento! Os pássaros estavam assobiando sonolentos nos abetos ao longo do caminho e o ar úmido era perfumado com o sabor de bálsamo. Grandes carros passaram ronronando no crepúsculo violeta - o fluxo de turistas de verão para Muskoka já havia começado - mas Valancy não invejava nenhum de seus ocupantes. As casas de Muskoka podem ser charmosas, mas além disso, nos céus do pôr do sol, entre os pináculos dos abetos, seu Castelo Azul se elevava. Ela afastava os velhos anos e hábitos e inibições dela como folhas mortas. Ela não ficaria cheia delas.

A ruidosa casa velha de Abel, que roncava, estava situada a cerca de três milhas do vilarejo. Não se parecia, deve ser confessado, muito com um Castelo Azul.

Já havia sido um lugar aconchegante o suficiente nos dias em que Abel era jovem e próspero, e a placa em arco sobre o portão - "Abel, Carpinteiro" - havia sido bem pintada e recém pintada. Agora era um lugar velho, desbotado e sombrio, com um leproso, telhado remendado e persianas penduradas de novo. Abel nunca parecia fazer nenhum trabalho de carpinteiro sobre sua própria casa. Tinha um ar indiferente, como se estivesse cansado da vida. Havia um bosque de esparguete, como se fosse uma velha árvore de água doce atrás dela. O jardim, que Cissy costumava manter limpo e bonito, tinha corrido selvagem. Em dois lados da casa havia campos cheios de nada além de matinhos. Atrás da casa havia um longo trecho de árvores inúteis, cheias de pinheiros e abetos, com aqui e ali um pedaço de cerejeira selvagem florescendo, correndo de volta

para um cinturão de madeira nas margens do Lago Mistawis, a dois quilômetros de distância. Uma faixa rochosa corria para a mata - uma faixa branca com margaridas pestilentas e lindas.

Abel reconheceu Valancy na porta.

"Então você veio", ele disse incredulamente. "Eu nunca imaginei que a sorte de Stirlings te deixasse".

Valancy mostrou todos os seus dentes pontiagudos em um sorriso.

"Elas não conseguiram me impedir".

"Eu não achei que você tivesse tanta coragem", disse Roaring Abel admiravelmente. "E olhe para os belos tornozelos dela", ele acrescentou, enquanto ele se afastava para deixá-la entrar.

Se a prima Stickles tivesse ouvido isso, ela teria a certeza de que a perdição de Valancy, terrena e não terrena, estava selada. Mas a galanteria ruiva de Abel não preocupou Valancy. Além disso, este foi o primeiro elogio que ela recebeu em sua vida e ela se viu gostando disso. Ela às vezes suspeitava que tinha tornozelos bonitos, mas nunca ninguém havia mencionado isso antes. No clã Stirling, os tornozelos estavam entre os inomináveis.

Abel levou-a para a cozinha, onde Cissy Gay estava deitada no sofá, respirando rapidamente, com pequenas manchas escarlates em suas bochechas cavas. Valancy não via Cecília Gay há anos. Então ela tinha sido uma criatura tão bonita, uma garota levemente florida, com cabelos macios e dourados, cabelos claros, quase encerados, e olhos azuis grandes e bonitos. Ela ficou chocada com a mudança da antiga amiga. Poderia esta ser a doce Cissy, esta coisinha miserável que parecia uma flor quebrada e cansada? Ela tinha chorado toda a beleza de seus olhos; eles pareciam grandes demais - enormes - em seu rosto desperdiçado. A última vez que Valancy viu Cecilia Gay, aqueles olhos desbotados e piedosos tinham sido límpidos e sombrios, piscinas azuis brilhando de alegria.

O contraste era tão terrível que os próprios olhos de Valancy se encheram de lágrimas. Ela ajoelhou-se ao lado de Cissy e colocou seus braços sobre ela.

"Cissy querida, eu vim para cuidar de você. Eu vou ficar com você até... até... o tempo que você quiser".

"Oh!" Cissy pôs seus braços finos sobre o pescoço de Valancy. "Oh... você vai? Tem sido tão solitário. Eu posso cuidar de mim mesma, mas tem sido tão solitário. Eu... seria apenas como... o céu... ter alguém aqui... como você. Você sempre foi... tão doce para mim... há muito tempo".

Valancy segurou Cissy por perto. Ela ficou feliz de repente. Aqui estava alguém que precisava dela... alguém que ela pudesse ajudar. Ela não era mais uma supérflua. As coisas velhas tinham falecido; tudo tinha se tornado novo.

"A maioria das coisas são predestinadas, mas algumas são apenas pura sorte", disse Abel, complacentemente fumando seu cachimbo no canto.

CAPÍTULO XVII

Quando Valancy passou pela sua primeira semana na residência de Abel, sentiu como se anos a tivessem separado de sua antiga vida e de todas as pessoas que ela conheceu nela. Eles estavam começando a parecer remotos - como um sonho - longe - e com o passar dos dias pareciam ainda mais, até que deixaram de importar completamente.

Ela estava feliz. Ninguém nunca a incomodava com enigmas ou insistia em dar-lhe comprimidos púrpura. Ninguém a chamava de Doss ou a preocupava com o assunto de um resfriado. Não havia colchas para cortar, nenhuma planta abominável de borracha para regar, nenhuma briga maternal gelada para suportar. Ela podia ficar sozinha quando quisesse, ir para a cama quando quisesse, espirrar quando quisesse. Nos longos e maravilhosos crepúsculos do norte, quando Cissy dormia e o Abel estava longe, ela podia sentar-se por horas nas escadas trêmulas da varanda, olhando por cima dos bosques até os morros além, coberta com sua fina e roxa floração, ouvindo o vento amigável cantando melodias doces e selvagens, e bebendo do aroma das ervas ensolaradas, até que a escuridão corresse sobre a paisagem como uma onda fresca e bem-vinda.

Às vezes, de tarde, quando Cissy estava forte o suficiente, as duas garotas entravam nos bosques e olhavam para as flores de madeira. Mas elas não escolhiam nenhuma. Valancy tinha lido para Cissy o evangelho do mesmo, segundo John Foster: *"É uma pena apanhar flores de madeira. Elas perdem metade de sua bruxaria longe do verde e da cintilação. A maneira de apreciar as flores de madeira é rastreá-las até suas remotas assombrações - vangloriar-se sobre elas - e depois deixá-las com olhares para trás, levando conosco apenas a lembrança encantadora de sua graça e fragrância".*

Valancy estava no meio de realidades depois de uma vida inteira de irrealidades. E ocupada... muito ocupada. A casa tinha que ser limpa. Não por nada se Valancy tivesse sido educada nos hábitos Stirling de limpeza e asseio. Se ela encontrava satisfação na limpeza de quartos sujos, se encheu dela lá. Abel achou que ela era tola em fazer muito mais do que lhe foi pedido, mas ele não interferiu com ela. Ele estava muito satisfeito com a sua pechincha. Valancy era uma boa cozinheira. Abel disse que ela tinha um tempero para as coisas. A única falha que ele encontrou nela foi que ela não cantava em seu trabalho.

"O povo deveria cantar sempre no trabalho", insistiu ele. "Soa alegre".

"Nem sempre", retorquiu Valancy. "Veja um açougueiro cantando no seu trabalho. Ou um cangalheiro".

Abel estourou em seu grande riso largo.

"Não há como tirar o melhor sobre você. Você tem sempre uma resposta. Eu deveria pensar que os Stirlings ficariam felizes em se livrar de você. Eles não gostam de ser desprezados de volta".

Durante o dia Abel geralmente estava longe de casa - se não trabalhava, depois atirava ou pescava com Barney Snaith. Ele geralmente chegava em casa à noite - sempre muito tarde e muitas vezes bêbado. Na primeira noite em que o ouviram uivar para o pátio, Cissy tinha dito a Valancy para não ter medo.

"O pai nunca faz nada, ele apenas faz um barulho".

Valancy, deitada no sofá do quarto de Cissy, onde ela havia optado por dormir, caso Cissy precisasse de atenção na noite - Cissy nunca a teria chamado - não teve medo nenhum, e disse isso. Após Abel guardar seus cavalos, ia para seu quarto no final do corredor chorando e orando. Valancy ainda podia ouvir seus gemidos sombrios quando ela foi calmamente dormir. Na sua maioria, Abel era uma criatura de boa índole, mas ocasionalmente

ele tinha um temperamento. Uma vez Valancy perguntou-lhe calmamente:

"Para que serve ficar com raiva?"

"É um alívio tão...", disse Abel.

Os dois saíram rindo juntos.

"Você é um grande esportista", disse Abel admiravelmente. "Digo, eu gosto de uma mulher que não tem medo de falar comigo. A Cissy sempre foi muito mansa... muito mansa. É por isso que ela ficou à deriva. Eu gosto de você".

"Mesmo assim", disse Valancy determinadamente, "não adianta mandar as coisas para o inferno como você está sempre fazendo. E eu não vou ter você rastreando lama por todo o chão que acabei de esfregar. Você deve usar o raspador quer você o envie para o inferno ou não".

Cissy adorou a limpeza. Ela também a tinha mantido assim, até que suas forças falharam. Ela estava muito feliz, porque tinha o Valancy com ela. Tinha sido tão terrível - os longos e solitários dias e noites sem companhia, a não ser aquelas terríveis mulheres velhas que vinham trabalhar. Cissy as tinha odiado e temido. Ela se agarrou a Valancy como uma criança.

Não havia dúvida de que Cissy estava morrendo. No entanto, em nenhum momento ela parecia alarmantemente doente. Ela nem mesmo tossia muito. Na maioria dos dias ela conseguia se levantar e se vestir - algumas vezes até mesmo trabalhar no jardim por uma hora ou duas. Por algumas semanas após a chegada de Valancy, ela parecia tão melhor que Valancy começou a esperar que ela pudesse ficar bem. Mas Cissy balançou a cabeça.

"Não, eu não posso ficar bem. Meus pulmões estão quase sumindo. E eu... não quero. Estou tão cansada, Valancy. Só a morte pode me descansar. Mas é adorável ter você aqui... você nunca

saberá o quanto significa para mim. Mas Valancy... você trabalha demais. Você não precisa... O pai só quer as refeições dele cozinhadas. Eu acho que você também não é forte. Você fica tão pálido às vezes. E essas gotas que você toma. Você está bem, querida?"

"Estou bem", disse Valancy levemente. Ela não teria a Cissy preocupada. "E eu não estou trabalhando duro. Estou feliz por ter algum trabalho para fazer - algo que realmente quer ser feito".

"Então" - Cissy pegou na mão de Valancy - "não vamos falar mais sobre eu estar doente. Vamos esquecer isso. Vamos fingir que sou uma garotinha de novo... e você veio aqui para brincar comigo. Eu costumava desejar isso há muito tempo... gostaria que você pudesse vir. Eu sabia que você não poderia, é claro. Mas como eu desejava isso! Você sempre pareceu tão diferente das outras garotas - tão gentil e doce - e como se você tivesse algo em si mesma que ninguém soubesse - algum segredo, muito secreto. Você tinha, Valancy?"

"Eu tinha meu Castelo Azul", disse Valancy, rindo um pouco. Ela estava feliz que Cissy tinha pensado nela assim. Ela nunca tinha suspeitado que alguém gostasse, admirasse ou se questionasse sobre ela. Ela contou tudo sobre seu Castelo Azul para Cissy. Ela nunca havia contado a ninguém sobre isso antes.

"Todo mundo tem um Castelo Azul, eu acho", disse Cissy suavemente. "Só que cada um tem um nome diferente para ele. Eu tinha o meu - uma vez..."

Ela colocou suas duas mãozinhas finas sobre o rosto de Valancy. Ela não disse a Valancy... então... quem tinha destruído seu Castelo Azul. Mas Valancy sabia que, quem quer que fosse, não era Barney Snaith.

CAPÍTULO XVIII

Valancy já conhecia o Barney - bem conhecido parecia, embora ela tivesse falado com ele apenas algumas vezes. Mas então ela se sentiu igualmente bem familiarizada com ele na primeira vez que se encontraram. Ela tinha estado no jardim ao crepúsculo, caçando alguns caules de narciso branco para o quarto de Cissy quando ela ouviu aquele terrível velho Grey Slosson descendo pela floresta de Mistawis - alguém podia ouvi-lo a quilômetros de distância. Valancy não olhou para cima enquanto se aproximava, pulando sobre as rochas naquela pista louca. Ela nunca tinha olhado para cima, embora Barney tivesse passado todas as noites desde que ela tinha chegado na residência de Abel. Desta vez ele não passou. O velho Grey Slosson parou com barulhos ainda mais terríveis do que os que ele fazia. Valancy estava consciente de que Barney tinha saído dele e estava inclinado sobre o portão de embarque. De repente ela se endireitou e olhou na cara dele. Os olhos deles se encontraram - Valancy estava subitamente consciente de uma fraqueza deliciosa. Era um dos seus ataques cardíacos... Mas este era um novo sintoma.

Seus olhos, que ela sempre achara marrons, agora vistos de perto, eram violáceos profundos, translúcidos e intensos. Nenhuma de suas sobrancelhas se parecia com a outra. Ele era magro - muito magro - ela desejava que pudesse alimentá-lo um pouco - ela desejava poder costurar os botões do casaco dele - e fazê-lo cortar o cabelo - e fazer a barba todos os dias. Havia algo no rosto dele... alguém mal sabia o que era. Cansaço? Tristeza? Desilusão? Ele tinha covinhas nas suas bochechas finas quando sorria. Todos esses pensamentos passaram pela mente de Valancy naquele momento enquanto os olhos dele olhavam para os dela.

"Boa noite, Srta. Stirling".

Nada poderia ser mais comum e convencional. Qualquer um poderia tê-lo dito. Mas Barney Snaith tinha uma maneira de dizer as coisas que lhes dava pungência. Quando ele disse "boa noite", ela sentiu que foi uma boa noite e que em parte foi ele que fez isso. Também, sentiu que parte do crédito era seu. Valancy sentiu tudo isso vagamente, mas ela não podia imaginar porque estava tremendo da cabeça aos pés - deve ser o coração dela. Se ao menos ele não notasse isso!

"Estou indo para o Porto", dizia Barney. "Posso adquirir mérito por conseguir ou fazer alguma coisa por você ou Cissy?"

"Você vai comprar bacalhau para nós?" disse Valancy. Era a única coisa em que ela conseguia pensar. Abel, havia expressado um desejo naquele dia por um jantar de bacalhau cozido. Quando seus cavaleiros vieram cavalgando para o Castelo Azul, Valancy os havia enviado em muitas buscas, mas ela nunca havia pedido a nenhum deles para pegar seu bacalhau salgado.

"Certamente. Você tem certeza de que não há mais nada? Há muito espaço em Lady Jane Grey Slosson. E ela sempre volta em tempo, a Lady Jane".

"Eu acho que não há mais nada", disse Valancy. Ela sabia que ele traria laranjas para Cissy de qualquer maneira - ele sempre trouxe.

Barney não virou as costas de uma vez. Ele ficou em silêncio por um pouco. Então ele disse, devagar e caprichosamente:

"Menina Stirling, você é um tijolo! Você é um carrinho cheio de tijolos. Para vir aqui e tomar conta da Cissy, dadas as circunstâncias".

"Não há nada de tão tijolo nisso", disse Valancy. "Eu não tinha mais nada para fazer. E... eu gosto disto aqui. Eu não sinto como se eu tivesse feito algo especialmente meritório. O Sr. Abel está me pagando salários justos. Eu nunca ganhei nenhum dinheiro antes - e

eu gosto disso". Parecia tão fácil falar com Barney Snaith, em algum momento - este terrível Barney Snaith dos contos de espionagem e do passado misterioso - tão fácil e natural como se estivesse falando consigo mesmo.

"Todo o dinheiro do mundo não podia comprar o que você está fazendo para Cissy Gay", disse Barney. "É esplêndido e bonito da sua parte. E se houver algo que eu possa fazer para te ajudar de alguma forma, você só tem que me avisar. Se o Roaring Abel alguma vez tentar te irritar..."

"Não tem. Ele é adorável para mim. Eu gosto do Roaring Abel", disse Valancy francamente.

"Mas há um estágio de sua embriaguez - talvez você ainda não o tenha encontrado - quando ele canta canções rivais".

"Oh, sim. Ele chegou em casa ontem à noite assim. Cissy e eu fomos para o nosso quarto e nos fechamos onde não conseguíamos ouvi-lo. Ele pediu desculpas esta manhã. Eu não tenho medo de nenhum dos estágios do Roaring Abel".

"Bem, tenho certeza que ele será decente com você, além dos seus uivos embriagados", disse Barney. "E eu disse a ele que ele tem que parar de amaldiçoar as coisas quando você está por perto".

"Por quê?" perguntou Valancy, com um dos seus olhares estranhos e inclinados e um repentino floco de rosa em cada bochecha, nascida do pensamento de que Barney Snaith tinha realmente feito tanto por ela. "Muitas vezes me apetece amaldiçoar as coisas".

Por um momento, Barney olhou fixamente. Será que essa menina era a pequena e velha criatura que tinha ficado ali há dois minutos? Certamente havia magia e bruxaria naquele jardim velho e miserável.

Então ele riu.

"Vai ser um alívio ter alguém para fazer isso por você, então. Então você não quer nada além de bacalhau salgado?"

"Não hoje à noite. Mas eu ouso dizer que terei alguns recados para você muitas vezes quando você for a Port Lawrence. Eu não posso confiar no Sr. Abel para lembrar de trazer todas as coisas que eu quero".

Barney tinha ido embora, então, em sua Lady Jane, e Valancy ficou no jardim por um longo tempo.

Desde então ele havia a visitado várias vezes, descendo pelos corredores, assobiando. Como aquele apito dele ecoava pelos abetos naqueles crepúsculos de junho! Valancy se apanhava escutando todas as noites - se repreendia - então se deixava ir. Por que ela não deveria ouvir por isso?

Ele sempre trazia frutas e flores para Cissy. Uma vez ele trouxe para Valancy uma caixa de doces - a primeira caixa de doces que ela já recebeu. Parecia sacrilégio comê-lo.

Ela se viu pensando nele na época e fora da época. Ela queria saber se ele alguma vez pensou nela quando ela não estava diante dos olhos dele, e, se sim, o quê. Ela queria ver aquela casa misteriosa das costas dele na ilha Mistawis. Cissy nunca a tinha visto. Cissy, embora falasse livremente de Barney e o conhecesse há cinco anos, realmente sabia pouco mais sobre ele do que Valancy.

"Mas ele não é ruim", disse Cissy. "Ninguém precisa me dizer que ele é. Ele não pode ter feito nada de que se envergonhar".

"Então por que ele vive como ele vive?" perguntou Valancy - para ouvir alguém defendê-lo.

"Eu não sei. Ele é um mistério. E é claro que há algo por trás disso, mas eu sei que não é vergonha. Barney Snaith simplesmente não podia fazer nada de vergonhoso, Valancy".

Valancy não estava tão certo. Barney deve ter feito alguma coisa... em algum momento. Ele era um homem de educação e inteligência. Ela logo descobriu que, ao ouvir suas conversas e brigas com o Roaring Abel - que era surpreendentemente bem lido e podia discutir qualquer assunto sob o sol quando sóbrio. Tal homem não se enterraria durante cinco anos em Muskoka e viveria e pareceria um vagabundo se não houvesse uma razão muito boa - ou ruim - para isso. Mas isso não importava. Tudo o que importava era que ela tinha certeza agora que ele nunca tinha sido amante da Cissy Gay. Não havia nada assim entre eles. Embora ele gostasse muito da Cissy e ela dele, como qualquer um podia ver. Mas era um carinho que não preocupava Valancy.

"Você não sabe o que Barney tem sido para mim, nestes últimos dois anos", Cissy tinha dito simplesmente. "Tudo teria sido insuportável sem ele".

"Cissy Gay é a garota mais doce que eu já conheci - e há um homem em algum lugar que eu gostaria de atirar se eu pudesse encontrá-lo," Barney tinha dito selvagemente.

Barney era um falador interessante, com um jeito de contar muito sobre suas aventuras e nada sobre si mesmo. Houve um glorioso dia de chuva quando Barney e Abel trocaram fios durante toda a tarde enquanto Valancy remendou toalhas de mesa e ouviu. Barney contou histórias estranhas de suas aventuras com "barracos" em trens enquanto o vagabundearam por todo o continente. Valancy achou que ela deveria achar os passeios de roubo dele bastante horríveis, mas não achou. A história de seu caminho para a Inglaterra em um navio de gado soava mais legítima. E suas histórias a encantaram - especialmente o da noite em que ele se perdeu na divisão entre a Corrida do Ouro e o Vale do Enxofre. Ele tinha passado dois anos lá fora. Em que lugar de tudo isso havia espaço para a penitenciária e para as outras coisas?

Se ele estivesse dizendo a verdade. Mas Valancy sabia que ele estava.

"Não encontrei ouro", disse ele. "Vim embora mais pobre do que quando eu fui. Mas que lugar para se viver! Aqueles silêncios na parte de trás do vento norte me pegaram. Nunca mais pertenci a mim mesmo desde então".

No entanto, ele não era um grande falador. Ele disse muito em algumas palavras bem escolhidas - como Valancy não percebeu. E ele tinha um jeito de dizer as coisas sem abrir a boca.

"Eu gosto de um homem cujos olhos dizem mais do que seus lábios", pensou Valancy.

Mas então ela gostava de tudo nele - seu cabelo ruivo - seus sorrisos caprichosos - os pequenos brilhos de diversão em seus olhos - seu leal afeto por aquela inexprimível Dama Jane - seu hábito de sentar com as mãos nos bolsos, seu queixo afundado no peito, olhando para cima de baixo de suas sobrancelhas mal feitas. Ela gostava da sua voz simpática, que soava como se pudesse se tornar carinhosa ou cortejar com muita pouca provocação. Às vezes, ela tinha quase medo de se deixar pensar. Eles eram tão vívidos que ela sentia como se os outros devessem saber o que ela estava pensando.

"Eu estive observando um pica-pau o dia todo", disse ele uma noite na velha varanda trêmula das traseiras. Seu relato sobre os feitos do pica-pau foi satisfatório. Ele tinha frequentemente alguma anedota alegre ou astuta do povo da floresta para contar a eles. E às vezes ele e Abel fumavam ferozmente a noite inteira e nunca diziam uma palavra, enquanto Cissy ficava deitada na rede entre os postes da varanda e Valancy sentava ociosa nos degraus, suas mãos se prendiam sobre os joelhos, e sonhava se ela fosse realmente Valancy Stirling e se tivessem passado apenas três semanas desde que ela havia deixado a velha e feia casa na Elm Street.

O horizonte estava diante dela em um esplendor de lua branca, onde dezenas de coelhinhos foram revistados. Barney, quando gostava, podia sentar-se na beira do jardim e atrair aqueles coelhos

até ele por alguma feitiçaria misteriosa que ele possuía. Valancy certa vez viu um esquilo saltar de um pinheiro de mato para o seu ombro e sentar-se ali conversando com ele. Isso a fez lembrar de John Foster.

Era uma das delícias da nova vida de Valancy que ela podia ler os livros de John Foster quantas vezes e por quanto tempo ela quisesse. Ela os leu todos para Cissy, que os amava. Ela também tentou lê-los para Abel e Barney, que não os amavam. Abel estava entediado e Barney se recusou educadamente a ouvi-los.

CAPÍTULO XIX

É claro que os Stirlings não tinham deixado a pobre maníaca sozinha todo esse tempo ou se abstiveram de esforços heroicos para resgatar sua alma e reputação perecedora. O tio James, cujo advogado o ajudou tão pouco quanto seu médico, veio um dia e, encontrando Valancy sozinho na cozinha, como ele supunha, teve uma conversa terrível com ela - disse-lhe que ela estava quebrando o coração de sua mãe e desgraçando sua família.

"Mas por quê?" disse Valancy, não deixando de vasculhar seu pote de mingau decentemente. "Eu estou fazendo um trabalho honesto por um salário honesto. O que há nisso de vergonhoso?"

"Não discuta, Valancy", disse solenemente o tio James. "Este não é um lugar adequado para você estar, e você sabe disso. Porque, dizem-me que aquele pássaro da cadeia, Snaith, anda por aqui todas as noites".

"Não todas as noites", disse Valancy refletidamente. "Não, não todas as noites".

"É... é insuportável!" disse o tio James violentamente. "Valancy, você deve voltar para casa. Nós não vamos julgá-la severamente. Garanto-lhe que não vamos. Nós esqueceremos tudo isso".

"Obrigada", disse Valancy.

"Você não tem senso de vergonha?" exigiu o tio James.

"Oh, sim. Mas as coisas de que eu me envergonho não são as coisas de que você se envergonha". Valancy procedeu para enxaguar seu pano de prato meticulosamente.

Ainda era uma paciente do tio James. Ele agarrou os lados de sua cadeira e moeu seus dentes.

"Nós sabemos que sua mente não está apenas certa. Nós vamos fazer concessões. Mas você deve voltar para casa. Você não deve ficar aqui com esse velho canalha bêbado e blasfemo..."

"Por acaso você estava se referindo a mim, Sr. Stirling?" exigiu Roaring Abel, aparecendo de repente na porta da varanda dos fundos onde ele estava fumando um cachimbo pacífico e ouvindo a tirada do "velho James Stirling" com enorme prazer. A barba vermelha dele ficou bastante enrugada de indignação e suas enormes sobrancelhas estremeceram. Mas a covardia não estava entre as falhas de James Stirling.

"Eu estava. E, além disso, quero te dizer que você agiu de forma iníqua ao atrair essa garota fraca e infeliz para longe de sua casa e de seus amigos, e ainda vou te castigar por isso...".

James Stirling não conseguiu mais. Abel cruzou a cozinha em um limite, pegou-o pelo colarinho e pelas calças e o jogou pela porta e pelo jardim com o menor esforço aparente que poderia ter empregado para tirar um gatinho problemático do caminho.

"Da próxima vez que você voltar aqui", ele gritou, "eu vou te jogar pela janela - e melhor ainda se a janela estiver fechada! Vindo aqui, pensando que você é Deus para colocar o mundo em ordem!"

Valancy, sincera e sem vergonha, acreditava ter visto poucas coisas mais satisfatórias do que o casaco do tio James voando para a cama de espargos. Ela já tinha tido medo do julgamento deste homem. Agora ela viu claramente que ele não era nada além de um deus estúpido de uma pequena vila.

Abel gritando se virou com seu grande riso largo.

"Ele vai pensar nisso por anos quando acordar à noite. O Todo-Poderoso cometeu um erro ao fazer tantos Stirlings. Mas como eles são feitos, temos que contar com eles. Demasiados para matar. Mas se eles vierem aqui incomodando você, eu os mato antes que um gato possa lamber sua orelha".

Na próxima vez que eles mandarem o Dr. Stalling Com certeza Abel não iria jogá-lo em camas de espargos. O Dr. Stalling não tinha tanta certeza disso e não gostava muito da tarefa. Ele não acreditava que Valancy Stirling estivesse fora de si. Ela sempre tinha sido esquisita. Ele, Dr. Stalling, nunca tinha sido capaz de entendê-la. Portanto, sem dúvida, ela era estranha. Ela era apenas um pouco mais esquisita do que o normal agora. E o Dr. Stalling tinha seus próprios motivos para não gostar do Roaring Abel. Quando o Dr. Stalling veio a Deerwood pela primeira vez, ele tinha gostado de longas caminhadas ao redor de Mistawis e Muskoka. Em uma dessas ocasiões ele se perdeu e depois de muita vagabundagem tinha tropeçado em Roaring Abel com sua arma sobre o ombro.

O Dr. Stalling tinha se esforçado para fazer sua pergunta da maneira mais idiota possível. Ele disse: "Você pode me dizer para onde estou indo?".

"Como diabos eu deveria saber para onde você está indo, meu Deus?" retorquiu Abel desdenhosamente.

Dr. Stalling estava tão enfurecido que não podia falar por um momento ou dois e naquele momento Abel tinha desaparecido na floresta. O Dr. Stalling tinha eventualmente encontrado o caminho para casa, mas ele nunca mais desejou encontrar Roaring Abel.

Mesmo assim, ele veio agora para cumprir seu dever. Valancy o cumprimentou com um coração afundado. Ela ainda tinha um medo terrível do Dr. Stalling. Mantinha a convicção miserável de que, se ele sacudisse seu longo e ossudo dedo para ela e lhe dissesse para ir para casa, ela não ousaria desobedecer.

"Sr. Abel", disse o Dr. Stalling educadamente e condescendentemente, "posso ver a Srta. Stirling sozinha por alguns minutos?". Abel estava um pouco bêbado - apenas bêbado o suficiente para ser excessivamente educado e muito astuto. Ele estava a ponto de ir embora quando o Dr. Stalling chegou, mas agora ele se sentou num canto da sala de estar e dobrou os braços.

"Não, não, senhor", ele disse solenemente. "Isso não faria... não faria nada. Eu tenho a reputação da minha casa para manter. Eu tenho que acompanhar esta jovem senhora. Não posso ter nenhuma faísca aqui nas minhas costas".

O Dr. Stalling ficou tão indignado que Valancy se perguntou como Abel poderia suportar seu aspecto. Mas Abel não estava nada preocupado.

"Você sabe alguma coisa sobre isso, de qualquer forma?" ele perguntou genialmente.

"Sobre o quê?"

"Faísca", disse Abel friamente.

O pobre Dr. Stalling, que nunca havia se casado porque acreditava em um clero celibatário, não notaria este comentário ribaldo. Ele virou as costas para Abel e se dirigiu a Valancy.

"Srta. Stirling, estou aqui em resposta aos desejos de sua mãe. Ela me implorou que viesse. Eu sou encarregado de algumas mensagens. Você vai "- ele abanou o dedo indicador dele - "você vai ouvi-las?"

"Sim", disse Valancy, de olho no dedo indicador. Isso teve um efeito hipnótico sobre ela.

"O primeiro é este. Se você vai deixar isso... isso..."

"Casa", interrompeu Abel. "Está perturbado com um impedimento no seu discurso, não está, senhor?"

"...este lugar e voltar para sua casa, o próprio Sr. James Stirling pagará para que uma boa enfermeira venha aqui e ajude a Srta. Gay..."

Às costas do seu terror, Valancy sorriu em segredo. O tio James deve realmente considerar o assunto como desesperado quando ele

soltaria as cordas da bolsa dessa maneira. De qualquer forma, seu clã não a desprezava mais ou a ignorava. Ela havia se tornado importante para eles.

"Isso é assunto meu, senhor", disse Abel. "A senhorita Stirling pode ir se ela quiser, ou ficar se ela quiser. Eu fiz um acordo justo com ela, e ela é livre para concluí-lo quando quiser. Ela me dá refeições que se colam às minhas costelas. Ela não se esquece de colocar sal na papa. Ela nunca bate portas, e quando não tem nada a dizer, não fala. Isso é estranho numa mulher, senhor. Eu estou satisfeito. Se ela não estiver, ela está livre para ir. Mas nenhuma mulher vem aqui no salário de James Stirling. Se alguém vier" - A voz de Bel foi mal-educada e educada - "eu espalho na estrada os miolos dela. Diga-lhe isso com os elogios de Roaring Abel".

"Dr. Stalling, uma enfermeira não é o que Cissy precisa", disse Valancy com sinceridade. "Ela não está tão doente quanto isso, ainda. O que ela quer é companhia - alguém que ela conhece e gosta apenas de viver com ela. Você pode entender isso, eu tenho certeza".

"Eu entendo que o seu motivo é bastante... ah... recomendável". Dr. Stalling sentiu que ele tinha uma mente muito ampla - especialmente porque em sua alma secreta ele não acreditava que o motivo de Valancy era louvável. Ele não tinha a menor ideia do que ela estava fazendo, mas tinha certeza de que o motivo dela não era digno de louvor. Quando ele não conseguia entender uma coisa, ele a condenava imediatamente. Simplicidade em si! "Mas seu primeiro dever é para com sua mãe. Ela precisa de você. Ela implora que você volte para casa - ela perdoará tudo, se você só voltar para casa".

"Esse é um pensamento muito pequeno", comentou Abel meditativamente, ao moer algum tabaco na mão.

O Dr. Stalling o ignorou.

"Ela implora, mas eu, Srta. Stirling," - Dr. Stalling lembrou que ele era um embaixador de Jeová..." Eu ordeno. Como seu pastor e guia espiritual, eu lhe ordeno que volte para casa comigo, neste mesmo dia. Pegue seu chapéu e casaco e venha agora".

O Dr. Stalling apertou o dedo em Valancy. Antes daquele dedo impiedoso ela caiu e murchou visivelmente.

"Ela está cedendo", pensou o Roaring Abel. "Ela vai com ele. Supera tudo, o poder que esses pregadores têm sobre as mulheres".

Valancy estava a ponto de obedecer ao Dr. Stalling. Ela deve ir para casa com ele... e desistir. Ela voltaria como Doss Stirling novamente e para seus poucos dias ou semanas restantes seria o animal, a criatura fútil que ela sempre foi. Era o destino dela - ditado por aquele incansável e erguido dedo indicador. Ela não podia mais fugir dele do que Roaring Abel de sua predestinação. Ela o encarou como os fascinados olhos de pássaro, a cobra. Outro momento...

"O medo é o pecado original", de repente disse uma voz pequena e quieta, de costas voltadas para a consciência de Valancy. "Quase todo o mal do mundo tem sua origem no fato de que alguém tem medo de alguma coisa".

Valancy se levantou. Ela ainda estava nas garras do medo, mas sua alma era de novo sua própria. Ela não seria falsa para aquela voz interior.

"Dr. Stalling", disse ela lentamente, "Eu não devo, no momento, nenhum serviço à minha mãe. Ela está muito bem; ela tem toda a assistência e companhia que precisa; ela não precisa de mim em absoluto. Eu sou necessária aqui. Eu vou ficar aqui".

"Há coragem para você", disse Roaring Abel admiravelmente.

Dr. Stalling deixou cair seu dedo indicador. Não se podia continuar a apertar um dedo para sempre.

"Srta. Stirling, não há nada que possa influenciá-la? Você se lembra dos seus dias de infância..."

"Perfeitamente. E os odeio".

"Você percebe o que as pessoas vão dizer? O que elas estão dizendo?"

"Eu posso imaginar", disse Valancy, com um encolher de ombros. De repente ela ficou novamente livre do medo. "Eu não escutei os mexericos de Deerwood e dos círculos de costura vinte anos por nada. Mas, Dr. Stalling, não importa o mínimo para mim o que dizem".

O Dr. Stalling foi embora então. Uma garota que não se importava nada com a opinião pública! Sobre quem os sagrados laços familiares não tinham nenhuma influência restritiva! Que odiava suas lembranças de infância!

Então a prima Georgiana veio por iniciativa própria, pois ninguém teria pensado que valeria a pena mandá-la. Ela encontrou Valancy sozinha, semeando a pequena horta que havia plantado, e fez todos os prazeres plausíveis em que podia pensar. Valancy a ouviu pacientemente. A prima Georgiana não era uma alma tão velha e má. Então ela disse:

"E agora que você tirou tudo isso do seu sistema, prima Georgiana, pode me dizer como fazer bacalhau com creme para que não seja tão grosso como mingau e sal como o Mar Morto?"

* * * * * * * *

"Vamos ter que esperar", disse o tio Benjamin. "Afinal, Cissy Gay não pode viver muito tempo. O Dr. Marsh me diz que ela pode falecer a qualquer dia".

A Sra. Frederick chorou. Teria sido realmente muito mais fácil de suportar se Valancy tivesse morrido. Ela poderia ter usado o luto

então.

CAPÍTULO XX

Quando Abel pagou à Valancy seu primeiro mês de salário - o que ele fez prontamente, em notas cheirando a tabaco e uísque - Valancy foi para Deerwood e gastou cada centavo dele. Ela comprou um lindo vestido crepe verde com uma cinta de contas carmesim, numa pechincha, um par de meias de seda, para combinar, e um pequeno chapéu verde enrugado com uma rosa carmesim dentro. E até comprou um vestido noturno tolo e desvalorizado.

Depois, passou pela casa na Elm Street duas vezes - a Valancy nunca pensou nisso como "casa" - mas não viu ninguém. Sem dúvida, sua mãe estava sentada no quarto nesta adorável noite de junho brincando de solitário... e trapaceando. Valancy sabia que a Sra. Frederick sempre fazia batota. Ela nunca perdeu um jogo. A maioria das pessoas que Valancy encontrou olharam para ela com seriedade e passaram por ela com um aceno de cabeça. Ninguém parou para falar com ela.

Valancy vestiu seu vestido verde quando chegou em casa. Então ela o tirou novamente. Se sentiu tão miseravelmente despida em seu pescoço baixo e mangas curtas. E aquela cintura baixa e carmesim ao redor dos quadris parecia positivamente indecente. Ela a pendurou no armário, sentindo-se completamente perdida. Nunca teria coragem de usar aquele vestido. A acusação de medo de John Foster não tinha o poder de reforçá-la contra isso. Nessa única coisa o hábito e o costume ainda eram todo-poderosos. No entanto, ela suspirou enquanto descia para encontrar Barney Snaith em sua velha seda castanha. Aquela coisa verde tinha se tornado muito atraente - ela tinha visto tanto em seu único olhar de vergonha. Acima dela, os olhos pareciam jóias marrons estranhas e a cinta tinha dado a sua figura lisa e completamente diferente. Ela desejou tê-la vestido. Mas havia algumas coisas que John Foster não sabia.

Todos os domingos à noite Valancy ia à pequena igreja Metodista Livre - um pequeno edifício cinza sem espinhos entre os pinheiros, com alguns túmulos afundados e lápides musgosas no pequeno quadrado de grama ao seu lado. Ela gostava do ministro que pregava ali. Ele era tão simples e sincero. Um homem velho, que morava em Port Lawrence e saía pelo lago em um pequeno barco hélice desaparecido para prestar um serviço gratuito ao povo das pequenas e pedregosas fazendas nos fundos das colinas, que de outra forma nunca teria ouvido nenhuma mensagem evangélica. Ela gostava do serviço simples e do canto fervoroso. Gostava de sentar perto da janela aberta e olhar para dentro do bosque de pinheiros. A congregação sempre foi pequena. Os Metodistas Livres eram poucos em número, pobres e geralmente analfabetos. Mas Valancy adorava aqueles serões dominicais. Pela primeira vez em sua vida, ela gostava de ir à igreja. O boato chegou a Deerwood de que ela havia "virado Metodista Livre" e mandado a Sra. Frederick para a cama por um dia. Mas Valancy não tinha virado nada. Ela foi à igreja porque gostou e porque, de alguma forma inexplicável isso lhe fez bem. O velho Sr. Towers acreditava exatamente no que ele pregava e de alguma forma isso fazia uma tremenda diferença.

Estranhamente, Roaring Abel desaprovou que ela fosse à igreja da colina tão fortemente quanto a própria Sra. Frederick poderia ter feito. Ele não tinha "nenhuma utilidade para os Metodistas Livres. Ele era um presbiteriano". Mas Valancy foi apesar disso.

"Vamos ouvir algo pior do que isso sobre ela em breve", previu o tio Benjamin com tristeza.

E aconteceu...

Valancy não conseguia explicar, nem a si mesma, porque queria ir naquele baile. Era uma festa de danças "lá atrás" no Chidley Corners; e danças em Chidley Corners não eram, regra geral, o tipo de lugar onde jovens moças bem-educadas eram encontradas. Valancy sabia que estava acontecendo, pois Roaring Abel tinha sido contratado como um dos violinistas.

Mas a ideia de ir nunca lhe havia ocorrido até que o próprio Roaring Abel a abordasse ao jantar.

"Você vem comigo para o baile", ordenou ele. "Vai te fazer bem... dar um pouco de cor na sua cara. Você parece estar no auge... você quer algo para te animar".

Valancy se viu de repente querendo ir. Ela não sabia nada do que os bailes em Chidley Corners estavam aptos a ser. Sua ideia de dança tinha sido moldada sobre os assuntos corretos que levavam esse nome em Deerwood e Port Lawrence. Claro que ela sabia que a dança de Chidley Corners não seria exatamente como eles. Muito mais informal, é claro. Mas tanto mais interessante ainda. Por que ela não deveria ir? Cissy estava em uma semana de aparente saúde e melhora. Ela não se importaria de ficar sozinha no mínimo. Ela pediu para Valancy ir se ela quisesse. E Valancy queria mesmo ir.

Ela foi para o quarto para se vestir. Uma raiva contra a seda marrom a tomou. Usar isso em uma festa! Nunca. Ela tirou seu crepe verde do cabide e o vestiu febrilmente. Era um absurdo sentir-se tão - tão - nua - só porque o pescoço e os braços dela estavam nus. Era só a sua velha crença. Ela não se deixava levar por isso. Continuou o vestido... os sapatos.

Era a primeira vez que ela usava um vestido bonito desde sua adolescência. E eles nunca a tinham feito ficar assim.

Se ela só tivesse um colar ou algo assim. Ela não se sentiria tão desnuda então. Ela correu para o jardim. Havia trevos lá - grandes coisas carmesins crescendo na grama comprida. Valancy juntou um punhado deles e os amarrou em uma corda. Apertados acima do pescoço, eles lhe deram a sensação confortável de um colarinho e estavam se tornando estranhamente. Outro círculo deles foi em volta dos cabelos, vestida com os folhados baixos que se tornaram ela. A excitação trouxe aquelas manchas cor-de-rosa tênue ao seu rosto. Ela pegou seu casaco e colocou o chapéu pequeno e torcido sobre seus cabelos.

"Você está tão bonita e... e diferente, querida", disse Cissy. "Como um feixe de lua verde com um brilho de vermelho, se é que poderia haver tal coisa".

Valancy se abaixou para beijá-la.

"Eu não me sinto bem em te deixar sozinha, Cissy".

"Oh, eu vou ficar bem. Eu me sinto melhor esta noite do que por um longo tempo. Tenho me sentido mal em ver você ficar aqui tão perto por minha causa. Espero que você tenha um bom momento. Eu nunca mais estive em uma festa nos Corners, mas eu costumava ir às vezes, há muito tempo, para dançar. Nós sempre tivemos bons momentos. E você não precisa ter medo do pai estar bêbado hoje à noite. Ele nunca bebe quando se compromete a tocar para uma festa. Mas... pode ser... pode ser... O que você vai fazer se a festa fugir do controle?"

"Ninguém me difamaria".

"Não é sério, eu acho. O pai se encarregaria disso. Mas pode ser barulhento e... desagradável".

"Eu não me importarei. Eu só vou como uma observadora. Não espero dançar. Só quero ver como é uma festa. Nunca vi nada além de Deerwood decoroso".

Cissy sorriu de forma bastante duvidosa. Ela sabia muito melhor do que Valancy como seria uma festa se houvesse licor. Mas novamente pode não haver.

"Espero que você aproveite", ela repetiu.

Valancy gostou da viagem até lá. Eles foram cedo, pois eram 12 milhas até Chidley Corners, e eles tiveram que ir na velha e desorganizada charrete de Abel. A estrada era áspera e rochosa, como a maioria das estradas de Muskoka, mas cheia do charme austero dos bosques do norte. Ferida por belos pinheiros

ronronando que eram fileiras de encantamento no pôr do sol de junho, e sobre os curiosos rios verde-jade de Muskoka, margeados por vegetações que estavam sempre tremendo de alegria superna.

Abel também era uma excelente companhia. Ele conhecia todas as histórias e lendas da natureza, e as contava para Valancy enquanto dirigia. Valancy teve vários acessos de riso interior sobre o que o tio Benjamin e a tia Wellington sentiriam, pensariam e diriam se a vissem andando com o Roaring Abel naquela charrete terrível em direção a um baile em Chidley Corners.

No início o baile estava calmo o suficiente, e Valancy se divertiu. Ela até dançou duas vezes, com um par de meninos simpáticos que dançavam lindamente e lhe disseram que ela também dançava muito bem.

Outro elogio veio no caminho dela - talvez não muito sutil, mas Valancy tinha tido muitos poucos elogios na vida para ser exagerada nesse ponto. Ela ouviu dois dos jovens "de costas" falando sobre ela no escuro "inclinar-se para" atrás dela.

"Sabe quem é aquela garota de verde?"

"Não. Acho que ela é da cidade. Do Porto, talvez. Tem um olhar elegante".

"Não tem beleza, mas tem um visual bonito, eu digo."

A sala grande foi decorada com ramos de pinheiro e abeto, e iluminada por lanternas chinesas. O chão era encerado, e o violino de Abel, ronronando sob seu toque habilidoso, fazia mágica. As garotas locais estavam bonitas e bem vestidas. Valancy achou esta a festa mais bonita que ela já havia participado.

Às onze horas ela mudou de ideia. Uma nova multidão chegou - uma multidão inconfundivelmente bêbada. O uísque começou a circular livremente. Muito cedo quase todos os homens estavam parcialmente bêbados. Aqueles no alpendre e do lado de fora ao

redor da porta começaram a uivar "desce tudo". A sala ficou barulhenta e fedorenta. As brigas começaram aqui e ali. Ouvia-se má linguagem e canções obscenas. As garotas, balançando rudemente nos bailes, ficaram desgrenhadas e desorientadas. Valancy, sozinha em seu canto, estava se sentindo enojada e arrependida. Por que ela tinha vindo a um lugar assim? A liberdade e a independência estavam todas muito bem, mas não se deve ser tola. Ela poderia ter adivinhado como seria - poderia ter sido avisada pelas frases guardadas de Cissy. A cabeça dela estava doendo... estava farta de tudo isso. Mas o que poderia fazer? Ela deve ficar até o fim. Abel não poderia ir embora até lá. E isso provavelmente não seria antes das três ou quatro da manhã.

O novo afluxo de meninos havia deixado as meninas longe na minoria e os parceiros eram escassos. Valancy foi importunada com os convites para dançar. Ela os recusou a todos rapidamente, e algumas de suas recusas não foram bem recebidas. Havia juramentos murmurados e olhares sombrios. Do outro lado da sala, ela viu um grupo de estranhos falando juntos e olhando para ela de forma significativa. O que eles estavam conspirando?

Foi nesse momento que ela viu Barney Snaith olhando por cima das cabeças das multidões na entrada da porta. Valancy tinha duas convicções distintas - uma era que ela estava bem segura agora; a outra era que este foi o motivo pelo qual ela quis vir ao baile. Tinha sido uma esperança tão absurda que ela não a tinha reconhecido antes, mas agora sabia que tinha vindo por causa da possibilidade de que Barney também pudesse estar lá. Ela achava que talvez devesse ter vergonha por isso, mas não tinha. Depois do seu sentimento de alívio, seu próximo sentimento foi de aborrecimento com Barney por ter chegado lá de barba. Certamente ele pode ter respeito próprio suficiente para se cuidar decentemente quando vai a uma festa. Lá estava ele, com a cabeça sem chapéu, de calças velhas e camisa caseira azul. Nem mesmo um casaco. Valancy poderia tê-lo abalado em sua raiva. Não admira que as pessoas acreditassem em tudo de ruim dele.

Mas ela não tinha mais medo. Um do grupo de sussurros deixou seus camaradas e cruzou a sala para ela, através dos casais rodopiantes que agora a enchiam desconfortavelmente. Ele era um sujeito alto, de ombros largos, não mal vestido ou com mau aspecto, mas inconfundivelmente meio bêbado. Ele convidou Valancy para dançar. Valancy declinou civilizadamente. O rosto dele ficou lívido. Ele atirou seu braço sobre ela e a puxou contra ele. Seu hálito quente e assobiado queimou o rosto dela.

"Não teremos ar de mulher fina aqui, minha garota. Se você é boa demais para vir aqui, você não é boa demais para dançar conosco. Eu e meus amigos temos estado de olho em você. Você tem que dar a cada um de nós uma dança e um beijo para começar".

Valancy tentou desesperadamente e em vão se libertar. Ela estava sendo arrastada pelos dançarinos. No momento seguinte, o homem que a segurava foi cambaleando pela sala de um golpe bem plantado na mandíbula, derrubando casais rodopiando enquanto ele caia. Valancy sentiu seu braço sendo puxado.

"Por aqui... rápido", disse Barney Snaith. Ele a balançou pela janela aberta atrás dele, balançou levemente sobre o peitoril e pegou a mão dela.

"Rápido... temos que correr para fora... logo eles estarão atrás de nós".

Valancy correu como nunca tinha corrido antes, agarrada à mão de Barney, se perguntando por que ela não caiu morta em um esquema tão louco. Suponhamos que ela o faria! Que escândalo isso faria para seu pobre povo. Pela primeira vez, Valancy sentiu um pouco de pena deles. Além disso, ela se sentiu feliz por ter escapado daquela horrível festa. Também, feliz que ela estava agarrada à mão do Barney. Seus sentimentos estavam muito misturados e ela nunca havia tido tantos em tão pouco tempo em sua vida.

Eles finalmente chegaram a um canto tranquilo no bosque do pinheiro. A perseguição tinha tomado uma direção diferente e os gritos e as ondas atrás deles estavam desmaiando. Valancy, sem fôlego, com o coração batendo loucamente, apoiou-se no tronco de um pinheiro caído.

"Obrigada", ela disse.

"Que maluca você foi de vir a um lugar assim!" disse Barney.

"Eu... não... sabia que... seria... seria assim", protestou Valancy.

"Você deveria ter sabido. Chidley Corners!"

"Eu... era... apenas... um nome... para mim."

Valancy sabia que Barney não podia perceber o quão ignorante ela era sobre estas regiões afastadas. Ela tinha vivido em Deerwood toda a sua vida e é claro que ele supunha que ela sabia. Ele não sabia como ela tinha sido educada. Não adiantava tentar explicar.

"Quando eu entrei na casa de Abel esta noite e Cissy me disse que você viria aqui eu fiquei espantado. E completamente assustado. Cissy me disse que estava preocupada com você, mas que não quis lhe dizer nada que a dissuadisse a pensar que ela estava agindo egoisticamente. Então eu vim até aqui ao invés de ir para Deerwood".

Valancy sentiu um brilho repentino e delicioso irradiando alma e corpo sob os pinheiros escuros. Então ele tinha realmente vindo para cuidar dela.

"Assim que eles pararem de nos procurar, vamos nos esgueirar até a estrada de Muskoka. Eu deixei Lady Jane lá embaixo. Eu te levo para casa. Suponho que você já teve o suficiente da sua festa".

"Bastante", disse Valancy mansamente. Na primeira metade do caminho para casa, nenhum deles disse nada. Não teria sido muito

útil. Lady Jane fez tanto barulho que eles não poderiam ter ouvido um ao outro. De qualquer forma, Valancy não se sentiu inclinado a conversar. Ela estava envergonhada de todo o caso - envergonhada de sua loucura em ir - envergonhada de ser encontrada em tal lugar por Barney Snaith. Por Barney Snaith, reputado infrator da prisão, infiel, falsificador e inadimplente. Os lábios de Valancy tremeram na escuridão enquanto ela pensava nisso. Mas ela estava envergonhada.

E ainda assim ela estava se divertindo - estava cheia de uma estranha exultação - pulando sobre aquela estrada acidentada ao lado de Barney Snaith. As grandes árvores atingidas por eles. Os pinheiros altos se levantaram ao longo da estrada em fileiras rígidas e ordeiras como companhias de soldados. Os cardos pareciam fadas bêbadas ou elfos bêbados quando as luzes dos carros passavam por cima deles. Esta foi a primeira vez que ela esteve em um carro. Afinal de contas, ela gostou. Ela não estava com o mínimo de medo, com Barney ao volante. O espírito dela subiu rapidamente enquanto eles se afastavam. Ela deixou de sentir vergonha. Deixou de sentir qualquer coisa, exceto que fazia parte de um cometa correndo gloriosamente através da noite do espaço.

Mas de repente, Lady Jane ficou quieta... muito quieta. Lady Jane desacelerou calmamente... e parou.

Barney proferiu uma exclamação horrível. Saiu. Investigou. Voltou incrédulo.

"Eu sou um idiota esquivo. Terminou o combustível. Eu sabia que estava com pouco quando saí de casa, mas eu queria encher em Deerwood. Depois esqueci tudo na minha pressa de chegar ao baile".

"O que podemos fazer?" perguntou Valancy friamente.

"Eu não sei. Não há gasolina mais perto do que Deerwood, a nove milhas de distância. E eu não ouso deixá-lo aqui sozinha. Há sempre vagabundos nesta estrada - e alguns daqueles malucos lá

nos Corners podem vir se arriscando para cá. Havia lá garotos do Porto. Até onde posso ver, o melhor a fazer é sentar pacientemente aqui até que algum carro chegue e nos empreste gasolina suficiente para chegarmos até a casa de Roaring Abel".

"Bem, qual é o problema com isso?" disse Valancy.

"Talvez tenhamos que ficar aqui sentados a noite toda", disse Barney.

"Eu não me importo," disse Valancy.

Barney deu uma pequena risada. "Se você não se importa, então eu também não preciso. Eu não tenho nenhuma reputação a perder".

"Nem eu", disse Valancy confortavelmente.

CAPÍTULO XXI

"Vamos apenas sentar aqui", disse Barney, "e se pensarmos em algo que valha a pena dizer, vamos dizer. Caso contrário, não. Não imagine que você é obrigado a falar comigo".

"John Foster diz," citou Valancy, "'Se você pode sentar em silêncio com uma pessoa por meia hora e ainda assim ficar totalmente confortável, você e essa pessoa podem ser amigos. Se você não puder, amigos vocês nunca serão e não precisam perder tempo em tentar"".

"Evidentemente, John Foster diz uma coisa sensata de vez em quando", admitiu Barney.

Eles ficaram em silêncio por um longo tempo. Pequenos coelhinhos saltaram para o outro lado da estrada. Uma ou duas vezes uma coruja riu deliciosamente. A estrada além deles era cercada com as rendas de sombra tecidas das árvores. Longe para o sudoeste o céu estava cheio de pequenas nuvens de cirros prateados acima do ponto onde a ilha de Barney deve estar.

Valancy estava perfeitamente feliz. Algumas coisas amanhecem em você lentamente. Algumas coisas vêm por relâmpagos. Valancy tinha tido um relâmpago.

Ela sabia muito bem agora que amava Barney. Ontem ela tinha sido toda sua. Agora ela era deste homem. No entanto ele não tinha feito nada... não disse nada. Ele não tinha nem olhado para ela como uma mulher. Mas isso não importava. Nem importava o que ele era ou o que ele tinha feito. Ela o amava sem nenhuma reserva. Tudo o que havia nela era totalmente para ele. Ela não tinha vontade de abafar ou renegar seu amor. Ela parecia ser tão absolutamente dele que o pensamento à parte dele - embora não fosse predominante - era uma impossibilidade.

Ela havia percebido, de maneira simples e completa, que o amava, no momento em que ele se apoiava na porta do carro, explicando que Lady Jane não tinha gasolina. Ela tinha olhado profundamente nos olhos dele à luz da lua e tinha sabido. Apenas naquele espaço infinitesimal de tempo tudo mudou. As coisas velhas passaram e todas as coisas se tornaram novas.

Ela não era mais sem importância, a pequena solteirona Valancy Stirling. Ela era uma mulher, cheia de amor e portanto rica e significante - justificada a si mesma. A vida não era mais vazia e fútil, e a morte não podia mais enganá-la de nada. O amor havia expulsado seu último medo.

O amor! Que coisa ardente, torturante, intoleravelmente doce era - esta posse de corpo, alma e mente! Com algo em seu núcleo tão fino e remoto e puramente espiritual como a pequena centelha azul no coração do diamante inquebrável. Nenhum sonho jamais tinha sido assim. Ela não era mais solitária. Ela era uma de uma vasta irmandade - todas as mulheres que já haviam amado no mundo.

Barney nunca precisaria saber - embora ela não se importasse minimamente com o conhecimento dele. Mas ela sabia disso e isso fez uma tremenda diferença para ela. Só para amar! Ela não pediu para ser amada. Foi arrebatamento suficiente apenas para sentar-se ao seu lado em silêncio, sozinha na noite de verão no esplendor branco do luar, com o vento soprando sobre eles para fora do bosque de pinheiros. Ela sempre tinha inveja do vento. Tão livre. Soprando onde quisesse. Através das colinas. Por cima dos lagos. Que magia de aventura! Valancy sentiu como se tivesse trocado sua alma desgastada na loja por uma fresca, nova fogueira da oficina dos deuses. Até onde ela podia olhar, a vida tinha sido sem graça - incolor - sem salvação. Agora ela tinha chegado a um pequeno pedaço de violetas, roxo e perfumado. Não importava quem ou o que tinha estado no passado de Barney - não importava quem ou o que poderia estar no futuro dele - ninguém mais poderia ter esta hora perfeita. Ela se rendeu totalmente ao encanto do momento.

"Alguma vez sonhou em voar de balão?' perguntou Barney de repente.

"Não", disse Valancy.

"Eu sim..., muitas vezes. Sonho em navegar através das nuvens - vendo as glórias do pôr do sol - passando horas no meio de uma tempestade fantástica com relâmpagos tocando acima e abaixo de você - esquivando-se acima de um chão de nuvens prateadas sob uma lua cheia - maravilhoso!"

"Parece que sim", disse Valancy. "Eu fiquei na terra em meus sonhos".

Ela contou a ele sobre seu Castelo Azul. Era tão fácil contar coisas ao Barney. Sentia que ele entendia tudo, mesmo as coisas que não contou a ele. E então ela contou-lhe um pouco da sua existência antes de vir para a casa de Roaring Abel. Ela queria que ele visse por que ela tinha ido ao baile naquele lugar.

"Você vê - eu nunca tive nenhuma vida real," ela disse. "Eu apenas... respirei. Todas as portas sempre estiveram fechadas para mim".

"Mas você ainda é jovem", disse Barney.

"Oh, eu sei. Sim, eu sou 'ainda jovem' - mas isso é tão diferente de viver como uma jovem", disse Valancy amargamente. Por um momento ela foi tentada a dizer ao Barney por que seus anos não tiveram nada a ver com seu futuro; mas ela não o fez. Ela não ia pensar na morte hoje à noite.

"Embora eu nunca fosse realmente jovem," ela continuou - "até hoje à noite," ela acrescentou em seu coração. "Eu nunca tive uma vida como as outras garotas. Você não conseguia entender. Porque," - ela tinha um desejo desesperado de que Barney soubesse o pior sobre ela - "Eu nem mesmo amava minha mãe. Não é horrível que eu não ame minha mãe?"

"Bastante horrível - para ela", disse Barney.

"Oh, ela não sabia disso. Ela tomou o meu amor como garantido. E eu não tinha nenhum uso ou conforto para ela ou para ninguém. Eu era apenas... insignificante. E eu me cansei disso. Por isso vim para manter a casa para o Sr. Abel e cuidar da Cissy".

"E eu suponho que seu povo pensou que você tinha enlouquecido".

"Eles pensaram... pensaram... literalmente", disse Valancy. "Mas é um conforto para eles. Eles preferem acreditar em mim louca a maldosa. Não há outra alternativa. Mas eu vivo desde que cheguei ao Sr. Abel. Tem sido uma experiência encantadora. Acho que vou pagar por isso quando tiver que voltar - mas já a tive".

"Isso é verdade", disse Barney. "Se você viver sua experiência, é sua própria. Então não importa o quanto você pague por ela. A experiência de outra pessoa nunca pode ser sua. Bem, é um velho mundo engraçado".

"Você acha mesmo que é velho?" perguntou Valancy sonhadoramente. "Eu nunca acredito nisso em junho. Parece tão jovem hoje à noite... de alguma forma. Naquele luar trêmulo, como uma jovem garota branca, esperando".

"A atmosfera aqui à beira do luar é diferente que em qualquer outro lugar", concordou Barney. "Sempre me faz sentir tão limpo, de alguma forma - corpo e alma. E é claro que a idade do ouro sempre volta na primavera".

Eram dez horas agora. Um dragão de nuvem negra comeu a lua. O ar da primavera arrefeceu... A alegria tremeu. Barney voltou para as entranhas de Lady Jane e pegou um casaco velho, perfumado de tabaco.

"Veste isso", ele mandou.

"Você não quer isso você mesmo?" protestou Valancy.

"Não. Não quero que você pegue resfriado por minha culpa".

"Oh, eu não vou pegar resfriado. Eu não me constipei desde que cheguei na casa do Sr. Abel, embora eu tenha feito as coisas mais tolas. É engraçado, também... eu costumava tê-los o tempo todo. Sinto-me tão egoísta tomando seu casaco".

"Você espirrou três vezes. Não adianta voltar a enrolar sua 'experiência' com gripe ou pneumonia".

Ele puxou-a com força e abotoou o casaco nela. Valancy submeteu com deleite secreto. Como foi bom ter alguém que cuidasse dela assim! Ela se aconchegou nas dobras de tabaco e desejou que a noite pudesse durar para sempre.

Dez minutos depois, um carro se aproximou. Barney saltou de Lady Jane e acenou com sua mão. O carro parou ao lado deles. Valancy viu o tio Wellington e Olive olhando para ela com horror.

Então o tio Wellington tinha arranjado um carro! E ele deve ter passado a noite em Mistawis com o primo Herbert. Valancy quase riu em voz alta da expressão em seu rosto quando ele a reconheceu. A velha e pomposa charlatanice!

"Você pode me emprestar gasolina suficiente para me levar até Deerwood?" Barney estava perguntando educadamente. Mas o tio Wellington não estava prestando atenção nele.

"Valancy, como você veio aqui?" ele disse com firmeza.

"Por acaso ou pela graça de Deus", disse Valancy.

"Com este pássaro da cadeia - às dez horas da noite!" disse o tio Wellington.

Valancy virou-se para o Barney. A lua havia escapado de seu dragão e em sua luz seus olhos estavam cheios de diabo.

"Você é um pássaro da cadeia?"

"Será que isso importa?" disse Barney, brilha de diversão em seus olhos.

"Não para mim. Eu só perguntei por curiosidade", continuou Valancy.

"Então eu não vou te dizer. Eu nunca satisfaço a curiosidade". Ele se virou para o tio Wellington e sua voz mudou sutilmente.

"Sr. Stirling, eu lhe perguntei se você poderia me emprestar um pouco de combustível. Se você puder. Se não, só o estamos atrasando desnecessariamente".

O tio Wellington estava em um dilema horrível. Dar combustível a este par sem vergonha? Ou ir embora e deixá-los lá no bosque do Mistawis - até a luz do dia, provavelmente? Era melhor dar a eles e deixá-los sair da vista antes que alguém mais os visse.

"Tem alguma coisa para meter gasolina?" ele grunhiu.

Barney produziu uma medida de dois galões de Lady Jane. Os dois homens foram para a traseira do carro e começaram a manipular a torneira. Valancy roubou olhares manhosos para Olive por cima do colarinho do casaco de Barney. Olive estava sentada, olhando em frente com uma expressão ultrajante. Ela não queria dar atenção a Valancy. Olive tinha suas próprias razões secretas para se sentir ultrajada. Cecil tinha estado em Deerwood ultimamente e, é claro, tinha ouvido tudo sobre Valancy. Ele concordou que sua mente estava mudada e estava extremamente ansioso para descobrir de onde o problema havia sido herdado. Era uma coisa séria para se ter na família - uma coisa muito séria. A pessoa tinha que pensar nos seus descendentes.

"Ela herdou dos Wansbarras", disse Olive positivamente. "Não há nada assim nos Stirlings... nada!"

"Espero que não... espero que não", Cecil tinha respondido duvidosamente. "Mas então... sair como uma servidora... pois isso é o que praticamente equivale. A sua prima!"

Pobre Olive. Os Port Lawrence Prices não estavam acostumados a se aliar a famílias cujos membros "serviam ou trabalhavam".

Valancy não resistiu à tentação. Ela se inclinava para frente.

"Olive, será que dói?"

"O que dói?"

"Ter esse aspecto."

Por um momento, Olive resolveu que não iria dar mais atenção ao Valancy. Então o dever veio mais alto. Ela não deve perder a oportunidade.

"Doss", ela implorou, inclinando-se para frente também, "você não vai voltar para casa? Volte para casa hoje à noite?"

Valancy bocejou.

"Você parece uma reunião de reavivamento", disse ela. "Você realmente soa."

"Se você vai voltar..."

"Tudo será perdoado".

"Sim", disse Olive avidamente. Não seria esplêndido se ela pudesse induzir a filha pródiga a voltar? "Nós nunca a culparemos por nada. Doss, há noites em que eu não consigo dormir por pensar em você".

"E eu tendo o momento da minha vida", disse Valancy, rindo.

"Doss, não posso acreditar que você é maldosa. Eu sempre disse que você não poderia ser ruim..."

"Eu não acredito que eu possa ser", disse Valancy. "Temo que eu seja irremediavelmente apropriada. Estou sentada aqui há três horas com Barney Snaith e ele nem sequer tentou me beijar. Eu não teria me importado se ele tentasse, Olive".

Valancy ainda estava inclinada para frente. Seu pequeno chapéu com sua rosa carmesim estava inclinado para baixo sobre um olho - o sorriso de Valancy - o que tinha acontecido com Valancy! Ela parecia... não era bonita... não podia ser bonita... mas provocadora, fascinante... sim, abominavelmente. Olive voltou. Estava abaixo de sua dignidade dizer mais. Afinal, Valancy deve ser ao mesmo tempo louca e má.

"Obrigado... já chega", disse Barney atrás do carro. "Muito obrigado, Sr. Stirling. Dois galões... setenta centavos. Obrigado."

O tio Wellington subiu tolo e fraco no carro dele. Ele queria dar ao Snaith sermão, mas não ousou. Quem sabia o que a criatura poderia fazer se fosse provocada? Sem dúvida, ele carregava armas de fogo.

O tio Wellington olhou indecisamente para Valancy. Mas Valancy tinha virado as costas para ele e estava vendo Barney derramar o combustível na serpente de Lady Jane.

"Continue", disse Olive decisivamente. "Não adianta esperar aqui. Deixe-me dizer-lhe o que ela me disse".

"A pequena Doss! A desavergonhada pequena Doss!" disse o tio Wellington.

CAPÍTULO XXII

A próxima coisa que os Stirlings ouviram foi que Valancy tinha sido vista com Barney Snaith em um cinema em Port Lawrence e depois em um jantar em um restaurante chinês de lá. Isso era bem verdade - e ninguém ficou mais surpreso com isso do que a própria Valancy. Barney tinha aparecido em Lady Jane um crepúsculo e convidou Valancy sem cerimônias a um passeio de carro.

"Eu vou para o Porto. Você vai lá comigo?"

Seus olhos estavam provocando e havia um pouco de rebeldia em sua voz. Valancy, que não escondeu de si mesma que teria ido com ele a qualquer lugar, "entrou" sem mais delongas no carro. Eles se arrancaram através de Deerwood. A Sra. Frederick e a prima Stickles, tomando um pouco de ar na varanda, os viram rodopiar numa nuvem de poeira e buscaram conforto no olhar uma da outra. Valancy, que em alguma pré-existência fraca tinha medo de um carro, não lembrava disso e o seu cabelo estava soprando selvagemente em seu rosto. Ela certamente teria uma bronquite - e morreria na casa de Abel. Ela usava um vestido de pescoço baixo e seus braços estavam nus. A criatura Snaith estava fumando um cachimbo. Eles iam ao ritmo de 40 milhas por hora... sessenta, a prima Stickles fez esta média. Lady Jane podia acertar o lúcio quando quisesse. Valancy acenou sua mão alegremente para suas parentes. Quanto à Sra. Frederick, ela desejava saber como entrar em histeria.

"Foi por isto", exigiu ela em tons ocos, "que eu sofri as dores da maternidade?"

"Não vou acreditar - disse solenemente a prima Stickles - que nossas preces ainda não serão atendidas".

"Quem - quem vai proteger aquela infeliz garota quando eu morrer?" gemeu a Sra. Frederick.

Quanto a Valancy, ela estava se perguntando se realmente só poderiam ter passado algumas semanas desde que ela se sentou lá com elas naquela varanda. Odiando a seringueira. Preocupada com perguntas provocadoras como moscas negras. Sempre pensando nas aparências. Vacilada por causa das colheres de chá da tia Wellington e do dinheiro do tio Benjamin. Pobrezinha. Com medo de todos. Uma escrava das tradições comidas pelas traças. Nada a esperar.

E agora todos os dias eram uma aventura alegre.

Lady Jane voou sobre as quinze milhas entre Deerwood e o Porto. A maneira como Barney passou pelos policiais de trânsito não era sagrada. As luzes começavam a cintilar como estrelas no ar límpido do crepúsculo, de limão. Esta foi a única vez que Valancy realmente gostou da cidade, e ela estava louca com o deleite do excesso de velocidade. Era possível que ela já tivesse tido medo de um carro? Ela estava perfeitamente feliz, andando ao lado do Barney. Não que ela se tivesse iludido a pensar que isso tinha algum significado. Ela sabia muito bem que Barney lhe havia pedido para ir no impulso do momento - um impulso nascido de um sentimento de piedade por ela e seus pequenos sonhos famintos. Ela parecia cansada depois de uma noite de vigília com um ataque cardíaco, seguido de um dia atarefado. Se divertia tão pouco. Ele lhe daria um passeio por uma vez. Além disso, Abel estava na cozinha, no ponto de embriaguez onde declarava não acreditar em Deus e começava a cantar canções rivais. Ainda bem que ela deveria ficar fora do caminho por um tempo. Barney conhecia o repertório de Roaring Abel.

Eles foram ao cinema... Valancy nunca tinha ido ao cinema. E então, encontrando uma boa fome, eles foram e comeram frango frito - inacreditavelmente delicioso - no restaurante chinês. Depois, voltaram para casa, deixando um rastro devastador de escândalo atrás deles. A Sra. Frederick desistiu completamente de ir à igreja.

Ela não podia suportar os olhares de pena e as perguntas de seus amigos. Mas a prima Stickles ia todos os domingos. Ela disse que eles tinham recebido uma cruz para carregar.

CAPÍTULO XXIII

Em uma das noites de vigília de Cissy, ela contou para Valancy sua pobre história. Elas estavam sentadas junto à janela aberta. Cissy não conseguia respirar deitada naquela noite. Uma lua inglória e gibosa pairava sobre as colinas arborizadas e em sua luz espectral Cissy parecia frágil, adorável e incrivelmente jovem. Uma criança. Não parecia possível que ela pudesse ter vivido toda a paixão, dor e vergonha de sua história.

"Ele estava trabalhando no hotel do outro lado do lago. Ele costumava vir em sua canoa à noite - nos encontramos nos pinheiros da margem. Ele era um jovem estudante universitário - seu pai era um homem rico em Toronto. Oh, Valancy, eu não queria ser mau - eu não queria, de fato. Mas eu o amava, então eu ainda o amo... eu sempre o amarei. E eu... não sabia... algumas coisas. Eu não entendia. Então o pai dele veio e o levou embora. E... depois... eu descobri minha gravidez... oh, Valancy... eu estava tão assustada. Eu não sabia o que fazer. Eu escrevi-lhe... e ele veio. Ele disse que se casaria comigo, Valancy".

"E por que... e por quê...?"

"Oh, Valancy, ele não me amava mais. Eu vi isso num relance. Ele só estava se oferecendo para casar comigo porque achava que deveria, porque estava arrependido por mim. Ele não era mau - mas ele era tão jovem - e o que era eu para que ele continuasse me amando?"

"Esqueça de arranjar desculpas para ele," disse Valancy sendo breve. "Então você não se casaria com ele?"

"Eu não podia... não quando ele não me amava mais. De alguma forma - não consigo explicar - parecia uma coisa pior a fazer. Ele

discutiu um pouco, mas foi embora. Você acha que eu fiz certo, Valancy?"

"Sim, eu acho. Você fez certo. Mas ele..."

"Não o culpe, querida. Por favor, não o culpe. Não vamos falar sobre ele de jeito nenhum. Não há necessidade. Eu queria te dizer como foi... Eu não queria que você me achasse uma pessoa má..."

"Eu nunca pensei assim".

"Sim, eu senti que... quando quer que viesse. Oh, Valancy, o que você tem sido para mim! Eu nunca posso te dizer, mas Deus vai te abençoar por isso. Eu sei que Ele vai...".

Cissy soluçou por alguns minutos nos braços do Valancy. Depois ela limpou os olhos.

"Bem, isso é quase tudo. Eu cheguei em casa. Eu não estava realmente muito infeliz. Eu acho que eu deveria ter sido... mas não fui. O pai não foi ruim para mim. E meu bebê era tão doce, Valancy - com olhos azuis tão adoráveis - e pequenos cachos de cabelo dourado pálido como fio de seda - e mãos minúsculas com covinhas. Eu costumava morder seu rosto liso e acetinado por toda parte, suavemente, para não machucá-lo, você sabe..."

"Eu sei", disse Valancy, envenenando. "Eu sei... uma mulher sempre sabe... e sonha..."

"E ele era todo meu. Ninguém mais tinha nenhuma reivindicação sobre ele. Quando ele morreu, oh, Valancy, eu pensei que deveria morrer também - eu não vi como alguém poderia suportar tal angústia e viver. Ver seus queridos olhinhos e saber que ele nunca mais os abriria - perder seu pequeno e quente corpo aninhado contra o meu à noite e pensar nele dormindo sozinho e frio, seu pequeno rosto sob a terra dura e congelada. Foi tão horrível durante o primeiro ano - depois que foi um pouco mais fácil, não se

continuou pensando 'neste dia do ano passado' - mas fiquei tão feliz quando descobri que estava morrendo".

"'Quem poderia suportar a vida se não fosse a esperança de morte?'" murmurou Valancy suavemente - era claro que era uma citação de algum livro de John Foster.

"Estou feliz por ter lhe contado tudo sobre isso", suspirou Cissy. "Eu queria que você soubesse".

Cissy morreu algumas noites depois disso. Abel estava longe. Quando Valancy viu a mudança que tinha acontecido no rosto de Cissy, ela quis telefonar para o médico. Mas Cissy não a deixou.

"Valancy, por que você deveria? Ele não pode fazer nada por mim. Eu sabia há vários dias que... isto... estava perto. Deixe-me morrer em paz, querida... apenas segurando sua mão. Oh, estou tão feliz por você estar aqui. Diga adeus ao papai por mim. Ele sempre foi tão bom para mim... e Barney. De alguma forma, eu acho que o Barney..."

Mas um espasmo de tosse a interrompeu e a esgotou. Ela adormeceu quando acabou, ainda agarrada à mão de Valancy. Valancy ficou ali sentada no silêncio. Ela não estava assustada, ou mesmo arrependida. Ao nascer do sol, Cissy morreu. Ela abriu os olhos e olhou para além de Valancy para algo - algo que a fez sorrir de repente e feliz. E, sorrindo, ela morreu.

Valancy cruzou as mãos de Cissy em seu peito e foi para a janela aberta. No céu oriental, em meio ao fogo do nascer do sol, uma lua cheia estava pendurada - esbelta e adorável. Valancy nunca tinha visto uma lua cheia antes. Ela a observava pálida e desbotada, até que se desvaneceu e desapareceu na rosa viva do dia. Uma pequena piscina no horizonte brilhava ao nascer do sol como um grande lírio dourado.

Mas o mundo de repente parecia um lugar mais frio para Valancy. Novamente ninguém precisava dela. Ela não estava nem

um pouco arrependida pela morte de Cecília. Ela só sentia pena de todo o seu sofrimento na vida. Mas ninguém mais poderia machucá-la novamente. Valancy sempre achou a morte horrível. Mas Cissy tinha morrido tão silenciosamente... tão agradavelmente. E no último momento, alguma coisa, a compensou por tudo. Ela estava deitada lá agora, em seu sono branco, parecendo uma criança. Que lindo! Todas as linhas de vergonha e dor se foram.

Abel entrou furiosamente. Valancy desceu e disse a ele. O choque o deixou sóbrio de uma vez. Ele caiu no banco de sua charrete, com sua grande cabeça pendurada.

"Cissy morreu - Cissy morreu", ele disse vagamente. "Eu não pensei que isso aconteceria tão cedo. Morta. Ela costumava correr pela pista para me encontrar com uma pequena rosa branca presa em seu cabelo. Cissy costumava ser uma garotinha bonita. E uma boa garotinha".

"Ela sempre foi uma boa garotinha", disse Valancy.

CAPÍTULO XXIV

A própria Valancy preparou a Cissy para o enterro. Nenhuma mão a não ser a dela deveria tocar aquele corpinho miserável e desperdiçado. A velha casa estava impecável no dia do enterro. Barney Snaith não estava lá. Ele tinha feito tudo que podia para ajudar Valancy antes - ele tinha envolvido a pálida Cecília em rosas brancas do jardim - e depois tinha voltado para sua ilha. Mas todos os outros estavam lá. Todos de Deerwood e região vieram. Eles perdoaram Cissy esplendidamente, finalmente. O Sr. Bradly deu um discurso fúnebre muito bonito. Valancy queria o seu velho metodista livre, mas Abel era obcecado. Ele era um presbiteriano e ninguém além de um ministro presbiteriano deveria enterrar sua filha. O Sr. Bradly foi muito diplomático. Ele evitava todos os pontos duvidosos e era evidente que ele esperava o melhor. Seis respeitáveis cidadãos de Deerwood levaram Cecília Gay ao túmulo no decoroso cemitério de Deerwood. Entre eles estava o tio Wellington.

Os Stirlings vieram todos para o funeral, homens e mulheres. Eles tinham tido um conclave familiar sobre ele. Com certeza, agora que Cissy Gay estava morta, Valancy voltaria para casa. Ela simplesmente não podia ficar lá com Roaring Abel. Sendo esse o caso, o curso mais sábio - decretado pelo tio James - foi assistir ao funeral - legitimar tudo, por assim dizer - mostrar a Deerwood que Valancy tinha realmente feito tudo muito meritório ao ir cuidar da pobre Cecilia Gay e que sua família a apoiava nisso. A morte, a milagreira, de repente tornou a coisa bastante respeitável. Se Valancy voltasse para casa enquanto a opinião pública estivesse sob sua influência, tudo ainda poderia estar bem. A sociedade estava de repente esquecendo todos os atos perversos de Cecília e lembrando que ela tinha sido uma coisinha bonita e modesta - "e sem mãe, você sabe - sem mãe!". Era o momento psicológico - disse o tio James.

Então os Stirlings foram ao funeral. Até a neurite da prima Gladys permitiu que ela viesse. A prima Stickles estava lá, com o chapéu pingando pelo rosto, chorando como se Cissy fosse a mais próxima e querida dela. Os funerais sempre trouxeram de volta o "triste luto" da prima Stickles.

E o tio Wellington era um porta-paletes.

Valancy, pálida, de aspecto submisso, seus olhos inclinados manchados de púrpura, em seu vestido marrom, movendo-se calmamente, encontrando assentos para as pessoas, consultando com o ministro e o agente funerário, mandando as "carpideiras" para o salão, era tão decorosa que sua família a viu com um coração de graças. Esta não era - não podia ser - a garota que tinha sentado a noite toda no bosque com Barney Snaith - que tinha ido rasgar de cabeça nua através de Deerwood e Port Lawrence. Esta era o Valancy que eles conheciam. Realmente, surpreendentemente capaz e eficiente. Talvez ela sempre tivesse sido mantida um pouco baixa demais... Amélia era realmente bastante severa... não tinha tido a chance de mostrar o que havia nela. Assim pensaram os Stirlings. E Edward Beck, da estrada do Porto, um viúvo com uma grande família que começava a se dar conta, percebeu Valancy e pensou que ela poderia ser uma bela segunda esposa. Nenhuma beleza - mas um viúvo de 50 anos, o Sr. Beck disse a si mesmo muito razoavelmente, não podia esperar tudo. No total, parecia que as chances matrimoniais de Valancy nunca foram tão brilhantes como no funeral de Cecilia Gay.

O que os Stirlings e Edward Beck teriam pensado se soubessem a parte de trás da mente de Valancy deve ser deixado à imaginação. Valancy estava odiando o funeral - odiando as pessoas que vinham olhar com curiosidade para o rosto branco-mármore de Cecília - odiando a presunção - odiando o arrastamento, o canto melancólico - odiando os lugares-comuns cautelosos do Sr. Bradly. Se ela pudesse ter tido seu jeito absurdo, não teria havido nenhum funeral. Ela teria coberto Cissy com flores, a teria fechado de olhos curiosos, e a teria enterrado ao lado de seu bebezinho sem nome no

cemitério gramado sob os pinheiros da igreja, com um pouco de oração gentil do velho ministro Metodista Livre. Ela se lembrou de Cissy dizer uma vez, "Eu gostaria de ser enterrada no coração da floresta onde ninguém jamais viria dizer, 'Cissy Gay está enterrada aqui' e contar sobre minha história miserável".

Mas isto, no entanto, logo estaria acabado. Valancy sabia, se os Stirlings e Edward Beck não soubessem, exatamente o que ela pretendia fazer então. Ela tinha ficado acordada toda a noite anterior pensando nisso e finalmente decidindo sobre isso.

Quando o cortejo fúnebre saiu de casa, a Sra. Frederick procurou Valancy na cozinha.

"Minha filha", ela disse trêmula, "você vai voltar para casa agora?".

"Casa", disse Valancy sem querer. Ela estava se pondo de avental e calculando quanto chá ela deve colocar para o jantar. Haveria vários convidados de "volta" - parentes distantes, que não se lembravam deles há anos. E ela estava tão cansada que desejava poder pedir emprestado um par de pernas ao gato.

"Sim, em casa", disse a Sra. Frederick, com um toque de aspereza. "Suponho que você não sonhará em ficar aqui agora... sozinha com Roaring Abel".

"Oh, não, eu não vou ficar aqui", disse Valancy. "Claro, terei que ficar por um dia ou dois, para colocar a casa em ordem de uma maneira geral. Mas isso é tudo. Desculpe-me, mãe, você não vai partir? Tenho muito a fazer - todas aquelas pessoas estarão de volta aqui para jantar".

A Sra. Frederick recuou em considerável alívio, e os Stirlings foram para casa com os corações mais leves.

"Vamos tratá-la como se nada tivesse acontecido quando ela voltar", decretou o tio Benjamin. "Esse será o melhor plano. Como

se nada tivesse acontecido".

CAPÍTULO XXV

Na noite do dia seguinte ao funeral, Abel saiu para uma farra. Ele estava sóbrio há quatro dias inteiros e não conseguia mais suportar. Antes dele ir, Valancy lhe disse que iria embora no dia seguinte. Abel lamentou e concordou. Uma prima distante estava vindo para manter a casa para Abel - disposta a fazer isso agora, já que não havia nenhuma garota doente para cuidar - mas Abel não estava sob nenhuma ilusão em relação a ela.

"Ela não será como você, minha garota. Bem, eu sou grato a você. Você me ajudou a sair de um buraco ruim e eu não vou esquecer disso. E eu não vou esquecer o que você fez pela Cissy. Eu sou seu amigo, e se você quiser algum dos Stirlings espancado mande me chamar. Eu vou molhar o meu apito. Senhor, mas eu estou seco! Não pense que estarei de volta amanhã à noite, então se você for para casa amanhã, adeus agora".

"Posso ir para casa amanhã," disse Valancy, "mas não vou voltar para Deerwood".

"Não vou..."

"Você vai encontrar a chave no prego do galpão", interrompeu Valancy, educada e inconfundivelmente. "O cão estará no celeiro e o gato no porão. Não se esqueça de alimentá-la até sua prima chegar. A despensa está cheia e hoje eu fiz pão e tortas. Adeus, Sr. Abel. Você tem sido muito gentil comigo e eu agradeço".

"Tivemos um t... tempo decente juntos, e isso é um fato", disse Roaring Abel. "Você é a melhor pequena esportista do mundo, e seu dedo mindinho vale por todo o clã Stirling amarrado. Adeus e boa sorte".

Valancy saiu para o jardim. Suas pernas tremeram um pouco, mas de outra forma ela se sentiu melhor e parecia composta. Ela

segurava algo firmemente em sua mão. O jardim estava deitado na magia do crepúsculo quente e odorífero de julho. Algumas estrelas estavam lá fora e as flores chamavam através dos silêncios aveludados do jardim. Valancy ficou ao lado do portão esperando ansiosamente. Será que ele viria? Se ele não viesse...

Ele estava chegando. Valancy ouviu a Lady Jane Grey lá atrás na floresta. O cheiro dela veio um pouco mais rápido. Mais perto - e mais perto - ela podia ver a Lady Jane agora - batendo na pista - mais perto - ele estava lá - ele tinha saltado do carro e se inclinado sobre o portão, olhando para ela.

"Indo para casa, Srta. Stirling?"

"Eu não sei... ainda", disse Valancy lentamente. Ela estava decidida, sem sombra de dúvida, mas o momento era muito tremendo.

"Eu pensei em correr e perguntar se havia algo que eu pudesse fazer por você", disse Barney.

Valancy tomou-o como um galã.

"Sim, há algo que você pode fazer por mim", disse ela, de maneira uniforme e distinta. "Você vai se casar comigo?"

Por um momento Barney ficou em silêncio. Não havia uma expressão particular em seu rosto. Então ele deu uma risada estranha.

"Venha, agora! Eu sabia que a sorte estava apenas esperando por mim na esquina. Todos os sinais têm apontado nesse sentido hoje".

"Espere." Valancy levantou a mão. "Estou no ouvido - mas quero respirar depois dessa pergunta. Claro, com a minha educação, percebo perfeitamente que esta é uma das coisas que 'uma senhora não deve fazer'".

"Mas por que... por quê?"

"Por duas razões." Valancy ainda estava um pouco sem fôlego, mas ela olhou Barney diretamente nos olhos enquanto todos os Stirlings mortos giravam rapidamente em seus túmulos e os vivos não faziam nada porque não sabiam que Valancy estava naquele momento propondo o casamento legal com o notório Barney Snaith. "A primeira razão é, eu... eu..." Valancy tentou dizer "eu te amo", mas não conseguiu. Ela teve que se refugiar em um fingimento de petulância. "Eu sou louca por você. A segunda é... isto".

Ela entregou-lhe a carta do Dr. Trent.

Barney a abriu com o ar de um homem agradecido por encontrar alguma coisa segura e sã para fazer. Enquanto ele a lia, seu rosto mudou. Ele entendeu, talvez mais do que Valancy queria que ele entendesse.

"Você tem certeza de que nada pode ser feito por você?"

Valancy não entendeu mal a pergunta.

"Sim. Você conhece a reputação do Dr. Trent em relação a doenças cardíacas. Eu não tenho muito tempo de vida, talvez apenas alguns meses, algumas semanas. Eu quero vivê-las. Eu não posso voltar para Deerwood - você sabe como era minha vida lá. E" - ela conseguiu desta vez - "Eu te amo. Eu quero passar o resto da minha vida com você. Isso é tudo".

Barney dobrou os braços no portão e olhou gravemente para uma estrela branca e atrevida que estava piscando para ele logo após o rugido da chaminé da cozinha de Abel.

"Você não sabe nada sobre mim. Eu posso ser um... assassino".

"Não, eu não sei. Você pode ser algo horrível. Tudo o que eles dizem de você pode ser verdade. Mas não importa para mim".

"Você se importa assim tanto comigo, Valancy?" disse Barney incrédulo, olhando para longe da estrela e nos olhos dela... olhos estranhos e misteriosos.

"Eu me importo... tanto assim", disse Valancy em voz baixa. Ela estava tremendo. Ele havia a chamado pelo nome dela pela primeira vez. Era mais doce do que a carícia de outro homem poderia ter sido só para ouvi-lo dizer o nome dela daquela maneira.

"Se vamos nos casar", disse Barney, falando de repente em voz baixa, "algumas coisas precisam ser entendidas".

"Tudo tem que ser entendido", disse Valancy.

"Eu tenho coisas que quero ocultar", disse Barney, friamente "Você não deve me perguntar sobre elas".

"Eu não vou", disse Valancy.

"Você nunca deve pedir para ver meu correio".

"Nunca".

"E nós nunca devemos fingir nada um para o outro".

"Nós não vamos," disse Valancy. "Você nem terá que fingir que gosta de mim. Se você se casar comigo eu sei que só está fazendo isso por pena".

"E nunca vamos mentir um para o outro sobre nada, uma grande mentira ou mentira mesquinha".

"Especialmente uma mentira mesquinha", concordou Valancy.

"E você terá que morar na minha ilha. Eu não vou viver em nenhum outro lugar".

"É em parte por isso que quero casar com você", disse Valancy.

Barney olhou para ela.

"Eu acredito que você está falando sério. Bem, então vamos casar".

"Obrigada", disse Valancy, com um súbito retorno de primogenitura. Ela teria ficado muito menos envergonhada se ele a tivesse recusado.

"Suponho que não tenho o direito de fazer condições. Mas eu vou fazer uma. Você nunca deve se referir ao meu coração ou à minha responsabilidade para com a morte súbita. Você nunca deve me exortar a ter cuidado. Você deve esquecer - absolutamente esquecer - que eu não sou perfeitamente saudável. Eu escrevi uma carta para minha mãe - onde quer que esteja - você deve guardá-la. Eu expliquei tudo que há nela. Se eu cair morta de repente... como eu provavelmente vou fazer..."

"Isso me exonerará aos olhos de sua parentela da suspeita de ter envenenado você", disse Barney com um sorriso.

"Exatamente". Valancy riu com gargalhadas. "Querido, estou feliz que isso tenha acabado. Tem sido... uma provação. Veja, eu não tenho o hábito de pedir homens em casamento. É tão gentil da sua parte não me recusar... ou oferecer-se para ser um irmão".

"Eu vou ao Porto amanhã e vou pegar uma licença. Podemos nos casar amanhã à noite. Dr. Stalling, eu suponho?"

"Céus, não." Valancy estremeceu. "Além disso, ele não faria isso. Ele abanava o dedo indicador para mim e eu te punha no altar. Não, eu quero que meu velho Sr. Towers nos case".

"Você vai se casar comigo como eu estou?" exigiu Barney. Um carro que passava, cheio de turistas, buzinava alto... parecia irrisório. Valancy olhou para ele. Camisa azul, chapéu sem descrição, macacão barrento. Sem barba!

"Sim", disse ela.

Barney colocou suas mãos sobre o portão e pegou as pequenas e frias dela gentilmente nas dele.

"Valancy", disse ele, tentando falar de leve, "claro que não estou apaixonado por você - nunca pensei em tal coisa como estar apaixonado. Mas, você sabe, eu sempre achei que você era um pouco querida".

CAPÍTULO XXVI

O dia seguinte passou para Valancy como um sonho. Ela não conseguia sentir real nada do que fazia. Ela não viu Barney, embora esperasse que ele passasse a caminho do porto para obter uma licença.

Talvez ele tivesse mudado de ideia.

Mas ao anoitecer, as luzes de Lady Jane de repente se acenderam sobre a crista da colina arborizada além da pista. Valancy estava esperando no portão pelo noivo dela. Ela usava seu vestido verde e seu chapéu verde porque não tinha mais nada para vestir. Ela não olhava nem se sentia como uma noiva - ela realmente parecia um elfo selvagem perdido da mata verde. Mas isso não importava. Nada mais importava, exceto que Barney estava vindo por ela.

"Pronto?" disse Barney, parando Lady Jane com alguns ruídos novos e horríveis.

"Sim". Valancy interveio e sentou-se. Barney estava com sua camisa azul e macacão. Mas eles estavam de macacão limpo. Ele estava fumando um cachimbo com aparência de vilão e estava com a cabeça descoberta. Mas ele tinha um par de botas estranhamente elegantes debaixo do macacão. E ele estava barbeado. Eles dirigiram para Deerwood e através de Deerwood e se lançaram na longa e arborizada estrada para o Porto.

"Você não mudou de ideia?" disse Barney.

"Não. Você mudou?"

"Não."

Essa foi toda a conversa deles nas quinze milhas. Tudo foi mais um sonho do que nunca. Valancy não sabia se se sentia feliz. Ou apavorada. Ou apenas uma tola.

Então as luzes de Port Lawrence estavam sobre eles. Valancy sentia-se como se estivesse rodeada pelos olhos brilhantes e famintos de centenas de panteras grandes e furtivas. Barney perguntou brevemente onde morava o Sr. Towers, e Valancy lhe disse. Eles pararam diante da casinha de madeira, em uma rua fora de moda. Eles foram para a pequena e mal cuidada sala. Barney produziu sua licença. Então ele a tinha conseguido. Também um anel. Esta coisa era real. Ela, Valancy Stirling, estava na verdade a ponto de se casar.

Eles estavam de pé juntos diante do Sr. Towers. Valancy ouviu o Sr. Towers e Barney dizendo coisas. Ela ouviu alguma outra pessoa dizendo coisas. Ela mesma estava pensando na maneira como ela havia planejado se casar - longe de sua adolescência, quando tal coisa não parecia impossível. Seda branca, véu de tule e flor de laranjeira; nenhuma dama de honra. Mas uma florista, em um vestido de renda com sombra de creme sobre rosa pálido, com uma coroa de flores no cabelo, carregando uma cesta de rosas e lírios do vale. E o noivo, uma criatura de aparência nobre, irrepreensivelmente revestida em qualquer moda do dia decretada. Valancy levantou os olhos e viu a si mesma e ao Barney na pequena inclinação, distorcendo o espelho sobre a lareira. Ela com seu estranho chapéu e vestido verde desenfreado; Barney de camisa e macacão. Mas era o Barney. Era só isso que importava. Sem véu, sem flores, sem convidados, sem presentes, sem bolo de casamento, mas só Barney. Para o resto de sua vida, haveria o Barney.

"Sra. Snaith, espero que você seja muito feliz", dizia o Sr. Towers.

Ele não parecia surpreso com sua aparência, nem mesmo com o macacão do Barney. Ele tinha visto muitos casamentos esquisitos. Ele não sabia que Valancy era uma dos Deerwood Stirlings - ele

nem sabia que havia Deerwood Stirlings. Ele não sabia que Barney Snaith era um fugitivo da justiça. Realmente, ele era um velho incrivelmente ignorante. Por isso casou-os e deu-lhes sua bênção muito gentil e solenemente e rezou por eles naquela noite depois de terem ido embora. Sua consciência não o incomodou em nada.

"Que bela maneira de se casar!" Barney estava dizendo enquanto colocava Lady Jane em marcha. "Sem alarde. Eu nunca pensei que fosse tão fácil".

"Pelo amor de Deus," disse Valancy de repente, "vamos esquecer que somos casados e falar como se não fôssemos. Eu não suporto outra viagem como a que tínhamos vindo".

Barney uivou e jogou Lady Jane no alto com um barulho infernal.

"E eu pensei que estava facilitando para você", disse ele. "Você não parecia querer falar".

"Eu não queria. Mas eu queria que você falasse. Eu não quero que você fale de amor comigo, mas quero que você aja como um ser humano comum. Me fale sobre essa sua ilha. Que tipo de lugar é esse?"

"O lugar mais alegre do mundo. Você vai adorar. A primeira vez que eu a vi eu adorei. O velho Tom MacMurray era dono dela então. Ele construiu a barraquinha sobre ela, morou lá no inverno e alugou-o para o povo de Toronto no verão. Eu a comprei dele... por essa simples transação, um proprietário de uma casa e de uma ilha. Há algo tão satisfatório em ser dono de uma ilha inteira. E uma ilha desabitada não é uma ideia encantadora? Eu queria ter uma desde que li Robinson Crusoé. Parecia bom demais para ser verdade. E beleza! A maior parte da paisagem pertence ao governo, mas eles não te tributam por olhar para ela, e a lua pertence a todos. Você não vai achar a minha casa muito arrumada. Suponho que você vai querer arrumá-la".

"Sim", disse Valancy honestamente. "Eu tenho que arrumar. Eu realmente não quero arrumar. Mas a desordem me machuca. Sim, eu tenho que arrumar a sua casa".

"Eu estava preparado para isso", disse Barney, com um gemido oco.

"Mas", continuou Valancy relutantemente, "eu não vou insistir para que você limpe os pés quando você entrar".

"Não, você só vai varrer atrás de mim com o ar de um mártir", disse Barney. "Bem, de qualquer forma, você não pode arrumar o alpendre. Você não pode nem entrar nele. A porta estará trancada e eu ficarei com a chave".

"A câmara do barba azul", disse Valancy. "Eu nem vou pensar nisso. Não me importa quantas esposas você tenha penduradas nela. Desde que elas estejam realmente mortas".

"Mortas como pregos de porta. Você pode fazer o que quiser no resto da casa. Não há muito disso, apenas uma sala grande e um quarto pequeno. Bem construído, no entanto. O velho Tom adorava seu trabalho. As vigas da nossa casa são de cedro e as vigas de madeira abeto. Nossas janelas da sala de estar estão viradas para oeste e leste. É maravilhoso ter um quarto onde você pode ver tanto o nascer do sol quanto o pôr do sol. Eu tenho dois gatos lá. Banjo e Boa Sorte. Animais adoráveis. Banjo é um grande, encantador e cinzento gato diabinho. Listrado, é claro. Não me importa um enforcamento para nenhum gato que não tenha riscas. Eu nunca conheci um gato que pudesse jurar tão gentil e efetivamente como o Banjo. Sua única culpa é que ele ressona horrivelmente quando está dormindo. Boa Sorte é um gatinho delicado. Sempre olhando melancolicamente para você, como se quisesse lhe dizer algo. Talvez ele consiga algum dia. Uma vez em mil anos, você sabe, um gato é permitido falar. Meus gatos são filósofos - nenhum deles chora por leite derramado.

"Dois velhos corvos vivem em uma árvore de pinheiro na ponta e são razoavelmente vizinhos. Chame-lhes Nip e Tuck. E eu tenho uma pequena coruja mansa e caprichosa. Nome, Leander. Eu o criei de um bebê e ele vive no continente e ri para si mesmo à noite. E morcegos... é um ótimo lugar para morcegos à noite. Assustado com morcegos?"

"Não; eu gosto deles".

"Eu também. Belas, estranhas, criaturas misteriosas. Vindo do nada... indo de lugar nenhum! Banjo gosta deles, também. Come-os. Eu tenho uma canoa e um barco propulsor desaparecido. Fui até o porto hoje para pegar minha licença. Mais quieto que a Lady Jane".

"Pensei que você não tinha ido, que tinha mudado de ideia", admitiu Valancy.

Barney riu - o riso que Valancy não gostou - o riso pequeno, amargo e cínico.

"Eu nunca mudei de ideia," ele disse em breve. Eles voltaram através de Deerwood. Subindo a estrada de Muskoka. Passado pela casa de Abel. Por cima da pista rochosa e margarida. O bosque de pinheiros negros os engoliu. Através do bosque de pinheiros, onde o ar era doce com o incenso dos sinos invisíveis e frágeis das linhagens que alcatifavam as margens da trilha. Até as margens do Mistawis. Lady Jane deve ser deixada aqui. Eles saíram. Barney abriu um pequeno caminho até a beira do lago.

"Lá está a nossa ilha", disse ele, gabando-se.

Valancy olhou... e olhou... e olhou novamente. Havia uma névoa diáfana e lilás sobre o lago, envolvendo a ilha. Através dela, as duas enormes árvores de pinheiros que se agarravam à casa de Barney pairavam como torres escuras. Atrás deles havia um céu ainda cor-de-rosa ao relâmpago, e uma lua jovem e pálida.

Valancy tremia como uma árvore que o vento agitava de repente. Algo parecia varrer a alma dela.

"Meu Castelo Azul", disse ela. "Oh, meu Castelo Azul!"

Eles entraram na canoa e remaram até ela. Eles deixaram para trás o reino do cotidiano e as coisas conhecidas e pousaram em um reino de mistério e encantamento onde qualquer coisa poderia acontecer - qualquer coisa poderia ser verdade. Barney tirou Valancy da canoa e a balançou para uma pedra coberta de líquens sob uma jovem árvore de pinheiro. Seus braços estavam sobre ela e de repente seus lábios estavam sobre os dela. Valancy se viu tremendo com o arrebatamento de seu primeiro beijo.

"Bem vinda ao lar, querida", disse Barney.

CAPÍTULO XXVII

A prima Georgiana desceu a pista que leva à sua casinha. Ela morava a meia milha de Deerwood e queria ir até a casa de Amélia e descobrir se Doss já tinha voltado para casa. A prima Georgiana estava ansiosa para ver Doss. Ela tinha algo muito importante para dizer a ela. Algo, ela tinha certeza, Doss ficaria encantado em ouvir. Pobre Doss! Ela tinha tido uma vida bastante monótona. A prima Georgiana acreditava que ela não gostaria de viver sob o controle de Amélia. Mas tudo isso agora estaria mudado. A prima Georgiana se sentiu tremendamente importante. Por enquanto, ela esqueceu de se perguntar qual deles seria o próximo.

E aqui estava a própria Doss, vindo ao longo da estrada, da casa de Roaring Abel, com um vestido e chapéu verde tão estranho. Falando de sorte. A prima Georgiana teria uma chance de contar seu maravilhoso segredo imediatamente, sem ninguém mais a interromper. Era, pode-se dizer, uma Providência.

Valancy, que vivia há quatro dias em sua ilha encantada, tinha decidido que mais valia ir até Deerwood e contar aos parentes que era casada. Caso contrário, descobrindo que ela havia desaparecido da casa de Roaring Abel, eles poderiam conseguir um mandado de busca para ela. Barney havia se oferecido para levá-la, mas ela preferiu ir sozinha. Ela deu um sorriso radiante para a prima Georgiana, que, ela se lembrou, como de alguém conhecido há muito tempo, não tinha sido realmente uma criaturinha má. Valancy estava tão feliz que podia ter sorrido para qualquer um, até mesmo para o tio James. Ela não era contrária à companhia da prima Georgiana. Já que as casas ao longo da estrada estavam se tornando numerosas, ela estava consciente de que olhos curiosos estavam olhando para ela de todas as janelas.

"Acho que você vai para casa, querida Doss?" disse a prima Georgiana enquanto apertavam as mãos - olhando para o vestido

de Valancy e se perguntando se ela tinha algum saiote vestido.

"Mais cedo ou mais tarde", disse Valancy criticamente.

"Então eu vou junto com você. Eu tenho querido te ver muito especialmente, Doss. Tenho algo muito maravilhoso para te dizer".

"Sim?", disse Valancy sem querer. Que diabos a prima Georgiana tinha de tão misterioso e importante? Mas será que isso importava? Não. Nada importava a não ser Barney e o Castelo Azul, lá em Mistawis.

"Quem você acha que me visitou no outro dia?" perguntou a prima Georgiana ansiada.

Valancy não conseguiu adivinhar.

"Edward Beck". A prima Georgiana baixou a voz quase até um sussurro. "Edward Beck".

Por que o sussurro? E a prima Georgiana estava corando?

"Quem na terra é Edward Beck?" perguntou Valancy indiferente.

O primo Georgiana olhou fixamente.

"Certamente você se lembra de Edward Beck", ela disse com repreensão. "Ele mora naquela linda casa na estrada de Port Lawrence e ele vem à nossa igreja... regularmente. Você deve lembrar-se dele".

"Oh, acho que me lembro agora", disse Valancy, com um esforço de memória. "Ele é aquele velhote com uma mecha na testa e dezenas de crianças, que está sempre sentado no banco ao lado da porta, não é mesmo?"

"Não dúzias de crianças, querida... não, não dúzias, não. Nem mesmo uma dúzia. Apenas nove. Pelo menos apenas nove que

contam. Os outros estão mortos. Ele não é velho - ele só tem cerca de quarenta e oito - o auge da vida, Doss - e o que importa?"

"Nada, é claro", concordou Valancy muito sinceramente. Certamente não importava para ela se Edward Beck tinha uma pombinha ou uma dúzia de pombinhas ou não tinha nenhuma pombinha. Mas Valancy estava ficando vagamente desconfiado. Havia certamente um ar de triunfo reprimido sobre a prima Georgiana. Seria possível que a prima Georgiana estivesse pensando em se casar novamente? Casar com Edward Beck? Absurdo. A prima Georgiana tinha sessenta e cinco anos se ela fosse um dia e seu pequeno rosto ansioso estava tão coberto de rugas finas como se ela tivesse cem anos. Mas mesmo assim...

"Minha querida", disse o primo Georgiana, "Edward Beck quer se casar com você".

Valancy olhou fixamente para a prima Georgiana por um momento. Depois ela quis dar uma gargalhada. Mas ela só disse:

"Eu?"

"Sim, você. Ele se apaixonou por você no funeral. E ele veio me consultar sobre isso. Eu era tão amiga de sua primeira esposa. Ele é muito sincero, Doss. E é uma chance maravilhosa para você. Ele está muito bem... e você sabe... você..."

"Não sou tão jovem como já fui", concordou Valancy. "'Àquela que tiver sido dada'. Você realmente acha que eu daria uma boa madrasta, prima Georgiana?"

"Tenho certeza que você daria. Você sempre gostou tanto de crianças".

"Mas nove é uma família para começar", objetou Valancy gravemente.

"Os dois mais velhos são crescidos e o terceiro quase. Isso deixa apenas seis que realmente contam. E a maioria deles são meninos. Muito mais fácil de educar do que as meninas. Há um excelente livro: 'Cuidados de saúde da criança em crescimento' - Gladys tem um exemplar, eu acho. Seria uma grande ajuda para você. E há livros sobre moral. Você se daria bem. É claro que eu disse ao Sr. Beck que eu pensei que você... iria..."

"Pular para ele?", forneceu Valancy.

"Oh, não, não, querida. Eu não usaria uma expressão tão indelicada. Eu disse a ele que achava que você consideraria a proposta dele favoravelmente. E você vai, não vai, querida?"

"Há apenas um obstáculo", disse Valancy sonhando. "Veja, eu já sou casada".

" Casada!" A prima Georgiana parou de estocar e olhou fixamente para Valancy. " Casada!"

"Sim. Eu casei com Barney Snaith na noite da última terça-feira em Port Lawrence".

Havia um conveniente portão duro de passar. A prima Georgiana se apoderou dele com firmeza.

"Doss, minha querida, sou uma mulher velha, estás a tentar fazer pouco de mim?"

"De jeito nenhum. Eu só estou dizendo a verdade. Pelo amor de Deus, primo Georgiana" - Valancy ficou alarmada com certos sintomas - "não vá chorar aqui na estrada pública!"

A prima Georgiana sufocou as lágrimas e deu um pequeno gemido de desespero ao invés disso.

"Oh, Doss, o que você fez? O que você fez?"

"Eu acabei de te dizer. Eu me casei", disse Valancy, com calma e paciência.

"Para aquele... aquele... aquele... aquele... Barney Snaith. Porque, eles dizem que ele já teve uma dúzia de esposas".

"Eu sou a única com anel", disse Valancy.

"O que sua pobre mãe vai dizer?" gemeu a prima Georgiana.

"Venha comigo e ouça, se você quiser saber", disse Valancy. "Estou a caminho para contar a ela agora".

A prima Georgiana soltou o portão com cautela e descobriu que precisava ficar sozinha. Pisou mansamente ao lado de Valancy - que de repente parecia uma pessoa bem diferente em seus olhos. A prima Georgiana tinha um tremendo respeito por uma mulher casada. Mas era terrível pensar no que a pobre garota tinha feito. Tão precipitado. Tão imprudente. É claro que Valancy deve estar completamente louca. Mas ela parecia tão feliz em sua loucura que a prima Georgiana tinha uma convicção momentânea de que seria uma pena se o clã tentasse repreendê-la de volta à sanidade. Ela nunca tinha visto esse olhar nos olhos de Valancy antes. Mas o que diria Amélia? E Ben?

"Casar com um homem do qual você não sabe nada", pensou a prima Georgiana em voz alta.

"Eu sei mais sobre ele do que sei de Edward Beck", disse Valancy.

"Edward Beck vai à igreja", disse a prima Georgiana. "O que faz o seu marido?"

"Ele prometeu que irá comigo nos bons domingos", disse Valancy.

Quando eles se entregaram no portão Stirling, Valancy fez uma exclamação de surpresa.

"Olha o meu roseiral! Ora, está florescendo!"

E estava. Coberto de flores. Ótimo, carmesim, aveludado floresce. Fragrância. Brilhante. Maravilhoso.

"Meu corte em pedaços deve ter feito bem", disse Valancy, rindo. Ela juntou um punhado das flores - elas ficavam bem na mesa de jantar da varanda do Mistawis - e foi, ainda rindo, subindo na caminhada, consciente de que Olive estava de pé nos degraus, Olive, como se fosse uma deusa, olhando para baixo com um leve franzido na testa. Olive, linda, insolente. Sua forma plena, voluptuosa em seus balanços de seda e rendas de rosa. Seu cabelo castanho dourado encaracolando ricamente sob seu chapéu grande e branco. Sua cor madura e derretida.

"Linda", pensou Valancy friamente, "mas" - como se de repente visse seu primo através de novos olhos - "sem o menor toque de distinção".

Então Valancy tinha voltado para casa, graças a Deus, pensou Olive. Mas Valancy não estava parecendo uma arrependida, voltou pródiga. Esta foi a causa do franzir o sobrolho de Olive. Ela parecia triunfante, sem graciosidade! Aquele vestido extravagante, aquele chapéu esquisito, aquelas mãos cheias de rosas vermelhas. Mas havia algo no vestido e no chapéu, como Olive instantaneamente sentiu, que estava completamente faltando em seu próprio traje. Isso aprofundou o franzido. Ela estendeu uma mão condescendente.

"Então você está de volta, Doss? Dia muito quente, não é? Você entrou?"

"Sim. Entrando?"

"Oh, não. Eu acabei de entrar. Eu vim muitas vezes para consolar a pobre tia. Ela tem estado tão solitária. Eu vou ao chá da Sra. Bartlett. Eu tenho que ajudar a servir. Ela está fazendo-o para a prima dela de Toronto. Uma garota tão charmosa. Você teria adorado conhecê-la, Doss. Acho que a Sra. Bartlett mandou um cartão para você. Talvez você apareça mais tarde".

"Não, eu não acho", disse Valancy indiferente. "Vou ter que estar em casa para pegar o jantar do Barney. Vamos dar uma volta de canoa ao luar por Mistawa hoje à noite".

"Barney? Jantar?", ofegou Olive. "O que você quer dizer, Valancy Stirling?"

"Valancy Snaith, pela graça de Deus."

Valancy mostrou o seu anel de casamento na cara da Olive. Então ela passou pela prima e entrou na casa. A prima Georgiana a seguiu. Ela não perderia um momento da grande cena, mesmo que Olive parecesse que ia desmaiar.

Olive não desmaiou. Ela foi estupidamente pela rua até a casa de Sra. Bartlett. O que Doss quis dizer com isso? Ela não podia ter... aquele anel... oh, que escândalo aquela garota miserável traria a sua família indefesa agora? Ela deveria ter sido... calada... há muito tempo.

Valancy abriu a porta da sala de estar e entrou inesperadamente na sombria montagem dos Stirlings. Eles não se tinham juntado de maldade antecipadamente. A tia Wellington, a prima Gladys, a tia Mildred e a prima Sarah tinham acabado de chamar em seu caminho de casa de uma reunião da sociedade missionária. O tio James tinha aparecido para dar a Amélia algumas informações a respeito de um investimento duvidoso. O tio Benjamin tinha ligado, aparentemente, para dizer-lhes que estava um dia quente e perguntar-lhes qual era a diferença entre uma abelha e um burro. A prima Stickles tinha sido suficientemente indelicada para saber a resposta - "um fica com todo o mel, o outro com todas as bolas" - e

o tio Benjamin estava de mau humor. Em todas as suas mentes, inexpressiva, estava a ideia de descobrir se Valancy estava voltando para casa, e, se não, que medidas deveriam ser tomadas.

Bem, aqui estava, finalmente, Valancy, uma coisa poética, confiante, não humilde e depreciativa como ela deveria ter sido. E tão estranhamente, de aparência jovem e imprópria. Ela ficou na porta e olhou para eles, a prima Georgiana, timorata, expectante, atrás dela. Valancy estava tão feliz que não odiava mais o seu povo. Ela podia até ver uma série de boas qualidades neles que ela nunca havia visto antes. E ela sentia pena deles. Sua piedade a fez muito gentil.

"Bem, mãe", disse ela agradavelmente.

"Então você finalmente voltou para casa!" disse a Sra. Frederick, tirando um lenço. Ela não ousou ficar indignada, mas ela não queria ser enganada em suas lágrimas.

"Bem, não exatamente", disse Valancy. Ela jogou sua bomba. "Eu achei que devia aparecer e dizer que me casei. Na noite de terça-feira passada. Com Barney Snaith".

O tio Benjamin se levantou e se sentou novamente.

"Deus abençoe a minha alma", disse ele entorpecido. O resto parecia transformado em pedra. Exceto a prima Gladys, que desmaiou. A tia Mildred e o tio Wellington tiveram que ajudá-la a ir à cozinha.

"Ela teria que manter as tradições vitorianas", disse Valancy, com um sorriso. Ela se sentou, sem ser convidada, em uma cadeira. A prima Stickles tinha começado a soluçar.

"Há um dia em sua vida que você não tenha chorado?" perguntou Valancy, curiosamente.

"Valancy", disse o tio James, sendo o primeiro a recuperar o poder de expressão, "você quis dizer o que você disse agora mesmo?

"Eu quis dizer sim!"

"Você quer dizer que realmente foi e se casou... casou... aquele notório Barney Snaith... aquele... criminoso... aquele..."

"Eu me casei."

"Então", disse o tio James violentamente, "você é uma criatura sem vergonha, perdida para todo o senso de propriedade e virtude, e eu lavo minhas mãos inteiramente de você. Não quero voltar a ver o teu rosto".

"O que você deixou para dizer quando eu cometer assassinato?" perguntou Valancy.

O tio Benjamin apelou novamente a Deus para que abençoasse sua alma.

"Aquele fora da lei bêbado..."

Uma faísca perigosa apareceu nos olhos de Valancy. Eles podem dizer o que gostaram e dela, mas não devem abusar do Barney.

"Diga 'maldição' e você se sentirá melhor", sugeriu ela.

"Eu posso expressar meus sentimentos sem blasfêmias. E eu te digo que você se cobriu de eterna desgraça e infâmia ao se casar com aquele bêbado..."

"Você seria mais tolerável se ficasse bêbado de vez em quando. O Barney não é um bêbado".

"Ele foi visto bêbado em Port Lawrence - picado até as brânquias", disse o tio Benjamin.

"Se isso é verdade - e eu não acredito - ele tinha uma boa razão para isso. Agora sugiro que todos vocês parem de parecer trágicos e aceitem a situação. Eu sou casada... vocês não podem desfazer isso. E eu estou perfeitamente feliz".

"Acho que devemos estar gratos por ele ter realmente casado com ela", disse a prima Sarah, tentando olhar para o lado positivo.

"Se ela realmente se casou", disse o tio James, que tinha acabado de lavar suas mãos de Valancy. "Quem casou vocês?"

" Sr. Towers, de Port Lawrence".

"Por um Metodista Livre!" gemeu a Sra. Frederick - como se ter sido casada por um Metodista preso teria sido uma sombra menos vergonhosa. Era a primeira coisa que ela tinha dito. A Sra. Frederick não sabia o que dizer. A coisa toda era muito horrível... muito horrível... muito horrível... pesadelo. Ela tinha certeza que deveria acordar logo. Depois de todas as suas esperanças brilhantes no funeral!

"Isso me faz pensar naqueles que - como vocês - chamam", disse o tio Benjamin desamparado. "Aquelas histórias - vocês sabem - de fadas tirando os bebês de seus berços".

"Valancy dificilmente poderia ser uma mudança aos vinte e nove anos", disse satiricamente a tia Wellington.

"Ela era o bebê mais estranho que eu já vi, de qualquer forma", evitou o tio Benjamin. "Eu disse na época - você se lembra, Amélia? Eu disse que nunca havia visto tais olhos em uma cabeça humana".

"Estou feliz por nunca ter tido nenhum filho", disse a prima Sarah. "Se eles não quebram seu coração de uma maneira eles o fazem de outra".

"Não é melhor ter seu coração partido do que murchar?" questionou Valancy. "Antes que ele pudesse ser quebrado ele deve

ter sentido algo esplêndido. Isso valeria a pena a dor".

"Valancy", disse solenemente a Sra. Frederick, "você já rezou para ser perdoado por desobedecer a sua mãe?"

"Eu deveria rezar para ser perdoado por te obedecer por tanto tempo", disse Valancy teimosamente. "Mas eu não rezo sobre isso de jeito nenhum. Só agradeço a Deus todos os dias pela minha felicidade".

"Eu preferiria", disse a Sra. Frederick, começando a chorar um pouco tarde, "vê-la morta diante de mim do que ouvir o que você me disse hoje".

Valancy olhou para sua mãe e seus parentes, e se perguntou se elas poderiam alguma vez ter conhecido algo sobre o verdadeiro significado do amor. Ela sentiu mais pena deles do que nunca. Eles eram muito lamentáveis. E eles nunca suspeitaram disso.

"Barney Snaith é um canalha por ter iludido você a se casar com ele", disse o tio James violentamente.

"Oh, eu fiz a ilusão. Eu o pedi em casamento", disse Valancy, com um sorriso malicioso.

"Você não tem orgulho?", exigiu a tia Wellington.

"Muito disso. Estou orgulhosa de ter conseguido um marido por meus próprios esforços sem ajuda. Aqui a prima Georgiana queria me ajudar com Edward Beck".

"Edward Beck vale vinte mil dólares e tem a melhor casa entre aqui e Port Lawrence", disse o tio Benjamin.

"Isso soa muito bem", disse Valancy desdenhosamente, "mas não vale isso" - ela estalou os dedos - "comparado a sentir os braços de Barney ao meu redor e sua bochecha contra a minha".

"Oh, Doss!" disse a prima Stickles. A prima Sarah disse: "Oh, Doss!" A tia Wellington disse: "Valancy, você não precisa ser indecente".

"Por que, certamente não é indecente gostar que seu marido coloque o braço em volta de você? Eu deveria pensar que seria indecente se você não o fizesse".

"Por que esperar decência dela?" perguntou o tio James sarcasticamente. "Ela se cortou da decência para sempre. Ela fez a cama dela. Deixe-a deitar sobre ela".

"Obrigada", disse Valancy com muita gratidão. "Agora, eu realmente preciso partir. Mãe, posso ter aquelas três almofadas de lã que eu trabalhei no inverno passado?"

"Leve-as... leve tudo!" disse a Sra. Frederick.

"Oh, eu não quero tudo... ou muito. Eu não quero o meu Castelo Azul desarrumado. Só as almofadas".

Valancy se levantou e foi até a porta. Lá ela se virou. Ela estava mais arrependida do que nunca por todos eles. Eles não tinham um Castelo Azul nas costas roxas do Mistawis.

"O problema com vocês é que não riem o suficiente", disse ela.

"Doss querida", disse a prima Georgiana lamentando, "um dia você vai descobrir que o sangue é mais espesso que a água".

"Claro que é. Mas quem quer que a água seja grossa?", disse Valancy. "Queremos que a água seja fina, cristalina e pura".

A prima Stickles gemeu.

Valancy não pediu a nenhum deles que viessem vê-la - ela tinha medo que eles viessem por curiosidade. Mas ela disse:

"Você se importa se eu aparecer e vê-la de vez em quando, mãe?"

"Minha casa estará sempre aberta para você", disse a Sra. Frederick, com uma dignidade lúgubre.

"Você nunca mais deve recebê-la", disse o tio James com firmeza, pois a porta se fechou atrás de Valancy.

"Eu não posso esquecer que sou mãe", disse a Sra. Frederick. "Minha pobre e infeliz menina".

"Ouso dizer que o casamento não é legal", disse tio James confortavelmente. "Ele provavelmente já foi casado meia dúzia de vezes antes. Mas eu já terminei com ela. Eu fiz tudo o que pude, Amélia. Eu acho que você vai admitir isso. Daí em diante" - o tio James foi terrivelmente solene sobre isso - "Valancy está morta para mim".

"Sra. Barney Snaith", disse a prima Georgiana, como se estivesse experimentando para ver como soaria.

"Ele tem um par de pseudônimos, sem dúvida", disse o tio Benjamin. "Pela minha parte, eu acredito que o homem é meio índio. Não tenho dúvida de que eles estão vivendo em uma oca".

"Se ele se casou com ela sob o nome de Snaith e não é seu verdadeiro nome, não tornaria o casamento nulo e sem efeito?" perguntou a prima Stickles, esperançosamente.

O tio James balançou a cabeça.

"Não, é o homem que se casa, não o nome".

"Você sabe", disse a prima Gladys, que se recuperou e voltou, mas ainda tremia, "eu tive uma premonição distinta disso no jantar de prata de Herbert. Eu comentei na época. Quando ela estava

defendendo Snaith. Você se lembra, é claro. Me veio como uma revelação. Eu falei com David quando fui para casa sobre isso".

"O que... o que", exigiu a tia Wellington do universo, "passou pela cabeça de Valancy? Valancy!"

O universo não respondeu, mas o tio James respondeu.

"Não há algo surgindo ultimamente sobre personalidades secundárias que se desdobram? Eu não tenho muitas dessas noções novas, mas pode haver algo neste aqui. Isso explicaria a sua conduta incompreensível".

"Valancy é tão apaixonada por cogumelos", suspirou a prima Georgiana. "Tenho medo que ela seja envenenada comendo cogumelos por engano ao voltar a viver na floresta".

"Há coisas piores que a morte", disse Tio James, acreditando que era a primeira vez no mundo que tal afirmação tinha sido feita.

"Nada pode voltar a ser o mesmo", soluçou a prima Stickles.

Valancy, correndo pela estrada poeirenta, de volta ao lindo Mistawis e sua ilha roxa, havia esquecido tudo sobre eles - assim como havia esquecido que poderia cair morta a qualquer momento se se apressasse.

CAPÍTULO XXVIII

Passou o verão. O clã Stirling - com a insignificante exceção da prima Georgiana - concordou tacitamente em seguir o exemplo do tio James e olhar para Valancy como morta. Com certeza, Valancy tinha o hábito inquietante e fantasmagórico de ressurreições recorrentes quando ela e Barney se agarravam ao Deerwood e saíam para o Porto naquele carro horrível. Valancy com a cabeça descoberta, com estrelas nos olhos. Barney, com a cabeça descoberta, fumando seu cachimbo. Mas barbeado. Sempre raspado agora, se algum deles tivesse notado. Eles até tiveram a audácia de entrar na loja do tio Benjamin para comprar mercearias. Duas vezes o tio Benjamin os ignorou. Valancy não era um dos mortos? Enquanto Snaith nunca tinha existido. Mas na terceira vez ele disse ao Barney que era um patife que deveria ser enforcado por atrair uma garota infeliz e fraca de espírito para longe de sua casa e de seus amigos.

A única sobrancelha reta de Barney subiu.

"Eu a fiz feliz", ele disse friamente, "e ela estava infeliz com seus amigos. Então é isso".

O tio Benjamin olhou fixamente. Nunca lhe tinha ocorrido que as mulheres tivessem que ser, ou devessem ser “feitas felizes".

"Seu... seu cachorro!" disse ele.

"Por que ser tão sem originalidade?" perguntou Barney amigavelmente. "Qualquer um poderia me chamar de cachorro. Por que não pensar em algo digno dos Stirlings? Além disso, eu não sou um cachorrinho. Sou realmente um cachorro de meia-idade. Trinta e cinco, se você estiver interessado em saber".

O tio Benjamin lembrou-se a tempo de que Valancy estava morta. Ele virou as costas para o Barney.

Valancy estava feliz - gloriosa e completamente feliz. Ela parecia estar vivendo em uma casa maravilhosa da vida e todos os dias abria um novo e misterioso quarto. Era um mundo que não tinha nada em comum com aquele que ela havia deixado para trás - um mundo onde o tempo não existia - que era jovem com juventude imortal - onde não havia nem passado nem futuro, mas apenas o presente. Ela se rendeu totalmente ao encanto do mundo.

A liberdade absoluta de tudo isso era inacreditável. Eles podiam fazer exatamente o que quisessem. Nada de tradições. Sem parentes. Ou sogros. "Paz, paz perfeita, com entes queridos longe", como Barney citou sem vergonha.

Valancy tinha ido para casa uma vez e pegado suas almofadas. E a prima Georgiana lhe havia dado uma de suas famosas colchas mais elaborada. "Para a sua cama de quarto de hóspedes, querida", disse ela.

"Mas eu não tenho nenhum quarto de reserva", disse Valancy.

A prima Georgiana parecia horrorizada. Uma casa sem um quarto de reserva era monstruosa para ela.

"Mas é muito linda," disse Valancy, com um beijo, "e estou tão feliz de tê-la. Vou colocá-la na minha própria cama. A velha colcha de retalhos do Barney está ficando esfarrapada".

"Eu não vejo como você pode se contentar em viver assim", suspirou a prima Georgiana. "É tão fora do mundo".

"Contente!" Valancy riu. Qual foi a utilidade de tentar explicar para a prima Georgiana. "É", concordou ela, "muito gloriosa e inteiramente fora do mundo".

"E você está muito feliz, querida?" perguntou melancolicamente a prima Georgiana.

"Eu realmente estou", disse Valancy gravemente, seus olhos dançando.

"O casamento é uma coisa tão séria", suspirou a prima Georgiana.

"Quando vai durar muito," concordou Valancy.

A prima Georgiana não entendeu nada disso. Mas isso a preocupava e ela ficava acordada à noite se perguntando o que Valancy queria dizer com isso.

Valancy amava seu Castelo Azul e estava completamente satisfeita com ele. A grande sala de estar tinha três janelas, todas com uma vista maravilhosa para o Mistawis. A do final da sala era uma janela de orientação - que Tom MacMurray, Barney explicou, tinha saído de uma pequena e velha igreja que tinha sido vendida. Ele estava de frente para o oeste e quando o pôr do sol inundou, Valancy estava ajoelhada em oração como se estivesse em alguma grande catedral. As luas novas sempre olhavam para baixo através dela, os ramos inferiores de pinheiros balançavam sobre o topo dela, e durante todas as noites a prata macia e fraca do lago sonhava através dela.

Havia uma lareira de pedra do outro lado. Nenhuma imitação profanadora de gás, mas uma lareira de verdade onde se podia queimar troncos de verdade. Com uma grande pele de urso pardo no chão antes dela, e ao lado um horrível sofá de peles vermelhas de Tom MacMurray. Mas sua feiura era escondida por peles de lobo de madeira cinza prateada, e as almofadas de Valancy o tornavam alegre e confortável. Em um canto, um relógio velho, alto e preguiçoso, o tipo certo de relógio. Um que não se apressou a passar as horas, mas os tirou deliberadamente. Era o relógio mais alegre e velho. Um relógio gordo, corpulento, com o rosto de um homem grande, redondo e pintado, com os ponteiros esticados do nariz e as horas que o rodeavam como uma auréola.

Havia uma grande caixa de vidro com corujas empalhadas e várias cabeças de veados - o que é muito parecido com a vindima de Tom MacMurray. Algumas cadeiras velhas e confortáveis que pediam para sentar. Uma cadeirinha de cócoras com uma almofada era destinada ao Banjo. Se alguém mais se atrevesse a sentar nela, Banjo o tiraria de lá com seus olhos de topázio, com anéis negros. Banjo tinha o adorável hábito de pendurar por trás dela, tentando pegar sua própria cauda. Perdendo a calma porque não conseguia pegá-lo. Dando-lhe uma mordida feroz por despeito quando o apanhava. Fazendo uma mordida maligna com dor. Barney e Valancy riram dele até doer. Mas era a Boa Sorte sua adoração. Ambos concordaram que a Boa Sorte era tão adorável que ele praticamente se transformava em uma obsessão.

Um dos lados da parede estava forrado com prateleiras de livros caseiros e ásperos, e entre as duas janelas laterais pendurado um espelho velho em uma estrutura dourada desbotada, com cupidos gordos no painel sobre o vidro. Um espelho, pensou Valancy, que deve ser como o lendário espelho para o qual Vênus uma vez olhou e que depois refletiu como bela toda mulher que olhou para dentro dele. Valancy pensou que ela era quase linda naquele espelho. Mas isso pode ter acontecido porque ela tinha os cabelos volumosos.

Isso foi antes do dia dos 'bobs' e foi considerado um procedimento selvagem e inédito - a não ser que você tivesse febre tifoide. Quando a Sra. Frederick soube disso, ela quase decidiu apagar o nome de Valancy da Bíblia da família. Barney cortou seu cabelo, deixando-o na altura do pescoço de Valancy, e finalizando com uma pequena franja preta sobre a testa. Isso deu um significado e um propósito ao seu pequeno rosto de três pontas que ela nunca havia possuído antes. Até o nariz dela deixou de irritá-la. Seus olhos estavam brilhantes, e sua pele amarelada tinha se desobstruído até o tom de marfim cremoso. A velha piada da família tinha se tornado realidade - ela era realmente gorda no final - de qualquer maneira, não mais magra. Valancy pode nunca ter sido bonita, mas ela era do tipo que chama a atenção - sedutora. O coração dela a incomodava muito pouco. Quando um ataque a

ameaçava, ela geralmente era capaz de encabeçá-lo com a receita do Dr. Trent. A única sensação pior que ela teve foi em uma noite em que estava temporariamente sem sua medicina. E foi uma noite ruim. Por enquanto, Valancy percebeu que a morte estava realmente esperando para atacá-la a qualquer momento. Mas no resto do tempo, ela não se lembraria de nada.

CAPÍTULO XXIX

Valancy não trabalhava, nem girava em círculos. Havia realmente muito pouco trabalho a fazer. Ela cozinhava as refeições deles em um fogão a óleo de carvão, fazendo todos os seus pequenos ritos domésticos com cuidado e exuberância, e eles comiam na varanda que quase pulsava no lago. E Barney sorrindo seu sorriso retorcido e enigmático para ela do outro lado da mesa.

"Que vista o velho Tom escolheu quando construiu esta casa!" Barney dizia exultantemente.

O jantar era a refeição que Valancy mais gostava. O riso tênue dos ventos era sempre sobre eles e as cores do Mistawis, imperial e espiritual, sob as nuvens em transformação, eram algo que não pode ser expresso em meras palavras. Sombras, também. Aglomerando-se nos pinheiros até que um vento os sacudisse e os perseguisse sobre o Mistawis. Ficavam o dia todo na margem, enfiadas por samambaias e flores silvestres. Roubavam ao redor das cabeceiras no brilho do pôr do sol, até que o crepúsculo os teceu em uma grande teia de entardecer.

Os gatos, com suas carinhas sábias e inocentes, sentavam-se na varanda e comiam os petiscos que Barney lhes atirava. Valancy, em meio a todo o romance de Mistawis, nunca esqueceu que os homens tinham estômago. Barney não lhe deu fim aos elogios à sua cozinha.

"Afinal", admitiu ele, "há algo a ser dito para estas refeições. Eu me dei bem, fervendo duas ou três dúzias de ovos de uma vez e comendo alguns quando fiquei com fome, com uma fatia de bacon de vez em quando e um suco ou chá".

Valancy despejou chá do velho bule de estanho do Barney de uma idade incrível. Ela não tinha nem mesmo um conjunto de pratos

- só os pedaços de Barney descompactados - e um jarro velho, grande e azul.

Depois que a refeição acabava, eles se sentavam lá e conversavam por horas - ou sentavam e não diziam nada, em todas as línguas do mundo, Barney se afastando em seu cachimbo, Valancy sonhando ociosa e deliciosamente, olhando para as colinas distantes além de Mistawis onde os pináculos de abetos saíam contra o pôr do sol. O luar começava a pratear o Mistawis. Os morcegos começavam a se afundar no escuro contra o ouro pálido e ocidental. A pequena cachoeira que descia na margem alta não muito longe, por um capricho dos deuses da floresta selvagem, começaria a parecer uma maravilhosa mulher branca acenando através das sempre-verdes picantes e perfumadas. Como era doce sentar ali e não fazer nada no belo silêncio, com Barney do outro lado da mesa, fumando!

Havia muitas outras ilhas à vista, embora nenhuma fosse perto o suficiente para ser incômoda como vizinha. Havia um pequeno grupo de ilhotas distantes a oeste, que chamavam de Ilhas Afortunadas. Ao amanhecer pareciam um aglomerado de esmeraldas, ao pôr do sol como um aglomerado de ametistas. Eram muito pequenas para casas; mas as luzes das ilhas maiores floresciam por todo o lago, e fogueiras eram acesas em suas margens, correndo para as sombras da floresta e jogando grandes fitas vermelhas de sangue sobre as águas. A música os atrairia de barcos aqui e ali, ou das varandas da grande casa do milionário na maior ilha.

"Você gostaria de uma casa como essa, Luz da Lua?" Barney perguntou uma vez, acenando com a mão. Ele tinha levado a chamá-la de Luz da Lua, e Valancy adorou.

"Não", disse Valancy, que um dia sonhou com um castelo de montanha dez vezes maior do que o "chalé" do rico e agora tinha pena dos pobres habitantes dos palácios. "Não. É muito elegante. Eu teria que carregá-lo comigo para onde quer que eu fosse. Nas minhas costas como um caracol. Seria meu dono - possui-me, de

corpo e alma. Eu gosto de uma casa que eu possa amar e abraçar e mandar. Assim como a nossa aqui. Eu não invejo Hamilton Gossard 'a melhor residência de verão do Canadá'. É magnífica, mas não é o meu Castelo Azul".

No fim do lago, eles têm todas as noites um vislumbre de um trem grande e continental correndo por uma clareira. Valancy gostava de ver suas janelas iluminadas passar e se perguntar quem estava sobre ele e que esperanças e medos ele carregava. Ela também se divertia imaginando Barney e ela mesma indo aos bailes e jantares nas casas das ilhas, mas ela não queria ir na realidade. Uma vez eles foram a um baile de máscaras no pavilhão de um dos hotéis do lago, e tiveram uma noite gloriosa, mas escaparam em sua canoa, antes de desmascarar o tempo, de volta ao Castelo Azul.

"Foi lindo - mas eu não quero ir de novo", disse Valancy.

Tantas horas por dia Barney se fechava na Câmara do Barba Azul. Valancy nunca viu o seu interior. Pelos cheiros que filtrava às vezes ela concluiu que ele devia estar conduzindo experimentos químicos - ou falsificando dinheiro. Valancy pensou que deve haver processos malcheirosos na fabricação de dinheiro falsificado. Mas ela não se incomodou com isso. Ela não tinha vontade de espreitar para as câmaras fechadas da casa da vida de Barney. Seu passado e seu futuro não lhe diziam respeito. Apenas este presente arrebatador. Nada mais importava.

Uma vez ele foi embora e ficou longe dois dias e duas noites. Ele havia perguntado a Valancy se ela teria medo de ficar sozinha e ela havia dito que não. Ele nunca lhe disse onde havia estado. Ela não tinha medo de ficar sozinha, mas estava horrivelmente sozinha. O som mais doce que ela já tinha ouvido era o barulho de Lady Jane no bosque quando Barney voltou. E então o sinal dele assobiou da margem. Ela correu para a pedra de pouso para cumprimentá-lo - para se aninhar em seus braços ansiosos - eles pareciam ansiosos.

"Você sentiu minha falta, Luz da Lua?" Barney estava sussurrando.

"Parece que faz cem anos que você foi embora", disse Valancy.

"Eu não vou te deixar de novo".

"Você deve", protestou Valancy, "se você quiser. Eu seria infeliz se eu achasse que você queria ir e não fosse, por minha causa. Eu quero que você se sinta perfeitamente livre".

Barney riu... um pouco cinicamente.

"A liberdade na terra não existe", disse ele. "Só existem diferentes tipos de escravidão. E escravidões comparativas. Você se acha livre agora porque escapou de um tipo peculiarmente insuportável de escravidão. Mas você é? Você me ama, isso é uma escravidão".

"Quem disse ou escreveu que 'a prisão à qual nos condenamos não é prisão'?" perguntou Valancy sonhando, agarrado ao seu braço enquanto subiam os degraus da rocha.

"Ah, agora você tem", disse Barney. "Essa é toda a liberdade que podemos esperar - a liberdade de escolher a nossa prisão. Mas, Luz da Lua," - ele parou na porta do Castelo Azul e olhou sobre ele - no glorioso lago, no grande bosque sombrio, nas fogueiras, nas luzes cintilantes - "Luz da Lua, estou feliz por estar em casa novamente. Quando desci pela floresta e vi as luzes da minha casa... brilhando sob os velhos pinheiros... algo que eu nunca tinha visto antes... oh, garota, eu estava feliz... feliz!"

Mas apesar da doutrina da escravidão de Barney, Valancy achava que eles eram esplendidamente livres. Foi incrível poder sentar metade da noite e olhar para a lua, se você quisesse. Chegar atrasado para as refeições se você quisesse - ela que sempre foi tão duramente repreendida pela mãe e tão reprovada pela prima Stickles se ela se atrasasse um minuto. Chegar atrasada para as

refeições, se você quisesse. Deixe sua côdea se você quisesse. Não voltar para casa para as refeições se você quiser. Sente-se em uma pedra quente e reme seus pés descalços na areia quente se você quiser. Apenas sente-se e não faça nada no belo silêncio, se você quiser. Em resumo, faça qualquer coisa tola que você quiser sempre que a noção te levar. Se isso não for liberdade, o que será?

CAPÍTULO XXX

Eles não passaram todos os seus dias na ilha. Passaram mais da metade deles vagueando à vontade pelo país encantado de Muskoka. Barney conhecia o bosque como um livro e ensinou sua lenda e seu ofício a Valancy. Ele sempre conseguiu encontrar trilhas e assombrar o tímido povo do bosque. Valancy aprendeu as diferentes fábulas - as alucinações dos musgos - o encanto e requinte das flores dos bosques. Ela aprendeu a conhecer cada ave à vista e imitar seu chamado - embora nunca tão perfeitamente como Barney. Ela fez amizade com todo tipo de árvore. Aprendeu a remar uma canoa, assim como o próprio Barney. Gostava de estar na chuva e nunca pegou resfriado.

Às vezes eles pegavam um almoço e iam comer bagas, morangos e mirtilos. Como os mirtilos eram bonitos - o verde delicado das bagas não maduras, os pinhões brilhantes e escarlates das meias maduras, o azul nebuloso das maduras completas! E Valancy aprendeu o verdadeiro sabor do morango em sua mais alta perfeição. Havia uma certa colina iluminada pelo sol nas margens do Mistawis, ao longo do qual cresciam bétulas brancas de um lado e do outro ainda, fileiras imutáveis de jovens abetos. Havia gramíneas longas nas raízes das bétulas, penteadas pelos ventos e molhadas com o orvalho da manhã no final da tarde. Aqui encontraram bagas que poderiam ter agraciado os banquetes de Lucullus, grandes doces umbrosos pendurados como rubis em longos e rosados talos. Eles os levantaram pelo talo e os comeram dele, crus e virgens, provando cada baga por si só com toda a sua fragrância silvestre nele infundida. Quando Valancy levou para casa qualquer uma dessas bagas que escaparam da essência fugidia e elas se tornaram nada mais que as bagas comuns do mercado - muito boas de fato, mas não como elas teriam sido, comidas em suas bétulas até que seus dedos ficaram manchados de rosa como as pálpebras da Aurora.

Ou eles iam atrás dos lírios de água. Barney sabia onde encontrá-los nos riachos e baías de Mistawis. Então o Castelo Azul foi glorioso com eles, todos os receptáculos que Valancy conseguia contornar enchiam com as coisas requintadas. Se não lírios de água, então flores cardeais, frescas e vívidas dos pântanos de Mistawis, onde queimavam como fitas de fogo.

Às vezes, eles iam trotando em pequenos rios sem nome ou riachos escondidos em cujas margens os Naïades poderiam ter bronzeado seus membros brancos e molhados. Depois só levavam batatas cruas e sal. Eles assavam as batatas no fogo e Barney mostrava ao Valancy como cozinhar as trutas, enrolando-as em folhas, cobrindo-as com lama e assando-as em uma cama de brasas. Nunca houve refeições tão deliciosas. Valancy tinha tanto apetite que não era de se admirar que ela colocasse carne em seus ossos.

Ou eles apenas vagueavam e exploravam por bosques que sempre pareciam esperar que algo maravilhoso acontecesse. Pelo menos, era assim que Valancy se sentia com eles. No próximo buraco - sobre a próxima colina - você o encontraria.

"Nós não sabemos para onde vamos, mas não é divertido ir?" Barney costumava dizer.

Uma ou duas vezes a noite os ultrapassou, muito longe de seu Castelo Azul para voltar. Mas Barney fez uma cama perfumada de ramos de abeto e eles dormiram sobre ela sem sonhos, sob um teto de velhos abetos com musgo pendurado neles, enquanto além deles a luz da lua e o murmúrio dos pinheiros se misturavam para que mal se pudesse dizer qual era a luz e qual era o som.

Havia dias de chuva, é claro, quando Muskoka era uma terra verde úmida. Dias em que os chuviscos se precipitavam pelo Mistawis como fantasmas pálidos de chuva e eles nunca pensaram em ficar por causa disso. Dias em que chovia bem forte e eles tinham que ficar lá. Então Barney se calava na Câmara do Barba Azul e Valancy lia, ou sonhava nas peles de lobo com a Boa Sorte

ronronando ao lado dela e Banjo os observando suspeitosamente de sua própria cadeira peculiar. Nos domingos à noite, eles remavam até um ponto de terra e dali caminhavam pela mata até a pequena igreja Metodista Livre. A gente se sentia muito feliz para o domingo. Valancy nunca havia gostado muito dos domingos.

E sempre, domingos e dias de semana, ela estava com o Barney. Nada mais importava mesmo. E que companheira ele era! Que compreensão! Que alegre! Como o Barney era... como o Barney era! Isso resumiu tudo.

Valancy tinha tirado alguns de seus duzentos dólares do banco e os tinha gasto em roupas bonitas. Ela tinha um pequeno chiffon azul-fumaça que ela sempre vestia quando eles passavam as noites em casa - azul-fumaça com toques de prata sobre ele. Foi depois que ela começou a usá-lo que Barney começou a chamar seu Luz da Lua.

"Luz da Lua e Crepúsculo Azul - é assim que você se parece nesse vestido. Eu gosto dele. Ele pertence a você. Você não é exatamente bonita, mas você tem algumas manchas de beleza adoráveis. Seus olhos. E aquela pequena dobra entre os seus ossos da gola. Você tem o pulso e o tornozelo de um aristocrata. Essa sua cabecinha é lindamente moldada. E quando você olha para trás por cima do ombro, você está enlouquecendo - especialmente no crepúsculo ou no luar. Uma donzela duende. Um duende de madeira. Você pertence aos bosques, ao luar... você nunca deveria estar fora deles. Apesar da tua ascendência, há algo selvagem e remoto e indomado em ti. E você tem uma voz tão simpática, doce, garganta, de verão. Uma voz tão simpática para fazer amor".

Ela provou estes elogios por semanas.

Ela também ganhou uma roupa de banho verde pálida, uma roupa que teria dado a morte ao seu clã se eles a tivessem visto nela. Barney a ensinou a nadar. Às vezes ela vestia sua roupa de banho quando se levantava e só a tirava quando ia para a cama -

correndo para a água para um mergulho quando lhe apetecia e se espalhava nas rochas quentes do sol para secar.

Ela havia esquecido todas as velhas coisas humilhantes que costumavam surgir contra ela durante a noite - as injustiças e as decepções. Era como se tudo tivesse acontecido com alguma outra pessoa - não com ela, Valancy Snaith, que sempre tinha sido feliz.

"Agora eu entendo o que significa nascer de novo", disse ela ao Barney.

Holmes fala da dor "manchando para trás" através das páginas da vida; mas Valancy encontrou sua felicidade manchada para trás da mesma forma e inundada de cor de rosa - toda a sua existência anterior. Ela achou difícil acreditar que alguma vez se sentiu sozinha, infeliz e com medo.

"Quando a morte chegar, eu terei vivido", pensou Valancy. "Terei tido a minha hora".

E a sua pilha de pó!

Um dia Valancy tinha amontoado a areia na pequena enseada da ilha em um cone tremendo e enfiou uma pequena bandeira em cima dela.

"O que você está comemorando?" Barney queria saber.

"Estou apenas exorcizando um velho demônio", disse-lhe Valancy.

CAPÍTULO XXXI

Chegou o outono. Final de setembro com noites frias. Tiveram que abandonar a varanda; mas acenderam uma fogueira na lareira grande e se sentaram diante dela com brincadeiras e risos. Deixaram as portas abertas, e Banjo e Boa Sorte vieram e foram com prazer. Às vezes sentavam-se gravemente no tapete de pele de urso, entre Barney e Valancy; às vezes se atiravam no mistério da noite fria lá fora. As estrelas cheiravam na névoa do horizonte através do velho orifício. O canto assombroso e persistente das árvores de pinho enchia o ar. As pequenas ondas começaram a fazer salpicos suaves e soluçantes sobre as rochas abaixo delas, nos ventos ascendentes. Não precisavam de luz a não ser a luz do fogo que às vezes saltava e as revelava - às vezes as envolviam em sombra. Quando o vento da noite subia mais alto Barney fechava a porta e acendia uma lâmpada e lia para ela - poesia e ensaios e crônicas lindas e sombrias de guerras antigas. Barney nunca lia romances: ele dizia que eles o entediavam. Mas às vezes ela mesma os lia, enrolada sobre as peles de lobo, rindo em voz alta e em paz. Pois Barney não era uma daquelas pessoas irritantes que nunca consegue ouvir você sorrindo audivelmente por algo que leu sem perguntar placidamente: "Qual é a piada?".

Outubro - com um lindo concurso de cores ao redor de Mistawis, no qual Valancy mergulhava sua alma. Ela nunca tinha imaginado nada tão esplêndido. Uma grande e colorida paz. Céus azuis, com neve de vento. A luz do sol dormindo nas claraboias daquele reino de fadas. Longos e sonhadores dias roxos remando ociosamente em suas canoas ao longo das margens e pelos rios de carmesim e ouro. A lua de um caçador vermelho e sonolento. Tempestades encantadas que tiravam as folhas das árvores e as amontoavam ao longo das margens. Sombras voadoras de nuvens. O que tinha todas as terras opulentas e presunçosas na frente para se comparar com isto?

Novembro - com uma bruxaria assombrosa em suas árvores transformadas. Com pores-do-sol vermelhos escuros flamejando em carmesim esfumaçado atrás das colinas do oeste. Com dias queridos, quando a mata austera era bela e graciosa, numa serenidade digna de mãos dobradas e olhos fechados - dias cheios de um sol fino e pálido que peneiravam o ouro sem folhas dos zimbros e brilhavam entre as faias cinzentas, iluminando bancos sempre verdes de musgo e lavando as colunatas dos pinheiros. Dias com um céu de alta primavera de turquesa impecável. Dias em que uma melancolia requintada parecia pairar sobre a paisagem e sonhava com o lago. Mas também dias da escuridão selvagem de grandes tempestades de outono, seguidos de noites úmidas e úmidas, em que havia matança de bruxas nos pinheiros e gemidos entre as árvores do continente. O que lhes importava? O velho Tom tinha construído bem seu telhado, e sua chaminé desenhava.

"Fogo quente - livros - conforto - segurança da tempestade - nossos gatos no tapete. Luz da Lua", disse Barney, "você seria mais feliz agora se tivesse um milhão de dólares?"

"Não, nem meio feliz. Eu ficaria aborrecida com convenções e obrigações então".

Dezembro. Neve precoce e Orion. Os fogos pálidos da Via Láctea. Era realmente inverno agora... maravilhoso, frio, inverno estrelado. Como Valancy sempre odiou o inverno! Dias monótonos, breves e sem problemas. Noites longas, frias e sem companhia. A prima Stickles com suas costas que tinham que ser esfregadas continuamente. A prima Stickles fazendo ruídos estranhos. Prima Stickles chorando sobre o preço do carvão. A mãe dela, sondando, questionando, ignorando. Constipações e bronquite sem fim - ou o pavor disso. Liniment de Redfern e Purple Pills.

Mas agora ela adorava o inverno. O inverno era lindo - quase intoleravelmente belo. Dias de claro brilhantismo. Noites que eram como taças de glamour - a safra mais pura do vinho de inverno. Noites com o seu fogo de estrelas. Frios e requintados amanheceres de inverno. Adoráveis samambaias de gelo em todas

as janelas do Castelo Azul. Luz da lua sobre vidoeiros em um degelo prateado. Sombras enrugadas em noites ventosas - sombras tortas, retorcidas, fantásticas. Grandes silêncios, austeras e buscas. Joias, colinas bárbaras. O sol de repente quebrando as nuvens cinzentas sobre longos e brancos Mistawis. Crepúsculos cinzentos glaciares, quebrados por nevascas, quando sua aconchegante sala de estar, com seus duendes de luz de fogo e gatos impenetráveis, parecia mais aconchegante do que nunca. Cada hora trazia uma nova revelação e maravilha.

Barney levou Lady Jane ao celeiro de Roaring Abel e ensinou a Valancy como fazer raquetes de neve - Valancy, que deveria ser acamada com bronquite. Mas Valancy não tinha nem um resfriado. Mais tarde, no inverno, Barney teve uma terrível e Valancy o tratou com um pavor de pneumonia no coração. Mas as constipações de Valancy pareciam ter ido para onde as velhas luas vão. O que foi sorte - pois ela não tinha nem mesmo o Liniment de Redfern. Ela tinha comprado uma garrafa no Porto e Barney a tinha jogado no Mistawis congelado com uma carranca.

"Não traga mais dessas coisas demoníacas aqui", ele havia pedido brevemente. Era a primeira e última vez que ele falava duramente com ela.

Eles foram por longas caminhadas através da requintada reticência dos bosques de inverno e das selvas prateadas de árvores foscas, e encontraram beleza por toda parte.

Às vezes pareciam caminhar por um mundo encantado de cristais e pérolas, tão branco e radiante eram clareiras e lagos e céu. O ar era tão cristalino e claro que era meio intoxicante.

Uma vez eles ficaram em uma hesitação de êxtase na entrada de um caminho estreito entre fileiras de vidoeiros. Cada galho era delineado na neve. O matagal ao longo de seus lados era um pequeno bosque de fadas recortado de mármore. As sombras lançadas pelo sol pálido eram finas e espirituais.

"Venha embora", disse Barney, virando. "Não devemos cometer a profanação de andarmos por ali".

Uma noite, eles se depararam com um monte de neve, numa velha clareira que estava na exata semelhança do perfil de uma bela mulher. Visto de muito perto, a semelhança se perdeu, como no conto de fadas do Castelo de São João. Visto por trás, era uma estranheza sem forma. Mas na distância e no ângulo certo, o contorno era tão perfeito que quando se depararam com ele, brilhando contra o fundo escuro do abeto no brilho do pôr-do-sol de inverno, ambos exclamaram maravilhados. Havia uma sobrancelha baixa e nobre, um nariz reto e clássico, lábios e queixo e bochecha curva modelados como se alguma deusa dos velhos tempos tivesse se sentado ao escultor, e um peito de uma pureza tão fria e inchada como o próprio espírito do bosque de inverno poderia exibir.

"Toda a beleza que a velha Grécia e Roma, cantaram, pintaram, ensinaram", citou Barney.

"E pensar que nenhum olho humano, a não ser o nosso, viu ou vai ver", respirou Valancy, que sentiu às vezes como se estivesse vivendo em um livro de John Foster. Enquanto olhava ao seu redor, ela se lembrava de algumas passagens que havia marcado no novo livro de Foster que Barney a havia trazido do Porto - com uma adjunção de não esperar que ele o lesse ou ouvisse.

"Todas as estanhagens dos bosques de inverno são extremamente delicadas e evasivas", lembrou Valancy. *"Quando a breve tarde diminui e o sol apenas toca o topo das colinas, parece haver em toda a floresta uma abundância, não de cor, mas do espírito da cor. Afinal, não há nada além do branco puro, mas tem-se a impressão de uma mistura de rosa e violeta, opala e heliotropo nas encostas - ao longo das curvas da floresta-terra. Você sente que a tonalidade está lá, mas quando você olha diretamente para ela, ela desaparece. Do canto do seu olho você está ciente de que ela está espreitando ali em um lugar onde não havia nada além de pureza pálida há pouco. Só quando o sol está se pondo é que há um momento fugaz de cor real. Então a vermelhidão corre sobre a*

neve e encarna os morros e rios, e atinge a crista dos pinheiros com a chama. Apenas alguns minutos de transfiguração e revelação... e desaparece".

"Pergunto-me se John Foster já passou um inverno em Mistawis", disse Valancy.

"Não é provável", zombou Barney. "Pessoas que escrevem assim geralmente o escrevem em uma casa quente em alguma rua de uma cidade presunçosa".

"Você é muito duro com John Foster", disse Valancy severamente. "Ninguém poderia ter escrito aquele pequeno parágrafo que te li ontem à noite sem ter visto primeiro - você sabe que ele não poderia".

"Eu não o ouvi", disse Barney. "Você sabe que eu disse que não".

"Então você tem que ouvir isso agora," persistiu Valancy. Ela o fez ficar parado em seus sapatos de neve enquanto ela o repetia.

"'Ela é uma artista rara, essa velha Mãe Natureza, que trabalha 'para a alegria de trabalhar' e não em nenhum espírito de vã exposição. Hoje o abeto é uma sinfonia de verdes e cinzentos, tão sutil que não se pode dizer onde uma sombra começa a ser a outra. Tronco cinzento, ramo verde, musgo cinzento-esverdeado acima do chão branco, sombreado de cinza. Mas a velha cigana não gosta de monótonos não aliviados. Ela deve ter um traço de cor. Veja isso. Um ramo de abeto morto quebrado, de um lindo castanho-avermelhado, balançando entre as barbas de musgo".

"Bom Deus, você aprende de cor todos os livros daquele sujeito?" foi a reação de repugnância de Barney enquanto ele se afastava.

"Os livros de John Foster foram todos os que salvaram minha alma viva nos últimos cinco anos", disse Valancy. "Oh, Barney, olha

aquela filigrana requintada de neve nos sulcos daquele velho tronco de olmeiro".

Quando eles saíram para o lago, trocaram de sapatos de neve por patins e patinaram para casa. Para uma maravilha, Valancy tinha aprendido, quando era uma colegial, a patinar no lago atrás da escola de Deerwood. Ela nunca teve patins próprios, mas algumas das outras garotas lhe emprestaram os deles e ela parecia ter um dom natural para isso. O tio Benjamin uma vez lhe havia prometido um par de patins para o Natal, mas quando chegou o Natal ele havia dado pantufas para ela. Ela nunca tinha patinado desde que cresceu, mas o velho truque voltou rapidamente, e gloriosas foram as horas que ela e Barney passaram escanzelando sobre os lagos brancos e passando pelas ilhas escuras onde as casas de verão estavam fechadas e silenciosas. Hoje à noite eles voaram por Mistawis antes do vento, em uma alegria que encheu as bochechas de Valancy sob seu dom branco. E no final era sua querida casinha, na ilha dos pinheiros, com uma cobertura de neve em seu telhado, brilhando ao luar. Suas janelas brilhavam impecavelmente para ela nos clarões perdidos.

"Parece exatamente como um livro de fotos, não é mesmo?" disse Barney.

Eles tiveram um lindo Natal. Sem pressa. Nada de confusão. Nada de tentativas de pagar as contas. Nenhum esforço selvagem para lembrar se ela não tinha dado o mesmo tipo de presente à mesma pessoa dois Natais antes - nenhuma multidão de compradores de última hora - nenhuma "reunião" monótona de família onde ela se sentou muda e sem importância - nenhum ataque de "nervosismo". Eles decoraram o Castelo Azul com ramos de pinheiro, e Valancy fez pequenas estrelas de ouro e as pendurou em meio ao verde. Ela cozinhou um jantar ao qual Barney fez justiça total, enquanto a Boa Sorte e o Banjo colheram os ossos.

"Uma terra que pode produzir um ganso assim é uma terra admirável", prometeu Barney. "Canadá para sempre!" E eles

beberam uma garrafa de vinho que a prima Georgiana havia dado ao Valancy junto com a colcha.

"Nunca se sabe", disse solenemente a prima Georgiana, "quando se pode precisar de um pouco de estimulante".

Barney havia perguntado a Valancy o que ela queria para um presente de Natal.

"Algo frívolo e desnecessário", disse Valancy, que tinha recebido um par de golos no Natal passado e dois coletes de lã de manga comprida, no ano anterior. E assim por diante.

Para seu deleite, Barney lhe deu um colar de contas de pérolas. Valancy queria um colar de pérolas leitosas - como o luar congelado - durante toda a sua vida. E estas eram tão bonitas. Tudo o que a preocupava era que elas eram realmente boas demais. Elas devem ter custado muito, pelo menos 15 dólares. O Barney poderia pagar isso? Ela não sabia nada sobre as finanças dele. Ela se recusou a deixá-lo comprar qualquer roupa dela - ela tinha o suficiente para isso, ela disse a ele, desde que precisasse de roupas. Em uma jarra redonda e preta na chaminé, Barney colocou dinheiro para as despesas domésticas deles - sempre o suficiente. O frasco nunca estava vazio, embora Valancy nunca o pegasse reabastecendo-o. Ele não podia ter muito, é claro, e aquele colar - mas Valancy jogou os cuidados de lado. Ela o usava e o desfrutava. Era a primeira coisa bonita que ela já tinha tido.

CAPÍTULO XXXII

Ano novo. O calendário velho, mesquinho e inglório desceu. O novo subiu. Janeiro foi um mês de tempestades. Nevou por três semanas a fio. O termômetro ficou quilômetros abaixo de zero e ficou lá. Mas, como Barney e Valancy destacaram um para o outro, não havia mosquitos. E o rugido e o crepitar do grande incêndio deles afogou os uivos do vento norte. A Boa Sorte e o Banjo enceraram a gordura e desenvolveram resplandecentes casacos de pelo grosso e sedoso. O Nip e o Tuck tinham ido embora.

"Mas eles voltarão na primavera", prometeu Barney.

Não havia monotonia. Às vezes eles tinham pequenas e dramáticas discussões particulares que nunca pensaram em se tornar brigas. Às vezes, Abel visitava-os por uma noite ou um dia inteiro - com seu velho gorro e sua longa barba vermelha coberta de neve. Ele geralmente trazia seu violino e tocava para eles, para o deleite de todos, exceto Banjo, que ficava temporariamente louco e se retirava debaixo da cama de Valancy. Às vezes Abel e Barney conversavam enquanto Valancy fazia doces para eles; às vezes eles sentavam e fumavam em silêncio à la Tennyson e Carlyle, até que o Castelo Azul tresandava e Valancy fugia para o campo aberto. Às vezes eles jogavam damas ferozmente e silenciosamente a noite inteira. Às vezes todos comiam as maçãs que Abel tinha trazido, enquanto o velho e alegre relógio marcava os deliciosos minutos de distância.

"Um prato de maçãs, um fogo aberto, e 'uma bebida de bom gosto' são um substituto justo para o céu", prometeu Barney. "Qualquer um pode ter as ruas de ouro. Vamos dar outra surra no Carman".

Agora era mais fácil para os Stirlings acreditarem na Valancy dos mortos. Nem mesmo os rumores de que ela tinha ido ao Porto

vieram incomodá-los, embora ela e Barney costumavam ir lá ocasionalmente para ver um filme e comer cachorros-quentes sem vergonha na barraca da esquina depois. Presumivelmente nenhum dos Stirlings pensou nela - exceto a prima Georgiana, que costumava ficar acordada, preocupada com a pobre Doss. Será que ela tinha o suficiente para comer? Aquela criatura horrível era boa para ela? Ela era quente o suficiente à noite?

Valancy era bastante quente à noite. Ela costumava acordar e se divertia em silêncio no aconchego daquelas noites de inverno naquela pequena ilha no lago gelado. As noites de outros invernos tinham sido tão frias e longas. Valancy detestava acordar nelas e pensar na desolação e no vazio do dia que tinha passado e na desolação e vazio do dia que viria. Agora ela quase contava aquela noite perdida em que não acordava e ficava meia hora acordada apenas sendo feliz, enquanto Barney respirava regularmente ao seu lado, e através da porta aberta as marcas que cheiravam na lareira lhe piscavam o olho na escuridão. Foi muito bom sentir um pequeno gato sortudo pular na sua cama na escuridão e se aconchegar aos seus pés, ronronando; mas Banjo estaria sentado sozinho em frente ao fogo como um demônio chocante. Em tais momentos Banjo era tudo menos felino, mas Valancy amava sua maldade.

O lado da cama tinha que estar bem contra a janela. Não havia outro lugar para ele no minúsculo quarto. Valancy, deitado ali, podia olhar para fora da janela, através dos grandes ramos de pinheiro que realmente a tocavam, longe de Mistawis, branco e lustroso como um pavimento de pérolas, ou escuro e terrível na tempestade. Às vezes, os ramos de pinheiro batiam contra as vidraças com sinais amigáveis. Às vezes ela ouvia o pequeno sussurro de neve contra eles, bem ao seu lado. Algumas noites todo o mundo exterior parecia entregue ao império do silêncio; depois vinham as noites em que havia uma varredura majestosa de vento nos pinheiros; noites de querida luz estelar quando assobiava estranhamente e alegremente ao redor do Castelo Azul; noites chocantes antes da tempestade quando rastejava ao longo do chão do lago com um grito baixo e lamuriante de choro e mistério. Valancy desperdiçou

muitas horas de sono perfeitamente boas nessas deliciosas comunhões. Mas ela podia dormir o tempo que quisesse pela manhã. Ninguém se importava. Barney preparou seu próprio café da manhã de bacon e ovos e depois se calou na Câmara da Barba Azul até a hora do jantar. Depois eles tiveram uma noite de leitura e conversa. Eles falaram sobre tudo neste mundo e sobre muitas coisas em outros mundos. Eles riram de suas próprias piadas até que o Castelo Azul voltou a ecoar.

"Você ri mesmo muito bem", disse Barney uma vez. "Me dá vontade de rir só de ouvir você rir. Há um truque sobre sua risada - como se houvesse muito mais diversão por trás disso que você não deixaria sair. Você riu assim antes de vir para Mistawis, Luz da Lua?"

"Eu nunca ri de jeito nenhum... realmente. Eu costumava rir tolamente quando sentia que era esperado. Mas agora... a gargalhada só vem".

Atingiu Valancy mais de uma vez que o próprio Barney riu muito mais do que costumava e que sua risada tinha mudado. Tinha se tornado saudável. Ela raramente ouvia a pequena nota cínica nela agora. Poderia um homem rir assim se tinha crimes em sua consciência? Mas Barney deve ter feito algo. Valancy tinha indiferentemente se decidido pelo que ele tinha feito. Ela concluiu que ele era um caixa de banco inadimplente. Ela havia encontrado em um dos livros de Barney um velho recorte de um papel de Montreal no qual um caixa desaparecido e faltoso foi descrito. A descrição se aplicava a Barney - assim como a meia dúzia de outros homens que Valancy conhecia - e de algumas observações casuais que ele havia deixado cair de vez em quando ela concluiu que ele conhecia Montreal bastante bem. Valancy tinha tudo isso descoberto no fundo de sua mente. Barney tinha estado em um banco. Ele estava tentado a levar algum dinheiro para especular, o que significava, é claro, colocá-lo de volta. Ele tinha ido cada vez mais fundo, até que descobriu que não havia nada para ele a não ser fugir. Tinha acontecido assim com dezenas de homens. Ele tinha,

Valancy estava absolutamente certa, nunca quis fazer mal. Claro, o nome do homem do recorte era Bernard Craig. Mas Valancy sempre pensou que Snaith era um pseudônimo. Não que isso importasse.

Valancy teve apenas uma noite infeliz naquele inverno. Chegou no final de março, quando a maior parte da neve havia desaparecido e Nip e Tuck haviam voltado. Barney tinha saído à tarde para um longo vagabundo do bosque, dizendo que voltaria ao anoitecer se tudo corresse bem. Logo após ele ter ido, começou a nevar. O vento se levantou e Mistawis estava em uma das piores tempestades do inverno. Ele rasgou o lago e bateu na casinha. Os bosques escuros e furiosos do continente se espantaram em Valancy, ameaça no arremesso de seus ramos, ameaças na sua escuridão ventosa, terror no rugido de seus corações. As árvores da ilha se agacharam de medo. Valancy passou a noite amontoada no tapete antes do incêndio, com o rosto enterrado nas mãos, quando não estava vã espreitando do orifício num esforço fútil para ver através da fumaça furiosa do vento e da neve que outrora tinha sido um Mistawis de borbulhas azuis. Onde estava o Barney? Perdido nos lagos impiedosos? Afundando-se exausto nas correntes do bosque sem manchas? Valancy morreu cem mortes naquela noite e pagou integralmente por toda a felicidade de seu Castelo Azul. Quando amanheceu, a tempestade se rompeu e se dissipou; o sol brilhou gloriosamente sobre Mistawis; e ao meio-dia Barney voltou para casa. Valancy o viu desde o oriente, enquanto ele contornava um ponto arborizado, esbelto e negro contra o mundo branco resplandecente. Ela não correu para encontrá-lo. Algo aconteceu com os joelhos dela e ela caiu na cadeira do Banjo. Felizmente, Banjo saiu de baixo no tempo, com seus bigodes cheios de indignação. Barney a encontrou lá, a cabeça dela enterrada nas mãos dela.

"Barney, eu pensei que você estivesse morto", sussurrou ela.

Barney sussurrou.

"Depois de dois anos do Klondike, você achou que uma pequena tempestade como essa poderia me pegar? Passei a noite naquele

velho barraco de madeira perto de Muskoka. Com um pouco de frio, mas confortável o suficiente. Pequenina! Seus olhos parecem buracos queimados em um cobertor. Você sentou aqui a noite toda preocupada com um velho lenhador como eu?"

"Sim", disse Valancy. "Eu... não pude evitar. A tempestade parecia tão selvagem. Qualquer um poderia ter se perdido nela. Quando... eu vi você... veio ao redor do ponto... algo aconteceu comigo. Eu não sei o quê. Foi como se eu tivesse morrido e voltado à vida. Eu não posso descrever de outra forma".

CAPÍTULO XXXIII

Primavera. Mistawis negros e amuados por uma semana ou duas, depois flamejantes em safira e turquesa, lilás e rosa novamente, rindo através do orifício, acariciando suas ilhas ametista, ondulando sob ventos suaves como seda. Rãs, pequenos feiticeiros verdes do pântano e da piscina, cantando por toda parte no longo crepúsculo e nas longas noites; as ilhas em forma de fada numa névoa verde; a beleza evanescente de árvores jovens selvagens em folha precoce; o encanto gelado da nova folhagem de zimbro; os bosques em forma de flores primaveris, delicadas, espirituais, semelhantes à alma do deserto; névoa vermelha nos mamilos; salgueiros cobertos de ratas prateadas brilhantes; todas as violetas esquecidas do Mistawis florescendo de novo; atração das luas de abril.

"Pense em quantos milhares de nascentes estiveram aqui no Mistawis - e todas elas lindas", disse Valancy. "Oh, Barney, olha só aquela ameixa selvagem! Eu vou - eu devo citar John Foster. Há uma passagem em um de seus livros... eu a reli cem vezes. Ele deve tê-la escrito antes de uma árvore como essa:

"Eis a jovem ameixa selvagem que se adornou depois de imemorável, numa véspera de casamento de renda fina. Os dedos dos duendes de madeira devem tê-lo tecido, pois nada como ele jamais veio de um tear terreno. Juro que a árvore está consciente de seu encanto. É uma ponte diante dos nossos olhos - como se sua beleza não fosse a coisa mais efêmera do bosque, como é a mais rara e a mais excedente, pois hoje é e amanhã não é. Cada vento do sul ronronando pelos ramos, vai fazer com que neve em uma chuva de pétalas esbeltas. Mas o que importa? Hoje é rainha dos lugares selvagens e é sempre hoje no bosque".

"Tenho certeza que você se sente muito melhor desde que tirou isso do seu sistema", disse Barney sem coração.

"Aqui está um pedaço de dentes-de-leão", disse Valancy, insubordinado. "Mas os dentes-de-leão não devem crescer na floresta. Eles não têm nenhuma noção da aptidão das coisas. Eles são muito alegres e satisfeitos consigo mesmos. Não têm nada do mistério e reserva das verdadeiras flores da mata".

"Em resumo, eles não têm segredos", disse Barney. "Mas espere um pouco. A floresta terá o seu próprio caminho, mesmo com aqueles dentes-de-leão óbvios. Em pouco tempo toda aquela gritaria e complacência intrusiva desaparecerá e encontraremos aqui globos nebulosos e fantasmagóricos pairando sobre essas longas gramíneas em plena harmonia com as tradições da floresta".

"Isso soa John Foster", provocou Valancy.

"O que eu fiz que merecia uma batida como essa?" reclamou Barney.

Um dos primeiros sinais da primavera foi o renascimento de Lady Jane. Barney a colocou em estradas que nenhum outro carro iria olhar, e eles passaram por Deerwood na lama até os eixos. Eles passaram por vários Stirlings, que gemiam e refletiam que agora a primavera estava chegando, eles iriam encontrar aquele par sem vergonha em todos os lugares. Valancy, vagando pelas lojas de Deerwood, conheceu o tio Benjamin na rua; mas ele não percebeu até que tinha ido dois quarteirões mais adiante que a garota de manta escarlate, com as bochechas avermelhadas no ar aguçado de abril e a franja de cabelos pretos sobre risos, olhos inclinados, era Valancy. Quando ele percebeu, o tio Benjamin ficou indignado. Que negócio tinha Valancy para se parecer... com uma jovem garota? O caminho do transgressor era difícil. Tinha que ser. Escrituras e próprias. Mas o caminho de Valancy não podia ser difícil. Ela não teria esse aspecto se fosse. Havia algo errado. Era quase o suficiente para fazer um homem se tornar modernista.

Barney e Valancy se agarraram ao Porto, de modo que estava escuro quando eles passaram por Deerwood novamente. Em sua antiga casa, Valancy, tomado por um impulso repentino, saiu do

carro, abriu o portão e se inclinou para a janela da sala de estar. Lá sentaram a mãe e a prima Stickles com medo, tricotando. Desumanas e desconcertantes como sempre. Se elas tivessem parecido um pouco solitárias, Valancy teria entrado. Mas não entrou. Valancy não iria perturbá-las por mundos.

CAPÍTULO XXXIV

Valancy teve dois momentos maravilhosos naquela primavera.

Um dia, voltando para casa pelo bosque, com os braços cheios de medronheiro e abeto rasteiro, conheceu um homem que ela sabia que devia ser Allan Tierney. Allan Tierney, o célebre pintor de belas mulheres. Ele morava em Nova York no inverno, mas era dono de uma cabana no extremo norte de Mistawis, à qual ele sempre vinha no minuto em que o gelo saía do lago. Tinha fama de ser um homem solitário e excêntrico. Ele nunca lisonjeou suas modelos. Não havia necessidade, pois ele não pintava ninguém que precisasse de lisonjas. Ser pintado por Allan Tierney era todo o esconderijo de beleza que uma mulher poderia desejar. Valancy tinha ouvido falar tanto dele que não podia deixar de virar a cabeça sobre o ombro para outro olhar tímido e curioso sobre ele. Um eixo de luz solar de primavera pálida caiu através de um grande pinheiro, sua cabeça nua e negra e seus olhos inclinados. Ela usava um vestido verde pálido e tinha amarrado um filete de linhaça sobre seu cabelo. A fonte emplumada de abeto de trilha sobrevoou seus braços e caiu ao redor dela. Os olhos de Allan Tierney se acenderam.

"Eu tive uma visita", disse Barney na tarde seguinte, quando Valancy voltou de outra busca de flores.

"Quem?" Valancy ficou surpreso, mas indiferente. Ela começou a encher uma cesta com arbustos.

"Allan Tierney. Ele quer te pintar, Luz da Lua".

"Eu!" Valancy deixou cair sua cesta e seu medronho. "Você está rindo de mim, Barney?"

"Eu não estou. Foi para isso que a Tierney veio. Para pedir minha permissão para pintar minha esposa - como o Espírito de

Muskoka, ou algo assim".

"Mas, mas..." gaguejou Valancy, "Allan Tierney nunca pinta nada além de... qualquer coisa, mas..."

"Mulheres bonitas", terminou Barney. "Concedido, a Sra. Barney Snaith é uma linda mulher".

"Bobagem", disse Valancy, inclinando-se para recuperar o seu medronho. "Você sabe que isso é besteira, Barney. Eu sei que sou muito mais bonita do que era há um ano, mas não sou bonita".

"Allan Tierney nunca comete um erro", disse Barney. "Você esquece, Luz da Lua, que existem diferentes tipos de beleza. Sua imaginação é obcecada pelo tipo muito óbvio da sua prima Olive. Oh, eu já a vi - ela é uma atordoadora - mas você nunca pegaria Allan Tierney querendo pintá-la. Na horrível mas expressiva frase de gíria, ela guarda todas as suas mercadorias na vitrine da loja. Mas em sua mente subconsciente você tem a convicção de que ninguém pode ser bonita se não se pareça com Olive. Além disso, você se lembra do seu rosto como nos tempos em que sua alma não podia brilhar através dele. Tierney disse algo sobre a curva da sua bochecha enquanto você olhava por cima do seu ombro. Você sabe que eu já lhe disse muitas vezes que isso era uma distração. E ele é bastante certo sobre seus olhos. Se eu não tivesse certeza absoluta de que era apenas profissional - ele é realmente um velho solteirão maluco, você sabe - eu teria ciúmes".

"Bem, eu não quero ser pintada", disse Valancy. "Espero que você tenha dito isso a ele".

"Eu não poderia dizer isso a ele. Eu não sabia o que você queria. Mas eu disse a ele que não queria minha esposa pintada - pendurada em um salão para a máfia ficar olhando. Pertencendo a outro homem. Pois é claro que eu não podia comprar o quadro. Então mesmo se você quisesse ser pintada, Luz da Lua, seu marido tirano não a teria permitido. O Tierney era um pouco esquivo. Ele

não está acostumado a ser recusado dessa maneira. Os pedidos dele são quase como os da realeza".

"Mas nós somos fora-da-lei", riu Valancy. "Nós nos curvamos a nenhum decreto, não reconhecemos soberania".

Em seu coração ela pensou sem vergonha:

"Gostaria que Olive soubesse que Allan Tierney queria me pintar. A mim! A pequena senhora Valancy Stirling".

Seu segundo momento maravilhoso veio uma noite em maio. Ela percebeu que Barney realmente gostava dela. Ela sempre esperou que ele gostasse, mas às vezes ela tinha um pouco de medo, desagradável, assombroso, de que ele fosse apenas gentil e simpático e íntimo por pena; sabendo que ela não tinha muito tempo de vida e determinou que ela deveria se divertir tanto quanto ela viveu. Mas de volta à sua mente, olhando para a liberdade novamente, sem nenhuma criatura intrusiva de mulher em sua solidão de ilha e sem conversa ao seu lado em suas rondas na floresta, ela sabia que ele nunca poderia amá-la. Ela nem mesmo queria que ele a amasse. Se ele a amasse, ele seria infeliz quando ela morresse... A coragem nunca vacilou com a palavra simples. Nada de "falecer" para ele. E ela não queria que ele fosse o menos infeliz. Mas ela também não queria que ele ficasse feliz - ou aliviado. Ela queria que ele gostasse dela e sentisse falta dela como um bom companheiro. Mas ela nunca tinha tido certeza até esta noite de que ele gostasse.

Eles tinham caminhado sobre as colinas no pôr do sol. Tinham o prazer de descobrir uma fonte virgem em um buraco fértil e tinham bebido juntos de uma taça de bétula; tinham chegado a uma velha cerca de ferro e se sentado sobre ela por muito tempo. Eles não falavam muito, mas Valancy tinha uma curiosa sensação de unicidade. Ela sabia que não poderia ter sentido isso se ele não tivesse gostado dela.

"Sua coisinha incrível", disse Barney de repente. "Oh, sua coisinha incrível! Às vezes eu sinto que você é muito incrível para ser real - que eu estou apenas sonhando com você".

"Por que eu não posso morrer agora... neste minuto... quando estou tão feliz!" pensou Valancy.

Bem, não poderia ser tão longo agora. De alguma forma, Valancy sempre sentiu que viveria o ano que o Dr. Trent lhe deu. Ela não tinha sido cuidadosa - ela nunca tinha tentado ser. Mas, de alguma forma, ela sempre contou que viveria o ano dela. Ela não tinha se deixado pensar sobre isso de forma alguma. Mas agora, sentada aqui ao lado de Barney, com a mão na dele, uma realização repentina veio até ela. Ela não tinha tido um ataque no coração por um longo tempo - dois meses pelo menos. O último que ela teve foi duas ou três noites antes de Barney sair na tempestade. Desde então, ela não se lembrava que tinha um coração. Sem dúvida, isso lhe deu a proximidade do fim. A natureza havia desistido da luta. Não haveria mais dor.

"Receio que o céu fique muito chato depois deste último ano", pensou Valancy. "Mas talvez não se lembre. Será que isso seria... um pouco? Não, não. Eu não quero esquecer o Barney. Eu prefiro ser miserável no céu lembrando dele do que feliz esquecendo dele. E eu sempre lembrarei através de toda a eternidade - que ele realmente, realmente gostou de mim".

CAPÍTULO XXXV

Trinta segundos às vezes podem ser muito longos. Tempo suficiente para fazer um milagre ou uma revolução. Em trinta segundos a vida mudou totalmente para Barney e Valancy Snaith.

Eles contornaram o lago numa noite de junho em sua hélice desaparecida, pescaram por uma hora em um pequeno riacho, deixaram seu barco lá, e caminharam pela mata até Port Lawrence, a duas milhas de distância. Valancy rondou um pouco as lojas e conseguiu um novo par de sapatos sensatos. Seu velho par foi repentina e completamente cedido, e esta noite ela foi obrigada a calçar o par de sapatos de couro com saltos altos e finos, que ela havia comprado num ajuste de loucura um dia no inverno por causa da beleza deles e porque ela queria fazer uma compra tola e extravagante em sua vida. Ela às vezes os vestia de uma noite no Castelo Azul, mas esta era a primeira vez que os usava lá fora. Ela não tinha achado muito fácil caminhar pela floresta dentro deles, e Barney a tratou com impiedade sobre eles. Mas apesar do inconveniente, Valancy gostou secretamente da aparência de seus tornozelos aparados e do passo alto acima daqueles sapatos bonitos e tolos e não os trocou na loja como ela poderia ter feito.

O sol estava pendurado em baixo sobre os pinheiros quando eles deixaram Port Lawrence. Ao norte da cidade, a mata fechou de repente. Valancy sempre teve a sensação de passar de um mundo para outro - da realidade para o reino das fadas - quando saiu de Port Lawrence e, num piscar de olhos, encontrou-o fechado atrás dela pelos exércitos dos pinheiros.

A uma milha e meia de Port Lawrence havia uma pequena estação ferroviária com uma pequena casa de estação que a essa hora do dia estava deserta, já que nenhum trem local estava previsto. Nem uma alma estava à vista quando Barney e Valancy saíram da floresta. À esquerda uma curva repentina na trilha o

escondia da vista, mas sobre as copas das árvores além, a longa pluma de fumaça fazia com que a aproximação de um trem atravessado se fizesse. Os trilhos vibravam até o trovão quando Barney atravessou o interruptor. Valancy estava alguns passos atrás dele, vagando para juntar sinos de junho ao longo do pequeno e sinuoso caminho. Mas havia muito tempo para atravessar antes da chegada do trem. Ela pisou despreocupadamente sobre o primeiro trilho.

Ela nunca pôde contar como isso aconteceu. Os trinta segundos seguintes sempre pareceram em sua memória como um pesadelo caótico no qual ela suportou a agonia de mil vidas.

O calcanhar de seu lindo e tolo sapato preso em uma fenda do interruptor. Ela não conseguia soltá-lo. "Barney... Barney!", ela chamou em alarme. Barney virou... serrou sua previsão... serrou seu rosto de cinzas... lavou de volta. Ele tentou tirá-la de lá... ele tentou arrancar o pé dela do porão da prisão. Em vão. Em um momento o trem varria a curva... estaria sobre eles.

"Vai... vai... rápido... você será morto, Barney!" gritou Valancy, tentando empurrá-lo para longe.

Barney caiu de joelhos, branco-fantasma, freneticamente rasgando o seu laço de sapato. O nó desafiou seus dedos trêmulos. Ele arrancou uma faca do bolso e a cortou. Valancy ainda se esforçava cegamente para afastá-lo. A mente dela estava cheia do pensamento hediondo de que Barney seria morto. Ela não tinha pensamento para o seu próprio perigo.

"Barney... vai... vai... pelo amor de Deus... vai!"

"Nunca!" murmurou Barney entre seus dentes. Ele deu uma chave de fendas maluca no laço. Quando o trem trovejou na curva, ele saltou e pegou Valancy - arrastá-la, deixando o sapato atrás dela. O vento do trem, enquanto ele varria, fez gelar a corrente de suor em seu rosto.

"Graças a Deus!" ele respirou.

Por um momento eles ficaram estupidamente olhando um para o outro, duas criaturas brancas, sacudidas e de olhos selvagens. Então eles tropeçaram no pequeno assento no final da casa da estação e caíram sobre ele. Barney enterrou seu rosto em suas mãos e não disse uma palavra. Valancy sentou-se, olhando em frente a ela com os olhos desavisados para o grande bosque de pinheiros, os tocos da clareira, os longos e brilhantes trilhos. Havia apenas um pensamento em sua mente atordoada - um pensamento que parecia queimá-lo como uma barba de fogo poderia queimar seu corpo.

Dr. Trent havia dito a ela há mais de um ano que ela tinha uma forma séria de doença cardíaca - que qualquer excitação poderia ser fatal.

Se assim fosse, por que ela não estava morta agora? Neste exato momento? Ela tinha acabado de experimentar tanta e tão terrível excitação quanto a maioria das pessoas em uma vida inteira, lotadas naquele interminável trinta segundos. No entanto, ela não tinha morrido disso. Um pouco trêmula nos joelhos, como qualquer um teria ficado; um batimento cardíaco mais rápido, como qualquer um teria; nada mais.

Por quê?

Era possível que o Dr. Trent tivesse cometido um erro?

Valancy tremia como se um vento frio a tivesse arrefecido repentinamente até a alma. Ela olhou para o Barney, agarrada ao seu lado. O silêncio dele era muito eloquente: Tinha-lhe ocorrido o mesmo pensamento? Será que de repente se viu confrontado pela terrível suspeita de que era casado, não por alguns meses ou um ano, mas para o bem de uma mulher que ele não amava e que se impôs a ele por algum truque ou mentira? Valancy adoeceu diante do horror da situação. Não podia ser. Seria cruel demais - diabólico demais. O Dr. Trent não poderia ter cometido um erro. Impossível.

Ele era um dos melhores especialistas em coração em Ontário. Era tolo... desmerecido pelo horror recente. Ela se lembrava de alguns dos espasmos horríveis de dor que tinha tido. Deve haver algo sério com o coração dela para dar conta deles.

Mas ela não tinha tido nenhum por quase três meses.

Por quê?

Atualmente, Barney se agitava. Ele se levantou, sem olhar para Valancy, e disse casualmente:

"Suponho que é melhor voltarmos a fazer caminhadas. O sol está ficando baixo. Você está bem para o resto da estrada?"

"Acho que sim", disse Valancy miseravelmente.

Barney atravessou a clareira e pegou o pacote que ele havia deixado cair - o pacote contendo os sapatos novos dela. Ele o trouxe até ela e a deixou tirar os sapatos e colocá-los sem qualquer ajuda, enquanto ele ficou de costas para ela e olhou por cima dos pinheiros.

Eles andaram em silêncio pela trilha sombria até o lago. Em silêncio Barney conduziu seu barco até o milagre do pôr do sol que era Mistawis. Em silêncio, eles contornaram cabeceiras de penas e atravessaram baías de coral e rios de prata onde canoas escorregavam para cima e para baixo no brilho do sol. Em silêncio, passaram por cabanas ecoando com música e risos. Em silêncio, se desenhavam no pouso abaixo do Castelo Azul.

Valancy subiu os degraus de pedra e entrou na casa. Ela caiu miseravelmente na primeira cadeira em que chegou e sentou-se ali, olhando para o orifício, esquecendo os ronronados frenéticos de alegria da Boa Sorte e os clarões selvagens de protesto de Banjo contra a ocupação de sua cadeira.

Barney chegou alguns minutos depois. Ele não se aproximou dela, mas ficou atrás dela e perguntou gentilmente se ela sentia algo pior por sua experiência. Valancy teria dado a ela um ano de felicidade por ter sido capaz de responder com honestidade "Sim".

"Não", ela disse sem rodeios.

Barney entrou na Câmara do Barba Azul e fechou a porta. Ela o ouviu andando para cima e para baixo - para cima e para baixo. Ele nunca tinha andado daquela maneira antes.

E há uma hora atrás... apenas uma hora atrás... ela estava tão feliz!

CAPÍTULO XXXVI

Finalmente Valancy foi para a cama. Antes de ir ela releu a carta do Dr. Trent. Isso a confortava um pouco. Tão positivo. Tão certo. A escrita tão negra e firme. Não a escrita de um homem que não sabia sobre o que estava escrevendo. Mas ela não conseguia dormir. Ela fingiu estar dormindo quando Barney entrou. Barney fingiu ir dormir. Mas Valancy sabia perfeitamente que ele não estava dormindo mais do que ela. Ela sabia que ele estava deitado ali, olhando através da escuridão. Pensando em quê? Tentando encarar... o quê?

Valancy, que havia passado tantas horas felizes de vigília noturna deitada junto àquela janela, agora pagou o preço de todas elas nesta única noite de miséria. Um fato horrível e portentoso estava lentamente se aproximando diante dela da nebulosa da suposição e do medo. Ela não conseguia fechar os olhos para ele - empurrá-lo para longe - mais grave.

Não podia haver nada seriamente errado com o coração dela, não importando o que o Dr. Trent tivesse dito. Se tivesse havido, aqueles trinta segundos a teriam matado. Não adiantava lembrar a carta e a reputação do Dr. Trent. Os maiores especialistas às vezes cometiam erros. O Dr. Trent tinha cometido um.

Pela manhã, Valancy caiu em uma dose de ataque com sonhos ridículos. Um deles era de Barney zombando dela com o fato de tê-la enganado. Em seu sonho, ela perdeu a calma e o atingiu violentamente na cabeça com seu alfinete rolante. Ele provou ser feito de vidro e tremeu em estilhaços por todo o chão. Ela acordou com um grito de horror - um suspiro de alívio - uma risada curta sobre o absurdo de seu sonho - uma lembrança miserável e doentia do que havia acontecido.

Barney tinha ido embora. Valancy sabia, como as pessoas às vezes sabem das coisas -inescapavelmente, sem que lhe digam -

que ele também não estava na casa ou na Câmara do Barba Azul. Havia um silêncio curioso na sala de estar. Um silêncio com algo de estranho. O velho relógio tinha parado. Barney deve ter esquecido de dar corda ao relógio, algo que nunca tinha feito antes. A sala sem ele estava morta, embora a luz do sol corresse através do orifício e as covinhas de luz das ondas dançantes além estremecessem sobre as paredes.

A canoa tinha desaparecido, mas Lady Jane estava sob as árvores do continente. Então, Barney se aproximou da natureza. Ele não voltaria até a noite - talvez nem mesmo então. Ele deve estar com raiva dela. Aquele silêncio furioso dele deve significar raiva - ressentimento frio, profundo e justificável. Bem, Valancy sabia o que devia fazer primeiro. Ela não estava sofrendo muito agora. No entanto, o curioso entorpecimento que permeava seu ser era, de certa forma, pior que a dor. Era como se algo nela tivesse morrido. Ela se obrigou a cozinhar e a tomar um pequeno café da manhã. Mecanicamente, ela colocou o Castelo Azul em perfeita ordem. Então ela colocou seu chapéu e casaco, trancou a porta e escondeu a chave no buraco do velho pinheiro e atravessou para o continente no barco a motor. Ela estava entrando em Deerwood para ver o Dr. Trent. Ele deve saber.

CAPÍTULO XXXVII

O Dr. Trent olhou para ela em branco e se confundiu entre suas lembranças.

"Srta... Sra..."

"Sra. Snaith", disse Valancy calmamente. "Eu era a Srta. Valancy Stirling quando vim até você em maio passado, mais de um ano atrás. Eu queria te consultar sobre o meu coração".

A cara do Dr. Trent ficou limpa.

"Oh, é claro. Eu me lembro agora. Eu realmente não tenho culpa de não te conhecer. Você mudou... esplendidamente. E casada. Bem, bem, isso lhe faz muito bem. Você não se parece muito com um inválido agora, hein? Eu me lembro daquele dia. Eu estava muito chateado. Mas o Ned está como novo e você, evidentemente, também. Eu te disse isso, você sabe... te disse que não havia nada com que se preocupar".

Valancy olhou para ele.

"Você me disse, na sua carta", ela disse lentamente, com um sentimento curioso de que alguém mais estava falando através dos lábios, "que eu tinha angina de peito - nos últimos estágios - complicada com um aneurisma. Que eu poderia morrer a qualquer minuto - que eu não poderia viver mais do que um ano".

O Dr. Trent olhou para ela.

"Impossível!" ele disse em branco. "Eu não poderia ter lhe dito isso!"

Valancy pegou a carta e a entregou a ele.

"Srta. Valancy Stirling", ele leu. "Sim... sim. Claro que eu te escrevi... no trem... naquela noite. Mas eu lhe disse que não havia nada sério..."

"Leia sua carta", insistiu Valancy.

O Dr. Trent a tirou, desdobrou-a, olhou-a de relance. Um olhar consternado veio em sua cara. Ele saltou para os seus pés e se agitou sobre a sala.

"Meu Deus! Esta é a carta que eu quis escrever para a velha Srta. Jane Sterling. De Port Lawrence. Ela também estava aqui naquele dia. Eu lhe enviei a carta errada. Que descuido imperdoável! Mas eu estava fora de mim naquela noite. Meu Deus, e você acreditou que... você acreditou... mas não acreditou... você foi a outro médico..."

Valancy levantou-se, virou-se, olhou tolamente para ela e sentou-se novamente.

"Eu acreditei", disse ela, desmaiando. "Eu não fui a nenhum outro médico. Eu... eu... levaria muito tempo para explicar. Mas eu acreditei que iria morrer em breve".

O Dr. Trent parou diante dela.

"Eu nunca consigo me perdoar. Que ano você deve ter tido! Mas você não parece... eu não consigo entender!"

"Deixa pra lá", disse Valancy. "E então não há nada de errado com o meu coração?"

"Bem, nada sério. Você teve o que é chamado de pseudo angina. Nunca é fatal - passa completamente com o tratamento adequado. Ou às vezes com um choque de alegria. Você se incomodou muito com isso"?

"De jeito nenhum desde março", respondeu Valancy. Ela se lembrou da sensação maravilhosa de recriação que tinha tido quando viu Barney voltar para casa a salvo após a tempestade. Será que aquele "choque de alegria" a curou?

"Então provavelmente você está bem. Eu te disse o que fazer na carta que você deveria ter recebido. E é claro que eu supunha que você iria a outro médico. Criança, por que você não foi?"

"Eu não queria que ninguém soubesse".

"Idiota", disse a Dra. Trent sem rodeios. "Eu não consigo entender tal tolice. E a pobre velha Srta. Sterling. Ela deve ter recebido sua carta, dizendo-lhe que não havia nada de grave. Bem, bem, não poderia ter feito diferença alguma. O caso dela era sem esperança. Nada que ela pudesse ter feito ou deixado por fazer poderia ter feito alguma diferença. Fiquei surpreso que ela viveu tanto tempo quanto ela viveu... dois meses. Ela estava aqui naquele dia - não muito antes de você. Eu odiava dizer a verdade a ela. Você acha que eu sou um velho grosseiro - e minhas cartas são grosseiras o suficiente. Eu não posso suavizar as coisas. Mas eu sou um covarde ranhoso quando se trata de dizer a uma mulher cara a cara que ela tem que morrer logo. Eu disse a ela que iria procurar algumas características do caso que eu não estava bem certo e deixá-la saber no dia seguinte. Mas você recebeu a carta dela - veja aqui, "Querida Srta. S-t-e-r-l-i-n-g.'".

"Sim. Eu notei isso. Mas eu achei um erro. Eu não sabia que havia Sterlings em Port Lawrence".

"Ela era a única. Uma alma velha e solitária. Vivia sozinha com apenas uma garotinha de casa. Ela morreu dois meses depois de estar aqui - morreu durante o sono. Meu erro não poderia ter feito nenhuma diferença para ela. Mas para você! Eu não posso me perdoar por ter infligido um ano de miséria em você. É hora de eu me aposentar, tudo bem, quando eu faço coisas assim - mesmo que meu filho devesse estar fatalmente ferido. Você pode me perdoar alguma vez?"

Um ano de miséria! Valancy sorriu um sorriso torturado enquanto pensava em toda a felicidade que o erro do Dr. Trent lhe havia comprado. Mas ela estava pagando por isso agora... oh, ela estava pagando. Se sentir era para viver, ela estava vivendo com uma vingança.

Ela deixou o Dr. Trent examiná-la e respondeu a todas as suas perguntas. Quando ele lhe disse que ela estava em forma e que provavelmente viveria até os cem anos, ela se levantou e foi embora silenciosamente. Ela sabia que havia muitas coisas horríveis lá fora esperando para serem pensadas. Dr. Trent achou que ela era estranha. Qualquer um teria pensado, de seus olhos desesperançados e rosto sem esperança, que ele tinha dado a ela uma sentença de morte ao invés de vida. Snaith? Snaith? Com quem diabos ela se casou? Ele nunca tinha ouvido falar de Snaiths em Deerwood. E ela tinha sido uma velha solteirona tão malvada e desbotada. Mas o casamento tinha feito a diferença nela, de qualquer maneira, quem quer que fosse Snaith. Snaith? Dr. Trent lembrou. Aquele rapaz! Valancy Stirling tinha casado com ele? E o clã dela a tinha deixado! Bem, provavelmente isso resolveu o mistério. Ela tinha se casado apressadamente e se arrependido à vontade, e foi por isso que ela não estava muito feliz em saber que era uma boa perspectiva de seguro, afinal de contas. Casada! Para Deus sabia quem! Ou o quê! Preso? Inadimplente? Fugitivo da justiça? Deve ser muito ruim se ela tivesse olhado para a morte como uma libertação, pobre garota. Mas por que as mulheres eram tão tolas? O Dr. Trent dispensou Valancy de sua mente, embora até o dia de sua morte ele sentiria a vergonha de ter colocado aquelas cartas nos envelopes errados.

CAPÍTULO XXXVIII

Valancy andou rapidamente pelas ruas e pela Lover's Lane. Ela não queria encontrar ninguém que conhecesse. Não queria encontrar nem mesmo pessoas que não conhecesse. Ela detestava ser vista. Sua mente estava tão confusa, tão dividida, tão desarrumada. Sentia que sua aparência devia ser a mesma. Ela deu um suspiro de alívio ao deixar a vila para trás e se viu na estrada "de volta para casa". Havia pouco medo de encontrar alguém que ela conhecesse aqui. Os carros que fugiram por ela com gritos de raiva estavam cheios de estranhos. Um deles estava lotado de jovens que passavam por ela cantando tumultuosamente:

"Minha esposa está com febre, O então,
Minha esposa tem a febre, O então,
Minha esposa está com febre,
Oh, eu espero que não a deixe,
Pois eu quero ser solteiro novamente".

Valancy vacilou como se um deles tivesse se inclinado do carro e a cortado do outro lado do rosto com um chicote.

Ela tinha feito um pacto com a morte e a morte a tinha enganado. Agora a vida estava zombando dela. Ela tinha encurralado Barney. Encurralou-o para casar com ela. E o divórcio era tão difícil de conseguir em Ontário. Tão caro. E Barney era pobre.

Com a vida, o medo havia voltado ao coração dela. Medo doente. Medo do que Barney iria pensar. Diria. Medo do futuro que deve ser vivido sem ele. Medo do seu clã insultado, repudiado.

Tinha tido uma corrente de ar de um cálice divino e agora foi arrancada de seus lábios. Sem nenhuma espécie de morte amistosa

para resgatá-la. Ela deve continuar vivendo e ansiando por isso. Tudo estava estragado, sorridente, desfigurado. Mesmo naquele ano no Castelo Azul. Até o seu amor desavergonhada por Barney. Tinha sido lindo, porque a morte a esperava. Agora só era sórdido porque a morte tinha desaparecido. Como alguém poderia suportar uma coisa insuportável?

Ela deve voltar e dizer a ele. Faça-o acreditar que ela não queria enganá-lo. Ela deve fazê-lo acreditar nisso. Ela deve dizer adeus ao seu Castelo Azul e voltar para a casa de tijolos na Elm Street. Voltar para tudo que ela pensou ter deixado para trás para sempre. O velho cativeiro - os velhos medos. Mas isso não importava. Tudo o que importava agora era que Barney deveria de alguma forma ser levado a acreditar que ela não o havia enganado conscientemente.

Quando Valancy chegou aos pinheiros junto ao lago, ela foi tirada de seu atordoamento de dor por uma visão assustadora. Ali, estacionado ao lado da velha e maltratada Lady Jane, estava outro carro. Um carro maravilhoso. Um carro púrpura. Não um roxo escuro e real, mas um roxo gritante e gritante. Ele brilhava como um espelho e seu interior indicava claramente a casta de carros da Vere de Vere. No banco do motorista estava sentado um motorista altivo, em uma carroceria. E no banco traseiro sentou-se um homem que abriu a porta e saltou ágil enquanto Valancy descia o caminho para o local de desembarque. Ele ficou debaixo dos pinheiros esperando por ela e Valancy levou cada detalhe dele.

Um homem robusto, curto, rechonchudo, com um rosto largo, rubicundo e bem-humorado - um rosto barbeado e limpo, e paralisada Valancy sugeriu o pensamento: "Tal rosto deveria ter uma franja em torno dele". Espetáculos antiquados, com olhos azuis proeminentes. Uma boca um pouco redonda, com o nariz puxado. Onde - onde - onde, apalpou Valancy, ela já tinha visto esse rosto antes? Parecia tão familiar para ela quanto a sua.

O estranho usava um chapéu verde e um casaco de bico de boi por cima de um terno de um padrão de cheque alto. Sua gravata era um verde brilhante de um tom mais claro; na mão gorda ele esticou

para interceptar Valancy um enorme diamante piscou para ela. Mas ele tinha um sorriso agradável, paternal, e em sua voz sincera e sem modulação era um anel de algo que a atraía.

"Você pode me dizer, senhorita, se aquela casa ali pertence a um Sr. Redfern? E se sim, como posso chegar a ela?"

Redfern! Uma visão de garrafas parecia dançar diante dos olhos de Valancy - garrafas longas de amargo - garrafas redondas de tônico capilar - garrafas quadradas de linho - frasquinhos curtos e corpulentos de pílulas roxas - e todas elas carregando no rótulo aquele espetáculo muito próspero, com cara de lua radiante e aço. Dr. Redfern!

"Não", disse Valancy fracamente. "Não, essa casa pertence ao Sr. Snaith".

Dr. Redfern acenou com a cabeça.

"Sim, eu entendo que Bernie tem se chamado Snaith. Bem, é o nome do meio dele, era da sua pobre mãe. Bernard Snaith Redfern... é ele. E agora, senhorita, você pode me dizer como chegar àquela ilha? Ninguém parece estar em casa lá. Eu já acenei e gritei. Henry, lá, não gritaria. Ele é um homem só com um emprego. Mas o velho Dr. Redfern pode gritar com o melhor deles ainda, e não está acima de fazer isso. Não levantou nada além de um par de corvos. Acho que o Bernie está fora por hoje".

"Ele estava fora quando eu saí esta manhã", disse Valancy. "Acho que ele ainda não voltou para casa".

Ela falou sem tom. Este último choque a havia despojado temporariamente de qualquer pequeno poder de raciocínio que lhe havia sido deixado pela revelação do Dr. Trent. No fundo de sua mente, o pequeno impessoal acima mencionado repetia ciosamente um velho provérbio tolo: "Nunca chove, mas chove". Mas ela não estava tentando pensar. Qual foi a utilidade?

O Dr. Redfern estava olhando para ela com perplexidade.

"Quando você saiu esta manhã? Você mora... ali?"

Ele acenou com seu diamante no Castelo Azul.

"Claro", disse Valancy estupidamente. "Eu sou sua esposa".

O Dr. Redfern tirou um lenço de seda amarelo, tirou o chapéu e limpou a testa. Ele era muito careca, e Valancy sussurrou: "Por que ser careca? Por que perder sua beleza masculina? Experimente o Vigor Capilar de Redfern. Isso te mantém jovem".

"Com licença", disse o Dr. Redfern. "Isto é um pouco chocante".

"Choques parecem estar no ar esta manhã". O diabinho disse isso em voz alta antes que Valancy pudesse evitar.

"Eu não sabia que Bernie era... casado. Eu não achava que ele teria se casado sem contar ao seu velho pai".

Os olhos do Dr. Redfern estavam enevoados? Em meio a sua própria dor chata de miséria e medo e pavor, Valancy sentiu uma pancada de piedade por ele.

"Não o culpe", ela disse apressadamente. "Não foi culpa dele. Foi tudo culpa minha".

"Você não o pediu em casamento, eu suponho", piscou o Dr. Redfern. "Ele pode ter me avisado. Eu teria conhecido a minha nora antes disso se ele tivesse. Mas estou feliz em conhecê-la agora, minha querida... muito feliz. Você parece ser uma jovem sensata. Eu costumava ter medo que o Bernie escolhesse um pouco de pelo só porque ela era bonita. Eles estavam todos atrás dele, é claro. Queriam o dinheiro dele? Eh? Não gostava das pílulas e dos amargos, mas gostava dos dólares. Eh? Queriam mergulhar os dedos pequenos e bonitos no velho Doutor de milhões. Eh?".

"Milhões!" disse Valancy fracamente. Ela desejava poder sentar-se em algum lugar - ela desejava ter uma chance de pensar - ela desejava que ela e o Castelo Azul pudessem afundar no fundo do Mistawis e desaparecer da vista humana para sempre.

"Milhões", disse o Dr. Redfern complacentemente. "E Bernie joga-os para... isso". Novamente ele sacudiu o diamante desprezando o Castelo Azul, "Você não acha que ele teria mais juízo? E tudo por causa de um pouco de uma garota branca. Ele deve ter superado esse sentimento, de qualquer maneira, já que é casado. Você deve persuadi-lo a voltar para a civilização. Toda bobagem desperdiçando a vida dele dessa maneira. Você não vai me levar para sua casa, minha querida? Suponho que você tem um jeito de chegar lá".

"Claro", disse Valancy estupidamente. Ela levou o caminho até a pequena enseada onde o barco propulsor desaparecido foi aconchegado.

"O seu... seu homem também quer vir?"

"Quem? Henry. Ele não. Olhe para ele sentado ali desaprovando. Desaprova a expedição inteira. O rastro da estrada quase lhe deu uma conivência. Era uma estrada diabólica para se colocar um carro. De quem é aquele velho carro lá em cima?"

"É do Barney".

"Santo Deus! O Bernie Redfern anda numa coisa dessas? Parece a tataravó de todos os Fords".

"Não é um Ford. É um Slosson Cinzento", disse Valancy de forma espirituosa. Por alguma razão oculta, o bem-humorado ridículo do Dr. Redfern da querida Lady Jane a picou até a vida. Uma vida que era só dor, mas ainda vida. Melhor que a horrível meia morte e meia perdição dos últimos minutos - ou anos. Ela acenou o Dr. Redfern curvado para dentro do barco e o levou para o Castelo Azul. A chave ainda estava no velho pinho - a casa ainda

silenciosa e deserta. Valancy levou o doutor pela sala de estar até a varanda oeste. Ela deve ao menos estar lá fora onde havia ar. Ainda estava ensolarado, mas no Sudoeste uma grande trovoada, com cristas brancas e gargantas de sombra roxa, subia lentamente sobre o Mistawis. O médico caiu com um suspiro em uma cadeira rústica e limpou a testa novamente.

"Quente, eh? Senhor, que vista! Será que amoleceria o Henry se ele pudesse vê-la?".

"Você já jantou?" perguntou Valancy.

"Sim, minha querida, jantei antes de sairmos de Port Lawrence. Não sabia a que tipo de ermitão selvagem estávamos chegando, está vendo? Não tinha ideia de que eu ia encontrar uma nora simpática aqui, pronta para me atirar uma refeição. Gatos, hein? Gato, gatinha! Veja isso. Os gatos me amam. Bernie sempre gostou de gatos! É a única coisa que ele tirou de mim. Ele é o filho de sua pobre mãe".

Valancy tinha pensado ociosamente que Barney deve ser parecido com sua mãe. Ela tinha ficado de pé junto aos degraus, mas o Dr. Redfern a acenou para o banco de balanço.

"Sente-se, querida. Nunca fique de pé quando puder sentar. Eu quero dar uma boa olhada na mulher do Barney. Bem, bem, eu gosto do seu rosto. Nenhuma beleza... você não se importa que eu diga isso... você tem senso suficiente para saber disso, eu acho. Sente-se".

Valancy se sentou. Ser obrigado a ficar quieto quando a agonia mental nos impele a caminhar para cima e para baixo é o refinamento da tortura. Todos os nervos do seu ser clamavam por estar sozinhos - por estar escondidos. Mas ela tinha que sentar e ouvir o Dr. Redfern, que não se importava em nada de falar.

"Quando você acha que Bernie estará de volta?"

"Não sei... não antes da noite, provavelmente".

"Para onde ele foi?"

"Eu também não sei disso. Provavelmente para o bosque... para trás".

"Então ele também não te diz as suas idas e vindas? Bernie sempre foi um jovem diabo secreto. Nunca o entendi. Assim como sua pobre mãe. Mas eu pensava muito nele. Me machucou quando ele desapareceu, como ele desapareceu. Onze anos atrás. Não vejo meu filho há onze anos".

"Onze anos". Valancy ficou surpreso. "São apenas seis desde que ele chegou aqui".

"Oh, ele estava no Klondike antes disso... e em todo o mundo. Ele costumava me deixar uma carta de vez em quando... nunca deu qualquer pista de onde ele estava, mas apenas uma carta para dizer que estava bem. Eu poso que ele te contou tudo sobre isso".

"Não sei nada da sua vida passada", disse Valancy com repentina ânsia. Ela queria saber... ela deve saber agora. Isso não tinha importado antes. Agora ela deve saber de tudo. E ela nunca poderia ouvi-lo de Barney. Ela pode nunca mais vê-lo novamente. Se ela o fizesse, não seria para falar do passado dele.

"O que aconteceu? Por que ele deixou sua casa? Conte-me. Conte-me".

"Bem, não é uma grande história. Apenas um jovem tolo ficou louco por causa de uma briga com sua garota. Só Bernie era um tolo teimoso. Sempre teimoso. Você nunca conseguiu fazer aquele garoto fazer nada que ele não quisesse fazer. Desde o dia em que ele nasceu. No entanto, ele sempre foi um rapazinho calado e gentil também. Bom como ouro. Sua pobre mãe morreu quando ele tinha apenas dois anos de idade. Eu tinha acabado de começar a ganhar dinheiro com o meu Vigor Cabeludo. Eu tinha sonhado com a

fórmula para isso, sabe. Alguns sonhavam com isso. O dinheiro entrava. Bernie tinha tudo o que ele queria. Eu o mandei para as melhores escolas - escolas privadas. Eu queria fazer dele um cavalheiro. Eu nunca tive nenhuma chance. Significava que ele deveria ter todas as chances. Ele passou pelo McGill. Recebeu honras e tudo isso. Eu queria que ele entrasse por lei. Ele ansiava por jornalismo e coisas assim. Queria que eu comprasse um jornal para ele - ou que o apoiasse na publicação do que ele chamou de 'revista canadense real, digna e honesta'. Eu posava que o teria feito - eu sempre fiz o que ele queria que eu fizesse. Ele não era tudo pelo que eu tinha que viver? Eu queria que ele fosse feliz. E ele nunca foi feliz. Você pode acreditar nisso? Não que ele tenha dito isso. Mas eu sempre tive a sensação de que ele não era feliz. Tudo o que ele queria - todo o dinheiro que ele podia gastar - sua própria conta bancária - viajar - ver o mundo - mas ele não era feliz. Não até ele se apaixonar por Ethel Traverse. Então ele foi feliz por um tempo".

A nuvem tinha chegado ao sol e uma grande sombra púrpura, fria, veio rapidamente sobre Mistawis. Ela tocou o Castelo Azul - rolou sobre ela. Valancy estremeceu.

"Sim", disse ela, com dolorosa ânsia, embora cada palavra a cortasse até o coração. "O que... foi... ela... como?"

"A garota mais bonita de Montreal", disse o Dr. Redfern. "Oh, ela era bonita, tudo bem. Eh? Cabelo dourado - brilhante como seda - grande, olhos grandes, macios e pretos - pele como leite e rosas. Não se pergunte se Bernie se apaixonou por ela. E cérebro também. Uma puro-sangue, também. Uma das melhores famílias. Mas um pouco magra na bolsa. Eh! Bernie estava louco por ela. O jovem tolo mais feliz que você já viu. Então....

"O que aconteceu?" Valancy tinha tirado o chapéu e estava sem empurrar um pino para dentro e para fora dele. A boa sorte estava ronronando ao lado dela. Banjo estava com suspeitas em relação ao Dr. Redfern. O Nip e o Tuck estavam grasnando preguiçosamente nos pinheiros. O Mistawis estava acenando. Tudo era a mesma

coisa. Nada era a mesma coisa. Fazia cem anos desde ontem. Ontem, nessa época, ela e Barney estavam comendo um jantar tardio aqui com risos. Risos? Valancy sentiu que tinha acabado com as gargalhadas para sempre. E com lágrimas, já agora. Ela não tinha mais utilidade para nenhum dos dois.

"Por mais que eu saiba, minha querida, alguma briga tola, eu acho. Bernie acabou sumindo... desaparecendo. Ele me escreveu do Yukon. Disse que seu noivado estava quebrado e que ele não voltaria. E para não tentar procurá-lo porque ele nunca mais voltaria. Eu não procurei. Qual foi a utilidade? Eu conhecia Bernie. Fui acumulando dinheiro porque não havia mais nada a fazer. Mas eu estava muito solitário. Tudo pelo que eu vivia era por aquelas pequenas cartas de Bernie: Inglaterra, África do Sul, China, de vez em quando, de qualquer lugar. Eu pensei que talvez ele voltasse algum dia para seu velho e solitário pai. Então, há seis anos atrás, até as cartas pararam. Eu não ouvi uma palavra dele até o último Natal".

"Será que ele escreveu?"

"Não. Mas ele sacou um cheque de quinze mil dólares em sua conta bancária. O gerente do banco é um amigo meu, um dos meus maiores acionistas. Ele sempre prometeu que me avisaria se Bernie sacasse algum cheque. Bernie tinha cinquenta mil lá. E ele nunca havia tocado um centavo até o último Natal. O cheque foi passado para Aynsley's, Toronto..."

"Anysley's?" Valancy se ouviu dizendo "Aynsley's"! Ela tinha uma caixa na sua mesa de vestir com a marca Aynsley.

"Sim. A grande casa de jóias de lá. Depois de ter pensado um pouco, eu fiquei bem satisfeito. Eu queria localizar o Bernie. Tinha uma razão especial para isso. Estava na hora de ele desistir da sua vagabundagem tola e cair em si. O saque daquele dinheiro me disse que havia algo no vento. O gerente se comunicou com os Aynsleys - sua esposa era uma Aynsley - e descobriu que Bernard Redfern tinha comprado um colar de pérolas lá. Seu endereço foi dado como

Box 444, Port Lawrence, Muskoka, Ont. Primeiro eu pensei em escrever. Depois pensei em esperar até a temporada de abertura para carros e descer eu mesmo. Não tenho jeito para escrever. Eu vim de Montreal a motor. Cheguei a Port Lawrence ontem. Exigido nos correios. Me disse que eles não sabiam nada de nenhum Bernard Snaith Redfern, mas havia lá um Barney Snaith que tinha uma caixa postal. Vivia em uma ilha aqui fora, disseram eles. Então aqui estou eu. E onde está o Barney?"

Valancy estava dedilhando o colar dela. Ela estava usando quinze mil dólares no pescoço. E ela estava preocupada que Barney não tivesse pago quinze dólares por ele e não pudesse pagar. De repente, ela riu na cara do Dr. Redfern.

"Com licença. É tão... tão estranho", disse o pobre Valancy.

"Não é?" disse o Dr. Redfern, vendo uma piada - mas não exatamente dela. "Agora, você parece ser uma jovem sensata e ouso dizer que você tem muita influência sobre Bernie. Você não consegue fazê-lo voltar à civilização e viver como as outras pessoas? Eu tenho uma casa lá em cima. Grande como um castelo. Mobiliada como um palácio. Quero companhia nela, a mulher do Bernie, os filhos do Bernie".

"A Ethel Traverse alguma vez se casou?" perguntou Valancy irrelevantemente.

"Abençoada sejas, sim. Dois anos depois do Bernie sumir. Mas agora ela é viúva. Bonita como sempre. Para ser franco, essa foi minha razão especial para querer encontrar Bernie. Eu pensei que eles poderiam se rever, talvez. Mas, é claro, isso agora está tudo errado. Não importa. A escolha do Bernie de uma esposa é boa o suficiente para mim. É o meu filho que eu quero. Acha que ele vai voltar em breve?"

"Eu não sei. Mas eu não acho que ele virá antes da noite. Muito tarde, talvez. E talvez não antes de amanhã. Mas eu posso recebê-lo confortavelmente. Ele certamente estará de volta amanhã".

O Dr. Redfern balançou a cabeça.

"Muito úmido. Eu não vou correr riscos com reumatismo".

"Por que sofrer essa angústia incessante? Por que não experimentar o Liniment de Redfern?" citou uma voz na parte de trás da mente de Valancy.

"Preciso voltar a Port Lawrence antes que comece a chover. Henry fica muito louco quando fica com lama no carro. Mas eu volto amanhã. Enquanto isso você convence Bernie a raciocinar".

Ele apertou a mão dela e a acariciou gentilmente no ombro. Ele parecia como se a tivesse beijado, com um pouco de encorajamento, mas Valancy não deu. Não que ela tivesse se importado. Ele estava um pouco horrível e alto... e... e horrível. Mas havia algo nele que ela gostava. Ela achava que poderia ter gostado de ser sua nora se ele não tivesse sido milionário. Uma série de vezes. E Barney era seu filho... e herdeiro.

Ela o levou no barco a motor e viu o carro roxo rolar pela floresta com Henry ao volante parecendo coisas não lícitas para serem ditas. Então ela voltou para o Castelo Azul. O que tinha a fazer tinha que ser feito rapidamente. Barney pode voltar a qualquer momento. E certamente ia chover. Ela estava grata por não mais se sentir muito mal. Quando você é espancado repetidamente na cabeça, você naturalmente e misericordiosamente se torna mais ou menos insensível e estúpido.

Ela ficou de pé brevemente como uma flor desbotada mordida pela geada, pela lareira, olhando para baixo as cinzas brancas do último incêndio que havia ardido no Castelo Azul.

"De qualquer forma", pensou ela, cansada, "Barney não é pobre. Ele terá condições de se divorciar. Muito bem".

CAPÍTULO XXXIX

Ela deve escrever uma nota. A voz no fundo da sua mente riu. Em todas as histórias que já havia lido quando uma mulher fugitiva se afastava de casa, ela deixava um bilhete, geralmente na almofada de alfinetes. Não foi uma ideia muito original. Mas tinha que se deixar algo inteligível. O que havia para fazer a não ser escrever um bilhete? Olhava vagamente para o papel pensando em algo com que escrever. Tinta? Não havia nenhuma. Valancy nunca mais tinha escrito nada desde que veio ao Castelo Azul, exceto memorandos de necessidades domésticas para Barney. Um lápis era suficiente para eles, mas agora o lápis não estava para ser encontrado. Valancy não conseguiu atravessar a porta da Câmara da Barba Azul e tentou. Ela esperava vagamente encontrá-la trancada, nunca havia tentado antes, e não sabia se Barney costumava mantê-la trancada ou não. Se a fez, deve ter ficado muito chateado para deixá-la destrancada. Ela não percebeu que estava fazendo algo que ele lhe havia dito para não fazer. Ela só estava procurando algo com que escrever. Todas as suas faculdades estavam concentradas em decidir exatamente o que diria e como o diria. Não havia a menor curiosidade nela enquanto entrava na câmara.

Não havia mulheres bonitas penduradas pelos cabelos nas paredes. Parecia um apartamento muito inofensivo, com um pequeno fogareiro de chapa de ferro comum no meio, com seu cano enfiado pelo telhado. Em uma das extremidades havia uma mesa ou balcão lotado com utensílios de aparência estranha. Usado sem dúvida por Barney em suas operações malcheirosas. Experimentos químicos, provavelmente, ela refletia de forma entorpecida. Na outra ponta havia uma grande mesa de escrever e uma cadeira giratória. As paredes laterais eram forradas com livros.

Valancy foi cegamente para a escrivaninha. Lá, ficou imóvel por alguns minutos, olhando para algo que estava sobre a mesa. A

página em cima tinha o título Mel Selvagem, e sob o título estavam as palavras "por John Foster".

A frase inicial*: "Os pinheiros são as árvores do mito e da lenda. Eles atacam suas raízes profundamente nas tradições de um mundo mais antigo, mas o vento e a estrela amam seus topos altos. Que música quando o velho Æolus desenha seu arco através dos galhos dos pinheiros..."* Ela tinha ouvido Barney dizer isso um dia, quando eles andaram sob eles.

Então Barney era John Foster!

Valancy não estava nada animada. Ela tinha absorvido todos os choques e sensações que podia compassar por um dia. Isso não a afetou nem de uma forma nem de outra. Ela só pensava:

"Então isto explica tudo."

Era um pequeno assunto que, de alguma forma, lhe havia ficado na mente com mais persistência do que a sua importância parecia justificar. Logo após Barney ter trazido o último livro de John Foster, ela esteve em uma livraria de Port Lawrence e ouviu um cliente perguntar ao proprietário pelo novo livro de John Foster. O proprietário tinha dito, com toda a franqueza: "Ainda não saiu. Não sairá até a próxima semana".

Valancy tinha aberto os lábios para dizer: "Ah, sim, está fora", mas os fechou novamente. Afinal de contas, não era da conta dela. Ela supunha que o proprietário queria encobrir a negligência dele em não receber o livro prontamente. Agora ela sabia. O livro que Barney lhe havia dado havia sido uma das cópias complementares do autor, enviadas com antecedência.

Pois bem! Valancy empurrou as provas indiferentemente para o lado e sentou-se na cadeira giratória. Ela pegou a caneta do Barney - e uma vil que era - puxou uma folha de papel para ela e começou a escrever. Ela não conseguia pensar em nada para dizer a não ser os últimos fatos:

"Caro Barney...

Eu fui ao Dr. Trent esta manhã e descobri que ele tinha me enviado a carta errada por engano. Nunca houve nada sério com o meu coração e estou muito bem agora.

Eu não queria enganar você. Por favor, acredite nisso. Eu não poderia suportar se você não acreditasse nisso. Eu sinto muito pelo erro. Mas com certeza você pode se divorciar se eu te deixar. A deserção é motivo de divórcio no Canadá? Claro que se houver algo que eu possa fazer para ajudar ou apressar isso, eu o farei com prazer, se o seu advogado me avisar.

Agradeço por toda a sua gentileza para comigo. Eu nunca vou esquecer isso. Pense o mais gentilmente de mim que puder, porque eu não queria prendê-lo. Adeus.

Atenciosamente,

Valancy".

Estava muito frio e rígido, ela sabia. Mas tentar dizer qualquer outra coisa seria perigoso - como rasgar uma represa. Ela não sabia que torrente de incoerências selvagens e angústias apaixonadas poderia derramar. Em um pós-escrito, ela acrescentou:

"O seu pai esteve aqui hoje. Ele vai voltar amanhã. Ele me contou tudo. Eu acho que você deveria voltar para ele. Ele está muito solitário por você".

Colocou a carta em um envelope, escreveu "Barney" e a deixou sobre a mesa. Nela ela colocou o colar de pérolas. Se tivessem sido as pérolas que ela acreditava, ela as teria guardado em memória daquele ano maravilhoso. Mas ela não podia guardar o presente de quinze mil dólares de um homem que tinha casado com ela por piedade e que agora ela estava deixando. Magoou-a desistir de sua

linda joia. Isso foi uma coisa estranha, ela refletiu. O fato de ela estar deixando Barney não a machucava - ainda. Estava no coração dela como uma coisa fria e insensível. Se chegasse à vida - a coragem estremeceu e saiu...

Ela colocou seu chapéu e alimentou mecanicamente a Boa Sorte e o Banjo. Ela trancou a porta e escondeu cuidadosamente a chave no pinheiro velho. Então ela atravessou para o continente. Ela ficou de pé por um momento na margem, olhando seu Castelo Azul. A chuva ainda não havia chegado, mas o céu estava escuro, e o Mistawis cinza e amuado. A casinha debaixo dos pinheiros parecia muito patética - um caixão estriado de suas joias - uma lâmpada com sua chama soprada.

"Eu nunca mais ouvirei o vento chorar sobre Mistawis à noite", pensou Valancy. Isso também a machucou. Ela poderia ter rido ao pensar que tal bagatela poderia machucá-la em tal momento.

CAPÍTULO XL

Valancy fez uma pausa no alpendre da casa de tijolos na Elm Street. Ela sentiu que deveria bater como uma estranha. Seu roseiral, ela notou ociosamente, estava carregado de botões. A seringueira estava ao lado da porta principal. Um horror momentâneo a superou - um horror da existência à qual ela estava voltando. Então ela abriu a porta e entrou.

"Será que o Filho Pródigo se sentiu realmente em casa novamente", pensou ela.

A Sra. Frederick e a prima Stickles estavam na sala de estar. O tio Benjamin também estava lá. Eles olharam palidamente para Valancy, percebendo imediatamente que algo estava errado. Esta não era a coisa atrevida e insolente que tinha rido deles nesta mesma sala no verão passado. Esta era uma mulher de cara cinza com os olhos de uma criatura que tinha sido atingida por um golpe mortal.

Valancy parecia indiferente ao redor da sala. Ela tinha mudado tanto - e tinha mudado tão pouco. As mesmas fotos penduradas nas paredes. A pequena órfã que se ajoelhou à sua oração nunca terminada junto à cama onde repousou o gatinho preto que nunca cresceu e se transformou em gato. A "gravura de aço" cinza do Quatre Bras, onde o regimento britânico ficou para sempre à distância. A ampliação do lápis de cera do pai infantil que ela nunca conhecera. Lá todos ficaram pendurados nos mesmos lugares. A cascata verde do "Judeu Errante" ainda tombou da velha panela de granito no coxim da janela. O mesmo jarro elaborado e nunca usado ficava no mesmo ângulo na prateleira do aparador. Os vasos azuis e dourados que estavam entre os presentes de casamento de sua mãe ainda enfeitavam primariamente a lareira, flanqueando o relógio de porcelana de cerâmica que nunca saía. As cadeiras estavam exatamente nos mesmos lugares. A mãe e a prima

Stickles, igualmente inalteradas, a respeito dela, com a pétrea indesejada.

Valancy teve que falar primeiro.

"Voltei para casa, mãe", disse ela, cansada.

"Então eu vejo". A voz da Sra. Frederick estava muito gelada. Ela tinha se resignado com a deserção de Valancy. Ela quase tinha conseguido esquecer que havia uma Valancy. Ela tinha reorganizado e organizado sua vida sistemática sem nenhuma referência a uma criança ingrata e rebelde. Tomara novamente o seu lugar numa sociedade que ignorava o fato de ter tido uma filha e tinha pena dela, se é que tinha pena dela, apenas em discretos sussurros e confidências. A verdade é que, por esta época, a Sra. Frederick não queria que Valancy voltasse - não queria nunca mais vê-la ou ouvi-la de novo.

E agora, é claro, Valancy estava aqui. Com a tragédia, a desgraça e o escândalo atrás dela visivelmente.

"Então eu vejo", disse a Sra. Frederick. "Posso perguntar por quê?"

"Porque... não... vou morrer", disse Valancy.

"Deus abençoe minha alma!" disse o tio Benjamin. "Quem disse que você ia morrer?"

"Acho que", disse a prima Stickles sagazmente... A prima Stickles também não queria Valancy de volta... "Acho que descobriu que ele tem outra mulher... como sempre tivemos certeza".

"Não. Eu só queria que ele tivesse," disse Valancy. Ela não estava sofrendo particularmente, mas estava muito cansada. Se ao menos as explicações tivessem acabado e ela estivesse lá em cima em seu quarto velho e feio - sozinha. Apenas sozinha! O chocalho das contas nas mangas de sua mãe, enquanto balançavam nos

braços da cadeira de junco, quase a deixou louca. Nada mais a preocupava; mas tudo de uma vez parecia que ela simplesmente não podia suportar aquele chocalho fino e insistente.

"Minha casa, como eu lhe disse, está sempre aberta para você", disse a Sra. Frederick, "mas eu nunca posso perdoar você".

Valancy deu uma risada sem alegria.

"Eu me importaria muito pouco com isso se eu pudesse apenas me perdoar", disse ela.

"Venha, venha", disse o tio Benjamin. Mas, ao invés de se divertir, ele sentiu que tinha Valancy sob seu polegar novamente. "Nós já tivemos o suficiente de mistério. O que aconteceu? Por que você deixou aquele homem? Sem dúvida há razão suficiente, mas que razão em particular é essa?"

Valancy começou a falar mecanicamente. Ela contou a sua história sem rodeios e por pouco.

"Há um ano atrás o Dr. Trent me disse que eu tinha angina pectoris e não podia viver muito tempo. Eu queria ter alguma, vida, antes de morrer. Por isso eu fui embora. Por isso casei com o Barney. E agora eu descobri que tudo isso é um erro. Não há nada de errado com o meu coração. Eu tenho que viver - e Barney só se casou comigo por piedade. Então eu tenho que deixá-lo - livre".

"Deus me abençoe!" disse o tio Benjamin. A prima Stickles começou a chorar.

"Valancy, se você só tivesse confiança em sua própria mãe..."

"Sim, sim, eu sei", disse Valancy impacientemente, "De que adianta entrar nisso agora? Eu não posso desfazer este ano. Deus sabe que eu gostaria de poder. Eu enganei Barney para casar comigo - e ele é realmente Bernard Redfern. O filho do Dr. Redfern, de Montreal. E o pai dele quer que ele volte para casa".

O tio Benjamin fez um som esquisito. A prima Stickles tirou o lenço negro dos olhos dela e olhou fixamente para Valancy. Um brilho de repente surgiu nos olhos cinzentos de pedra da Sra. Frederick.

"Dr. Redfern... não o homem da pílula roxa?", disse ela.

Valancy acenou com a cabeça. "Ele é John Foster, também - o escritor desses livros da natureza."

"Mas... mas..." A Sra. Frederick estava visivelmente agitada, embora não por pensar que era a sogra de John Foster - "O Dr. Redfern é um milionário!"

O tio Benjamin calou a boca com um estalo.

"Dez vezes mais", disse ele.

Valancy acenou com a cabeça.

"Sim. Barney saiu de casa anos atrás... por causa de... algum problema... algum desapontamento. Agora ele provavelmente vai voltar. Então você vê... eu tinha que voltar para casa. Ele não me ama. Eu não posso segurá-lo a um vínculo no qual ele foi enganado".

O tio Benjamin parecia incrivelmente manhoso.

"Será que ele disse isso? Será que ele quer se livrar de você?"

"Não. Eu não o vejo desde que descobri. Mas eu te digo - ele só casou comigo por pena - porque eu pedi para ele - porque ele pensou que seria só por um tempo".

A Sra. Frederick e a prima Stickles tentaram falar, mas o tio Benjamin acenou a mão para elas e franziu o sobrolho.

"Deixe-me lidar com isso", acenou e franziu a testa para Valancy. "Bem, bem, querida, falaremos sobre isso depois. Veja, nós ainda

não entendemos tudo. Como diz a prima Stickles, você deveria ter confiado em nós antes. Mais tarde, ouso dizer que podemos encontrar uma saída para isso".

"Você acha que Barney pode facilmente se divorciar, não acha?" disse Valancy ansiosamente.

Tio Benjamin silenciou com outra onda a exclamação de horror que ele sabia que estava tremendo nos lábios da Sra. Frederick.

"Confie em mim, Valancy. Tudo vai se arrumar. Diga-me isso, Doss. Você tem sido feliz de volta? O Sr. Redfern foi bom para você?"

"Tenho sido muito feliz e Barney foi muito bom para mim", disse Valancy, como se estivesse recitando uma lição. Ela se lembrou quando estudou gramática na escola que ela não gostava do passado e dos tempos perfeitos. Eles sempre pareceram tão patéticos. "Eu fui" - estava tudo acabado e pronto.

"Então não se preocupe, garotinha". Como era espantosamente paternal o tio Benjamin! "Sua família vai cuidar de você. Vamos ver o que pode ser feito".

"Obrigada", disse Valancy. Realmente, foi muito decente da parte do tio Benjamin. "Posso ir e me deitar um pouco? Eu estou... eu estou... cansada".

"Claro que você está cansada". O tio Benjamin acariciou a mão dela gentilmente... muito gentilmente. "Toda gasta e nervosa. Vai e deita-te, por todos os meios. Você vai ver as coisas de uma maneira bem diferente depois de ter dormido bem".

Ele segurou a porta aberta. Enquanto ela passava, ele sussurrou: "Qual é a melhor maneira de manter o amor de um homem?"

Valancy sorriu com um sorriso de espanto. Mas ela tinha voltado para a velha vida - os velhos grilhões. "O quê?", ela perguntou mansamente como de antigamente.

"Não correspondê-lo", disse o tio Benjamin com um risinho. Ele fechou a porta e esfregou as mãos. Despachou e sorriu misteriosamente em volta da sala.

"Pobre pequena Doss", disse ele pateticamente.

"Você realmente acha que... cara, pode ser realmente o filho do Dr. Redfern?" gaseou a Sra. Frederick.

"Não vejo razão para duvidar disso. Ela diz que o Dr. Redfern foi até lá. Porque, o homem é rico como um bolo de casamento. Amélia, eu sempre acreditei que havia mais em Doss do que a maioria das pessoas pensava. Você a manteve muito abaixada... reprimiu-a. Ela nunca teve a chance de mostrar o que havia nela. E agora ela conseguiu um milionário como marido".

"Mas..." hesitou a Sra. Frederick, "ele... ele... eles contaram histórias terríveis sobre ele".

"Todos os mexericos e invenções... todos os mexericos e invenções. Sempre foi um mistério para mim porque as pessoas deveriam estar tão prontas para inventar e fazer circular calúnias sobre outras pessoas sobre as quais elas não sabem absolutamente nada. Eu não consigo entender por que você prestou tanta atenção às fofocas e suposições. Só porque ele não escolheu se misturar com todo mundo, as pessoas se ressentiram com isso. Fiquei surpreso ao descobrir que ele parecia ser um cara decente daquela vez que entrou na minha loja com Valancy. Eu descobri toda a trama então".

"Mas ele foi visto bêbado em Port Lawrence uma vez", disse a prima Stickles duvidosamente, mas como alguém muito disposta a ser convencida do contrário.

"Quem o viu?" exigiu o tio Benjamin. "Quem o viu? O velho Jemmy Strang disse que ele o viu. Eu não aceitaria a palavra do velho Jemmy Strang sob juramento. Ele mesmo está muito bêbado metade do tempo para ver direito. Ele disse que o viu deitado bêbado em um banco no Parque. Não se preocupe com isso".

"Mas as roupas dele - e aquele carro velho e horrível -" disse a Sra. Frederick incerta.

"Excentricidades de gênio", declarou o tio Benjamin. "Você ouviu a Doss dizer que ele era John Foster. Eu não estou no topo da literatura, mas ouvi um conferencista de Toronto dizer que os livros de John Foster tinham colocado o Canadá no mapa literário do mundo".

"Eu - suponho - devemos perdoá-la", rendeu a Sra. Frederick.

"Perdoe-a!" O tio Benjamin cheirou. Realmente, Amélia era uma mulher incrivelmente estúpida. Não é de se admirar que a pobre Doss tivesse ficado farta de viver com ela. "Bem, sim, eu acho melhor você perdoá-la! A pergunta é: Snaith vai nos perdoar_"

"E se ela persistir em deixá-lo? Você não tem ideia de como ela pode ser teimosa", disse a Sra. Frederick.

"Deixe tudo comigo, Amélia. Deixe tudo por minha conta. Vocês mulheres já confundiram o suficiente. Todo este caso tem sido estragado do começo ao fim. Se você tivesse se metido em algum problema há anos, Amélia, ela não teria fugido dos traços como ela fez. Apenas deixe-a sozinha - não a preocupe com conselhos ou perguntas até que ela esteja pronta para falar. Ela evidentemente foge em pânico porque tem medo que ele fique bravo com ela por tê-lo enganado. A coisa mais extraordinária de Trent para lhe dizer tal novidade! Isso é o que vem de ir a médicos estranhos. Bem, bem, não devemos culpá-la com muita dureza, pobre criança. Redfern virá atrás dela. Se não vier, eu vou caçá-lo e falar com ele de homem para homem. Ele pode ser um milionário, mas Valancy é uma Stirling. Ele não pode repudiá-la só porque ela estava

enganada sobre sua doença cardíaca. Não é provável que ele queira. A Doss é um pouco exagerada. Me abençoe, eu devo ter o hábito de chamá-la de Valancy. Ela não é mais um bebê. Agora, lembre-se, Amélia. Seja muito gentil e simpática".

Foi uma grande ordem esperar que a Sra. Frederick fosse gentil e simpática. Mas ela fez o seu melhor. Quando o jantar estava pronto, ela subiu e perguntou a Valancy se não gostaria de uma xícara de chá. Valancy, deitada na cama, recusou. Ela só queria ser deixada sozinha por um tempo. A Sra. Frederick a deixou sozinha. Ela nem mesmo lembrou Valancy que sua situação era o resultado de sua própria falta de respeito e obediência filantrópica. Não se podia - exatamente - dizer coisas assim para a nora de uma milionária.

CAPÍTULO XLI

Valancy parecia estar com cara de quem morava no seu antigo quarto. Também era tão exatamente o mesmo que parecia quase impossível acreditar nas mudanças que lhe haviam acontecido desde que ela dormiu nele pela última vez. Parecia - de alguma forma - indecente que deveria ser tão igual. Havia a Rainha Louise descendo eternamente as escadas, e ninguém tinha deixado o filhote de cachorro abandonado sair da chuva. Aqui estava a cega de papel roxo e o espelho esverdeado. Do lado de fora, a velha loja de carroças com suas propagandas flagrantes.

Aqui a velha vida esperava por ela, como um ogro sinistro que lhe lambia as costeletas. Um horror monstruoso a possuía de repente. Quando a noite caiu e ela se despiu e entrou na cama, o entorpecimento misericordioso passou e ela ficou angustiada e pensou na sua ilha sob as estrelas. O acampamento - as fogueiras - todas as suas piadinhas e frases caseiras e as palavras - os seus lindos gatos peludos - as luzes de aclamação nas ilhas das fadas - as canoas que se desnudam sobre Mistawis na magia da manhã - bétulas brancas brilhando entre os abetos escuros como corpos de lindas mulheres - neve do inverno e fogueiras do pôr-do-sol vermelho-rosa - flamejam bêbadas com o luar - todas as delícias do seu paraíso perdido. Ela não se deixava pensar em Barney. Apenas dessas coisas menores. Ela não conseguia suportar pensar em Barney.

Então ela pensou nele inescapavelmente. Ela sofreu por ele. Queria os braços dele ao redor dela - seu rosto contra o dela - seus sussurros no ouvido dela. Ela se lembrava de todos os olhares amigáveis dele, das suas brincadeiras, dos seus pequenos elogios, das suas carícias. Ela as contava como uma mulher poderia contar suas joias - nenhuma delas ela perdeu desde o primeiro dia em que se conheceram. Essas lembranças eram tudo que ela podia ter agora. Então, fechou os olhos e rezou.

"Deixe-me lembrar de todas elas, Deus! Deixe-me nunca esquecer uma delas!"

No entanto, seria melhor esquecer. Esta agonia de saudade e solidão não seria tão terrível se se pudesse esquecer. E Ethel Traverse. Aquela bruxa cintilante com sua pele branca, olhos negros e cabelos brilhantes. A mulher que Barney havia amado. A mulher que ele ainda amava. Ele não lhe havia dito que nunca havia mudado de ideia? Que estava esperando por ele em Montreal. Quem era a esposa certa para um homem rico e famoso. Barney se casaria com ela, é claro, quando se divorciasse. Como Valancy a odiava! E a invejava! Barney tinha dito: "Eu te amo", para ela. Valancy tinha se perguntado em que tom Barney diria "eu te amo" em - como seus olhos azuis-escuros olhariam quando ele dissesse isso. Ethel Traverse sabia. Valancy a odiava pelo conhecimento... a odiava e a invejava.

"Ela nunca pode ter aquelas horas no Castelo Azul. Elas são minhas", pensou Valancy. Ethel nunca faria geleia de morango ou dançaria ao violino do velho Abel ou fritaria bacon para o Barney por cima de uma fogueira de acampamento. Ela nunca viria ao pequeno barraco do Mistawis.

O que Barney estava fazendo - pensando - sentindo agora? Ele tinha chegado em casa e encontrado a carta dela? Será que ele ainda estava com raiva dela? Ou um pouco triste. Ele estava deitado na cama deles olhando para o Mistawis tempestuoso e escutando a chuva que caía no telhado? Ou ele ainda estava vagando no deserto, enfurecido com a situação em que se encontrava? Odiando-a? A dor a pegou e a torceu como um grande gigante impiedoso. Ela se levantou e andou no chão. Será que a manhã nunca viria para terminar esta noite horrível? E ainda assim o que a manhã poderia trazê-la? A velha vida sem a velha estagnação que era pelo menos suportável. A velha vida com as novas memórias, os novos anseios, as novas angústias.

"Oh, por que não posso morrer?" gemeu Valancy.

CAPÍTULO XLII

Foi só no início da tarde do dia seguinte que um carro velho e horrível entrou na Elm Street e parou em frente à casa de tijolos. Um homem sem chapéu saltou dela e correu pelas escadas. O sino foi tocado como nunca havia sido tocado antes - de forma intensa. O sineiro estava exigindo entrada, não pedindo. O tio Benjamin riu enquanto corria para a porta. O tio Benjamin tinha "acabado de entrar" para perguntar o quanto a querida Doss... Valancy era. Cara Doss - Valancy, ele tinha sido informado, era a mesma coisa. Ela tinha descido para o café da manhã - que não comeu - voltou para o quarto dela, desceu para o jantar - que não comeu - voltou para o quarto dela. Isso foi tudo. Ela não tinha falado. E tinha sido deixada, gentilmente, atenciosamente, sozinha.

"Muito bem. Redfern vai estar aqui hoje", disse o tio Benjamin. E agora a reputação do tio Benjamin como um profeta foi feita. Redfern estava aqui... indiscutivelmente.

"Minha esposa está aqui?" ele exigiu do tio Benjamin sem prefácio.

O tio Benjamin sorriu expressivamente.

"Sr. Redfern, eu acredito? Muito prazer em conhecê-lo, senhor. Sim, essa sua menina malandra está aqui. Nós temos estado..."

"Preciso vê-la", Barney cortou o tio Benjamin implacavelmente curto.

"Certamente, Sr. Redfern. Basta entrar aqui. Valancy vai descer num minuto".

Ele levou Barney para a sala e se dirigiu à sala de estar e à Sra. Frederick.

"Suba e diga a Valancy para descer. O marido dela está aqui".

Mas tão duvidoso era o tio Benjamin se Valancy poderia realmente descer num minuto - ou de todo - que ele seguiu a Sra. Frederick na ponta dos pés, subindo as escadas e escutou no corredor.

"Valancy querida", disse a Sra. Frederick ternamente, "seu marido está na sala de estar, perguntando por você".

"Oh mãe". Valancy se levantou da janela e torceu as mãos. "Eu não posso vê-lo... eu não posso! Diga a ele para ir embora... peça a ele para ir embora. Eu não posso vê-lo!"

"Diga-lhe", assobiou o tio Benjamin pelo buraco da fechadura, "que Redfern diz que não vai embora até que ele a tenha visto".

Redfern não tinha dito nada do tipo, mas o tio Benjamin achava que ele era esse tipo de sujeito. Valancy sabia que ele era. Ela entendeu que mais valia descer primeiro do que por último.

Ela nem sequer olhou para o tio Benjamin enquanto passava por ele no pouso. O tio Benjamin não se importou. Esfregando as mãos e rindo, ele se retirou para a cozinha, onde genialmente exigiu da prima Stickles:

"Porque é que os bons maridos gostam de pão?"

A prima Stickles perguntou o porquê.

"Porque as mulheres precisam deles", disse o tio Benjamin.

Valancy estava acabada quando entrou na sala de estar. Sua noite difícil tinha feito um horrível estrago com o rosto. Ela usava um velho e feio vestido marrom, tendo deixado todos os seus lindos vestidos no Castelo Azul. Mas Barney correu pela sala e a pegou em seus braços.

"Valancy, querida... oh, sua querida idiota! O que te possuiu para fugir daquela maneira? Quando cheguei em casa ontem à noite e encontrei sua carta, fiquei bastante louco. Eram doze horas - eu sabia que era tarde demais para vir aqui então. Eu andei no chão a noite toda. Então esta manhã o pai veio... eu não consegui chegar aqui até agora. Valancy, o que te deu? O divórcio, sem dúvida! Você não sabe..."

"Eu sei que você só casou comigo por piedade", disse Valancy, afastando-o com fraqueza. "Eu sei que você não me ama, eu sei..."

"Você está acordada há muito tempo?", disse Barney, sacudindo-a. "É só isso que está acontecendo com você. Eu te amo! Oh, eu não te amo! Minha garota, quando eu vi aquele trem vindo em sua direção, eu soube que te amava!"

"Oh, eu tinha medo que você tentasse me fazer pensar que você se importava," gritou Valancy apaixonadamente. "Não... não! Eu sei tudo sobre Ethel Traverse - seu pai me contou tudo. Oh, Barney, não me torture! Eu nunca mais posso voltar para você!"

Barney a libertou e olhou para ela por um momento. Algo em seu rosto pálido e resoluto falou de forma mais convincente do que palavras de sua determinação.

"Valancy", ele disse calmamente, "O pai não poderia ter contado tudo porque ele não sabia. Você vai me deixar te contar... tudo?"

"Sim", disse Valancy cansada. Oh, como ele era querido! Como ela ansiava por se jogar nos braços dele! Como ele a colocou gentilmente em uma cadeira, ela poderia ter beijado as mãos finas e marrons que lhe tocaram os braços. Ela não podia olhar para cima como ele estava diante dela. Ela não se atreveu a encontrar os olhos dele. Para o bem dele, ela deve ser corajosa. Ela o conhecia - bondoso, altruísta. Claro que ele fingia que não queria sua liberdade - ela poderia saber que ele fingia que, uma vez que o primeiro choque da realização tivesse acabado. Ele estava tão arrependido por ela... ele entendeu a terrível posição dela. Quando é que ele

falhou em entender? Mas ela nunca aceitaria o sacrifício dele. Nunca!

"Você viu o pai e sabe que eu sou Bernard Redfern. E eu suponho que você adivinhou que eu sou John Foster- desde que você entrou na Câmara do Barba Azul".

"Sim. Mas eu não entrei por curiosidade. Eu esqueci que você tinha me dito para não entrar... eu esqueci..."

"Não importa. Eu não vou te matar e te pendurar na parede, então não há necessidade de chamar pela Irmã Anne. Eu só vou te contar minha história desde o início. Eu voltei ontem à noite com a intenção de fazer isso. Sim, eu sou o filho de Redfern... de Purple Pills e Bitters. Oh, eu não sei? Não foi esfregado em mim por anos?"

Barney riu amargamente e deu umas risadas para cima e para baixo na sala algumas vezes. O tio Benjamin, na ponta dos pés pelo corredor, ouviu a risada e franziu o sobrolho. Com certeza Doss não ia ser uma tola teimosa. Barney se jogou em uma cadeira antes de Valancy.

"Sim, desde que me lembro que eu sou filho de um milionário. Mas quando eu nasci, meu pai não era um milionário. Ele nem era médico, ainda não. Ele era um veterinário e um fracasso nisso. Ele e a mãe moravam em uma pequena vila no Quebec e eram abominavelmente pobres. Eu não me lembro da mãe. Não tenho nem uma foto dela. Ela morreu quando eu tinha dois anos de idade. Ela era quinze anos mais nova que o pai, uma pequena professora da escola. Quando ela morreu, papai se mudou para Montreal e formou uma empresa para vender seu tônico capilar. Ele tinha sonhado com a receita uma noite, ao que parece. Bem, foi um sucesso. O dinheiro começou a fluir. O pai inventou - ou sonhou - as outras coisas, também - comprimidos, xaropes, e assim por diante. Ele já era milionário quando eu tinha dez anos, com uma casa tão grande que um garoto pequeno como eu sempre se sentia perdido nela. Eu tinha cada brinquedo que um garoto poderia desejar - e eu era o diabinho mais solitário do mundo. Lembro-me apenas de um

dia feliz na minha infância, Valancy. Apenas um. Até você estava melhor do que isso. O pai tinha saído para ver um velho amigo no campo e me levou com ele. Eu estava solto no galinheiro e passei o dia inteiro martelando pregos em um bloco de madeira. Tive um dia glorioso. Quando tive que voltar ao meu quarto cheio de brincadeiras na casa grande em Montreal eu chorei. Mas eu não disse ao papai o porquê. Eu nunca contei nada a ele. Sempre foi uma coisa difícil para mim contar coisas, Valancy - qualquer coisa. E a maioria das coisas foram profundas para mim. Eu era uma criança sensível. Ninguém nunca soube o que eu sofri. O pai nunca sonhou com isso.

"Quando ele me mandou para uma escola particular - eu tinha apenas onze anos - os meninos me abaixaram no tanque de natação até eu ficar em cima de uma mesa e ler em voz alta todas as propagandas das abominações patentes do pai. Eu o fiz - então" - Barney deu-lhe os punhos - "Eu estava assustado e meio afogado e todo o meu mundo estava contra mim. Mas quando eu fui para a faculdade e os sádicos tentaram a mesma proeza eu não fiz". Barney sorriu horrivelmente. "Eles não conseguiram me obrigar a fazer isso. Mas eles podiam - e fizeram - tornar minha vida miserável. Eu nunca ouvi o último dos comprimidos e os Bitters e o Tônico Capilar. 'Depois de usar' era meu apelido, você vê que eu sempre tinha um colchão tão grosso. Meus quatro anos de faculdade foram um pesadelo. Você sabe - ou você não sabe - o que podem ser bestas impiedosas quando recebem uma vítima como eu. Eu tinha poucos amigos, havia sempre alguma barreira entre mim e o tipo de pessoas de quem eu gostava. E o outro tipo - que estaria muito disposto a ser íntimo do velho e rico doutor. O filho de Redfern... eu não me importava. Mas eu tinha um amigo... ou pensava que tinha. Um sujeito esperto e livreiro... um pouco escritor. Isso era um laço entre nós... Eu tinha algumas aspirações secretas nessa linha. Ele era mais velho que eu... Eu o admirava e o adorava. Por um ano eu estava mais feliz do que jamais tinha sido. Então - um esboço burlesco saiu na revista da faculdade - uma coisa mordente, ridicularizando os remédios do papai. Os nomes foram mudados, é claro, mas todos sabiam o que e quem era o

significado. Oh, foi esperto - muito inteligente - e espirituoso. Toda a McGill balançou de riso por causa disso. Descobri que ele o tinha escrito".

"Oh, você tinha certeza?" Os olhos de Valancy chatos flamejavam de indignação.

"Sim. Ele admitiu quando eu perguntei a ele. Disse que uma boa ideia valia mais para ele do que um amigo, a qualquer momento. E ele acrescentou um impulso gratuito: 'Sabe, Redfern, há coisas que o dinheiro não vai comprar. Por exemplo, não vai comprar um avô para você'. Bem, foi uma batida desagradável. Eu era jovem o suficiente para me sentir cortado. E isso destruiu muitos dos meus ideais e ilusões, o que foi o pior de tudo. Eu era um jovem misantropo depois disso. Não queria ser amigo de ninguém. E então - o ano depois que saí da faculdade - conheci Ethel Traverse".

Valancy estremeceu. Barney, com as mãos presas nos bolsos, estava com o chão mal-humorado e não notou.

"O pai contou a você sobre ela, eu acho. Ela era muito bonita. E eu a amava. Oh, sim, eu a amava. Eu não vou negar ou menosprezar agora. Foi o primeiro amor apaixonado de um garoto solitário e romântico, e foi muito real. E eu pensei que ela me amava. Eu fui tolo o suficiente para pensar isso. Eu estava muito feliz quando ela prometeu casar comigo. Por alguns meses. Depois... descobri que ela não me amava. Eu fui um espião involuntário em uma certa ocasião por um momento. Aquele momento foi o suficiente. O destino proverbial do espião me tomou de assalto. Uma amiga dela estava lhe perguntando como ela podia suportar o filho de Redfern e os antecedentes da medicina de patentes.

"O dinheiro dele vai dourar os comprimidos e adoçar os Bitters', disse Ethel, com uma risada. 'A mãe me disse para pegá-lo, se eu pudesse. Nós estamos com gelo. Mas pah! Cheira-me a aguarrás sempre que ele se aproxima de mim'".

"Oh, Barney!" gritou Valancy, torcido de pena por ele. Ela tinha esquecido tudo sobre si mesma e estava cheia de compaixão por Barney e raiva contra Ethel Traverse. Como ela se atreveu?

"Bem," - Barney se levantou e começou a andar pela sala - "isso acabou comigo. Completamente. Eu deixei a civilização e aqueles malditos idiotas atrás de mim e fui para o Yukon. Por cinco anos eu bati no mundo - em todos os tipos de lugares estranhos. Eu ganhei o suficiente para viver - eu não tocaria um centavo do dinheiro do meu pai. Então um dia acordei com o fato de não me importar mais com a Ethel, de uma forma ou de outra. Ela era alguém que eu tinha conhecido em outro mundo... só isso. Mas eu não tinha vontade de voltar para a vida antiga. Eu era livre e queria continuar assim. Eu vim para Mistawis... vi a ilha de Tom MacMurray. Meu primeiro livro tinha sido publicado no ano anterior, e fiz um sucesso - eu tinha um pouco de dinheiro dos meus royalties, então comprei minha ilha. Mas eu me mantive longe das pessoas. Eu não tinha fé em ninguém. Não acreditava que houvesse amizade real ou amor verdadeiro no mundo - não para mim, de qualquer forma - o filho da Purple Pills. Eu costumava me divertir em todos os fios selvagens que eles falavam de mim. Na verdade, eu mesmo sugeri alguns deles. Por observações misteriosas que as pessoas interpretavam à luz de suas próprias preposições.

"Então... você veio. Eu tinha que acreditar que você me amava, realmente me amava, não os milhões do meu pai. Não havia outra razão para você querer casar com um demônio sem um tostão com meu suposto registro. E eu tive pena de você. Oh, sim, eu não nego que eu me casei com você porque eu sentia pena de você. E então... eu te achei a melhor e mais alegre e querida amiga e companheira que um homem já teve. Espirituosa, leal, doce. Você me fez acreditar novamente na realidade da amizade e do amor. O mundo parecia bom novamente só porque você estava nele, querida. Eu estaria disposta a continuar para sempre como nós estávamos. Eu sabia disso, na noite em que cheguei em casa e vi pela primeira vez a luz da minha casa brilhando da ilha. E sabia que você estava lá esperando por mim. Depois de ficar sem teto a vida

toda, foi lindo ter um lar. Chegar em casa com fome à noite e saber que havia um bom jantar e um fogo alegre... e você.

"Mas eu não percebi o que você realmente significava para mim até aquele momento no trilho. Então veio como um relâmpago. Eu sabia que não poderia viver sem você - que se eu não pudesse te soltar no tempo eu teria que morrer com você. Eu admito que isso me derrubou... me derrubou mesmo. Eu não consegui me orientar por um tempo. É por isso que agi como um idiota. Mas o pensamento que me levou até a madeira alta era o horrível que você ia morrer. Eu sempre odiei pensar nisso, mas eu supunha que não havia nenhuma chance para você, então eu tirei isso da minha cabeça. Agora eu tinha que encarar isso - você estava sob sentença de morte e eu não podia viver sem você. Quando cheguei em casa ontem à noite eu tinha decidido que te levaria a todos os especialistas do mundo - que algo certamente poderia ser feito por você. Eu tinha certeza que você não poderia estar tão mal quanto o Dr. Trent pensava, quando aqueles momentos no trilho não tinham nem machucado você. E eu encontrei seu bilhete - e enlouqueci de felicidade - e um pouco de terror por medo de que você não se importasse muito comigo, afinal de contas, e tivesse ido embora para se livrar de mim. Mas agora, está tudo bem, não está, querida?"

Ela estava, Valancy sendo chamada de "querida"?

"Eu não acredito que você se importa comigo", disse ela, impotente. "Eu sei que você não pode. Qual é a utilidade, Barney? Claro, você sente muito por mim - claro que você quer fazer o melhor que pode para endireitar a bagunça. Mas não pode ser endireitado dessa maneira. Você não poderia me amar - eu". Ela se levantou e apontou tragicamente para o espelho por cima da lareira. Certamente, nem mesmo Allan Tierney poderia ter visto a beleza no rosto triste e abatido refletido ali.

Barney não olhou para o espelho. Ele olhou para Valancy como se quisesse agarrá-la - ou bater nela.

"Amo você! Garota, você está no âmago do meu coração. Eu te seguro lá como uma joia. Eu não te prometi que nunca te diria uma mentira? Eu te amo! Eu te amo com tudo o que há de mim para amar. Coração, alma, cérebro. Cada fibra de corpo e espírito emocionante para a doçura de você. Não há ninguém no mundo para mim a não ser você, Valancy".

"Você é... um bom ator, Barney", disse Valancy, com um pequeno sorriso.

Barney olhou para ela.

"Então você não acredita em mim... ainda?"

"Eu... não posso."

"Maldição!" disse Barney violentamente.

Valancy olhou assustada. Ela nunca tinha visto esse Barney. Assustado! Olhos negros de raiva. Lábios escarnecidos. Cara branca e morta.

"Você não quer acreditar", disse Barney com a voz suave e sedosa da raiva final. "Você está cansada de mim. Você quer sair disso - livre de mim. Você está envergonhada dos remédios e do Liniment, assim como ela estava. Seu orgulho Stirling não os suporta. Estava tudo bem, desde que você pensasse que não tinha muito tempo de vida. Uma boa cotovia... você poderia me aturar. Mas uma vida inteira com o filho do velho Dr Redfern é uma coisa diferente. Oh, eu entendo... Perfeitamente. Tenho sido muito denso... mas entendo, finalmente".

Valancy se levantou. Ela olhou para a cara furiosa dele. Então... ela de repente riu.

"Você querido!" disse ela. "Você está falando sério? Você me ama de verdade? Você não ficaria tão enfurecido se não me amasse".

Barney olhou para ela por um momento. Então ele a pegou em seus braços com o risinho baixo do amante triunfante.

O tio Benjamin, que havia sido congelado com horror no buraco da fechadura, de repente descongelou e deu a dona Frederick e a prima Stickles na ponta dos pés.

"Tudo está bem", ele anunciou alegremente.

Querida pequena Doss! Ele mandaria chamar seu advogado imediatamente e alteraria seu testamento novamente. Doss deveria ser sua única herdeira. A ela que certamente deveria ser dada."

A Sra. Frederick, voltando à sua confortável crença em uma Providência que se sobrepõe a ela, saiu da Bíblia da família e fez uma entrada em "Casamentos".

CAPÍTULO XLIII

"Mas, Barney", protestou Valancy após alguns minutos, "seu pai - de alguma forma - me deu a entender que você ainda a amava".

"Ele faria isso. O papai detém o campeonato por fazer besteiras. Se há uma coisa que é melhor deixar por dizer, você pode confiar nele para dizê-lo. Mas ele não é uma alma velha e má, Valancy. Você vai gostar dele".

"Eu gosto, agora".

"E o dinheiro dele não é dinheiro contaminado. Ele o fez honestamente. Seus remédios são bastante inofensivos. Até mesmo seus Purple Pills fazem bem às pessoas quando elas acreditam neles".

"Mas... eu não sou adequado para sua vida", suspirou Valancy. "Eu não sou... inteligente... ou bem educada... ou..."

"Minha vida está em Mistawis - e em todos os lugares selvagens do mundo. Não vou pedir que você viva a vida de uma mulher da sociedade. É claro, devemos passar um pouco de tempo com o pai - ele é solitário e velho..."

"Mas não naquela casa grande dele", suplicou Valancy. "Eu não posso viver em um palácio".

"Não posso descer a isso depois do seu Castelo Azul", sorriu Barney. "Não se preocupe, querida. Eu não conseguiria viver naquela casa. Tem uma escadaria de mármore branco com bandeirinhas douradas e parece uma loja de móveis sem os rótulos. Igualmente é o orgulho do coração do papai. Vamos conseguir uma casinha em algum lugar fora de Montreal - no verdadeiro país - suficientemente perto para ver o pai com frequência. Acho que vamos construir uma para nós mesmos. Uma casa que você

constrói para si mesmo é muito mais agradável do que uma casa de mão-beijada. Mas vamos passar nossos verões em Mistawis. E nossos outonos viajando. Quero que você veja o Alhambra - é o mais próximo do Castelo Azul dos seus sonhos que eu consigo pensar. E há um jardim do velho mundo na Itália onde eu quero te mostrar a lua subindo sobre Roma através dos ciprestes escuros".

"Isso será mais bonito do que a lua se erguendo sobre Mistawis?"

"Não mais amoroso. Mas um tipo diferente de amor. Há tantos tipos de encantamento. Valancy, antes deste ano você passou toda a sua vida em feiura. Você não sabe nada sobre a beleza do mundo. Vamos escalar montanhas - caçar tesouros nos bazares de Samarcand - procurar a magia do leste e do oeste de mãos dadas até a borda do mundo. Eu quero te mostrar tudo... ver tudo novamente através de seus olhos. Garota, há um milhão de coisas que eu quero te mostrar... fazer com você... dizer a você. Vai levar uma vida inteira. E temos que ver sobre essa foto da Tierney, afinal de contas".

"Você vai me prometer uma coisa?" perguntou Valancy solenemente.

"Qualquer coisa", disse Barney imprudentemente.

"Só uma coisa. Você nunca contar, sob nenhuma circunstância ou sob nenhuma provocação, que fui que eu te pedi em casamento".

CAPÍTULO XLIV

Extrato de carta escrita pela Srta. Olive Stirling ao Sr. Cecil Bruce:

"É realmente nojento que as loucas aventuras do Doss tenham ficado assim. Faz a gente sentir que não adianta se comportar corretamente.

"Tenho certeza que sua mente estava desequilibrada quando ela saiu de casa. O que ela disse sobre uma pilha de pó mostrou isso. Claro que eu acho que nunca houve nada de errado com o coração dela. Ou talvez Snaith ou Redfern ou seja lá qual for o nome dele realmente lhe deu Purple Pills, de volta àquela cabana de Mistawis e a curou. Seria um testemunho e tanto para os anúncios da família, não é mesmo?

"Ele é uma criatura de aparência tão insignificante. Eu mencionei isso para o Doss, mas tudo o que ela disse foi: 'Eu não gosto de anúncios de colarinho'.

"Bem, ele certamente não é um publicitário de colarinho. Embora eu deva dizer que há algo bastante distinto nele, agora que ele cortou seu cabelo e vestiu roupas decentes. Eu realmente acho, Cecil, que você deveria se exercitar mais.

"Ele também afirma, acredito, ser John Foster. Podemos acreditar nisso ou não, como quisermos, acho eu.

"O velho Dr. Redfern lhes deu dois milhões por um presente de casamento. Eles vão passar o outono na Itália e o inverno no Egito e dirigir através da Normandia na época da flor da maçã. Mas não naquela horrível Lizzie velha. Redfern tem um carro novo maravilhoso.

"Bem, eu acho que vou fugir também, e me envergonhar. Parece que dá certo.

"O tio Ben é um grito. Igualmente o tio James. A confusão que todos eles fazem com a Doss agora é absolutamente repugnante. Ouvir a tia Amélia falar de 'meu genro, Bernard Redfern' e 'minha filha, Sra. Bernard Redfern'. E eles não conseguem ver que Valancy está apenas rindo de todos eles pelas costas".

CAPÍTULO FINAL

Valancy e Barney viraram sob os pinheiros do continente no entardecer fresco da noite de setembro para um olhar de despedida no Castelo Azul. Mistawis foi afogado na luz lilás do pôr do sol, incrivelmente delicado e elusivo. Nip e Tuck estavam grasnando preguiçosamente nos velhos pinheiros. Boa Sorte e Banjo foram cortejados em cestas separadas no novo carro verde escuro do Barney a caminho do da prima Georgiana. A prima Georgiana ia tomar conta deles até Barney e Valancy voltarem. A tia Wellington e a prima Sarah e a tia Alberta também tinham o privilégio de cuidar deles, mas para a prima Georgiana foi dado. Valancy estava em lágrimas.

"Não chore, Luz da Lua. Estaremos de volta no próximo verão. E agora vamos para uma lua-de-mel de verdade".

Valancy sorriu através de suas lágrimas. Ela estava tão feliz que sua felicidade a aterrorizava. Mas, apesar das delícias diante dela - 'a glória que era a Grécia e a grandeza que era Roma' - luz do Nilo sem idade - glamour da Riviera - mosque e palácio e minarete - ela sabia perfeitamente bem que nenhum lugar ou lar no mundo poderia possuir a feitiçaria de seu Castelo Azul.

O FIM